

SERÁ ELE A SALVAÇÃO OU A DESTRUIÇÃO DE SUA ESPÉCIE?

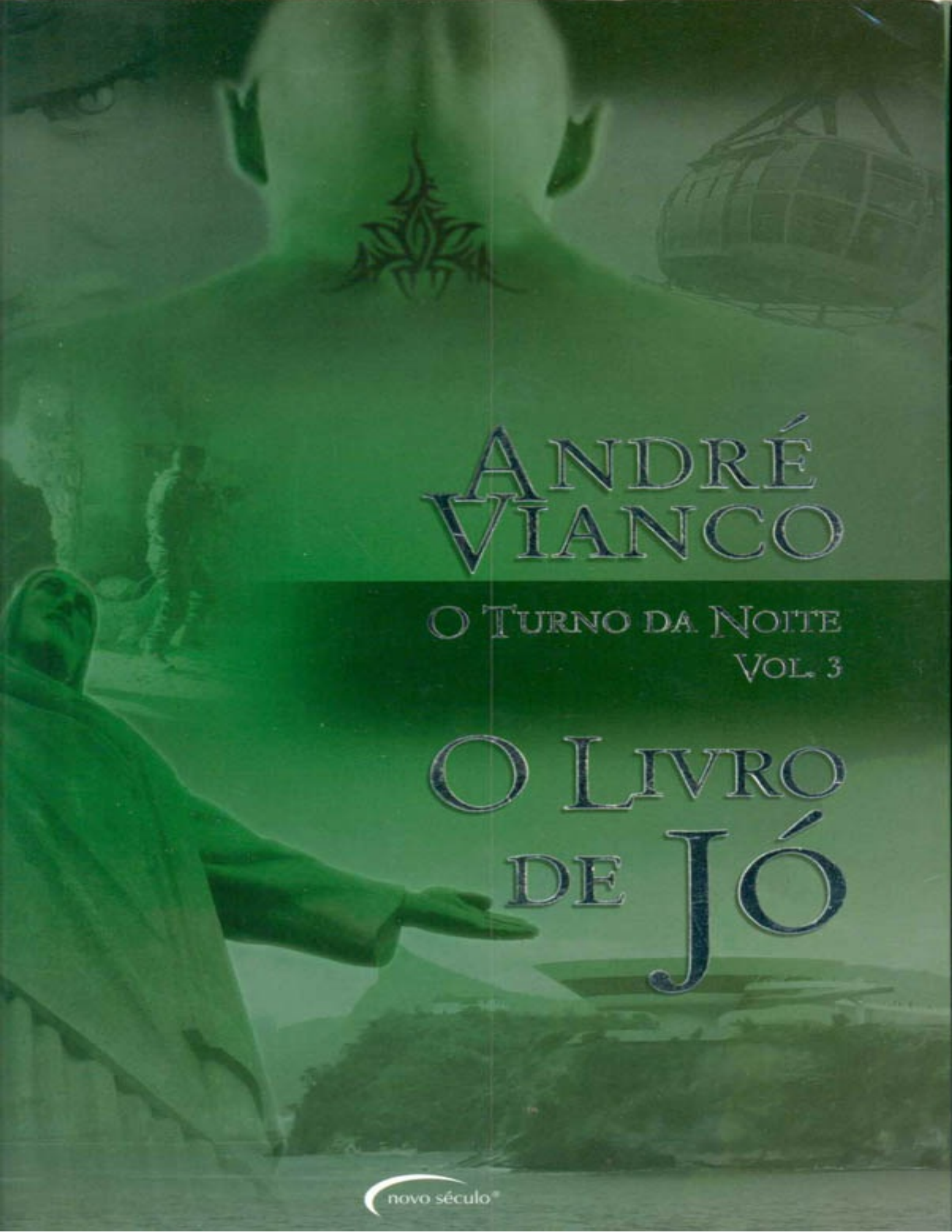
ANDRÉ VIANCO



O TURNO DA NOITE III O LIVRO DE JÓ

novo século





ANDRÉ
VIANCO

O TURNO DA NOITE
VOL. 3

O LIVRO
DE JÓ

O TURNO DA NOITE

Volume 3

O livro de Jó

André Vianco



São Paulo / 2007

Orelha

Raul, capturado por aquele momento mágico, de soberba e alegria por ter dado fim num tão falado guardião de Jó, hipnotizado por aquele ritual sombrio e inescapável a qualquer ser vivente que era o desenlace do mundo vivo para a escuridão, acocorou-se perto do réptil, anfíbio, guardião do raio que o parta e, inebriado, ficou a absorver aquela sensação. A morte deveria estar ali, bem ao lado da criatura, descendo seus dedos esqueléticos, igual para humanos, igual para guardiões, igual para tartarugas, joaninhas e pelicanos. Ela, com o rosto de caveira, desprovida de carne, parecendo sempre a rir e zombar dos viventes, tocava no animal moribundo e engoliria sua alma, para cuspi-la no Aqueronte.

O Turno da Noite surgiu para agitar o submundo. Quatro vampiros recém-trazidos para a vida noturna são atraídos por um vampiro ancião que vive em São Paulo. Ignácio oferece proteção e ensinamentos para os novatos em troca de suas habilidades para lutar contra o crime organizado. Uma mistura explosiva que vai sacudir a cidade e mergulhar o leitor em suspense, ação e muito mistério. Vampiros, lobisomens e anjos se misturam num conflito onde não sabemos ao certo quem é herói e quem é bandido.

Compre seu bilhete, tome seu lugar, “O Turno da Noite” vai zarpar para uma viagem inesquecível.

“Eu Te conhecia só de ouvir,
mas agora os meus olhos Te veem”.

(Jó 42:5)

Este livro é dedicado aos queridos leitores que
roeram as unhas aguardando esta nova aventura.

Abraços.

O livro de Jó

Copyright © 2007 by André Vianco

Direção Geral Supervisão Editorial Editoração Eletrônica

Capa Revisão

***Nilda Campos Vasconcelos Silvia Segóvia Sergio Gzescbnik Christian Pinkovai
Salette Milanesi***

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)Vianco, André

O turno da noite, volume 3 : O livro de Jó / André Vianco. — Osasco, SP : Novo Século Editora, 2007.1. Romance brasileiro

I. Título.07-9576 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:1. Romances : Literatura brasileira 869.932007

Proibida a reprodução total ou parcial. Os infratores serão processados na forma da lei.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à Novo Século Editora Ltda.
Av. Aurora Soares Barbosa, 405 — 2o andar — Osasco — SP — CEP 06023-010
Fone (11) 3699-7107

www.novoseculo.com.br

editor@novoseculo.com.br

CAPÍTULO 50

Quando esta história começou disse que seria um conto sobre quatro desgraçados, adolescentes amaldiçoados no desabrochar de suas vidas com a pústula maligna do vampirismo. Quatro pobres corpos sem almas, vagando pela terra, afundando em devaneios, mistérios e desejos bizarros, vivendo incertezas que eram tão suas, semeadas por agentes incógnitos, mentes traiçoeiras e toda sorte de inimigos. Quatro desafortunados que juntaram-se a Ignácio, um morto-vivo antigo e malicioso que, com a promessa de iluminar um caminho, varando com a luz do conhecimento as sombras da noite eterna, fez, sim, o favor de atirá-los num labirinto profundo do qual, se quisessem escapar, teriam de erguer lanças e escudos, valer-se de alianças e dos próprios olhos para vencer um minotauro arguto e malandrino, besta-fera acuada, que em vez de portar um coração gigante, pleno de vivência e certezas, tinha um jarro pequeno como chapéu de corpo, impregnado pelo medo, pavor e pelo remorso que nos episódios que se seguem veremos transbordar, levando a história que já estava inacreditável para um desenlace ainda mais provocante e inesperado. Você que acompanha a agonia e desventuras dessa gente percebe que os desgraçados e sombrios personagens não são apenas esses quatro em que me foco e lhes dou nota, são uma legião. Em cada canto e cada curva da trama há um lobo, há um caçador, há uma assombração. Subindo dois degraus vemos um vampiro e no outro, salpicando um pouco de luz, um bando de anjos com espadas desembainhadas. O turno da noite não visita veredas proibidas, mas seus atos fazem trombetas ecoarem em caminhos que nossos olhos não enxergariam e nossos ouvidos não ouviriam. O turno da noite marcha, como soldados marcharão, como heróis surgirão em situações inesperadas, avançando ao encontro do inimigo, nos carregando para um final das contas. Fechem os olhos e admitam que nossos heróis são monstros cruéis, que tirariam sua vida caso precisassem de sangue para combater o inimigo. Somos atraídos por essas crias de pele branca e veias azuis singrando em seus pescoços, descendo por seus ombros e tomando seus colos. São monstros da noite, queridos e temidos, que irão tomar sua atenção por algumas horas. Preste bem atenção a tudo que será contado e mostrado. Depois desta aventura, nenhum de vocês olhará para as sombras do mesmo jeito.

A vida eterna concedida com o sangue maculado não é uma dádiva a se desfrutar igual as benesses de uma paixão conquistada no último instante, ou a liberdade de ter conseguido tudo o que queria na vida e caminhar docemente na

morna areia da praia. Essa tal vida eterna é uma pena a se cumprir, sem direito a banhos de sol, sem *habeas corpus* nem indulto de Natal. A vida eterna é uma sombra que te toma e te faz rastejar sobre o fino fio do manto, um fio acre onde, para se equilibrar, é preciso ser mais perverso que seu vizinho, mais rápido que seus amigos e mais cruel que o tempo. Muitos flertam e namoram com a ideia e a possibilidade de receberem o abraço de um imortal e viver irmanado aos seres da escuridão. Alguma vez você já parou para pensar no que é ser um vampiro? Já pensou mesmo no que é ser um bichinho pálido que, cedo ou tarde, há de ser vencido pela sede de sangue e que, quando essa hora certa chegar, essa pessoa terá que pôr uma pessoa vivinha da silva no meio dos seus braços e para que você, vampiro, continue a existir terá de tomar dela o sangue e, muitas vezes, a vida? É isso mesmo que você quer? Viver à custa de assassinios, almas penadas rondando suas horas de transe, um trilho de morte atado aos seus pés como grilhões aos pés de condenados? Depois será perseguido pelas ruas, será apontado como monstro, será caçado feito um demônio. Você não pediu para cair nas trevas, mas já que está aqui, seja bem-vindo e bom passeio. Desfrute das desventuras do Turno da Noite, que, neste exato momento, adentra a cidade do Rio de Janeiro, rumando para Niterói, em busca de uma menina bruxa chamada Aidara. Uma menina bruxa que nem sabe que é bruxa. Que foi colocada neste jogo por culpa do medo visceral que cresce no peito morto de Dom Ignácio, o ancião que teme os resultados do iminente despertar de Jó e que a todo custo tentará deter o bando desertor.

Patrícia, a líder do grupo, vai à frente, sentada ao lado de Alexandre, que guia em alta velocidade seu possante Lexus ES300 prateado, também conhecido pelo trio como “o caixão”.

— Já é quase dia! Onde vamos nos esconder? - Perguntou Patrícia ao parceiros.

— Se estivéssemos num trabalho da Jugular seria fácil. Aposto que Zinco ou Alumínio indicariam algum cantinho escuro mantido às custas de Ignácio.

— Chamar a agência de Ignácio agora não seria muito esperto - balbuciou Samuel.

Patrícia suspirou, Bruno torceu o pescoço forçando-o a estalar, tentando aliviar a tensão, enquanto Alexandre apertou entre os dedos o volante do Lexus. Aqueles segundos de silêncio acentuaram a sensação de estarem presos num corredor, de paredes rentes, claustrofóbico e morno... E o tal mormaço vinha da goela de uma fera que os manipulava como marionetes. A sombra de Ignácio pesava sobre o quarteto em ação.

— Eu tenho uma amiga carioca. Gente fina. Aposto que ela esconde a gente

num dos apartamentos do pai dela. O cara é cheio da grana, tem apê na Barra e o escambau - sugeriu Bruno.

— Amigão, duvido que sua amiguinha carioca tenha te visto assim, cianótico, com olhos de devorar artérias, pálido como um fantasma e dentuço. Vai por mim, ela não vai querer te ajudar.

Samuel mordiscou o lábio inferior. Patrícia, Alexandre e Bruno não tinham o problema que ele tinha. Não poderia entrar em qualquer casa. Tinha que receber o convite. Até poderia adentrar a residência de um amigo qualquer deles, mas se a pessoa, a dona da casa, sentisse o menor medo, a menor ameaça vindo de seus olhos de vampiro, a coisa ia ficar preta. A maldição reservava certos transtornos para os habitantes daquele condado perverso. Ele sentiria o medo da vítima, mas, sem a permissão para entrar, seria expelido pelas forças de luz que protegeriam a caça. Nunca entendia como essa droga funcionava, mas que funcionava, funcionava. A imaginada elevação de ser mortal para imortal, atrai os desavisados como o brilho dourado no fundo do riacho atrai os olhos do mineiro que busca o veio de ouro. A doce ambiguidade envolve o dorso do vampiro como a longa língua de uma pantera. É magnética e impressionante, bela e misteriosa, mas cheia de perigo e veneno entre cada suspiro, cada espinho da galhada seca. Mas esse era um problema seu, se eles encontrassem um ninho com um amigo e lhe fosse negada a entrada, iria se virar como sempre fizera desde a primeira noite em Belo Verde, desde o maldito momento que, enrolado em um lençol, feito um lunático, abandonara o hospital onde despertara para a vida maldita.

As placas dos primeiros bairros da Cidade Maravilhosa passaram zunindo diante os olhos de Alexandre e Patrícia. Uma placa assinalava “Niterói”.

— Não vai dar tempo de cruzar a ponte - balbuciou Samuel.

— O quê? - Resmungou Bruno.

— A ponte é longa demais, se tiver qualquer engarrafamento, qualquer azar, estamos fritos. Melhor ficarmos deste lado e cruzarmos a baía ao anoitecer.

— É só reabastecer o caixão que eu garanto que cruzamos a ponte a milhão.

Patrícia tamborilou os dedos e suspirou.

— Este carro corre muito. Já sentiram a estabilidade deste negócio? O Bert pode estar do lado errado, mas que manja de carros, isso o cara manja. Acelera que é...

— Cala a boca, Alexandre! Só você para conseguir me tirar do sério num

estalo! - Gritou Patrícia. - Você fala de como o carro é isso ou aquilo a cada merda de cinco minutos.

— Calma aí, ô Miss TPM. Só tava falando...

— AAAAH! Chega! Não dá tempo de cruzar a ponte! O Samuel está certo.

— O Samuel está certo - arremedou Alexandre, afeminando a voz e irritando ainda mais a vampira.

Bruno e Samuel trocaram um olhar e sorrisos. Estava parecendo uma incursão ao maravilhoso mundo do Mickey, com bebês vampiros batendo boca, prontos para se pegarem.

A vampira puxou a pistola Desert Eagle do coldre que trazia na bota e empurrou a têmpora de Alexandre com tanta força que encostou a cabeça do parceiro contra o vidro.

Alexandre zigazegou perigosamente com o carro, quase perdendo o controle, derrapando com as rodas traseiras.

— Faz essa vozinha de boiola de novo, faz! Tô mandando! Duvido que faça! Faz, irritante!

O garoto vampiro não se fez de rogado e começou a rir enquanto tornava a fazer a imitação de Patrícia.

— Faz essa vozinha de boiola de novo, faz! Seu moleque mal-educado! Se fizer essa vozinha de novo, a mamãe vai te encher de balas na cabeça.

Samuel agarrou a arma da mão de Patrícia antes que os miolos de Alexandre voassem contra o vidro blindado do Lexus.

O garoto olhou para Patrícia exibindo seus dentes pontiagudos e os olhos vermelhos, dando um berro:

— Você esqueceu que eu não morro, porra? A gente já tá ferrado até os dentes e você fica encanando com qualquer coisa que eu falo! Dá um tempo, Patrícia!

Patrícia vasculhou os pensamentos de Alexandre. Não respondeu de imediato. Todos estavam estressados com aquela inesperada ida para o Rio de Janeiro.

— Você, simplesmente, me irrita ao extremo, Alexandre. Quanto menos nos falarmos mais nosso trabalho vai render. Só não puxei o gatilho porque a vida de uma garota que a gente não conhece, nunca viu o rosto e não sabe onde raios mora está em jogo.

— Exatamente. Vamos nos acalmar antes de perdermos o rumo do que viemos aqui fazer - completou Bruno.

— Perder o rumo é nossa sina, meu irmão. Desde que esse inferno de vida escura começou, eu não consigo terminar nada que começo. Sempre acontece algo espetacular. Duvido que chegaremos a Niterói sem mais nenhum problema. A tal da bruxa menina já era.

— Discutimos isso a viagem inteira, Alexandre. Não adianta irmos para Niterói de bate-pronto. De tudo o que falamos, o que acho mais sensato é o que Samuel sugeriu. Que tentemos localizar Ignácio e Isabela ou Raul e então saberemos onde ir e interferir. - Ponderou a garota vampira.

— Certo. Então eu encosto o bichão. Onde a madame quer dormir?

Meia hora mais tarde o grupo dividia duas suítes de um pequeno hotel em Copacabana. Escolheram um bem discreto, três estrelas, sem badalação, afastado o suficiente da praia. Quando o bando entrou, Bruno cuidou da parte burocrática, deixando duas diárias pagas e ordens ostensivas para não serem perturbados durante o dia, posto que tinham viajado a noite inteira: não iriam descer para o café da manhã, não queriam camareira nem telefonemas. Iriam dormir o dia inteirinho.

O grupo se dividiu no décimo quarto andar. Patrícia e Bruno do lado esquerdo do prédio. Samuel e Alexandre do lado direito. Placas de “não perturbe” penduradas nas maçanetas.

Os quartos eram pequenos e acarpetados. Um zunido do motor do frigobar era todo o barulho dentro do ambiente. Bruno conferiu o banheiro. Limpo. Voltou até a porta da suíte e trancou a porta tomando o cuidado de calçar a maçaneta com uma cadeira, para dificultar um eventual arrombamento.

Patrícia estava na janela. Apesar da escuridão, um certo movimento começava a tomar conta das ruas. Com os vidros abertos ouvia os ônibus passando três quadras abaixo, na avenida Nossa Senhora de Copacabana. Caminhões de entrega, rapazes em bicicletas. Suspirou fundo mirando o céu que ia ganhando colorações violáceas. Saudades do amanhecer. De andar na praia com a brisa do mar batendo em seu corpo. Arrepios de frio. Namoro na areia. Tinha saudades de seus amigos de faculdade. Cuidar dos animais. As feras em que colocava as mãos ultimamente eram bem diferentes daquelas que estudou nos livros. Fechou a janela.

— Está amanhecendo.

Bruno veio até perto dela e beijou-a na testa. Patrícia sorriu e olhou fundo nos olhos do amigo.

— Eu gosto muito de você, sabia? - Disse a garota.

— Eu também.

— Não é só o Samuel que tem um anjo da guarda. - Bruno coçou a cabeça.

— Mas ainda não fiz nada para merecer ser chamado de anjo da guarda.

Patrícia sentou-se à beira da cama.

— Fará. Uma hora dessas você fará. Esse nosso *life stile* nos reserva muitas oportunidades.

— Nem me fala, Pati. Tô encanado desde já.

— Com o quê?

— Saímos de sopetão. Só temos de armamento o que estava no porta-malas do caixão. Nossas pistolas, alguns fuzis lá no carro... Se vamos enfrentar Ignácio e Isabela, não sei se isso vai bastar.

Patrícia passou a mão no rosto do amigo que sentou-se ao seu lado.

— Eu vou manter minha mente fechada e vou vasculhar a deles. Vou conseguir tirar a gente dessa. O que temos vai ter que bastar.

Bruno sorriu.

— Por que está rindo? - Ela quis saber.

— Porque você me chama de anjo da guarda quando na verdade você que é uma bela duma anjona da guarda.

— Tomara. Se Deus quiser serei uma anjona pra ti.

O sorriso de Bruno sumiu. Sabia que a resposta da amiga tinha sido voluntária, mas, desde que sucumbiram ao sangue amaldiçoado, passando a viver às custas do sangue dos vivos, o vampiro duvidava que Deus reservasse alguma boa sorte para seus caminhos. Duvidava que o bom Pai olhasse por eles. Suspirou fundo e passou a mão no cabelo da adorada amiga, dando-lhe outro beijo na testa.

CAPÍTULO 51

Sebastian Maurice Lacroix ergueu a taça de champanhe espumante e com o pesado e elegante garfo de prata fez o cristal tilintar repetidas vezes, até que as vozes ao redor da dúzia e meia de mesas de comensais baixassem o tom e o milionário francês fosse a razão de toda atenção. Lacroix estava acostumado com isso. A ser a razão das coisas. A razão de seus funcionários sorrirem felizes. A razão de burocráticos departamentos de controle ambiental brasileiros cederem a presentes irrecusáveis. A razão de mais um enorme complexo da sua bem-sucedida empresa de extração de celulose estar sendo inaugurada naquela noite, no coração da selva amazônica. Lacroix não deixava boas chances de negócio passarem de bandeja. Nem que milhares de quilômetros quadrados de mata nativa tivessem que ir terra abaixo, queimadas, serradas, raízes vivas arrancadas das entranhas da terra para virar papel. Lacroix ria daqueles que o chamavam de louco quando decidiu abrir a terceira unidade da mundialmente conhecida SML Nature Benefits justamente ali, no meio do nada. Poucos pensavam como aquele empresário que tinha unido a oportunidade de adquirir um pedaço considerável da selva amazônica, com a anuência do IBAMA e de outros órgão federais, tinha gastado uma pequena fortuna para manter a transação abafada, sem vazamentos para a imprensa. Nenhum outro empresário brasileiro ou estrangeiro tinha tido interesse naquela região, intocada desde o descobrimento, infestada de histórias folclóricas, de contos de índios que conheciam os protetores das matas que tinham afastado os aventureiros dos séculos passados. Terra onde quem tentou se estabelecer desapareceu sem deixar rastro, histórias e mais histórias de desventuras e agonia. A credence popular acabou deixando o medo e o absurdo franquearem caminho para a ganância e a visão de Lacroix. É claro que o francês gastou muito dinheiro com consultores e investigadores e mateiros que percorreram bom trecho das terras que estavam em seus olhos. A todos Lacroix expressara apenas sua natural preocupação de investidor. A nenhum Lacroix contou a verdade. A verdade, neste caso, surgiria por acaso, como um achado de um francês sortudo e maluco virar mais uma história para aquela terra amearhar, a história de um empreendedor que descobrira um tesouro.

Apesar de seus bem vividos sessenta e dois anos, Lacroix, aquela noite, sentia-se um garoto, um menino que sabe que está às vésperas de ganhar um encantador e desejado brinquedo novo. O francês deixou os olhos serenos e azuis pairarem sobre os convivas por um instante e, quando todos prestavam atenção o suficiente, saudou-

os e se pronunciou com um surpreendente português, carregado de acento franco, mas perfeitamente claro e preciso em suas palavras.

— Boa-noite, senhores e senhoras. Quero que todos sejam bem-vindos e sejam felizes na grande e trabalhadora família Sebastian Maurice Lacroix. O que há dois anos meus amigos e seus políticos diziam ser loucura surge diante de nossos olhos como um passo certo para a prosperidade da região, com total responsabilidade ecológica. A SML Nature Benefits vive da natureza, não como uma predadora voraz e doente, mas como um organismo benéfico, que sabe exatamente qual é seu lugar e quais são seus deveres para com o planeta. Nesses tempos modernos em que os olhos do mundo se voltam injustamente contra as empresas que lidam com a extração de recursos naturais, não poupei investimentos, estamos falando de milhões de reais em estudos e cuidados para que a floresta não pereça. - Mantendo a taça erguida durante um breve hiato em silêncio e, por final, levantando-a mais um pouco, sendo imitado por muitos presentes, o encantador empresário prosseguiu. - Quero conforto no coração de cada colaborador da SML, que saibam que seu trabalho só trará prosperidade financeira para vocês, para mim também, obviamente, e também para o povo desta região esquecida no mapa do globo terrestre. Um brinde a isto. *Salute!*

Lacroix levou a taça de champanhe à boca e sorveu longos goles da bebida fria. Sentou-se novamente e sorriu para os mais próximos, aqueles que seriam seus diretores e principais engenheiros da unidade extrativista. Apesar de seus olhos estarem ali, dentro daquela moderna e imensa tenda climatizada, mantendo a temperatura agradável, a mente do francês voava para as terras e para as máquinas que naquele exato momento serravam e tiravam árvores e toras do caminho, máquinas e homens que derrubariam quilômetros de mata dia após dia sem que nenhum brasileiro pudesse fazer nada contra. Lacroix encontraria seu tesouro e entraria para a história como o realizador de um feito notável.

CAPÍTULO 52

Horas mais cedo, bem antes de o trio de Patrícia ter chegado à capital carioca, um imponente carro negro adentrou um galpão privado no aeroporto do Campo de Marte. De dentro do veículo reluzente desceu o magro e altivo ancião, Ignácio, com um terno completo, preto e impecável, e andava mais apressado do que o costume.

Esperando dentro do hangar encontravam-se Isabela, trajando seu inconfundível sobretudo de couro branco, de detalhes esvoaçantes nas mangas e ao redor do pescoço, Raul, com uma jaqueta de couro negro e uma cruz vermelha nas costas, e também Hélio, com *jeans* simples e rasgados, nos joelhos, camiseta colada ao corpo e óculos escuros. Ao lado do trio, uma jaula de prata de um metro e meio de altura, guardando um tipo de fera que emitia repetidos e perturbadores rugidos, ora semelhantes a uma leoa, ora semelhantes a uma onça-pintada. Era aquela besta-fera a razão do crescente alvoroço de Ignácio.

— Ela ainda não se acalmou?

Isabela apenas apontou para a jaula, que era mantida sobre suportes de madeira, graças às correntes que passavam ao seu redor. A peça balançava para lá e para cá e para cima a cada golpe recebido pelo monstro em seu interior.

O monstro tinha sido criado horas mais cedo, quando Ignácio autorizara Isabela a injetar o preparado com DNA do vampiro Sétimo nas veias de sua mulher. Desde então, Aléxia começara a se debater. Igual a Raul, sua força dobrou nos primeiros segundos mas continuou crescendo. Aléxia havia se jogado ao chão e cravado as garras no carpete agora inexistente. Suas roupas romperam-se quando um par de asas de morcegos surgiram em suas costas. Os contornos femininos da mulher mantiveram-se impecáveis, mudando apenas em tamanho, mantendo-se proporcionais à altura que a vampira ganhou. Sim, Aléxia tinha aumentado coisa de trinta centímetros. Seus olhos transfiguraram-se e passaram a ter um brilho amarelo e diabólico. Sua face perdeu o ar hipnotizante, ganhando traços de morcego e a voz misturou-se a urros e guinchos.

— Já esperamos demais. Temos que embarcá-la assim mesmo.

— O comandante acha arriscado.

— Ele a viu? - Perguntou Ignácio.

— Não, Dom Ignácio. Não colocou os olhos nela. Não se aproximou de nenhum de nós. Está morrendo de medo, na verdade.

Ignácio chamou seu escudeiro com um aceno de dedo. Bert aproximou-se do patrão, com um olho no vampiro e outro na jaula que não parava de se sacudir.

— Garanta que partamos agora, Bert. Preencha todas as dúvidas do comandante com as certezas que sempre forneci a esse imbecil.

O negro forte e sempre sério caminhou até a aeronave e desapareceu da vista de seus comparsas.

Hélio, que permanecera calado grande parte do tempo, sentia cheiro de confusão no ar. Aléxia passara a ser sua companhia, sua responsabilidade. O que de verdade queria aquele espeto vestido de terno? Olhou para a jaula que não parava de sacolejar. A parceira loira investida de aspecto monstruoso exibia toda a sua insatisfação em estar presa. Deveria tirá-la dali.

— Dê-me a chave.

— Escuta, ruiva, vocês prometeram o melhor tratamento pra gente. Até apartamento o magrelo ali me ofereceu... Então que droga é essa de prender minha amiga?

Isabela virou-se para o jovem lobo. Hélio era magro e baixo perto dela. Quando a imponente vampira se aproximou, o rapaz pareceu ficar menor ainda. No entanto, se não tinha estatura para botar panca, Hélio tinha pêlos em profusão cobrindo os braços e saindo pelas costas. Os olhos do vampiro ficaram vermelhos e ele manteve a mão estendida.

— Dê-me a chave - praticamente rosnou.

Isabela balançou a cabeça negando. Hélio urrou como lobo e deixou suas presas crescerem.

— Novatos. Vocês têm um comportamento tão... Tão patético.

A jaula continuava chacoalhando.

— Ela não está legal, ruiva. Dê-me a chave! Preciso dar uma olhada nela.

Hélio colocou as mãos no chão, encurvando as costas. Sua pele foi ficando cada vez mais escura e mais pêlos foram surgindo, intumescendo suas roupas justas.

Isabela abriu o sobretudo branco, exibindo duas pistolas presas em cintas de couro da mesma cor. Tirou uma delas, com uma coronha com filetes de ouro e cabo de madrepérola. Apontou para o lupino desobediente.

O som das turbinas do jato infestaram o hangar, sobrepondo-se ao irritante chacoalhar da jaula de Aléxia.

Só neste momento Ignácio se aproximou e colocou-se entre os contendores. Fez um sinal discreto para que Isabela baixasse a pistola e encarou o garoto lobo com calma no olhar.

— Sua amiga está bem, Hélio. Posso garantir. Esse desconforto a que está submetida é passageiro. Mais psicológico que qualquer outra coisa.

Hélio retomou a posição ereta, bípede, e sua pele começou a regressar à tonalidade normal dos vampiros. Encarava ainda zangado o varapau bem vestido. Tudo em sua cabeça dizia que o que ele falava era verdade. Que realmente era uma reação após injetarem aquele treco nas veias de Aléxia. Ignácio não estava mentindo. No final, Hélio sorriu para o homem e também para Raul.

— Não sei o que me deu. Acho que estou ficando louco com toda essa história.

— Imagina, meu amigo. Incertezas vão e vêm a todo instante. Pode demorar um pouquinho, mas logo descobrirá quem eu realmente sou. - Acalmou Ignácio. - E será fiel à minha causa para todo o sempre.

O lupino olhou para a jaula. Aléxia sacudia as grades em intervalos maiores. A amiga também parecia mais calma.

O ancião olhou para sua antiga pupila e bufou consternado.

— Um percalço não vem sem par - resmungou. - Terei que mudar meus planos e nos arranjaremos de outra forma.

— O que quer dizer, Ignácio?

— Não era minha vontade, mas terei de acompanhá-los até o Rio de Janeiro.

Ignácio flexionou as costas alinhando a boca a uma das fileiras de buracos da jaula e passou a falar baixinho, a conversar com a fera.

— Acalma-te, bela vampira. Essa raiva e esse ódio em teu peito estão fervendo porque seu sangue está em contato com Sétimo. Ele também era um cultor do ódio e da matança. Mas te acalma. Aqui todos te querem bem e zelam por tua figura. Use essa raiva contra aqueles que merecem. Primeiro meus inimigos, depois vamos ao

seu. Tiago não escapará desse encontro e desse acerto de contas, isso eu lhe prometo. E quando eu girar a trava dessa prisão de prata você terá toda a noite para assombrar os mortais.

Ao final da conversa, a jaula de prata, com poucos buracos, estava imóvel. A criatura lá dentro já não se contorcia. Eventualmente, quem olhasse bem, veria o par de olhos amarelos e brilhantes da fera-morcego.

CAPÍTULO 53

Os flashes disparavam repetidamente. Jornalistas com pequenas câmeras digitais, alguns até mesmo valendo-se de aparelhos celulares de última geração, apontavam as objetivas para a mesa onde quatro militares davam uma inédita coletiva de imprensa.

Desde o início da crise dos infectos e da implantação do toque de recolher a imprensa e toda a mídia eletrônica aumentavam a pressão por respostas. Qual era a extensão do problema? Qual era o perigo real da situação? Como poderiam identificar alguém com aquela nova doença? E os entes queridos que contraíram a infecção? Deveriam ser isolados? Eram perigosos?

A cada pergunta o tenente Wellington respondia com os olhos nos impressos sobre suas mãos. Respostas comedidas e recheadas de frases estudadas escorriam dos lábios do militar. Brites estava ao seu lado, sendo solicitado por um ou por outro jornalista. Era monossilábico em suas respostas. O que poderia dizer a eles? Não era sua função deixar a população alarmada. Era seu dever proteger a Nação, proteger a todos os brasileiros. Revelar àquele bando de abutres, prospectores de desgraças, o que realmente estava acontecendo daria margens para toda sorte de interpretações e era óbvio que eles escolheriam aquelas que garantiriam manchetes fabulosas, trazendo pânico e fazendo que o medo tomasse conta do Brasil.

— Capitão Brites? Capitão?

Brites levantou os olhos e viu uma juvenzinha, garota na casa dos vinte e dois anos, com a mão levantada segurando uma caneta. Ao lado dela, como ao lado de tantos outros jornalistas, um cinegrafista apontando a lente para ele.

— O senhor acredita que essa infecção, essa doença transmitida pelos chamados vampiros, foi criada nos laboratórios do Exército?

— Qual é o seu nome, senhorita?

— Sou a jornalista Fabiane, senhor. Da *Voz de Jundiaí*.

— A resposta é não, senhorita Fabiane. O Exército não cria armas biológicas.

— De nenhum tipo?

— Não estou autorizado a discutir esse assunto, senhorita. Aqui estamos falando da crise dos infectos.

— Desculpe a insistência, capitão. Mas como saberemos que o Exército não tem nada a ver com essa crise? - Insistiu a garota, torcendo os lábios e erguendo as sobrancelhas. - Em geral vocês ficam completamente fora de assuntos de Segurança Pública. Um problema envolvendo uma espécie de infecção, uma doença, deveria ser tratado pela Defesa Civil, pelo Ministério da Saúde, não pelo Exército, concorda? Por isso torno a perguntar: essa doença não veio da caserna?

— Não, senhora.

— Mas por que o Exército está tão envolvido nisso?

— Porque esse assunto é mais do que sério, senhorita Fabiane. Esses infectos se tornam mais perigosos que traficantes, gripe aviária, enchente. Eles perdem completamente a razão e tornam-se outra coisa, não são mais humanos.

— Não são mais humanos... - resmungou a garota anotando com a caneta e enervando o capitão. - Se não são humanos, como vamos tratar nossos irmãos, filhos e pais que contraírem a doença?

Brites respirou fundo. Welington tapou o microfone do capitão e cochichou qualquer coisa em seu ouvido. Brites aquiesceu e o tenente falou ao microfone.

— Devem tratar da situação com cuidado. Liguem imediatamente para o Serviço de Contenção que nossas viaturas providenciarão o isolamento necessário para lidar com o infecto. Não tentem capturar nenhum parente. Não percam os infectos de vista. Tomem cuidado. Alguns deles se tornam tão nocivos e agressivos que podem chegar mesmo a matar quem estiver por perto, em alguns casos drenando o sangue da vítima.

— O que o senhor, tenente Welington, quer dizer com “isolamento necessário”?

Antes que o tenente pudesse responder, outro jornalista levantou a mão.

— Com licença, tenente. Eu sou Álvaro do Estado. Quantos são os infectos capturados e isolados até o momento? Podemos visitar os quartos dos infectos?

— Nem mesmo nós estamos autorizados a visitar os infectos, senhor.

— Quantos eles são? - Perguntou Fabiane.

— Posso garantir que são mais do que pensávamos e o número está aumentando. Por isso pedimos a gentileza de que vocês, membros da imprensa,

divulguem o quão importante é entrar em contato com o telefone do Serviço de Contenção para que os infectos sejam isolados e essa epidemia contida antes que seja tarde demais.

Mais um segundo com jornalistas anotando palavras e números. O burburinho começou a crescer. A ordem nas perguntas foi se perdendo e logo cada jornalista lançava questões, procurando alimentar suas próprias teorias.

A situação estressante só acabou quando o tenente Welington encerrou a entrevista coletiva contra a vontade dos jornalistas, deixando muitas perguntas importantes sem respostas. De onde surgira a infecção? Desde quando os militares sabiam daquele risco? Qual era o prognóstico para aquela situação? Nada mais foi respondido. Os jornalistas foram praticamente postos para fora da sala, deixando em minutos o quartel de Quitaúna.

Brites deixou a sala sorrateiramente. Não queria falar no momento com jornalista nenhum, nem mesmo com nenhum de seus colegas. Sua cabeça estava latejando e uma enxaqueca sem fim parecia ter se instalado no meio dos seus miolos. Não existia pílula que amenizasse aquele incômodo. Aparentemente o único remédio que o militar vinha valendo-se naqueles perturbadores dias era exatamente o que fazia agora, uma espécie de momento de meditação. Brites digitou o código e a porta do galpão destravou. Entrou na área de contenção e caminhou entre as celas. Ao lado da jaula que buscava havia uma cadeira deixada por ele mesmo quando esteve ali, logo ao amanhecer, pela última vez. Puxou a cadeira e sentou-se em frente a ela. Calíope, adormecida, mantinha-se de pé, recostada às barras do fundo da jaula, com os braços dobrados sobre o peito. Observá-la em seu sono vampírico vinha funcionando como um calmante. Serenava. Não sentia calor, nem cansaço, nem frio, nem fome. Quando estava ali, admirando-a em seu sono, sentia-se protegido do mundo, longe de qualquer tipo de problema. Se ela despertava, às vezes entabulavam uma conversa. Ele gostava de ouvir sua voz. Sempre com cuidado, para não fazer uma besteira do tipo girar a chave e libertá-la. Não que já não tivesse cogitado essa façanha. Só não levava a cabo porque sabia que Calíope desapareceria. Ela sumiria de uma vez por todas de sua vida.

CAPÍTULO 54

Padre Moscado acordou com o grito da mulher. Levantou correndo, colocando calças de moletom e camiseta e desceu descalço as escadas de sua casa paroquial. Tinha gente se juntando na frente da igreja para acudir dona Verônica. Nem era hora de missa nem atividade comunitária. Padre Moscado continuou correndo. Aos quarenta anos seu físico ainda era de fazer inveja a muito garoto de vinte. Chegou até a frente da paróquia sem estar com a goela para fora nem suor brotando na testa. Olhou para dona Verônica, caída, com a cabeça apoiada na perna de Tião da Agulha. Ela gemia e tremia. O burburinho entre os presentes não cessou com a chegada do padre e Moscado só se deu conta do cenário geral quando um garoto engraxate que atendia na rodoviária de Roda Velha lhe puxou a mão.

— Óia, padre.

— O quê, piá?

— Óia.

O padre olhou. As pessoas se afastaram. Um rapaz ainda bem jovem, com a mão costurada ao braço, estava morto, naturalmente caído sobre o chão de cimento, com os olhos fechados, imóvel e pálido como os defuntos tinham de ser. Moscado não teve reação imediata. Ficou olhando o rapaz, para depois abaixar-se colocando um joelho ao lado e benzer o defunto.

— Piá, corre até o delegado Faria. Diz que eu tô chamando.

O menino disparou que nem bala. A delegacia ficava a duas quadras apenas e não tardou para o delegado surgir nas escadarias da paróquia trazendo perguntas.

— O senhor conhece esse rapaz, padre?

— Nunca vi por aqui, não. Já perguntei pro pessoal, nada. Ninguém conhece.

O delegado agachou-se ao lado do cadáver, tirou uma caneta do bolso e com ela espetou o braço do garoto na altura do corte no pulso. A pele estava enrijecida e não havia mais sangramento. Podia colocar mais de oito horas para a hora da morte. Virou um pouco o quadril do aparecido e tirou uma carteira fina do bolso da calça. Delegado Faria abriu a pequena peça sem cerimônia. Certamente o defunto não

ficaria mais vexado com qualquer intrusão, por mais esdrúxula que fosse. Olhou a identidade militar. Era um soldado. Faria coçou o queixo. Olhou mais atentamente para o rosto do rapaz, depois do outro lado. Além de bater com a fotografia da identidade, o delegado encontrou outra coisa ao lembrar do fax recebido dias antes por parte do Exército. Aquele rapaz tinha o sinal suspeito que falavam no tal do documento. Perfurações no pescoço. Um par. Faria levantou e mostrou a identidade para o padre.

— Um soldado - balbuciou o homem da igreja. - Diego Souza. Vinte anos. Deus, como era novo.

— Vou ligar para o Exército. Aí tá escrito que ele é do Serviço de Contenção. Não dou até o meio-dia para esse menino estar numa geladeira verde-oliva. Se quiser rezar pela alma dele, vai rezando, padre, mas não tire ele daí.

— Bá, mas que barbaridade.

— Não tira ele daí, padre. Não quero os milicos enchendo o saco. Já vão fazer perguntas o suficiente. Quem encontrou o defunto?

Nesse instante, dona Verônica, semi-recomposta, levantou o dedo. A mulher, ainda gemendo, sentou-se, saindo do colo do prestativo Tião da Agulha.

— Fui eu, delegado. Eu que achei. O guri devia estar aí desde a madrugada. Ninguém viu antes porque o pobrezinho tá bem encostado na porta da igreja. A escadaria tampa a visão da gente.

— Podem ter achado que ele era o Zelão da Rodoviária que dorme na porta de todo mundo - interferiu o pequeno engraxate.

— Pode ser - concordou o delegado. - Bem, mas não há mais nada para fazer por esse aí, já passou dessa pra melhor.

Dona Verônica benzeu-se.

O padre Moscado entrou na igreja e não demorou para voltar com um longo pano branco que resguardou o defunto.

— Bem, vamos cuidar da vida pessoal. Ninguém aglomera aqui, por favor senão isso vira um circo - sentenciou Faria.

O delegado bateu palmas, afugentando os curiosos.

— Cuida um pouco dele, padre. Tomarei as providências cabíveis.

Padre Moscado disse que cuidava de pronto. Não ia enjeitar o rapaz em sua

paróquia só porque estava morto. Era nessas horas que as pobres almas mais precisavam dos préstimos de um bom padre. Rezaria uma missa em seu nome, pedindo descanso para sua alma. Daria toda a assistência necessária ao defunto. Era só o tempo de mais alguém ficar de olho no garoto para tirar aquela roupa de dormir e se colocar dignamente para celebrar a cerimônia do meio-dia. Até lá o corpo deveria estar liberado da frente da igreja. Não que fosse o pior lugar de Roda Velha, mas certamente não era um bom local para um perdido descansar.

CAPÍTULO 55

Desde que Delvechio visitara o museu do Ipiranga, algo martelava em sua cabeça e dizia que, de uma forma ou de outra, ele se tornaria um defensor daqueles seres trancafiados atrás de barras prateadas no quartel de Quitaúna. A história fantástica que Calíope havia contado era magnífica em detalhes e cheia de aspectos da vida dos brasileiros do passado. Calíope era um tesouro vivo que poderia jogar luz sobre minúcias escondidas na obscuridade da incerteza em teses e documentos e artigos incompletos e incongruentes, maculados pelo “talvez”, e que, de uma hora para outra, ganhariam força e vida. Calíope era a história viva, flamejante, uma ponte real entre o que havia sido e o que haveria de ser. Quantos como ela estavam misturados àquele bando de vampiros? Delvechio não poderia se dar ao luxo de vê-los sendo cremados ao sol sem mover um dedo. E para que sua voz fosse escutada dentro das paredes frias dos gabinetes do alto escalão do Exército Brasileiro, deveria ir com armas pesadas de poder avassalador. E lá estava ele, na ante-sala do ministro-general do Ministério da Defesa, pronto para jogar uma bomba no colo do poderoso, em forma de embrulhos debaixo do braço e um quadro pintado a óleo, com dois metros e meio de altura por seis de largura, coberto por um tecido vermelho e carregado por três homens do museu do Ipiranga.

Quando foram recebidos na ampla sala do Ministério da Defesa, quando o bando de senhores e senhoras de terno e gravata e roupas distintas e uma turma de homens uniformizados tomaram suas posições, Delvechio, ansioso, parou de mexer as mãos e olhou para os homens do museu que seguravam o quadro. Depois tornou a encarar os numerosos figurões.

— Não é novidade nenhuma que vivemos uma intensa crise desde que tirei aquela caravela do fundo do mar. - O professor de História de Porto Alegre pigarreou nesse instante. Tinha escolhido uma péssima forma de começar, atraindo toda a atenção negativa para si. - Não que eu seja culpado pelos desdobramentos... Quem, em sã consciência ia acreditar que existiam vampiros dentro daquela caixa de prata? Quem também ia achar que um deles poderia congelar o rio Pinheiros ou que outro poderia acordar os mortos ou virar um lobo de cinco metros de altura? - Delvechio exibiu um sorriso largo e encarou a bancada, sem resposta; o sorriso ficou amarelo e foi morrendo aos poucos. - Mas o fato é que eles fizeram barbaridades depois de reativados, depois de escaparem de nossas mãos em Amarração e Porto

Alegre. E o pior foi descobrirmos, por culpa deles, que outros tantos vampiros existiam, incógnitos. Uma delas, Calíope, veio a lançar uma incerteza no ar, que farei o favor de exterminar agora. Devemos ou não devemos destruir essas criaturas? A resposta é: não devemos.

Delvechio fez uma pausa dramática enquanto os presentes exclamavam “um absurdo”, “imagine”, “devem morrer, todos”. O professor acenou para os auxiliares. Alguns foram até a banca e entregaram fotografias, que passaram de mão em mão.

— Essas fotografias foram tiradas da vampira negra Calíope a noite passada. Ela está em custódia em Quitaúna, aos cuidados do capitão Brites. Chegamos ao comum acordo de que ela não será incinerada como os outros cativos.

— Por quê?

— Este é exatamente o ponto, excelência. Já consegui anteriormente uma liminar proibindo o Exército, o Serviço de Contenção, de executar sumariamente um vampiro cativo. O propósito disso é meramente científico, nada de cristão ou moral.

— Não entendo.

— Vejam essas fotos com atenção. Reparem nos olhos maravilhosos dessa mulher, em suas expressões fortes e ao mesmo tempo tão femininas e sensuais. Seus lábios. Ela é uma obra de arte viva... Morta... Morta-viva. É a natureza dos vampiros que mais me confunde.

— Seja direto, professor.

Delvechio apontou para os auxiliares e fez um gesto de puxar. Os homens foram até o tecido vermelho que encobria o quadro e o tiraram.

Um “oh!” geral tomou a sala.

Diante daqueles homens estava um quadro a óleo, de proporções monumentais, retratando membros da sociedade na virada do século XIX para o XX. Dois senhores (uma mórbida coincidência imortalizada na tela, exibindo Calíope entre o escritor Euclides da Cunha e o médico Afrânio Peixoto que, em poucos anos, viria a fazer a autópsia do escritor após o marido traído ser alvejado pelo tenente Dilermando num confronto passionai) e uma dama negra, com vestido suntuoso e maravilhosos olhos cor de sol. A mulher era de uma beleza exótica e cativante. E era patente sua semelhança com a fotografia. Irrecusável. Algo de diferente era a boca na pintura. Uma boca proporcionalmente maior do que a da foto, brilhante, carnuda e provocante. O trio pousava próximo a um largo rio que mostrava a construção de uma ponte metálica aos fundos.

— Mas não se trata da mesma mulher! - Bradou uma senhora. Delvechio apontou novamente para os assistentes. De trás do enorme quadro, ajustaram cavaletes menores e também deles tiraram a cobertura. Quadros de Calíope sozinha, com vestido de época, sombrinha, apesar da lua retratada no céu, e sorriso avassalador. Depois, repetindo a pose, como se fosse uma brincadeira aparecer em tantas épocas, a negra imponente surgia numa fotografia ampliada, ao lado de Tarsila e Chiquinha Gonzaga. Depois, em outra fotografia, preto-e-branco, Calíope e um senhor delgado e alto, com chapéu coco, em Champs-Élysées, ambos no cesto de um balão. Em outra fotografia, também preto-e-branco, Calíope, sorridente, muito bem estampada num vestido de noite, sentada ao lado de um militar alemão no *deck* de um dirigível, com *drinks* decorados à mesa.

— Atentem para o jornal. A data é de oito de maio de mil novecentos e trinta e sete. Dois dias depois do famoso acidente com o dirigível Hindenburg.

— Então esse não é o famoso Zeppelin Hindenburg?

— Não. Aproximando-se da fotografia poderão ver grafados no cardápio de couro sobre a mesa à direita deles o nome Graf Zeppelin, é o nome desse suntuoso dirigível. E, pela data, garanto que foi a última viagem da aeronave. Mas o ponto é: Calíope estava lá. Calíope, partindo do Rio de Janeiro, passando por Recife e depois cruzando o Atlântico, pode ter sido a última mulher brasileira a ter feito uma viagem nessa era, a bordo de uma aeronave tão fantástica. Quantas histórias essa figura não pode nos contar? Quanta luz esse ser imortal não será capaz de lançar nas sombras de nosso conhecimento?

A banca de juízes guardou silêncio.

— Percebem a riqueza histórica que uma criatura dessas certamente possui? Mesmo lembrando de sua atroz natureza, o benefício de manter uma vampira tão antiga viva é imensurável. E quantos no meio desses cativos também presenciaram situações e épocas tão singulares de nossa História? Quantos? Não sabemos. Precisamos interrogar um a um antes de condená-los ao sol. Não quero fazer graça nem troça e sei que farei soar-lhes repetitivo, não é um trocadilho o que digo agora; em vez de lançarmos esses infelizes ao sol, são eles que podem e vão lançar sobre nós muita luz. Lacunas sem fim em eventos históricos serão preenchidas, tomando chá ao lado de Calíope. Estou convicto disso.

Os presentes trocaram olhares e seus olhos também pesaram sobre as fotografias, o magnífico quadro e no semblante do apaixonado professor. Tanto amor para defender uma teoria absurda, vinda de um estudioso, um intelectual distinto em sua área, não poderia ser fruto de fantasias. Era bem capaz que os conselhos daquele

professor fossem a razão.

O sol acabara de cair atrás do quartel de Quitaúna e começa nesse instante a hora dos vampiros.

Foi ela quem abriu os olhos primeiro. Os olhos banhados d'água. A menina ondinha que teve o destino cruzado com o de um certo padrinho, chamado Dom Braga, que a salvara da finitude, do véu da morte, quando a pobre menina, de coração tomado pelo amor, fora friamente assassinada pelo senhor da fazenda, dono dos negros da São Jorge. Calíope fora feita vampira quando se esvaía em sangue. E voltara para a fazenda para vingar a morte dela e de tantos outros escravos na vontade do cruel senhor e também impregnada nas mãos do feitor Clemente. Depois de virar aquela criatura e a despeito disso, Calíope só ficara mais encantadora aos olhos dos mortais, transformando aquela beleza em arma quando assim era seu desejo. Seus olhos castanhos-claros eram dois sóis brilhantes. Eram cativantes e hipnóticos. A sua voz tinha o dom de acelerar o coração dos homens e sua presença anulava qualquer outra fêmea num raio de quilômetros. Os homens só tinham olhos para Calíope quando ela passava, quando ela sorria, quando ela murmurava.

Brites sentiu o peito aquecer quando a vampira fitou-o demoradamente ao despertar. O capitão do Exército, que deveria odiar todo e qualquer vampiro, estava ansioso, ali, na frente da criatura, esperando que ela abrisse a boca e banhasse seus ouvidos com a voz mais deliciosa que um homem poderia escutar nesta vida.

— Meu capitão - balbuciou a vampira.

Brites lutou para manter a postura. Devia ser um exemplo para todos os soldados no galpão. Chegou a sentir suor brotar em suas têmporas, tamanho esforço para manter-se imóvel e não lançar-se para junto das grades prateadas que aprisionavam Calíope feito pássaro raro, cujo donos gabam-se de forma doentia aguardando um canto único e prazeroso. As palavras “amor” e “cumplicidade” que a vampira lançara-lhe no último amanhecer ainda ressoavam em seus ouvidos. O capitão sabia que estava enfeitiçado por Calíope. Sabia que estava ameaçado pela existência daquela bruxa encantadora de homens. Não queria lutar contra isso. Bastava manter-se estóico, firme em sua postura, para poder cada vez mais e mais embriagar-se da presença da mais linda e magnética sereia que seus olhos já tinham encontrado.

Outros vampiros despertaram. Recostados ao fundo das gaiolas de prata, a maioria de mãos cruzadas nos peitos, desciam automaticamente os braços assim que

abriam os olhos e suas feições mantinham-se plácidas. Outros vinham até a grade e fechavam os punhos nas barras, cativos, fartos de brigar contra a prata, aguardando os desejos do destino para colocarem-se para fora e fugir ou caminharem para o retângulo amarelo onde sabiam que seus corpos arderiam ao raiar do sol.

Brites encarou a razão de sua perdição e murmurou:

— Vampira, preciso de um favor.

Calíope sorriu para o homem e moveu a perna para perto da barra como se oferecesse seu corpo encharcado em volúpia.

— Ao seu dispor, capitão de Exército.

CAPÍTULO 56

Logo após o crepúsculo, os quatro vampiros de São Paulo estavam reunidos num só quarto. Patrícia não sabia dizer quão perto estavam Ignácio e Isabela e seus acompanhantes. O certo é que eles, os adversários, também sabiam que o quarteto já estava na baixada fluminense. Alexandre e Bruno discutiam se seria seguro contatar Zinco a pretexto de tentar obter informações a respeito da tal bruxa. Talvez Ignácio mantivesse algo da garota no banco de dados da Jugular. Por outro lado, a agência inteira deveria estar de sobreaviso do recente racha do turno da noite. Zinco poderia enrolá-los e levá-los direto para a boca do lobo. Descartaram, ao menos por enquanto, qualquer envolvimento com a Jugular e voltaram às bases do que sabiam, para tentar localizar sozinhos a garota ou aguardar um deslize do time adversário ser captado pela mente de Patrícia que tentava precisar a localização do bando a todo o instante.

Bruno abriu um *notebook* e iniciou uma série de programas. Conectou seu aparelho a um cabo do hotel e acessou páginas turísticas e mapas de Niterói.

— Cambada, Niterói é imensa - reclamou Alexandre.

Samuel aproximou-se e fixou os olhos na tela do computador. Ignácio tinha falado bastante sobre Jó, tinha tentado convencê-lo de todas as formas, mas nunca tinha dito nada a respeito da tal bruxa.

— O pior é que não temos um ponto de partida, vamos começar a jogar ideias na fogueira e ver se encontramos pelo menos uma pista, um bairro, algum lugar para nos posicionarmos melhor e tentarmos chegar na garota antes de Ignácio.

— Do jeito que Ignácio está acelerando seus passos, meus amigos, quando Isabela deitar os dedos nessa menina, já era.

A jovem vampira, mesmo envolvida em seu poder mental, foi quem interrompeu a conversa. Patrícia parou na frente dos amigos e revelou:

— Temos duas pistas. Uma é o nome da guria. Vi claramente o nome Aidara. Agora, a segunda pista, e a mais intrigante quando olho para esse mapa, é a palavra “ilha”.

— Ilha?

Patrícia olhou para Samuel e confirmou.

— Não sei o porquê dessa palavra...

— Niterói é uma ilha? - perguntou Alexandre.

— Não. A ponte Rio-Niterói existe para encurtar o caminho do ponto A ao ponto B. Dá uma olhada aqui. - Bruno virou o *notebook* para Alexandre. - A baía de Guanabara entra pelo continente e cria um hiato imenso entre o centro do Rio e o centro de Niterói. Daí essa megaconstrução cruzando as águas.

Samuel voltou os olhos para o programa ativo na tela do computador. Bruno movia a tela lentamente, como se fosse um satélite planando sobre o litoral brasileiro.

— Mas estou vendo que existem algumas ilhotas na baía de Guanabara e também no entorno da costa de Niterói.

Alertado por Samuel, Bruno digitou algumas palavras no campo de pesquisa da internet. Inúmeras páginas retornaram em resposta. Depois de alguns acessos, em questão de segundos, falava ao parceiro.

— Estou vendo que em Niterói mesmo tem a ilha do Caju, ilha da Conceição, ilha da Boa Viagem... Caraca, tem ilha pra caramba. Eles não estavam mentindo nem fazendo confusão.

— Para - interferiu Patrícia.

Os olhos dos três amigos pararam na garota. Ela estava com a mão na testa e dobrava-se, caindo sentada numa poltrona.

— Primeiro... Não me perguntem como, mas eu estou vendo um morro e não uma ilha. Um disco voador. Um prato branco. É confuso. A garota não sabe que estamos aqui. Ela sorri... Ela é uma menina, coisa de quatorze, quinze anos. Talvez Ignácio e Isabela e seus mancomunados só falem a palavra “ilha” para nos confundir.

— Prato branco? - Retrucou Alexandre.

— Um disco. É confuso.

— Eu nunca estive em Niterói, mas uma vez fiz um trabalho para a faculdade sobre o MAC, é um museu de Niterói desenhado por Oscar Niemeyer. Até que parece com um prato branco... - Continuou resmungando o garoto de cabelos arrepiados.

— Uau! Estou impressionada.

— Com o quê? - Perguntou Bruno.

— Com esse cabeça-de-vento saber um negócio desses. No fundo, no fundo, ele é um rapaz sofisticado.

— Tá vendo, você começa a me provocar e depois não aguenta. Vou fazer aquela vozinha de novo.

— Parem com isso. Tão parecendo um bando de crianças.

— Veja isso aqui, Patrícia.

Bruno virou o *notebook* para a amiga.

— Uau! É isso mesmo que vi em minha cabeça.

— Olhando de cima o MAC parece um disco voador - juntou Bruno.

— E o que é isso aqui do lado? - Apontou Samuel.

Bruno movimentou o cursor e aproximou-se de uma apêndice a sudoeste do MAC. As fotografias de satélite montavam um mapa perfeito. Bruno aproximou-se mais do apêndice.

— Parece um morro - disse.

— Pode ser aqui. Pode ser nesse lugar que a garota vive.

— Não, Samuel. Ouvi muito bem eles dizendo “a ilha”. Isso não é uma ilha. Tem areia, pedras, é só um apêndice. - Rebateu a menina.

— Pode aproximar mais, Bruno?

— Já estou fazendo isso.

— Essa foto do satélite pode ter sido tirada quando a maré estava baixa. Vejam, se a maré subir essa faixa de areia some e esse apêndice vira...

— Uma ilha - completou Alexandre.

— Ilha da Boa Viagem. Vejam essas fotos. - Bruno clicou em ícones fotográficos abrindo os arquivos. - Essa construção no topo é uma igreja, Igreja da Boa Viagem.

Ficaram calados um segundo olhando para aquela ilhota...

— É aí mesmo. É aí que a garota mora. Temos que encontrar um jeito de protegê-la.

— Vamos até lá. Tem uma construção ou outra aqui nessa ilha. Talvez a casa dela seja realmente nesse lugar.

— É aí mesmo, Alexandre, já disse.

— Vixe, além de vampira agora é mãe-de-santo? Como você sabe?

— Não sei como sei, mas sei. Como eu ia adivinhar que existia um disco branco em Niterói e que esse disco é o museu MAC e que bem perto dele haveria uma ilha? Essa menina vê o MAC sempre. Por isso eu vi o MAC. Ou então aquela ruiva folgada estava pensando nele quando tentou entrar em minha cabeça. De alguma forma alguém deixou um rastro, emitiu uma imagem que, por sorte, acabei pescando.

— Ai, meu Deus. Eu não aguento mais essas coisas. Quero ir embora daqui - brincou Alexandre. - Daqui a pouco vamos nos deparar até com alienígenas.

— Segura sua onda, garotão. Vamos precisar de todo mundo nesta empreitada. Ninguém vai embora agora - falou Samuel, com sua voz firme e controlada.

Patrícia levantou-se de chofre. Cambaleou para trás. Só não foi ao chão porque Bruno amparou-a em seus braços.

Samuel adiantou-se e tirou a vampira de Bruno, segurando-a com ambas as mãos.

Bruno voltou para perto da amiga e olhou seu rosto. Mais uma vez tirou Patrícia de Samuel e tomou-a no colo.

— O sofá.

Alexandre e Samuel liberaram o sofá de uma mala de couro com armas de fogo e também removeram as almofadas.

Samuel tentou pegar Patrícia, mas Bruno não deixou, torcendo o tórax e bloqueando a aproximação do vampiro. Bruno colocou delicadamente a amiga no sofá e tocou seu rosto.

Alexandre abriu um sorriso largo ao perceber os cuidados exagerados de Bruno e a tentativa frustrada de Samuel em ficar com a garota. O sorriso durou até ser encarado pelo segundo vampiro que tinha fechado o rosto, preocupado ou furioso com a intromissão de Bruno e, decididamente, furioso com seu ar de chacota estampado no rosto. Alexandre pigarreou e baixou a cabeça, desviando o olhar, tentando disfarçar a imensa vontade de rir daquilo tudo.

— Patrícia - sussurrou Bruno.

A vampira demorou até abrir os olhos. Quando os abriu, exalou ar dos pulmões mortos produzindo um som gutural.

— Ela... Está tentando me atacar... Ela está aqui.

— Quem?

— A bruxa? - Juntou Alexandre.

— Não. A vampira de Ignácio. Eu sabia. Aquela vaca...

— Isabela.

Patrícia aquiesceu para Samuel.

— Ela quer entrar na minha cabeça. Quer ver o que eu vejo. Quer saber o que a gente sabe. Tive que usar todas as minhas forças para bloquear a invasão. A idiota só não contava que o feitiço viraria contra a feiticeira. Ela acabou mostrando onde podemos encontrar a bruxa. Agora preciso de toda minha concentração para que ela não descubra que já sabemos disso.

Alexandre ficou ereto e com o olhar espantado.

— Ela pode fazer isso? Isabela pode entrar em nossas cabeças?

— Pode - sentenciou Samuel. - Ela tem um poder mental grande. Mas não é na cabeça de todos que ela consegue penetrar. Sorte a nossa que Patrícia tem uma habilidade fora do comum para se defender. Se tivesse tentado entrar na sua, já saberia tudo a essa altura.

— Então, talvez Raul não seja um mau-caráter de todo.

Samuel deu de ombros.

— Por quê? - Quis saber Alexandre.

— A ruiva pode ter entrado na cabeça dele. Ignácio quando chega perto da gente desmonta nossa aflição. Sempre tínhamos incertezas e perguntas, mas, quando ele chegava pertinho, parecia ser o cara mais legal do mundo e todas as situações que ele criava pareciam as situações mais comuns do planeta. Ele manipulava cada um de nós de um jeito. Raul pode ter sido manipulado pela vampira.

Foi a vez de Alexandre dar de ombros.

— Você pode localizá-la?

Patrícia fitou os olhos de Samuel. Podia sentir um forte cutucar em sua testa. A vampira Isabela ainda tentava entrar em sua cabeça. Patrícia confirmou que sim.

— Então, o que estamos esperando? - Emendou Alexandre. - Sabemos que Isabela está atrás de nós. Achamos que sabemos onde a bruxinha do 71 mora, hora de sacudir o esqueleto.

— Você pode se levantar agora? - Perguntou Bruno.

Patrícia alisou os braços do amigo e o abraçou. Tinha ficado tocada pelo carinho e preocupação dispensados.

— Posso, sim. Foi algo passageiro. Precisei de toda a energia para aquela imbecil não descobrir o que já sabemos. Agora estou zerada.

O quarteto de vampiros avançou sobre a bolsa de couro em cima da poltrona. Cada um tirou uma pistola e num piscar de olhos estavam no elevador. Chegando ao caixão prateado, Alexandre abriu o porta-malas com o controle remoto. De lá tiraram mais armamento pesado. Dizem que quem está na chuva se molha. Alexandre suspirou relembrando o ditado ao sentar no banco do piloto com duas pistolas no colo e ainda deitando uma escopeta no banco do lado. Em algum nível ele pressentia que aquilo que enfrentariam era muito mais que chuva. Olhou para Bruno que tomava o lugar ao seu lado e depois para Patrícia que resolveu ir atrás. Ligou o possante motor do Lexus e deu novo suspiro. Estavam indo ao encontro de uma tempestade, a uma tormenta com direito a furacão e tudo o mais. Se não ficassem de olhos abertos corriam o risco de se afogar. Ignácio e seu bando não eram qualquer coisa. Eram osso duro de roer. Alexandre passou a língua sobre as presas pontiagudas. Sorte a dele ter dentes longos. Sorriu quando engatou a marcha a ré e manobrou parando no meio do estacionamento. A porta da garagem subiu. Ele pisou repetidamente no acelerador, forçando o giro do motor, e então baixou o freio de mão saindo cantando os pneus. Descrição não estava no cardápio daquela noite.

Samuel apostou numa tática de despiste. Enquanto o trio desertor da Jugular seguia com o caixão em direção à ponte Rio-Niterói, o caçador solitário descia na estação do metrô junto ao largo da Carioca, no centro da capital fluminense. A noite morna soprava gentilmente a face dos transeuntes e ambulantes que alardeavam seus produtos. Samuel parou um instante. Naquele átimo, enquanto observava os imponentes e belos prédios antigos do centro velho do Rio, mesclados à paisagem deslumbrante da capital, era como se não fosse uma criatura noturna e eterna. Sentia-se dissolvido entre os viventes, que seus olhos ficaram tão iguais aos de

tantos outros turistas e passantes que se deixavam encantar pela cidade. Naquele preciso segundo de existência não havia menina carioca em perigo nem vampiros nem um misterioso Jó que daria fim à tribulação que se aproximava. Samuel não era um vampiro agora. Era parte do rebanho, manipulado por fios invisíveis, meramente passando por ali. Cumprindo a meta de selo hermético e de atmosfera viciada que fazia cada um de nós autômatos, cumpridores de desejos e vontades ainda que alheios. Um bando de gente que vai e volta e vai e volta cada dia de sua existência sem saber exatamente onde quer chegar. Rodeados de seres tão ímpares na essência e por outro lado tão iguais nos métodos, necessidades e buscas. Por um segundo Samuel sentiu o coração comprimido. Quando vivo, fazendeiro, trabalhando de sol a sol para nutrir sua família e seus anseios, também chegou a se questionar daquela mesma forma. Há sempre um momento na vida dos racionais que brota aquele infeliz «para quê?» ou um sufocante «será que tudo isso vale a pena?», «o que eu estou fazendo?». Momentos mágicos de fugaz iluminação que por vezes nos dão vontade de sermos mais burros, mais felizes, portadores de cabrestos adornados que mantenham nossas vidas e pensamentos em sintonia com a banalidade. O vampiro deu atenção ao semáforo quando atravessava uma avenida movimentada e, inevitavelmente, se viu transportado, retornando à realidade, posto a raciocinar no agora, nas necessidades imediatas. Um sorriso involuntário brotou em seu rosto. De volta ao jogo. De volta ao tal cabresto.

Com o trânsito do horário era bem possível que chegasse antes dos amigos que iam de carro. Teria de comprar uma passagem de barca. Centro de Niterói ou Charitas? Precisava de um guia. Encontrar a garota antes das crias de Ignácio. Protegê-la de uma injustiça urdida pela mente acuada de um monstro. Seus ouvidos foram chamados, afastando-o dos novos pensamentos. A menina do guichê perguntava o destino. Ela disse que o MAC estava fechado àquela hora. Ele não se importava com a visita, só a direção. Com o bilhete para o centro de Niterói dançando entre os dedos, o vampiro aguardava num amplo salão. Pessoas conversando sobre o dia de trabalho. Garotas colegiais comentando as últimas ficas e conquistas ou reclamando da chata da professora de Química. Dois rapazes bêbados, com camisas do Fluminense, tentavam usar um aparelho celular, xingavam e reclamavam. Bateria fraca. Sinais sonoros. O motor de uma das grandes barcas operando e começando a se aproximar. Duas pessoas comprando raspadinha numa banca ao canto esquerdo. Líquido amarelo e muito gelo. A barca metálica encostando lentamente. Instantes depois os ouvidos do vampiro encheram-se com o alvoroço das pessoas que desembarcavam e passavam pelo portão à direita. As portas de vidro se abriram e o gado, seguindo a batida indefectível do viver por viver, avançou sobre a plataforma. Gente sorridente. Gente que encostava a cabeça e cochilava imediatamente. Suspiros de cansaço ao final de mais uma jornada. Menos

um dia. Menos uma noite. Samuel tomou um acento ao fundo, observando a todos. Gastou um momento fitando a longa ponte Rio-Niterói. Uma vida perdida a cada metro avançado, assim rezava a lenda da megaconstrução. Samuel olhou para um avião que descia no Santos Dummont. A pista terminando na baía era marca registrada da chegada ao Rio de Janeiro. Seus olhos iam para a frente, pessoas comprando pão de queijo, gente comentando coisas do chefe e sobre o novo carinha no serviço com jeito de puxa-saco, mas seus ouvidos foram capturados pelo volume diminuto de um raro ouvinte de radinho de pilha. Raro porque em tempos de minúsculos e discretos tocadores de arquivos digitais, ver alguém com um radinho de pilha no ouvido era no mínimo nostálgico. Samuel teria sorrido não fosse o que seus ouvidos conseguiram apreender. Um repórter noticiava ao pé de um morro a chegada da polícia e troca de tiros de traficantes com os veículos especiais do BOPE. Foi quando o repórter engasgou antes de passar os últimos dados que os ouvidos de Samuel se tornaram cativos. Ele dizia que os traficantes, vendo que o cerco se fechava sobre seus ombros, tinham feito doze crianças e adolescentes de reféns. E o repórter horrorizado, relatava que o corpo de um desses reféns acabava de ser arremessado da laje de um barraco. O corpo estava caído numa escadaria e permanecia imóvel. Gritos e tiros faziam o som de fundo do noticiário. Samuel fechou os olhos e apurou ainda mais os ouvidos e os sentidos. O cutucar em sua cabeça mudava de posição. Mais uma vez aquela noite sorriu involuntariamente. Isso não era nada nada bom, mesmo. Conhecia muito bem aquela molecada. O sorriso desvaneceu e a preocupação continuou. Ele estava no meio da baía, não tinha opção. Quando atracasse do outro lado seguiria em direção à ilha de Boa Viagem. A garota bruxa precisava ser protegida. Mesmo que a proteção fosse um único vampiro.

CAPÍTULO 57

O capitão anda de um lado para o outro na sala fracamente iluminada. Ele sabe que ela não precisa de mais luz para enxergar nitidamente aquelas fotos. Calíope está acorrentada ao aparato de transporte que serviu por tantas horas onde prestou o maior depoimento de sua vida, desde a escravidão, até tempos mais atuais. Agora, os olhos lavados de estrelas e água do mar da vampira de pele negra e curvas magnéticas pairavam sobre os retratos colocados na bancada à sua frente.

— E então? - inquiriu Brites.

— Posso fazê-lo.

Brites quase sorriu naquele momento.

— É até fácil.

Brites aquiesceu. Calíope retorceu um pouco o corpo preso às amarras de prata.

— O que eu ganharei fazendo isso para ti, querido capitão de Exército?

Brites mordeu o lábio inferior e tornou a andar para lá e para cá.

— O que você quer em troca?

— O que me é mais caro.

— Sua liberdade?

— Sagaz, capitão. Pensamento sagaz - brincou a vampira.

— Sabe que eu não posso oferecer isso.

— O que você pode ou não pode não é o que me interessa, capitão. O que você deseja fazer por mim é que conta. Está louco para me tirar destas correntes, beijar minha boca e ser meu homem. Contra isso você não conseguirá lutar, entregando-me ou não a quem me pede.

Brites enrijeceu a postura e mirou profundamente os olhos da mulher. Não olhou para o lado. Não se importou com os presentes. Era difícil sustentar aquele olhar brilhante. Calíope fazia seu coração gelar ao mesmo tempo que seu sangue

fervia.

— E se de uma forma ou de outra o senhor fará o que eu lhe ordenar, capitão de Exército, por que não aproveita o passeio e deixa que eu lhe entregue os fugitivos? Ao menos não será vergonhoso saberem que fez um trato comigo quando encontrarem estas algemas vazias. E tem mais...

Calíope fez uma pausa no discurso. Os soldados ao lado olhavam-na com olhos bem abertos, com o coração disparado. Sua voz não penetrava apenas na mente de Brites e o capitão não era o único a sonhar com suas curvas fantásticas e sua boca hipnotizante.

— Quando eu sair daqui, te levarei comigo, capitão de Exército. Há décadas não tenho vontade de ter um homem vivente só para mim, apartado de todas as outras, sendo meu, unicamente meu. Te farei o homem mais satisfeito da face da terra, capitão. O militar mais feliz respirando sobre o globo terrestre. Eu te prometo.

— Absurdas... Suas palavras são absurdas, vampira. De que valerá esse jogo de sedução? Tu és uma vampira e eu um mortal. Não seremos nunca um casal.

— Ah! Ah! Ah! Suas queixas e escusas soam quase que inocentes, meu Brites. Ainda te ensinarei o que é uma vampira. Ainda te ensinarei o que é deixar de ser casal para ser um só. Você estará tão colado em meu corpo que não saberá onde termina o seu ou começa o meu. Não tenha pressa. Sou uma professora muito, muito paciente.

Brites segurou a respiração. Ruborizado, como um adolescente, virou-se para seus homens.

— Preparem a aeronave. Vamos partir. A vampira nos levará até os fugitivos.

Calíope sorriu e piscou para um soldado que a encarava.

— Adoro passear - finalizou com sua voz doce e poderosa.

CAPÍTULO 58

Patrícia, Bruno e Alexandre seguiam em silêncio. O rádio sintonizado numa transmissora local dava agora as últimas notícias. A corrente era um repórter ao vivo, noticiando a invasão de um morro tomado por traficantes. O trio de São Paulo apurou os ouvidos e trocou olhares. Alexandre desacelerou o caixão de prata e olhou para Bruno que ia ao seu lado. O repórter alertava que uma dúzia de crianças tinha sido apanhada pelos bandidos e que estavam sendo usadas como escudo contra os homens do BOPE. Depois de quase um minuto de agonia de um repórter, literalmente engasgado com as palavras que tinha que pôr para fora, finalmente elas mesmas foram encontradas para piorar ainda mais o cenário que era descrito e construído pelos ouvintes, cansados de tanta violência. As novas palavras davam conta de outra atrocidade, um infante arremessado de uma laje e que, caído, aparentemente morto, sangrava nas escadarias do morro. Ato reflexo, Alexandre puxou o freio de mão e girou rapidamente o volante do Lexus fazendo a poderosa máquina dar um cavalo-de-pau na via, detonando buzinas e freadas em série por parte dos motoristas que tentavam desviar do caminho daquele *sedan* prateado. O vampiro atravessou o canteiro central em pleno Botafogo sendo recebido por mais buzinas, freadas e desespero dos motoristas que viam a pista irresponsavelmente invadida. Alexandre controlou a derrapagem da máquina e acelerou fundo assim que as rodas se alinharam.

— Seu maluco! Aonde está indo? - gritou Patrícia, surpresa.

— Eles vão matar os reféns. Tenho certeza!

— A polícia está lá, Alexandre! Temos que ir para Niterói.

— Eu vi uma placa lá atrás apontando para o Cantagalo. Nós não vamos demorar!

— A garota de Niterói precisa de nossa proteção, seu idiota. Samuel já está a caminho, esse desvio vai tirar tudo do eixo!

Os olhos de Alexandre ficaram vermelhos e fuzilaram os da menina vampira que colocava-se entre os bancos da frente.

— Já estou cansado de ser xingado a todo instante por você, Patrícia! Estou voltando. Eles vão acabar com as crianças! Eu não vou deixar!

— A televisão está lá, a polícia está lá. Eles não vão fazer nada!

Alexandre pisou fundo no acelerador, jogando Patrícia no encosto do banco de passageiros.

— Uou! Olha o ônibus! - Berrou Bruno, colando a contragosto no encosto do banco devido a inércia.

— Diz isso, que não vão fazer nada, para o moleque que jogaram nas escadas!

Buzinas e mais aceleração. Alexandre passou tirando tinta de um ônibus e depois por dois táxis. Antes que os cariocas pudessem abrir o vidro para xingar, já tinha disparado e aberto distância, costurando o caótico trânsito da metrópole. Farol vermelho, freada brusca, marcha a ré, desviando de pedestres, aceleração. Patrícia e Bruno arregalaram os olhos. Nunca tinham visto Alexandre dirigindo daquele jeito. Não era só agressivo. O vampiro transbordava ódio.

Em dez minutos Alexandre freava o carro em frente a uma estação do metrô onde lia-se o nome do morro. Estacionou o carro na rua.

— Vamos.

O trio de negro desceu do veículo. Nem a pele pálida dos desertores nem a saia curta da garota e muito menos os proibitivos sobretudos longos dos rapazes chamaram a atenção dos que passavam. As ruas daquela ponta de Copacabana contavam agora com transeuntes atentos aos televisores das numerosas lanchonetes e bares, com gente se apressando para deixar aquelas ruas e se afastar da muvuca causada pelo combate iniciado no morro. Traficantes versus BOPE era um jogo que não convinha plateia.

Alexandre e seus parceiros não sabiam exatamente onde procurar. Os olhos viam o morro acima de um túnel, ouviam disparos a distância e gente andando apressada, mas que certamente não estaria disposta a parar e prestar informações. Alexandre apontou para onde meia dúzia de viaturas da polícia e uma ambulância tinha passado e rumado.

— Só pode ser por ali.

Patrícia suspirou fundo. Que diabos ele queria? Tinham uma missão! Certamente Isabela já estaria a meio caminho na ponte, chegando a Niterói! A bruxa estaria indefesa. Ignácio conseguiria vencê-los desta vez. Patrícia continuava visualizando a coroa de espinhos em torno de sua cabeça e ao redor da cabeça dos amigos também. Não sabia se tinha poder para tanto, mas, se pudesse manter os pensamentos do quarteto fechado para não serem sondados por Isabela e Ignácio, talvez tivessem alguma chance de encontrá-los. Talvez Ignácio não matasse a garota imediatamente. Talvez, talvez...

Corre-corre. Mais disparos. Crianças chorando, de mãos dadas a mais três irmãos. Pais de família, pagadores de impostos, se perguntando onde ia parar todo o dinheiro que saía do seu holerite fazendo falta na hora de acertar as contas na vendinha. Cheiro de sangue.

O trio de vampiros seguia o contra-fluxo. Enquanto todos desciam as escadarias, muitos chorando, outros calados e já calejados da situação que chegara ao cúmulo de ser rotineira. Patrícia, sem um sobretudo, ia com as mãos limpas para não chamar a atenção na hora errada. Bruno e Alexandre traziam armamento na cintura e continuavam subindo, seguindo a amiga. Esgueirando-se pela tortuosa escadaria, ora caminhando em ruas estreitas, em recantos sombrios. Patrícia subiu por um muro e alcançou a rua de trás, sendo seguida a distância pelos dois garotos. Quando voltaram à calçada rachada, o trio alcançou o primeiro bloqueio do BOPE. Ali, a gritaria dos policiais e das pessoas era constante e inspirava cuidados, principalmente quando os fuzis disparavam e pedaços de tijolos e vidro estouravam, lançando escombros por cima de suas cabeças. Enquanto Patrícia e Bruno mantinham a serenidade, Alexandre vasculhava com os olhos, buscando a casa onde os reféns eram mantidos. Tinha ido até lá com uma ideia fixa na cabeça. Acabaria com aqueles filhos de uma mãe que estavam usando crianças como escudo contra os atiradores da Tropa de Elite.

Patrícia deixou os olhos acenderem vermelhos por baixo de seus óculos escuros. A polícia estava por todo lado. Jamais deixariam que três adolescentes varassem o cerco e se colocassem em perigo, bastavam as vítimas dos bandidos acuados. Já tinham problemas demais para lidar naquele cair de noite.

Frank olhou pela fresta na cozinha. A iluminação pública derrubava dois palmos de luz amarela para cima do Caveirão do BOPE. Os meganhas estavam lá na rua, escondidos nas beiradas, outros atrás de caixas d'água em cima das lajes nas redondezas, com duas .50 apontadas para o cafofo do Petão. Os homens estavam pirando .50 para cima de cinco carinhas rodeados de reféns? Não ia dar nem a pau! Aquele circo todo já estava na televisão. Não tinha uma tela ali na cozinha, mas o tanto de zunzunzum de meia dúzia de helicópteros girando ali em cima já dava a letra. Tinha um par de zoiúdos para cima da malandragem do morro. Frank bufou e abaixou-se. Não era nem doido de botar a testa pra fora. Os fuzis do BOPE estavam morrendo de fome, doidos para morder os cornos de vagabundos. O marginal sentou no chão e tapou os ouvidos, o direito com a mão, esquerdo com a 45. Do outro lado ouvia os gritos de Cavaquinha, a namorada do Petão. A imbecil tinha tomado um tiro

e agora todo mundo ia acabar rodando por causa da piranha. Foi ideia dela pegar toda aquela garotada para servir de escudo enquanto o Petão resolvia como ia dar linha dali. Ele sempre tramava um jeito de driblar os homens. Ou com esperteza ou com grana. De um jeito ou de outro, dava um olé no delegado. Só que hoje a parada tava mais embaçada do que nunca. Tinha muito dedo de seta na fissura, tudo de olho no cafofo, falando nas orelhas dos soldados. Ia dar merda tudo aquilo. Merda da grande e da mais fedida. E o tiro que a Cavaquinha tinha ganhando no ombro, como se fosse um ramalhete do dia dos namorados, cuspidor do cano de um três oitão, nem tinha vindo da polícia. Tinha sido o próprio Petão, louco de pó, mordido de ciúmes, chegando do boteco onde tinha ouvido de outro cara que a Cavaquinha tava dando mole para o Pardal. Pardal era bicho criado no morro, negociante em ascensão, cheio do ouro e dono de várias bocas no asfalto. O Petão não era homem de entalar com ciúme de vagabundo folgado na goela. Ia logo sentando o dedo. Como o Pardal só ia aparecer no Cantagalo no outro dia de manhã, não segurou a onda para servir a salada de pipoco a frio, queria passar o corno na miúda, mas o dedo coçou antes da hora, o sangue ferveu nas ideias e foi cobrar a bronca com a querida namorada metida a descolada. Quando ela deu risada na cara do Petão, não deu pra acreditar. Só não tinha tomado um balaço no meio dos olhos porque o Petão ainda tinha amor naquele corpo. Desviou no último instante, acertando no ombro só pra fazer doer. Resultado, uma nota abaixo dos gritos e palavrões lançados pela menina vinham os gemidos e choramingos dos reféns. Crianças dos seis aos quatorze. Frank conhecia a maioria delas. Era gente da comunidade, criada ali mesmo. Tinha até uma amiga enfiada no rolo. Que merda aquela vida. Ele mesmo não passava de dezesseis e já tava ali, abraçado pela malandragem, trabalhando como operário do tráfico, soldado das pedras e das balinhas do amor. A Ticiane estava na janela do lado, em pé, junto com o Jonatas da Soraia. Estavam chorando, porque o BOPE tinha atirado naquela parede instantes atrás, fazendo voar pedaços de bloco e poeira para dentro da apertada cozinha, enchendo o cabelo de todo mundo com pó e pedriscos. E fora daquele lado da laje, beirando a cozinha, que o Petão tinha jogado o Dentinho. Grande Dentinho. O moleque era gente fina pra caralho. Jogava bola melhor que o Romário na mesma idade. Ia ralar o Romário fácil. Ronaldinho Gaúcho no bolso. Outro dia, quando o Brasinhas do Espaço apareceu no campo da pelada, só o Dentinho, sozinho, sozinho de tudo, tinha metido quatro golaços nos caras. O pivete era bom. Por que raios de destino tinha que ter ido ali para a viela justo naquela tarde? Agora estava lá. Mortinho da Silva, gelado que nem frango abatido, vazando no escadão. O Petão era maluco. Estava brisando demais. Brisando, irmão. Neguinho ia virar aquele morro do avesso só por causa do Dentinho. Tava até vendo a bosta feita. Saindo em tudo que é telejornal. Quando o Embaixador da Unicef foi lá no Cantagalo tinham filmado o Dentinho jogando bola e fazendo graça com a

redonda, dando chapéu em marmanjo, por baixo das pernas do goleiro, essas coisas que gringaiada gostava de ver. Não fazia mês direito. Agora tava lá. Vazando. Olhos parados. Aquelas pernas cheias de habilidade não tinham conseguido driblar o capeta que queimava nos cornos ferventes do Petão. Tava todo mundo lascado dentro daquela casa.

Frank enfiou a mão no bolso e tirou dois chicletes. Descascava o de uva quando olhou para a Ticiane e ofereceu à garota o de hortelã.

— Não gosto de chiclete verde.

— Então não chupa nenhum - respondeu o marginal.

— Eu não chupo chiclete, Frankeilson. Eu masco.

— Ih! Qualé, Ticiane? Vai dá uma de fresca agora? Tu é maneralha, garota.

— Me erra, Frankeilson. Maneralho era o Petão e olha o que ele fez como o Dentinho. O pai do Dentinho... Não quero nem ver o seu Jorge. Vai pro hospital de novo, só que antes come o fígado de um.

Frank deu de ombros. Mordeu metade do de uva e estendeu a outra parte para Ticiane. A garota de quinze anos pegou a goma e enfiou nos dentes, mascando rapidamente. Sentou-se, pôs as mãos sobre os ouvidos quando Frank atirou pela janelinha da cozinha e bufou num rompante de desespero, tentando intimidar a formação do BOPE com seus tiros a esmo.

Ticiane derrubou duas lágrimas escondidas. Aquilo tudo estava errado. O dia tinha começado perfeito. Muito bem. Logo cedo tinha matado a aula. Em vez de correr para os livros e obrigações estudantis, tomou o rumo da casa do Serginho. Garoto do colégio, lindo e tímido, que nunca tinha coragem de convidá-la para nada. Só que alguma coisa tinha acontecido com o travessão na saída do colégio no dia anterior. Ele tinha chegado perto dela, respirando fundo, olhado nos olhos de Ticiane e enfiado um bilhete no meio dos dedos da menina. Quando ela desdobrou o papel, Serginho já tinha desaparecido no meio do vai-e-vem de alunos, pais e transeuntes na porta do colégio. Ela sorriu lendo o recado. Pelo bilhete, por meio dos garranchos, ele pedia que ela fosse de manhã para a casa dele. Avisava que sua mãe ia dobrar o plantão e não ia chegar tão cedo. Dizia que queria um beijo secreto. Ticiane tinha sentido o coração acelerar. Se era tão tímido, como o menino tinha tomado coragem para um pedido tão ousado? Se a mãe dele não ia estar lá, significava que os dois estariam sozinhos. Ticiane tinha sentido até o ar faltar quando somou dois com dois. Sozinhos de tudo. As pernas tremeram. Serginho era filho de mãe solteira. Ela trabalhava na enfermaria do Souza Aguiar, bem no centro. Durante a tarde a menina

nem conseguira se concentrar nos deveres e tudo o que tinha na cabeça era se ia ou não ia para a casa do Serginho de manhã. Ela nunca matava aula, morria de vontade, mas nunca matava aula. Se seu pai sonhasse que ela estava prestes a perder aula, dentre outras possibilidades, não seria um sonho, seria um pesadelo! Ticiane ligou para Dinha. Sua prima sabia das coisas e daria bons conselhos. Ficaram de fofoca no portão até as nove da noite e se separaram só porque o pai de Ticiane não parava de ligar. Graças aos conselhos da prima, Ticiane tinha vivido a manhã mais fabulosa da sua longa vida de quinze anos. A Dinha tinha dito que ia dar frio na barriga na hora. Ticiane sentiu frio, sentiu tremedeira e sentiu tudo o que seu corpo aguentou. Ela tremia e transpirava a cada novo beijo na boca de Serginho. O que ele tinha de quieto e tímido, tinha de habilidade na hora do beijo e do amasso. Ticiane já tinha ficado com oito meninos da sua escola. Oito! Só que nunca, nunca, nenhum deles tinha causado aquele rebuliço na sua cabeça. Em menos de uma hora estavam deitados no chão, beijando com ainda mais paixão e esquecidos do mundo com o aparelho de som ligado alto, tocando Lacuna Coil baixada na internet. Se pela manhã tinha vertido lágrimas de pura alegria e felicidade, achava a coisa mais injusta do mundo ser neste mesmo dia cativa no cafofo do Petão, simplesmente por ter passado ali para pegar a mochila que tinha deixado escondida com a doida da Cavaquinha. Maldita hora que escolhera justo ela para fiar seu segredo e sua aventura. Não queria morrer. Ticiane queria viver para ver mais uma vez Serginho. Queria viver para sentir sem medo o gosto daqueles beijos. Nesse exato momento era tudo o que queria e em seu novo e amado namorado residia toda a razão de sua esperança.

Patrícia, silenciosa como uma gata negra, avançou sobre o muro. Equilíbrio. Segurou-se ao fio do poste. Estaria protegida ali para realizar o combinado com Alexandre e Bruno. Sabiam que teriam de agir rápido para completar o intento. Jamais pediriam autorização às forças públicas. Ninguém entenderia a sanha de sangue daquele trio de vampiros. Patrícia sinalizou para os parceiros que estavam nas sombras. Ela já tinha identificado a casa onde os marginais mantinham os reféns. Ergueu a pistola entregue por Alexandre com um supressor sonoro acoplado à descarga. Os homens do BOPE estavam ocupados demais para ouvir o tilintar das cápsulas vazias batendo no chão. Foi assim que a noturna acertou disparo após disparo contra o transformador no poste da companhia elétrica. No quinto disparo ele explodiu, levantando fagulhas elétricas pelo ar, simulando um relâmpago, enchendo as vielas de confusão e mais gritos. Os homens do BOPE não estavam entendendo nada e, antes que a segunda explosão acontecesse encadeada pela primeira, as luzes de vários quarteirões se apagaram trazendo absoluto breu para as vielas ao redor do cativo. Em segundos as lanternas dos homens da polícia jogaram lanças luminosas nas esquinas, esconderijos e caixas-d'água. Patrícia, Bruno e Alexandre já estavam onde queriam. Patrícia, com um único chute, estourou a

porta da cozinha, enquanto Bruno e Alexandre entravam por janelas da parte da frente da casa.

Frank parou pertinho da janela mais uma vez. Os olhos correram o cenário. Tudo escuro. Os filhos da mãe tinham disparado contra os postes há poucos minutos. Frank gritou de nervoso e vasculhou uma das gavetas da cozinha enquanto a criança cativa começava a chorar e pedir pela mãe. Tentou se acalmar. Ele também morria de medo do escuro. Porcaria. Tinha medo de fantasma. O avô contava cada história cabeluda da bexiga. Agora aquilo. Um breu só. O Petão, desta vez, estava demorando demais para inventar um jeito de escapar. A certeza de fugir ia diluindo. Talvez fosse a hora de pegar a Ticiane pelo pescoço e usá-la como escudo numa descida louca até o asfalto. É claro que os soldados do BOPE viriam atrás, no rastro, mas se pegasse um táxi usando a Ticiane... talvez desse para fugir. A Ticiane não ia causar problemas. Ela era da comunidade, sabia muito bem o que tinha a ganhar e a perder criando problemas. Suspirou de novo. Talvez ganhasse até uns beijos e amassos no meio do caminho. Deixando a polícia para trás. Sentiu até um calor e o negócio enrijecer na cueca. Caraca! Como era burro! Por que tinha se enfiado naquele mundo do crime quando podia muito bem estar azarando a mulherada do bairro? Segurou firme a pistola. Podia ter um fantasma bem ali, agora mesmo. Começou a respirar com dificuldade. Deixou os olhos varrerem mais devagar desta feita. Viu dois agentes do BOPE. Estavam bem escondidos pelas sombras. Arregalou os olhos quando viu outro soldado. Estranho. Parecia uma garota e não estava com uniforme do BOPE. Frank olhou melhor. Era uma mulher mesmo!

Edson ergueu a lanterna. Todos ao redor exclamavam impropérios e frases pelo rádio. Deveriam invadir o cativado? Quem tinha cortado a luz? Quem dera a ordem? Outros afirmavam que o transformador tinha explodido ao acaso, podia ser sobrecarga. Edson olhou para a porta da cozinha onde sabia existir ao menos dois meliantes e alguns dos reféns. A porta estava aberta. Foi ele quem gritou:

— Eles estão fugindo! Estão fugindo!

Os homens colocaram-se em alerta. Edson saltou da laje batendo no cimento da viela. Um gato negro pulou para dentro de uma parede com tijolos quebrados, miando agressivo. Edson levantou com o joelho doendo. Mancando, corria em direção à casa cercada. Ouviu o som das botas de outros tantos parceiros avançando. Tinha que salvar os reféns antes que aquele episódio se transformasse numa verdadeira carnificina.

Frank ouviu as explosões do lado de fora. Seus olhos se arregalaram quando a luz tremeluziu de repente, parecendo que ia voltar, e então apagou novamente. As

crianças presas começaram a gritar de novo. Até Ticiane, que não era criança, gritou.

— Agora lascou... - murmurou o aprendiz de bandido.

Frank aproximou-se da janela da cozinha, mascando os chicletes mais rapidamente, nervoso. Quando chegou perto dos vidros para espiar, arrepiou-se da cabeça aos pés ao notar um vulto aproximando-se da porta. Podia jurar que era uma pessoa pequena... Nada parecida com o vulto dos brutamontes do BOPE. Ergueu a pistola na direção da porta, mas não houve tempo de fazer mira nem dar um passo para trás. A tranca arrebentou ao som de um potente golpe e a folha da porta bateu forte contra seu ombro, arremessando o adolescente contra a parede. Frank atirou para o lado. A explosão fugaz iluminou a cozinha por um terço de segundo, suficiente para encher de terror todos no cômodo que puseram os olhos na criatura. Parecia algo vindo do inferno. Um monstro dentro do corpo de uma garota pálida, com os olhos soltando fogo, vermelhos, riscando o negrume impelido pelo blecaute. A criatura tinha dentes salientes e rosnou como um cão raivoso ao agarrar Frank pelo pescoço.

O garoto largou a arma e sentiu a parte anterior da cabeça batendo contra a cerâmica da parede e depois o lado de sua cabeça raspou contra um paineliro. O móvel de qualidade duvidosa partiu-se aos pedaços e o som de meia dúzia de painéis de ferro e refratários de vidro estilhaçando ao chão contribuiu para aumentar a confusão e a gritaria.

Patrícia foi hipnotizada pelo cheiro do sangue vertendo da cabeça do adolescente. Seus dentes de vampira cravaram no pescoço do garoto e passou a extrair o líquido da vida pela ferida aberta. Passos do lado de fora. Tiros na sala principal. Então o silêncio súbito. Nem as crianças choravam nem os cães ladravam. Nada.

Alexandre apertava a traquéia de Petão com uma mão e com a outra arrancava a arma de fogo em seu poder. Bateu a cabeça do bandido contra a parede meia dúzia de vezes e na última delas o crânio rachou e os músculos do bandido ficaram flácidos. O vampiro drenou o sangue de suas veias enquanto o líquido ainda mantinha-se morno e vivo.

Bruno deu cabo de Cavaquinha. Asfixiou a delinquente enquanto cravou os dentes na ferida aberta pela bala do namorado e passou a tomar-lhe o sangue e a energia da vida.

Patrícia soltou o corpo moribundo, cruzando para o outro lado do manto. Fitou a face morta do menino. Um menino criminoso. Um menino assassino. Não era para ser assim. As crianças não podiam ter aquele destino. A vampira suspirou fundo e

socou a parede. No que ela mesma estava se transformando? Um monstro. Um demônio de saias! Daria um jeito na situação que Ignácio criara e prometeu a si mesma naquele instante que se voltaria contra os culpados daquele garoto estar ali, caído, com uma pistola na mão, fazendo outras crianças de refém. O turno da noite não pararia suas atividades até que os miseráveis corruptos pagassem pelo sangue derramado.

Os olhos vermelhos cintilantes da garota encontraram-se com os dos parceiros. Alexandre e Bruno seguiram a amiga, saltando da janela para o muro, do muro para o telhado da outra casa. O som voltou ao mundo dos vivos. Gritaria novamente. Bruno estacou, com a mão em um poste de luz e os pés nas telhas de amianto de um barraco. Viu dezenas de fachos de lanterna vasculhando a casa. Sabia o que o BOPE encontraria. Reféns libertos, bandidos mortos no chão. Limpou o sangue do canto da boca e procurou Alexandre e Patrícia. Os dois já tinham ganhado distância e chegavam agora onde a energia não faltava. Logo estavam os três, um atrás do outro, descendo o morro do Cantagalo, chegando às ruas de Copacabana, caminhando em direção ao caixão de prata. Suas mentes, abastecidas pelo sangue vivo, pululavam em pensamentos. Niterói. Isabela. Raul. A menina bruxa. Tinham que encontrar e proteger a menina bruxa. Ignácio não poderia sair dali em vantagem. Alexandre girou a chave. O motor roncou com aceleradas sucessivas. O garoto baixou o freio de mão e pisou fundo, fazendo os pneus fritarem o asfalto, deixando o cheiro mesclado de urgência, descuido e borracha queimada para trás.

CAPÍTULO 59

Ignácio nem ao menos tinha desembarcado no Rio de Janeiro. Quando chegaram, após o ancião acalmar Aléxia, faltava um par de horas para o amanhecer. Enquanto Isabela conduziu o bando para um repouso seguro num casarão no bairro de Cosme Velho, tomando uma rua que subia o Corcovado, Ignácio seguia com o avião para outro ponto, num momento de clareza de pensamento, quando recuperava seu tino para a estratégia. Ignácio tentava prever todos os possíveis desdobramentos e antecipar-se a seus inimigos.

Agora, com o novo anoitecer, o vampiro mais antigo do Brasil em atividade estava distante do Rio de Janeiro. Vagava silencioso pela agitada avenida Afonso Pena. Parou para observar o sempre interessante obelisco presenteado à cidade em 1922. Quando o viu pela primeira vez, naquele mesmo ano de 22 do século passado, não se escutava tantas buzinas e alto-falantes estúpidos propagando produtos desnecessários, alimentando a sanha de ter e ter que consome o coração humano desde sempre. Naquela distante noite, por mais incrível que parecesse, Ignácio experimentava um estado de delicada felicidade. Estava acompanhado de uma mortal, chamada Estelita, dividindo com Calíope e Isabela Du Bathor um novíssimo Ford preto, conduzido por um chofer de nome Alberto. Ignácio se deleitava em oferecer à mortal o prazer de passear num dos primeiros automóveis daquele porte a chegar à capital mineira. Estelita, vinda de família muito pobre, era só sorrisos em seus vestidos novos, jóias e tantos cuidados partindo daqueles três amigos recentemente introduzidos ao seu mundo praticamente sem graça. Completando o cenário efervescente daquela noite, estava na cidade o presidente Eptácio Pessoa e tinha o ilustríssimo, de própria garganta, ordenado que um funcionário seu entregasse um convite especial ao hotel. Eptácio queria jantar com Ignácio, que àquela época atendia pelo título de Barão da Mantiqueira, conhecido dono de fazendas de gado de corte e leiteiro de São João da Boa Vista. Mais conhecido pelo presidente por oportunas cartas enviadas ao seu gabinete, dando informações a respeito dos desejos de seus inimigos políticos que tentavam contaminar o interior paulista na busca de desmoralizar o então presidente. O encontro fora tão agradável que mesmo a falta de apetite do trio de pele tão pálida passou despercebida pelos demais comensais. Sendo na ocasião episódio recente a revolta do Forte de Copacabana, o assunto foi debatido em tom de curiosidade e um assombro típico de quem houve um caso passado distante. Eptácio Pessoa brindava os amigos e os inimigos com uma calma

inusitada, parecendo viver um hiato tranquilo naquele ano de tantos sucessos e complicações que inevitavelmente rondam o gabinete e o travesseiro de um presidente. Calíope e Isabela esparramavam sua beleza, sendo o par objeto de observação velada por parte dos homens. Cada vez que a vampira negra abria a boca, até mesmo os Pessoa, Epitácio e seu sobrinho, João, não resistiam à melodia e deixavam os olhos pairarem sobre a face, os lábios e os trejeitos da musa de ébano. Quando Isabela Du Bathor ria, seus olhos de esmeralda magnetizavam os presentes, que se derretiam com as sardas pipocando em seu rosto, sua pele branca como a neve e um sorriso doce. A voz grave não combinava com a mulher, mas, ao contrário de embaraçar sua beleza, emprestavam uma surpresa e o desejo de escutá-la mais. Já para o velho vampiro, de feições agradáveis e de sorriso raro, naquela noite os lábios arqueavam-se por conta de pensamentos e sensações por vezes seguidas sem que ele, tão controlado, pudesse se dar conta. Para ele a alegria daquela noite não vinha da presença enfadonha de gordos figurões do governo e da sociedade nem da prosa até agradável com o interessante amigo presidente. Ignácio já tinha assistido àquela peça em muitos teatros de várias cortes e governos. Eram sempre os mesmos personagens. Os poderosos, os puxa-sacos, as damas bocejantes, os quero-cargos, os corruptores, os corruptíveis, a burguesia bêbada e provinciana, um cortejo completo de pessoas execráveis. Mudavam-se os anos, mudavam-se os estados, mas as pessoas orbitando as mesas dos figurões eram sempre as mesmas. Ignácio tinha apreço por Pessoa, sim, bem como por seu sobrinho ali do seu lado, comendo o suficiente e bebendo elegantemente, o não menos ilustre João Pessoa, presidente da Parahyba, que, após trágico assassinato alimentado, dizem, por conta de cartas românticas subtraídas de um desafeto dando conta de um caso de amor com uma professora, viria a nomear a capital daquele estado. Para o vampiro, a alegria residia na felicidade estampada no rosto de Estelita. Foram poucas e raras as vezes que depois de amaldiçoado com a vida escura o vampiro sentira-se daquela forma, apaixonado por uma mortal.

Ignácio, de volta ao presente, despertado por mais buzinas, terminou de atravessar a Afonso Pena. Tomaria um táxi e voltaria ao aeroporto. Decidiu fazer o passeio rápido pela noite de Belo Horizonte enquanto o jato era reabastecido e verificado para prosseguir viagem. A caminhada era pretexto para deixar os olhos procurarem coisas do passado e tinha encontrado ali, junto ao obelisco, uma gema valiosa. Os vampiros guardam tantas lembranças em tão grande volume, tantas vivências e situações, que é impossível passar um dia sem recordar de uma centena de pessoas no fazer de coisas simples como deitar duas colheres de mate num bule onde ferve água, sentir o cheiro de um perfume antigo, ou ouvir um nome chamado alto na rua. Um vampiro é uma sombra que observa e caminha. Pode te contar um mil causos vistos e um mil anos passados. Pode te agradar, te encantar, fazer-te rir e

divertir-se à beça. Ah! Claro! Nunca esqueça que provavelmente após toda essa alegria e boa conversa tu terminarás gelado, sem sangue nas veias, deitado numa gaveta de necrotério... Enfim, vira outra história para ser contada em outra ocasião.

O vampiro de mil vidas voltaria para o avião. Enquanto pudesse, enquanto durasse sua sanidade, tinha que manter um passo à frente. Toda a sua elegância, toda a sua fortuna e calma escorreriam entre os dedos se aquele maldito vampiro Samuel não fosse detido. Dando fim à bruxa, uma menina que ainda nem conhecia seus poderes, Jó provavelmente jamais abriria os olhos novamente. Mas Ignácio não gostava de probabilidades. Ignácio era o homem da certeza. Depois que a bruxa fosse liquidada, seria a vez de atacar seus guardiões, um a um. E incluiria Samuel nessa lista também. Poderia não ser um monstro como aqueles da mata, com bocas pontudas e dentes aguçados como os de jacarés, mas era uma pedra e tanto no sapato.

— Ela está se saindo melhor que a encomenda - esbravejou Isabela.

Os dois garotos acompanhavam o vai-e-vem da vampira sobre o chão de madeira da varanda. Ainda estavam no casarão. A noite fresca era acompanhada de um vento levemente frio, trazendo cheiro da mata ao redor do centenário casarão, propriedade de Ignácio há mais de cento e vinte anos. A ruiva tinha dito que partiriam assim que conseguisse visitar os pensamentos de Patrícia. A vampira adolescente tinha dotes mentais aflorados, o que lhe dava a vantagem de bloquear a mente e não ser controlada com facilidade, mas a outra face da moeda é que, num momento de despreparo, poderia ser sondada com muito mais clareza por outro vampiro que conseguisse se conectar aos seus pensamentos, deixando as ideias, as vivências recentes, abertas e desprotegidas, deixando um vampiro inimigo zanzar livremente em seu cérebro, como um *hacker* do mundo digital visitando arquivos e tirando dali o que bem entendia. Já os outros vampiros do grupo poderiam ser sondados também, mas a incapacidade e inferioridade nos dons mentais também complicavam um maior aprofundamento em seus arquivos mentais. Eram facilmente manobrados na presença de um ancião, facilmente se tirava deles instantâneos *flashes* de pensamentos e reações que estariam prestes a executar. Patrícia, sim, era a vítima perfeita para Ignácio e Isabela. No entanto, a novata, como nenhum outro vampiro que conhecessem, tinha despertado para a noite escura e elevado seu controle mental numa velocidade espantosa. Culpa do sangue de Sétimo? Muito provável. Normalmente os neófitos patinavam como gatos sobre o azulejo por anos até começarem a controlar seus poderes e descobrirem seus dons naturais.

— Eu sei que eles vão tentar nos impedir, mas eles não sabem onde Aidara vive. Seremos seguidos. Pressentirão nossos movimentos e virão atrás de nós, Raul. No entanto eles não conhecem Hélio. Não sabem que Hélio e Aléxia estão conosco. Vamos enganar seus amigos, Raul, enquanto Hélio e Aléxia darão cabo da garota.

— Simples assim? - Questionou Raul.

— Por que seria diferente?

Isabela adentrou a sala do casarão. Ela foi completamente tragada pela escuridão do cômodo. Apenas seus olhos verdes brilhavam, cintilando como duas jóias suspensas no ar.

Raul sorriu para a vampira. Ela causaria medo em qualquer um. E de alguma forma ele sabia que era isso que ela queria que ele sentisse. Medo de sua figura, em um sobretudo branco, segura de si e exalando soberba. Raul sorriu de esguelha só para irritar a vampira ruiva.

— Patrícia não é uma imbecil, Isabela. Foi praticamente ela sozinha quem comandou nosso grupo quando acabamos com os traficantes de armas. Ela é uma estrategista nata. Não espere que ela corra por trilhos traçados em sua mente.

— Você superestima sua amiga.

— Superestimo? Você mesma acabou de dizer que ela está se saindo melhor que a encomenda. Por quê? Não conseguiu entrar na cabecinha daquela amante de animais? A estudante de veterinária está sendo demais para você que está andando nestas terras por mais de cem anos? Ela virou vampira um dia desses, não devia ser problema para o nosso caminho até a bruxa.

Isabela soltou um rosnado e tornou os olhos vermelhos.

Raul deixou as presas crescerem. Já estava se acostumando com aquele jogo de quem pode mais chora menos.

Hélio afastou-se alguns passos até recostar-se na jaula onde Aléxia permanecia em silêncio. A tensão cresceu de forma repentina e inesperada.

— Não brinque com fogo, Raul. Pode se queimar.

— Vocês, os anciões, são muito estranhos. Chegam de mansinho perto de novatos como eu e eles ali, cheios de conversa mole, delicadezas, avisos, uma falinha mansa que até encanta. Parecem os bonzinhos da história... Depois, ficam assim, arrogantes, colocando dentes pra fora e deixando os olhos acesos.

— Chega de insubordinação, moleque.

— Eu não estou sendo insubordinado, Isabela. Apenas achei graça em você dizer que eu superestimo Patrícia. Esse seu topete deixa claro por que quem manda aqui é o Ignácio e depois a Calíope, aquela outra de quem ele tanto falou no avião.

Isabela voou para perto de Raul e ergueu-o pelo pescoço.

— Vampira do sangue quente - grunhiu o garoto.

O rapaz levou as mãos ao braço da vampira, segurando-a com firmeza, e, suspenso, ergueu as pernas e bateu com os pés na parede mais próxima. A dupla voou, quebrando mesas e prateleiras tão antigas quanto a casa.

Hélio saltou e sentou em cima da jaula, enquanto os olhos amarelos de Aléxia também espreitavam a contenda.

Sentido-se desafiada e ofendida com a reação do soldado raso, Isabela rugiu como uma leoa. Seus cabelos vermelhos esvoaçaram, soltando-se da presilha que os mantinha alinhados. Com os fios soltos e cobrindo a gola, seu casaco parecia ter a cabeça emoldurada por uma chama.

Raul levantou-se calmamente limpando as farpas que ficaram presas nas mangas da jaqueta negra. A cruz vermelha nas costas tomou todo o campo de visão que Aléxia tinha. A fera enjaulada também urrou e passou a chacoalhar a jaula. Sentia o cheiro que vinha de Raul. Ele estava se enervando e exalando um aroma arrebatador.

Isabela tirou as pistolas dos coldres. Balas de prata na cabeça mandavam qualquer vampiro para o inferno. Ergueu os canos na direção do vampiro bem a tempo de ver uma das madeiras que estavam no chão voarem em sua direção. Isabela saltou para o lado, apanhada de surpresa com a velocidade do chute que o novato deu na madeira.

— Vai mesmo fazer isso? Puxar o gatilho?

A resposta foram quatro sonoras explosões. O som das cápsulas ocas batendo no chão de madeira. Cheiro de pólvora queimada. Isabela tinha disparado duas vezes com cada arma.

Raul desapareceu da frente da inimiga, o que fez a vampira arregalar os olhos. Fazia tempo que não se batia contra um adversário à sua altura. Agora Raul estava do lado de fora, banhado pela luz da lua.

— Acho que o seu papai Ignácio vai ficar chateado com você. Vai contar suas

travessuras para sua mamãe Calíope, não vai não? Ah! Ah! Ah!

Mais quatro disparos.

Desta vez Raul atirou-se novamente para dentro, saltando por cima da vampira, que levantou a arma e atirou acertando apenas a forração, enchendo a sala de pó de madeira. Raul caiu ao lado da jaula, batendo a mão contra ela. Ficou de pé e alinhou a jaqueta. Aléxia agitou-se com o cheiro de Raul tão perto, começando a chacoalhar ainda mais a jaula prateada. Isabela mirava para o indômito oponente mais uma vez.

— Não se mexa, moleque. Vamos acabar com esta batalha desnecessária. Você me obedece e fica tudo bem.

Raul virou-se lentamente para Isabela, novamente com aquele sorriso de deboche, de canto de boca, olhando-a com superioridade.

— Escuta aqui, ruiva, não sei onde vocês estavam com a cabeça na noite em que recrutaram quatro filhos de Sétimo. Achavam o quê? Que não herdaríamos nenhum traço do papai? Achavam que teriam quatro cordeirinhos para tosquiarem de vez em quando? E ainda por cima você me injetou mais coisas de meu pai no sangue. Não sei o que você fez, mas mexeu com minha cabeça, com meus músculos. Estou tinindo para partir a cara de alguém no meio.

Isabela apontou para a cabeça de Raul e deu um passo para a frente.

— Se você der mais um passo, ruiva, eu acabo com sua raça e arremesso sua cabeça daqui a Niterói. Vai ser um despiste e tanto para que nós aqui terminemos o serviço que você e Ignácio não dão conta sozinhos.

Isabela, como a muito tempo não fazia, engoliu em seco. Tinha que reavaliar a situação. Era uma vampira que, ironicamente, ficava de sangue quente quando tentavam rebaixá-la. Deixava a emoção embebedá-la e agora estava em cima de uma ponte em chamas. Não dava tempo de correr para trás, e outra, lá atrás estava a vergonha de ter colocado o rabo entre as pernas e fugido daquele fedelho. Se corresse para a frente teria que matar Raul, peça importante para confrontar os guardiões de Jó. Ele só estava ali agora justamente por causa disso. Sua agilidade, que tinha ampliado tanto, força e arrogância seriam decisivas na hora de confrontar as feras que guardavam a tumba do desafeto de Ignácio, o poderoso e adormecido Jó.

— Escolha difícil. Eu sei, ruivinha. Entendeu agora por que te coloquei nessa sinuca de bico, tia? Você não serve para liderar vampiros da nossa laia. Somos filhos de Sétimo, não servimos a ninguém. Somos servidos.

— O quê? - Explodiu Isabela.

— Eu vou te contar como vamos até Niterói e como vamos pegar a bruxa... Do meu jeito.

— Ora, seu... - Isabela não concluiu a frase e quando ergueu novamente a arma e apontou para o rapaz a porta da jaula voou contra a parede e uma sombra projetou-se em sua direção.

Isabela foi envolta por garras. Os disparos de suas pistolas foram contra as paredes e num segundo Raul já tinha tomado as duas das mãos inimigas.

Hélio coçou a barba por fazer enquanto girava a trava da jaula entre os dedos. Estava farto daquele mau trato contra sua parceira. Já que ia rolar uma treta brava ali na casa, que ela pudesse ao menos assistir de camarote. Não imaginou nem por um segundo que o que Aléxia queria de fato era meter a mão na ruiva.

Isabela bateu com a nuca no assoalho. As garras pontiagudas da criatura estavam em seus ombros. Aléxia rugiu com ferocidade, exibindo fileiras de dentes afiados, transfigurados. A pele da garota tinha deixado o tom pálido e agora apresentava-se mais lustrosa, como o couro de um lagarto raro, cheia de escamas, refletindo um brilho amarelo e enegrecida em outras partes. As asas em suas costas tinham ganhado volume e nas pontas também apresentavam proeminências ósseas e pontiagudas, verdadeiras armas para o combate. As asas chacoalhavam fazendo o ar se deslocar com violência. Isabela gritou e chutou o abdome de Aléxia.

A vampira morcego voou de cima da ruiva, caindo do outro lado da sala, mas, antes que a inimiga estivesse pronta para o combate, já tinha voltado a atracar-se com ela.

Agora Isabela estava com as costas coladas na parede. Aléxia agarrava seus punhos com força descomunal, deixando-a completamente desprotegida e imobilizada. O monstro em forma de morcego cravou os dentes no pescoço da vampira cortando a pele lisa e linda da ruiva, fazendo um rasgo perigoso.

— Não, Aléxia - disse a voz de Raul, calmamente. - Não, não, não - repetiu, fazendo graça, dando o tom de um dono mimando um cachorrinho.

Aléxia virou-se para Raul e rugiu.

— Deixe a titia para outra hora. Somos todos irmãos, pôxa vida. Vamos precisar dela para acabar com a raça de outros vampiros.

Aléxia soltou os punhos de Isabela, que levou as mãos imediatamente à extensa

ferida no pescoço. Se Aléxia tivesse terminado a mordida, certamente Isabela ficaria sem um bom pedaço da nuca e da garganta e tombaria inerte, saindo viva daquele encontro por hipotética vontade de seus recentes inimigos.

Raul andou até perto da vampira ferida, caída de joelhos.

— Entendeu agora com quem está lidando? - Perguntou Raul, levantando o queixo de Isabela com o cano da arma. - Está vendo nós três? Somos o novo turno da noite de Ignácio. Seremos a ferramenta mais poderosa do seu criador e não seremos subordinados a mais ninguém. Raul andou novamente até a larga varanda do casarão. Lá em cima o Cristo aparecendo entre as nuvens que rolavam ligeiras. Lá embaixo, a cidade, já tanto atemorizada pelos traficantes do morro, agora ainda mais preocupada com as notícias que chegavam de outros estados a respeito dos infectos. Poucos supunham que o mal já estava encravado na Cidade Maravilhosa. Ninguém sabia que naquela noite o brilho dourado das luzes da cidade seria ofuscado pelo sangue das vítimas dos vampiros. Se a descrição até semanas atrás era a marca registrada dessas criaturas da noite, do despertar dos sete vampiros do Rio Douro até agora, a escalada de violência e corpos deixados para trás só fazia aumentar. O Rio de Janeiro também receberia a sua parcela de maldição.

CAPÍTULO 60

— **L**eninha, que passeio micado, menina! - Reclamou Bianca.— A culpa não foi minha, foi da banana que chegou atrasada.— Ih! Não vem, não. Não sou banana, vocês sabem muito bem que estou zerada, no osso, sem um centavo pra lotação. Da minha casa para o *shopping*, a pé, é longe pra caramba.

— Tô vendo! Já devo até tá com bolha no pé, menina.

— Ai, Bianca, mas tu reclama demais também, garota. Ninguém disse que era obrigada a vir. Já que o cinema não rolou, não ia deixar minha amiga voltar sozinha.

— Mas não entendo por que a gente não pega um ônibus até o MAC, ué.

— Porque a Aidara tá sem dinheiro. Ela já falou. Quer o quê? Que ela se humilhe, se jogue no chão e peça dinheiro na porta do Plaza? Chorando? Olha, pobrezinha de mim... Estou sem dinheiro! Ah! Dá um tempo!

— Mas eu emprestava o do buzão. Quanto drama!

— Não! Amiga que é amiga anda a pé com as lascadas! Tem que fechar o rolé com chave de ouro - emendou Lena, espevitada.

Aidara torceu as madeixas de cabelos encaracolados e colocou volume sobre o ombro direito. Deu risada com o comentário da Leninha. Era sua melhor amiga, desde os sete anos de idade. Agora, chegando aos dezesseis, sentia que ela seria sua amiga para sempre.

— Ai, Leninha. Você já resolveu a parada do professor Társio? Tão dizendo que ele vai pegar pesado no trabalho este bimestre.

— Mané Társio. Eu lá perco tempo pensando no Társio e nas ligações químicas e na tabela periódica? Eu quero é saber quando o Kaike vai ligar de novo. Eu quero é saber da química do Kaikinho! Ai, aqueles olhos verdes. Eu ainda morro engasgada.

— Engasgada? Nossa, Leninha. Já estão nessa fase é? Um engasgando o outro? Deixa tua mãe saber que o Kaikinho tá kaikando a sua garganta! - Brincou Bianca.

— Ai, sua nojenta! Não é nada disso! Logo vê que você ainda não sente nada

sério pelo Giovane. Eu engasgo de falta de ar, de frio na barriga toda vez que vejo o Kaike na escola. Ele nem precisa olhar pra mim, mas quando olha... Aaaaaai! Eu morro! Eu amo aquele pivete!

— Espera - pediu a menina.

Bianca sentou na mureta. Às suas costas o morro acabava no mar. Ondas batiam contra as rochas. Dali já podiam ver o MAC e, antes dele, o lugar mais sinistro para uma amiga morar, a Ilha da Boa Viagem. Tirou as sandálias e massageou os pés.

— Se eu soubesse que ia andar tanto, tinha colocado tênis, não essa sandália.

— Sandália maneralha, Bibi.

— Maneralha? Você já está falando que nem aquelas meninas do pancadão, Aidara. Maneralha! Cada palavra que esse povo inventa.

— Mas é maneralha mesmo. Me empresta um dia?

— Empresto. É só minha mãe não ficar sabendo que tá sussa. Parece que eu nem tenho nada, é tudo dela. Um tal de não rela nisso, não usa aquilo. Minha mãe tá ficando muito possessiva ultimamente. Acho que é porque meu corpo pegou o tamanho do dela, sabe. Cada blusinha linda.

Aidara subiu na mureta e inspirou fundo. Adorava o cheiro do mar. Também, como poderia ser diferente? Desde que se entendia por gente vivera cercada pelas águas batendo no entorno da ilha. Quando fazia amigos novos e perguntavam onde ela morava, era engraçado a cara que faziam. Diziam que não sabiam que tinha casa na Ilha da Boa Viagem. Só lembravam da Igreja da Boa Viagem. A igreja para onde os navegantes, saindo da baía lançavam um olhar e se benziavam, pedindo proteção aos santos. Sua mãe era zeladora do patrimônio. Na ilha, além da igreja, havia também o forte de Boa Viagem, onde no passado os primeiros canhões lá instalados, misturados à igreja, serviram de reforço às baterias do forte de Santa Cruz, em Niterói, e também ao Forte de São João, ao pé do Pão de Açúcar. A mãe sempre atendia os visitantes estrangeiros, a maioria italianos, que vinham conhecer a igreja e também conversar sobre o forte. Depois passavam longo tempo em sala fechada, em reuniões que Aidara nunca podia participar. Não que ela quisesse, sempre falavam de coisas chatas e a alugavam por horas, conversando com ela, naquelas línguas enroladas que pouca coisa ela entendia. Contudo, a cada ano que passava, Aidara aumentava a simpatia por aqueles visitantes italianos, que eram bem mais bacanas que os outros turistas, que só passavam, olhavam, diziam hum hum, faziam fotos e iam para o MAC. Os italianos gostavam dela, traziam presentes, passavam a mão em

seu cabelo. Mostravam fotos da Itália. A mãe, cheia de lágrimas nos olhos, dizia que um dia ela conheceria a terra daquela gente, explicando que o lugar lindo que mostravam na foto era de onde tinham vindo seus ancestrais e que na hora certa voltariam lá para visitar as raízes. Hoje, Aidara sentia-se seduzida por aquela ideia. Visitar a Itália. Visitar qualquer país fora do Brasil seria encantador para uma garota de sua idade. Até começava a entender mais e mais a língua dos estrangeiros a cada nova visita daqueles que buscavam os conhecimentos de sua mãe. Ainda só não entendia por que cargas d'água gostavam tanto de Niterói com tanto lugar mais interessante para visitar no Brasil. Até mesmo o Forte de Santa Cruz era mil vezes mais cheio de histórias de piratas e revoltas do que os episódios contados nos dedos da Igreja da Boa Viagem.

A garota respirava fundo. Inspirando e exalando devagar. Não dizia a ninguém, mas às vezes, bem às vezes mesmo, quando estava ali, voltada para a baía e ficava quietinha, sentia-se como se fosse uma daquelas pedras à beira-mar, como se fosse um dos talos de grama crescendo na encosta. Respirava e parecia respirar junto com todo o cenário. Era como se fosse uma peça importante naquilo tudo. Sentia-se meia-irmã da Lua. O disco prateado refletido na água. A cada lua cheia sentia-se energizada, forte, capaz de mudar tudo à sua volta, de fazer seus desejos se tornarem realidade. Nunca falava com as amigas porque tudo aquilo era papo de doida. Iam achar o que dela? Uma natureba bitolada ou coisa assim. E foi no meio de uma inspiração que sentiu algo diferente. Seu cabelo arrepiou-se na base da nuca e depois aquela sensação elétrica desceu da cabeça aos pés, arrepiando cada pelinho em seu corpo. O coração começou a bater mais rápido. Sentiu as bochechas quentes, inundadas pelo sangue que fervia nas veias. Virou-se devagarzinho nas pontas dos pés, e encarou o morro à sua frente. Mato. Pedras. Era tudo o que via. Mas Aidara sentia. Sentia alguma coisa ali. Alguma coisa que observava elas três conversando. Engoliu em seco e olhou para o lado. Bianca ainda massageava o pé, passava os dedos de leve nas bolhas. Leninha também tinha subido na mureta e a imitava, ficando de braços abertos, sentindo o vento, falando coisas para Bianca que não entravam em seu ouvido. Aidara alarmou-se. Não estava escutando Leninha! Só ouvia o vento leve percorrendo o morro. O vento roçando as pedras, vegetação, depois mudando de direção, fazendo barulho ao tocar as folhas, trazendo segredos, como se tivesse vida, passando por todos os cantos do morro e voltando, trazendo o cheiro daquelas coisas e de mais uma. Cheiro de bicho. Cheiro de lobo.

— Corre!

As amigas alarmadas com o grito de Aidara primeiro ficaram estáticas. Como Aidara já tinha começado a correr e não parava, descendo pelo calçamento como uma louca varrida, Bianca e Leninha nem se deram ao trabalho de perguntar o

porquê do desespero. Traficantes? Sequestro-relâmpago? Estuprador? Não iam ficar ali esperando respostas. Mesmo descalça, Bianca não demorou para alcançar a amiga, ganhando velocidade. Já estava chorando de medo e sem saber o porquê.

CAPÍTULO 61

Hélio tinha ficado agachado o tempo todo atrás da pedra. Sabia que elas iam passar por ali. Tinham visto as meninas tomando o caminho de Niemeyer a pé. Emboscar-nas-iam mais para a frente, onde a costeira ficava mais escura e mais deserta. Um ataque furtivo e ligeiro, com a ajuda da mulher morcego, garantiria que as três fossem tiradas da estrada e arrastadas para o mato em questão de segundos. E assim, tão rápido, também seria a forma de liquidar com as três. Sabiam que o serviço era só para Aidara, a bruxa de Niterói, mas eram caçadores natos. O sangue das duas coleguinhas da bruxa serviria para saciar a sede que muitas vezes não desaparece com um corpo só.

Agora o trio desprotegido estava bem onde ele queria. Hélio caminhou com a barriga rente ao chão e, apesar da forma ainda humana, já movia-se como um lobo. Sua comparsa, escondida nas sombras da copa de uma árvore, lançava um olhar de brilho amarelo para a calçada. O combinado é que quando ele saltasse para o asfalto e derrubasse as duas, Aléxia apanharia Aidara e voaria com ela entre as garras até o meio da baía, ferindo-a de morte e lançando seu corpo exangue nas águas geladas da Guanabara.

Hélio chegou até a beira do morro onde se posicionava. À sua frente, um muro com coisa de três metros. As garotas na mureta do outro lado da avenida. Um carro passou. Uma delas esfregava um dos pés enquanto tirava também a outra sandália. Ele não se converteria em lobo, poupando energia. Três garotas era fácil. Aidara, o alvo, estava de pé e de costas, fácil. De braços abertos, sentindo o mesmo vento leve vindo do mar. Fácil. Hélio serrou os olhos, vermelhos, de fera. Seus dentes cresceram de tamanho, escapando pelos lábios inferiores. Um pulo para o meio da rua, no segundo pulo teria menina com o pé dolorido nas mãos. Esmigalharia sua traquéia enquanto ela tombasse, ainda sem entender. Quando batesse no chão já teria virado para a outra, que ainda nem teria se dado conta da desgraça, e morderia o pescoço da nova vítima, desacordando-a. Saltaria com as duas para as rochas logo adiante da mureta, terminando o serviço na estreita faixa de praia. Quando tivesse caído do outro lado da mureta, Aléxia já teria subido mais de vinte metros com Aidara e os berros da menina estariam diminuindo de volume conforme o monstro morcego se afastava. O garoto lobo franziu o cenho e rosnou baixinho. Aidara virou-se naquele instante e cravou-lhe os olhos deixando-o surpreso.

— Corre! - Gritou a menina.

Hélio mergulhou na própria armadilha. A surpresa tão planejada que lhe daria vantagem no ataque velou seus pensamentos e o deixou aturdido por um segundo. Rosnou mais alto e pulou do muro caindo no calçamento. As três meninas corriam rua abaixo. Saltou novamente e desta vez, vítima da pressa, quase foi atropelado por um veículo que passava em alta velocidade, obrigando o garoto lobo a dar outro salto. O vulto de Aléxia passou sobre sua cabeça. A vampira-morcego, de couro amarelado, com manchas escuras, quase negras, abriu e flexionou as asas ganhando velocidade e depois bateu-as repetidas vezes. Hélio sorriu. Aidara não escaparia daquela. Recuperado, começou a correr em quatro patas, ganhando velocidade e rosnando.

Mais à frente, Aidara e suas amigas, chorando desesperadas com os grunhidos do monstro, davam o máximo de velocidade que podiam. Aidara sentiu algo roçando em seu cabelo, como se uma unha, uma mão tentasse apanhá-la. Fechou os olhos e orou. Rezou para que seu anjo da guarda a protegesse. Igual sua mãe sempre ensinara. Correu mais rápido. Escutou Bianca gritando e caindo. Via as mãos de Leninha ao seu lado. Ela corria tão rápido quanto Aidara.

— Corre! - Gritou Leninha.

— Socorro! - Berrou Bianca para trás.

Aidara não queria parar por nada no mundo, mas também não era do tipo que deixava as amigas na hora do aperto. Mesmo com a sensação de que alguma coisa estava prestes a cravar-lhe as garras, num ato de coragem, parou de correr. Seus tênis derraparam nas pedras do calçamento e perdeu o equilíbrio, caindo primeiro com o joelho no chão e revirando várias vezes pelo cimento.

Leninha teve mais sorte. Parou e agarrou-se a uma árvore.

Aidara, zonza e dolorida, levantou-se. A iluminação pública quase inexistente piscava. Sentiu um frio na barriga. Bianca estava caída, imóvel. Sua amiga estava morta!

— Meu Deus, Leninha! A Bianca morreu! As duas foram se aproximando de mansinho.

Aidara tinha certeza de ter visto um bicho no muro do outro lado do asfalto. Por isso tinha desabalado naquela carreira sem pé nem cabeça. Agora o coração só faltava saltar pela boca a cada passo que dava na direção da colega desfalecida.

— Aidara...

— Fala, Leninha.

— Morto não choraminga. Ela não morreu.

Aidara suspirou aliviada enquanto Leninha abaixou-se junto a Bianca.

— Levanta, Bi.

— Meu pé tá doendo demais. Eu torci na calçada. Acho que quebrou.

Aidara ficou parada olhando ao redor. Olhando para o céu, para o muro alto do outro lado da avenida, para o mar. Sua respiração ainda estava descontrolada. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Uma sensação horrível penetrava seus poros. Podia jurar que tinha escutado o farfalhar de asas às suas costas. Podia jurar que tinha visto uma espécie de homem ou cachorro abaixado, pertinho do fim do muro, pronto para pular sobre elas três. No entanto, agora não via nem ouvia nada.

Apesar de ser uma bruxa, ela não sabia. Apesar de ser portadora de um poder tão imenso, seus olhos continuavam selados para as coisas do outro mundo. Do contrário, Aidara veria duas esferas de luz voando em direção ao Corcovado. Duas esferas de luz tão velozes que pareceriam dois jatos.

Hélio não soube o que o tinha atropelado no exato instante em que quase botava as mãos na menina que tinha os pés descalços. O perfume doce e juvenil da adolescente entrou por suas narinas, mas, antes que suas unhas longas e afiadas cravassem na pele fina da presa, sentiu um impacto brutal em seu corpo e seus olhos foram ofuscados por uma luz cegante e o mundo pareceu girar e girar até que perdesse os sentidos.

Aléxia tinha empregado toda a sua energia para alcançar o pescoço da menina bruxa. Chegou a sentir os primeiros fios dos longos cabelos negros e encaracolados enroscarem em suas garras, mas quando preparava-se para esticar mais o braço e agarrar uma boa madeixa que faria a mortal encerrar a corrida, sentiu seu corpo bombardeado por luz e metal, tirando-a completamente da rota. Fazendo-a apertar os olhos amarelos, sensíveis a tamanha claridade. Quando recuperou o controle de suas asas e seu corpo não estava mais próximo da bruxa nem sequer em Niterói.

Fosse o que fosse que tivesse apanhado os caçadores de bruxa, agora tinha colocado ambos em uma jaula própria. Hélio colocou-se de pé a tempo de ver um par de braços cor de bronze do lado de fora. A luz excessiva que irradiava da criatura celestial ainda dificultava sua visão. O ser do lado de fora entortou uma barra, selando a porta corrediça da jaula de ferro e vidro. Hélio e Aléxia tinham sido aprisionados num dos famigerados bondinhos do Pão de Açúcar

O ser alado desapareceu da parte vítrea, mas a luz da criatura vinha de cima. E como o bondinho balançava, Hélio soube que ele ainda estava lá no topo da máquina.

— Tire-nos daqui! - Gritou o vampiro lobo.

Aléxia levantou-se e urrou como fera. Lançou-se contra o teleférico quebrando alguns dos vidros, mas sem conseguir abalar a estrutura.

— Vai ser um tombo e tanto, vampira. É melhor não romper o cabo. Sei que vocês são imortais, mais vai doer um bocado se esse aparelho despencar.

— Tire-nos daqui - pediu Hélio.

— Antes de partir vou deixar um aviso.

Lobo e morcego ficaram em silêncio.

— Voltarei para o lado da menina bruxa. O sangue dela não será derramado. O de vocês, se voltarem para perto dela, lavará minha espada.

O anjo decolou do bondinho após a prevenção e passou a planar de volta à baía.

Hélio, não contendo o ímpeto, colocou a cabeça por fora do vidro quebrado e viu então que eram dois anjos de luz. Enraivecido com a intromissão, berrou:

— Por que não nos mata de uma vez, filho da mãe?!

Gregório virou para trás e, movendo as asas suavemente, sorriu para o vampiro:

— Porque eu sou misericordioso, menino. Só por isso.

Hélio urrou como lobo e seu uivo foi ouvido a distância.

Aléxia deu mais dois golpes contra o teleférico. O cabo de aço soltou um estalo e o aparelho chacoalhou mais do que da primeira vez. Hélio, agarrado à beirada, olhando para o morro e a vegetação tão distante, sentiu um calafrio.

— Para, Aléxia. Para. Eu não quero cair daqui de cima. Não se chacoalha mais.

Aléxia arqueou o corpo que mal cabia dentro da gaiola e sorriu para o amigo.

— Eu dou um jeito de tirar a gente daqui. Eu abro essa porta e você me leva lá para baixo.

Aléxia bufou, soltando ar pelas ventas.

— Chega mais pra lá que vou precisar de espaço, morcegon.

Hélio invocou seu poder de transmutação. Pelos grossos foram tomando suas mãos e braços e seus ossos começaram a estalar conforme espichavam fazendo o monstro gritar de dor, um grito misturado ao fim de sua condição humana e ganhando tons de urros bestiais. O lobisomem conseguiria destroçar aquela tranca com os dentes e abriria passagem para darem o fora daquela jaula suspensa a trezentos metros de altura.

CAPÍTULO 62

De onde estava, Samuel ainda podia ver o iate que servia a vampira ruiva. Podia vê-la no *deck* fazendo uso de um binóculo de visão noturna para auxiliar os olhos a desbravarem a escuridão. Samuel estranhou. Isabela era poderosa, das antigas. Não precisaria daquele artifício para enxergar bem. Um sinal de que mais alguma coisa não corria como ela tinha planejado. Ao lado dela, o novato Raul, empertigado, com uma jaqueta preta e uma cruz vermelha nas costas. Samuel desviou a atenção dos dois quando percebeu as esferas luminosas cruzando a baía de Guanabara. Estava acostumado com a de cor violeta, seu irmão Gregório. Ao seu lado vinha uma de um verde fraco e atraente. Transmítia paz. Até mesmo para um vampiro desgraçado como ele, aqueles seres de luz e bondade conseguiam contagiar. Isso era parte da magia do mundo de luz e trevas. Samuel saudou o irmão com a mão. Gregório ergueu o peito e forçou os pés para baixo, saindo da posição de voo. Recolheu suas asas e bateu poderoso no chão. O anjo ao seu lado pousou a coisa de dois metros e passou a lançar olhares com curiosidade para cima da figura do vampiro.

— Está feito, irmão. A bruxa de Niterói nem viu o que aconteceu.

— Muito bom.

Gregório, de olhos brilhantes como chamas amarelas, balançou a cabeça.

— Você não tem a menor noção do quanto foi bom que ela não tenha visto nada disso nem tenha sido tirada de sua sintonia mortal. Será melhor para todos neste mundo que ela nunca descubra que é uma bruxa. Ainda não é sua hora.

— Tempos atrás eu nem sonharia com a existência, de fato, disso tudo, meu irmão. Vampiros, bruxas... Anjos.

Gregório farfalhou as asas e olhou para o parceiro celestial.

— Aquele é Tertoziel. É um dos mais bravos anjos da guarda de Niterói. Se um dia estiver em apuros por aqui, meu irmão, é pra ele que deve rezar.

Samuel sorriu para o irmão.

— Você já é proteção o suficiente para mim, mano. E continua do mesmo jeito de quando era adolescente.

— Que jeito?

— Parecendo um pavão, todo emplumado. Ah! Ah! Ah!

— Sei. Olha a língua, irmão. Te passo a espada.

Tertoziel aproximou-se dos dois.

— Pode chegar, anjo. Não mordo... Anjos - disse Samuel, sorrindo de leve.

Tertoziel não sorriu. Mediu a criatura da cabeça aos pés.

— Tertoziel ficará no topo da Igreja da Boa Viagem. Zelaré por Aidara, ainda que a bruxa não seja assunto de nossa alçada. Thal me chama para outros assuntos, meu irmão. Tente não entrar em mais confusões até que eu possa voltar.

Samuel cumprimentou o irmão anjo. O aperto de mãos foi demorado. Aquele rosto tão seu sempre o hipnotizava. Que piada sem graça aquela do destino. Dois irmãos. Um na luz, outro na treva.

— Se Tertoziel ficará com Aidara, eu posso me virar. Estou vendo a vampira daqui. Isabela está naquele barco - apontou.

— Pois bem. E a garota que está te tirando dos trilhos? Onde está?

— Boa pergunta. Acho que deve estar entrando na ponte Rio-Niterói. Alguma coisa me diz que foram dar uma de anjos da guarda antes de virem para cá.

— Fique em paz, irmão.

Gregório e Tertoziel alçaram voo. A certa altura, distantes de Samuel tornaram-se duas esferas luminosas. A violácea cruzou a baía sentido à cidade do Rio enquanto a verde clara desenhou uma suave curva para a esquerda.

Samuel voltou a encarar o iate. Ficaria com os olhos sobre Isabela o maior tempo possível.

CAPÍTULO 63

Ignácio ouvia a voz de Isabela pelo rádio do avião. Com o *notebook* ligado olhava para a tela. Via o carro de Alexandre entrando na ponte Rio-Niterói. Tinha supervalorizado aquelas crias. Não passavam de paspalhos. Se não estivessem sendo auxiliados pelo perigoso Samuel, estariam ali com ele, rumo ao norte, ou teriam sido eliminados assim que se rebelaram. Novamente Samuel marcava sua presença. Isabela dizia que podia sentir o vampiro, já na ilha, enquanto sentia o grupo à sua frente, todos os três, Patrícia, Bruno e Alexandre, confirmando o que o ancião via na tela do computador portátil. Eram tão previsíveis que nem mesmo tinham trocado de carro para evitar serem localizados pela agência Jugular.

Zinco tinha passado a pouco a informação da ação do BOPE no morro do Cantagalo. Tinha informado também que o veículo Lexus tinha mudado de direção e ido ao encontro do furdunço armado pelos traficantes. Assim que o rádio noticiara a invasão do cativeiro pela polícia, não por coincidência o caixão prateado voltou a rodar em direção à ponte Rio-Niterói. Não ia levar muito tempo para o Serviço de Contenção ser alertado e todo o Rio de Janeiro saber que os infectos também estavam ali, no seu estado, no seu quintal. Ignácio passava a língua no lábio superior e rodava um anel de ouro com uma gema roxa fazendo a peça girar em seu dedo magro. Cogitava valer-se de uma manobra para eliminar de uma vez aquela pedra no sapato que eram seus três ex-pupilos valendo-se de um expediente que nem mesmo Samuel daria jeito de atrapalhar. A ação serviria para colocar todas as atenções do Exército sobre o Serviço de Contenção e debandar com seu time para fora do Rio sem obstáculos no caminho.

Isabela dizia ter perdido contato visual com o lupino e com a mulher 1 de Sétimo. A última vez que os tinha visto eles estavam prestes a atacar a bruxa, mas, de repente, desapareceram.

Ignácio somou dois com dois. Se Samuel já estava na ilha era bem capaz de ter feito uso de seu irmão alado. O mundo secreto sabia muito bem o que poderia acontecer se a bruxa fosse despertada. Se os anjos soubessem que o sacrifício da bruxa tinha a finalidade exclusiva de dar fim à existência do recipiente, do avatar, talvez não tivessem movido uma pena para impedir suas marionetes. Ignácio mordeu os lábios e olhou para fora do avião. Um carpete de nuvens brancas fugia até onde a vista alcançava. Os anjos não queriam perder o recipiente de vista. Era melhor saber

muito bem onde estava Aidara do que aguardar sua próxima encarnação em lugar e tempo incerto. Nem mesmo ele queria lidar com a bruxa adormecida. Aquilo fez-se necessário no meio da jornada. O caldo daquele imbróglio engrossava, afinal Ignácio sabia perfeitamente que uma vez acordada ela poderia, sim, também despertar Jó. Era uma lista de possibilidades. E a sucessão de revezes que se seguiram só o deixou com a alternativa de acelerar tudo e ele não era nada bom naquilo. Ignácio era um mestre na arte de tramar com tempo. Mas, assim, fazendo as coisas praticamente em razão de causa e efeito, de passos mal executados, sentia-se um trapalhão. Chegava a sentir medo. E esse medo transformava-se em pavor que fazia sua mente trabalhar turvada e açoitada pelo desespero. Assim que Jó abrisse os olhos Ignácio teria horas contadas de existência. Maldito Jó! Malditos guardiões! Vampiro sortudo duma figa! Não tivesse ele aqueles seres inexplicáveis guardando seu caminho, teria virado picadinho muito tempo antes. O desafio agora era manter o grupo de Patrícia e Samuel preso no Rio de Janeiro. O risco de usar o Serviço de Contenção para tanto era alto. Mas serviria ao capitão de meia-pataca, o trio a bordo do Lexus numa taça de *sundae*. E a cereja, meus amigos, a cereja seria a certeza. A certeza de que tanto ele, Ignácio, quanto o capitão saboreariam a sobremesa até o fim.

Ignácio estendeu a mão para o lado. Como se pudesse ouvir os pensamentos do patrão, Bert estendeu-lhe o aparelho celular.

Ignácio observou mais uma vez a posição do caixão. O Lexus ia devagar. Ignácio podia contar com o sempre caótico e lento trânsito da ponte. Pressionou o botão verde iniciando a ligação.

CAPÍTULO 64

Brites, a bordo do imenso helicóptero, encarou a cativa presa às algemas de prata nos punhos e nos calcanhares. Fizesse o que fizesse, o demônio em forma de mulher não seria capaz de fugir. As algemas também tinham dispositivos para localização via GPS de última geração. Brites deixou pela milésima vez seus olhos descenderem pelo corpo da vampira. O capitão simplesmente não conseguia evitar nem explicar aquela maldita atração. Sua cabeça sabia que ela era uma vampira, um ser execrável e de natureza selvagem; no entanto, o coração se recusava a obedecer e muitas vezes tomava conta de seus músculos e da mente, fazendo seus olhos lamberem as pernas, os quadris e o colo perfeito da criatura que tinha as formas de mulher. O demônio em forma de mulher.

Calíope, recebendo o olhar insistente do militar, sorriu e separou os lábios, graciosa. Seus olhos cor de mel valeram-se de luz própria, aprisionando os olhos de Brites.

— Capitão, capitão... Por que me olha tanto?

— Para você não fugir.

— Não fugir de seus olhos?

Brites pigarreou. Os soldados ao seu lado, sacolejando na aeronave que sofreu neste instante um baque com o deslocamento de ar, olhavam do capitão à criatura, da criatura ao capitão.

— Acho que o senhor está completamente apaixonado, não está? Voltou a ter aqueles sonhos maravilhosos nos quais dominava meu corpo e meu querer?

— Não seja tola, vampira. Sou homem e você é bicho. Não posso me dar ao luxo de sonhar com você.

Calíope manteve o sorriso ignorando o tratamento fingido do capitão. Olhou agora para os dez soldados que postavam-se nos bancos laterais da aeronave.

— E de mais a mais, se você estiver presente num sonho, vampira, deixa de ser sonho, passa a ser pesadelo.

— Quem desdenha quer comprar, capitão. Sabia que esse ditado é muito, muito

antigo? Eu posso assegurar.

A voz encantadora da diva parecia vencer o barulho dos motores do helicóptero, chegando clara aos ouvidos, mesmo que ela não demonstrasse o menor esforço ao articular as palavras.

Brites manteve os olhos sobre a peça hipnótica. Os lábios da vampira pareciam a boca de uma sereia cheia de encantos. Se estivessem sozinhos naquele compartimento, aproveitaria que ela estava acorrentada e lhe beijaria a boca carnuda.

— Hum, capitão. Acho que o senhor também deveria usar algemas. Acho que se eu me atirasse pela porta do helicóptero em pleno voo tu virias logo atrás de mim, tentando salvar meu corpo. Ah! Ah! Ah!

— Cala-te, vampira! O que diz é absurdo!

— Eu tive uma visão, capitão. Não me pergunte o significado, pois esse, por mais incrível que pareça, nem mesmo eu sei.

Brites ficou calado e engoliu em seco. A última vez que a vampira proferiu um aviso, tinha sido a respeito do confronto no túnel e mais assertiva do que as palavras dela foram, era impossível ser. Era como se tivesse tido um vislumbre do futuro ou se tivesse comandado de alguma forma os acontecimentos.

— Qual visão, vampira?

— Vi eu e você vagando num campo gramado verde e cheio de rosas vermelhas. Árvores medonhas germinando da terra fria. Árvores que gemiam e embalavam nosso desejo, nossa vontade de unirmos os corpos. Um velho romano nos sorriu e me estendeu uma flor. Minha mão salvou a rosa em seu peito. Vi você e eu livres de tudo. Até que por minha própria vontade, atirei-me num abismo onde encontraria meu rim. Mas havia tempo, capitão, tempo para nós. E você, sem algema e sem arma, veio ao meu encontro. Como um ser encantado entrou no abismo sem sofrer queda. Entrou nas profundezas e na escuridão, sem cair, e de igual, por sua vontade. veio acompanhar minha danação, tremendo de desejo, queimando de febre. Minha danação.

— Danação?

— Não sei se veio apenas ser solidário ou se tal e qual um príncipe em cima de um cavalo branco veio me livrar do mal.

Brites engasgou.

Os soldados, quietos, acompanhavam a narrativa e ficaram em suspense, como se a vampira ainda fosse dizer mais alguma coisa. Todos adoravam ouvir Calíope falar, ela podia dizer o que quisesse, até mesmo cantar um pancadão funqueiro carioca, desde que mantivesse suas cordas vocais vibrando e aquela energia inebriante entrando por seus ouvidos, fazendo gelar seus estômagos e aprisionando seus olhos, seria ouvida, seria a rainha da noite. Calíope era algo fora de série.

— Você, capitão, no meu sonho, na minha visão, deixou de ser meu algoz, meu carcereiro e auto-intitulou-se meu herói. Meu bom herói. Meu amor. Meu amado.

— Pare, Calíope. Não diga uma bobagem dessas - tornou o capitão com um tom de voz um tanto transtornado, sem a autoridade costumeira, quase pedindo.

— Ah, capitão... Quando você perde seu ar autoritário comigo... Quando sua voz parece quebrada e te empresta esse ar de perdido... Ah, capitão... Meu corpo inteiro treme, não sou mais quem encanta, sou a encantada.

— Pare, Calíope. Eu imploro. Não faça isso comigo.

— Ah! Ah! Ah! Tu imploras?! Que surpresa, capitão! Digo e repito, és um gatinho, um bichinho aprisionado ao meu feitiço. Se ordenar que solte minhas algemas e me beije, o fará!

Brites engoliu em seco. Ergueu a chave das algemas para surpresa de todos os soldados presentes e se levantou.

— Não, capitão! - Gritou um deles.

Brites tirou a pistola do coldre e apontou para a testa do rapaz.

— Fica sentado.

Calíope abriu um sorriso largo e riu alto.

Brites abriu a porta da aeronave e arremessou a chave na noite escura.

— Não - murmurou a vampira.

— Outra cópia só no outro helicóptero, vampira imbecil e presunçosa.

— Idiota. Por que luta tanto contra teu desejo? Seja bom comigo e terá tudo o que quer de mim. Minhas pernas, minha barriga, meu ventre, minha boca. Terá tudo, capitão. Até a vida eterna se quiser acompanhar minha triste jornada.

Brites bateu a porta do helicóptero e sentou-se, ainda com a pistola na mão, transpirando.

— Agora o que eu mais quero de você, vampira, é que feche a matraca e só abra quando tivermos que mudar a direção.

— Direita. Agora.

Brites gesticulou para o soldado à sua frente que acionou o rádio que vinha preso ao seu capacete. O soldado passou coordenadas ao piloto alpha e então os cinco helicópteros mudaram de direção.

— Estamos perto deles, querido capitão. Estamos perto daquele que você busca com tanto afínco. O vampiro que chamam de Tiago.

Eliana dirigia mantendo a velocidade em torno de noventa quilômetros por hora. Olhando pelo retrovisor viu que Yuli mantinha os olhos fechados e a cabeça recostada no vidro, fazendo do banco traseiro um tipo de cama. Tiago estava em silêncio, vindo ao seu lado, abstraído, mergulhado em pensamentos sem fim. Mesmo assim foi ele quem empertigou-se primeiro. Tiago sentiu-se afundando num desconforto inexplicável. Olhou pela janela do veículo e depois reclinou-se para a frente, em direção ao pára-brisa. Luzes no céu.

— O que foi? - Perguntou Eliana, notando a agitação repentina.

— Algo errado.

— O quê?

Tiago apontou o céu negro, rajado por fachos luminosos.

— Luzes passando.

Eliana deu de ombros, balançando seus cachos loiros. Seus olhos cintilaram, melhorando ainda mais a visão.

— Pode ser um avião.

— Pode ser, Eli. Mas pode ser alguém...

— Alguém atrás de mim.

Eliana olhou para a vampira loba.

— De novo?! Já disse uma vez, menina, esses caras do Exército sentem o seu cheiro onde quer que esteja!

— Preparem-se, se for mesmo do Serviço de Contenção vamos...

Tiago não completou a frase. O veículo entrava numa ponte larga e comprida, quase na divisa de Paraná com São Paulo, quando fachoos potentes de luz banharam a cabeceira da ponte. Um halo circular foi diminuindo de tamanho e ganhando intensidade. O som de motores foi enchendo o vale.

— Um helicóptero - murmurou Yuli.

Eliana pisou no freio fazendo a *pickup* derrapar no asfalto.

— Meia volta! Rápido!

A mulher, obedecendo o comando do namorado, engatou ré e manobrou. Assim que embicou o veículo no sentido oposto, outro daqueles halos de luz surgiu ao final da ponte.

— Emboscada - rosnou Yuli.

Eliana freou.

Yuli saltou do veículo para o chão de asfalto e correu para a beira da ponte. Olhou para o vão negro. Mata e rochas ao fundo. O cenário, inevitavelmente a arremeteu justamente para o lugar e o tempo em que foi salva pelo casal que ainda estava na *pickup*. A ponte onde perdeu Diego, o soldado que balançou seu coração fragilizado, onde ela havia selado a boca do rapaz com um demorado beijo e também tinha dizimado um batalhão de homens do Exército. Yuli subiu no parapeito. Tudo igual, tudo se repetindo. Um prenúncio de que sua vida noturna seria um eterno vigiar e correr.

— O que ela está fazendo? - Perguntou Eliana.

— O que devemos fazer também! Saia do carro, agora. Vamos nos separar e dar trabalho para esses desgraçados.

Yuli saltou em direção ao negrume, desaparecendo da vista dos amigos e dos inimigos.

Os dois vampiros pularam para a pista. Tiago olhou para o primeiro helicóptero. Os primeiros soldados corriam pelo asfalto, formando uma linha, fechando a passagem.

— Será que eles nunca aprendem?

— Acho que não - retrucou a mulher.

— E o pior é que o tempo todo eu só quero ajudar esses otários.

Tiago levantou a mão em direção ao helicóptero. Cada vez mais e mais soldados perfilavam-se. As hélices diminuía de velocidade gradativamente.

Eliana procurava Yuli junto ao parapeito da ponte.

Foi rápido. A temperatura despencou. Ventos gelados passaram a varrer a pista e os soldados que estavam na frente começaram a bater os queixos.

De dentro de cada aeronave desceram ao menos três soldados em trajes especiais, assemelhando-os a pesados astronautas, uns carregando fuzis, outros os conhecidos tubos de lançar redes com malhas de fios prateados.

Brites raspou o coturno no asfalto e ergueu o megafone. Seus olhos cruzaram a ponte e ele via, além do objetivo, outros dois helicópteros pousados atrás do veículo encurralado e duas fileiras de soldados do Grupo de Contenção aproximando-se lentamente. Sentiu o baque frio do vento e apertou o punho. Não via Inverno junto ao veículo. Postou o binóculo sobre os olhos. Atentou para a figura da mulher e do rapaz que mantinha a mão estendida na direção de seus homens. Conhecia os dois! Nenhum deles fazia parte do grupo dos sete monstros da caixa de prata! Como era possível? Tiago deveria ser filho de Inverno. Essa era a única explicação que a mente do capitão alcançava.

Brites sentiu uma lufada de vento gelado e seus olhos captaram os primeiros flocos de neve descendo do céu negro, contrastando nos fachos de luz. Levou o rádio à boca e ordenou que os homens em trajes térmicos tomassem a dianteira.

Os homens em roupas especiais avançaram sobre a ponte. Os soldados desprovidos de tais trajes deram passagem aos preparados.

Tiago, vendo os militares com as vestes diferentes, lembrou de ter ouvido alguma coisa de Cesão a respeito. Os militares tinham tentado se proteger do frio fazendo uso daquele equipamento quando os vampiros do Rio D'ouro invadiram a USPA em Porto Alegre. Tiago concentrou-se, seus olhos brilharam vermelhos. Precisaria desencadear toda energia que seu dom roubado permitisse. Apontou os dois braços para a frente quando os soldados adiante e também às suas costas ergueram os fuzis. O som das explosões ribombou no vale.

Yuli olhou para cima, percebendo os clarões. Tiago e Eliana estavam enfrentando o Serviço de Contenção sozinhos. A garota freou a descida, agarrando-se às pedras do terreno escarpado. Quando deu a primeira passada para cima, envergonhando-se de sua fuga, já desabotoava a calça *jeans* e baixava o zíper. A garota gemeu de dor e urrou enquanto presas pontiagudas surgiam em sua boca. Sua

mão pequena e delicada foi ficando escura e num instante cobriu-se de pêlos. Mal teve tempo de desfazer-se da blusa, arremessou o tecido morro abaixo. Já estava perdendo sua clareza de raciocínio e a fera ia tomando o lugar na mente da pequena oriental. Quando arremessou a mão para cima para agarrar o caule de uma árvore e escalar uma pedra, unhas afiadas afundaram na madeira dando firmeza. Ia voltar para cima, em grande estilo. Tinha que ajudar o casal de vampiros.

O vento agora era mais veloz e mais frio do que nunca. Os soldados de vestes comuns batiam os queixos enquanto os da frente tentavam mirar nos dois vampiros sobre a ponte. Tiago tinha abraçado Eliana e ambos abaixaram-se junto ao veículo, dificultando a acuidade dos atiradores. Tiago evocou seu dom, e bala alguma feriu a carne dos malditos noturnos. Os fuzis silenciaram e os soldados daquela forma trajados e com a capacidade motora diminuída por conta das luvas, passaram as armas para os soldados de trás que trocaram as armas, retornando as carregadas para os protegidos e já providenciando a troca dos municionadores vazios.

Brites, dentro do helicóptero líder, girou a chave das algemas de Calíope. A vampira fitou-o demoradamente. Estavam novamente no ar, sobrevoando a área, buscando os vampiros.

— Pegue-os para mim.

Calíope deixava o peito subir e descer rapidamente, como se respirasse excitada. Era sua chance de escapar. Não estava mais gostando daquele jogo de gato e rato iniciado por Ignácio. Sabia que tinha controle absoluto sobre o capitão do Exército e escaparia daquela prisão imbecil quando bem entendesse. Mas o que ela não entendia, uma mulher que nunca mais tinha se apaixonado desde que perdera Mariano daquele jeito tão trágico, era o porquê de estar ali, parada na frente dele, indecisa se desaparecia da frente do soldado, destruiria o transmissor implantado em seu corpo e pronto. Seria fácil não deixar rastros impedindo que alguma vez nesta vida Brites pudesse botar os olhos sobre ela novamente. Calíope sentiu um calor queimando suas entranhas como há muito não sentia. Era justamente isso. Temia, temia que Brites nunca mais a olhasse com tanto desejo. Agradaria seu capitão de Exército. Faria desta vez, e só desta vez, o que ele estava pedindo.

— Vai, vampira. Cace-os para mim. Quero todos eles.

Calíope deixou seus olhos vermelhos e segurou-se ao ferro de apoio ao lado da aeronave. Olhou para a ponte logo abaixo, tomada de gelo e de frio. Aproximou-se do capitão, que ficou imóvel. Beijou a boca de Brites de um jeito que nunca tinha beijado antes. Sem querer soltar a língua do mortal, sem querer desgrudar-se do mortal. Queria entregar-se a ele, ali mesmo, no chão do helicóptero, à vista dos

outros soldados que só poderiam invejar a felicidade do humano. Afastou os lábios com um sorriso no rosto. Seus olhos voltaram a ficar amarelos, cor de sol.

— Eu já volto, capitão de Exército - murmurou a vampira, com sua voz encantada, e no final grunhiu, avançando os dentes na direção do militar que não afastou-se nem um centímetro.

Ela soltou-se coisa de quinze metros de altura. Caiu velozmente, mas quando tocou o chão foi como se pesasse nada. Calíope secou os lábios e vasculhou ao redor. Sentia o cheiro da loba e do vampiro que tinha gelado o ar, filho de Gentil e de Guilherme. Olhou para cima. O helicóptero descreveu uma curva suave e seguiu em frente.

A bordo da aeronave, assim que a vampira descolou a boca de seus lábios e saltou, Brites caiu sentado no assoalho. Foi socorrido por soldados que horrorizados e com as articulações doloridas e duras pelo frio demasiado tentavam ver se o superior estava bem, se a vampira o tinha ferido num ataque traiçoeiro.

O capitão afastou todos eles, gritando e agitando as mãos enluvadas. Passou o couro sobre os lábios. Lá fora tudo escuro. A única coisa que via gravada em sua retina, era o par de olhos amarelos e doces de Calíope; fechou os olhos e também o zíper da jaqueta. Por dentro fervia. Não ia morrer de frio como os outros soldados. Por dentro fervia de desejo e alegria. Vampira maldita! Tinha lhe enfeitiçado direitinho.

— Ela vai voltar, senhor - murmurou um soldado ao seu lado. - Ela não é tonta de tentar fugir do senhor.

— Eu acho que ela tá começando a gostar do senhor também - disse outro.

— Calem a boca, soldados! Pelo amor de Deus, calem a boca!

Os homens ficaram em silêncio enquanto o piloto voava suavemente sobre as árvores escuras que tinham ganho subitamente uma cobertura branca com uma leve capa de neve. Toda vez que as hélices se aproximavam da copa de uma delas a ventania levantava os flocos, produzindo uma cortina branca e vívida.

Brites olhou para a mata escura sem conseguir encontrar traço de sua caçadora.

— Liguem a tela do GPS. Quero ver onde ela está

Minutos atrás...

Tiago agarrou Eliana firmemente.

— Segure-se em mim e não grite.

Eliana sentiu o asfalto desaparecer debaixo de seu corpo. Em questão de segundos ela e o namorado estavam flutuando no ar. Depois corrigiu a impressão. Tinham varado a ponte desmaterializando-se e caíam em queda livre de encontro ao fundo do vale. Tiago agarrado a ela esticou um braço e puxou com firmeza o galho de uma árvore. Embrenharam-se na copa das mais altas e os galhos foram estalando um atrás do outro até baterem contra o chão nevado. Ficaram ambos gemendo no chão. Fossem humanos, estariam mortos certamente. Eram filhos da escuridão e a escuridão agraciava-os com alguns mimos por conta da maldição.

Tiago arrastava-se no chão coberto de neve e aproximava-se de Eliana, que gemia, experimentando uma dor profunda nas costas, cabeça e também nos joelhos.

— Eliana... - murmurou.

— Caraca, Tiago... Você não disse pra gente se separar? Deus! Que dor infernal!

— Vamos nos separar agora. Busque abrigo antes do amanhecer caso não nos juntemos a tempo.

— A japonesinha deixou a gente na mão - resmungou Eliana.

— Não deixou. Ela fez o certo. Eles são muitos.

— Você é bonzinho demais com ela. Tô começando a ficar com ciúmes.

Tiago riu.

Tiros no alto da ponte.

Os vampiros se entreolharam enquanto um uivo varava o ar.

— Ela voltou! - Gritou Tiago.

— Inferno! Agora fomos nós que deixamos a coitada na mão.

— Ela é uma loba, Eliana. Ela não fica na mão.

Junto com a frase proferida por Tiago, três soldados despencaram da ponte, gritando alto, desesperados, e bateram no fundo do vale, morrendo com a queda.

— Viu?

Eliana concordou com a cabeça. Tiago levantou-se e estalou as costas.

— Vamos subir. Temos que ajudá-la.

— Acho que não vão a lugar algum - respondeu uma voz diferente, cheia de energia, chamando principalmente a atenção de Tiago.

O vampiro olhou para o fundo do vale. Olhos amarelos, atraentes como o Sol, chamaram-lhe a atenção. Então o que era uma silhueta feminina revelou-se por completo. Uma mulher, uma vampira negra, com um longo vestido vermelho, caminhava em sua direção.

Eliana também ficou de pé e, mancando, alcançou Tiago.

— Quem é você? - Perguntou a vampira loura.

— Meu nome é Calíope. Vim para levá-los para o helicóptero.

— Você é uma de nós, vampira. Por que está mancomunada com o Serviço de Contenção?

Mais disparos foram ouvidos no alto da ponte. Outros gritos encheram o ar e dois novos soldados encontraram a morte quando bateram no chão, arremessados lá de cima.

— Acha que sou uma traidora? - Perguntou Calíope, mantendo a atenção dos vampiros sobre si, aproximando-se lentamente.

Tiago, pressentindo o perigo com a chegada da nova figura, segurou a mão de Eliana e puxou-a para perto de si.

— Ora, ora, ora... Vocês são namorados. Que bonitinho - brincou a cria de Ignácio.

— Não se aproxime mais, vampira. Não queremos te machucar.

Calíope sorriu.

— Você é bem petulante, rapaz. Estou aqui há séculos. Acha mesmo que terá alguma chance contra mim no caso de eu querer realmente fazer mal a ti?

— Você pode até tentar - redarguiu Tiago.

— Vocês não são tão poderosos assim. Sinto o sangue de Guilherme em ti. Essa é a razão da neve, não é? Observa como é fraco. Está machucado porque caiu da ponte. O frio está diminuindo porque está concentrado em curar suas feridas. Está consumindo sua energia rápido demais. Quer tomar um ou dois daqueles soldados antes de partir?

— Não se aproxime - rosnou entre dentes o vampiro, fazendo seus olhos brilharem na escuridão.

— Diverte-me com teu jeito vampiro. Acha que vai me intimidar com o vermelho dos teus olhos?

— Não quero intimidar ninguém, Calíope. Quero que você siga seu caminho, só isso.

Os olhos da vampira brilharam intensamente, o Sol ficou rubro e ela soltou um grunhido feroz pela garganta.

— Vocês seguirão o caminho que eu mandar - bradou, partindo para cima dos dois.

Tiago recuou alguns passos e evocou seu dom fantasma. Calíope atravessou o corpo do rapaz, projetando-se para o outro lado da ponte.

Yuli recebeu uma saraivada de disparos. Seus olhos não encontraram aqueles que buscava proteger. Uivou de dor. Os projéteis, mesmo não sendo de prata, furavam a carne. A loba avançou para uma fileira de soldados e abocanhou um deles. Saltou pela borda da ponte e pulou para as pedras da ribanceira com o infeliz preso nos dentes. Quando escondeu-se nas sombras, mordeu o pescoço do rapaz e tomou do sangue quente para regenerar as feridas. Tinha arremessado mais deles para baixo pouco antes. Assim que exterminou o pobre coitado, voltou-se para o fundo do vale procurando os corpos que ainda teriam sangue quente presos nas veias.

Calíope levantou-se rapidamente. Correu para baixo da ponte onde a luz fraca da Lua projetava uma larga faixa negra de sombra. Não seria o suficiente para escondê-la dos olhos dos dois vampiros, mas ajudaria. Galgou algumas pedras e então empregou sua velocidade sobrenatural dessa feita. Os vampiros giravam, buscando-a com os sentidos, mas Calíope foi mais rápida, desferindo uma poderosa joelhada nas costas da mulher, separando-a do amante.

Eliana rolou pelo chão até chegar à neve. Ainda sentia dores por conta da queda, agora sentia ainda mais dor por causa do ataque de Calíope.

A vampira negra voltou-se para Tiago. Desferiu um soco na direção de seu rosto, mas ele desviou-se com agilidade. Tiago agarrou Calíope com os braços e empregou seu dom frio, formando um anel de gelo ao redor da enfurecida vampira.

Calíope abriu os braços estraçalhando o círculo de gelo. Entrou em combate franco com o inimigo enquanto um fecho de luz desceu o vale. A aeronave de Brites descia até o fundo, onde existia espaço para que aterrissasse. Ela achou até que não seria má ideia ter a ajuda do capitão de Exército contra aquele ali. O sangue dos vampiros do Rio D'ouro deixavam mesmo os novatos cheios de energia e resistência.

Tiago não se assustou com o ataque de Calíope. Tinha enfrentado seis daqueles vampiros malditos, não tinha medo de encarar mais uma. O problema é que ela era rápida para diabos e Eliana aparentemente tinha saído de combate.

Calíope concentrou-se na mente do rapaz. Antecipando seus movimentos, seria impossível que ele levasse a melhor. Por conta dessa manobra, percebeu quando ele avançou e o que queria. Saltou para cima de uma rocha evitando uma rasteira que teria lhe tomado tempo. Com a posição vantajosa, saltou, agarrando o pescoço do homem, desferindo potentes socos em seu abdômen e batendo a nuca de Tiago contra a base da ponte.

Tiago tonteou com a pancada. Evocava seu dom de fantasma quando a vampira abriu um sorriso.

— Não, senhor. Não vai sair fácil assim.

Calíope trouxe Tiago para perto de seu rosto e empurrou-o novamente com toda a força contra a base de concreto, fazendo o concreto rachar junto com o crânio do vampiro. Tiago tombou desacordado.

— Sonhe comigo, chuchu - murmurou a vampira.

Arrastou o corpo grande de Tiago pelo braço com certa facilidade, colocando-o ao lado de Eliana bem quando o helicóptero de Brites tocou o chão e os soldados saltaram em seu socorro.

— Por que demoraram tanto? - ralhou a vampira.

Brites viu os dois vampiros tombados.

— Estão mortos?

Calíope franziu a testa e soergueu as sobrancelhas.

— Com certeza. Tão mortos quanto eu. Ah! Ah! Ah!

— Quis dizer...

— Eu sei o que quis dizer, capitão. Não pediu que eu acabasse com eles, que os exterminasse. Pediu que os capturasse. Isso eu faço, mas exterminar um vampiro que nunca me fez mal... Isso nunca.

Brites susteve o olhar da vampira. Nunca sabia quando Calíope estava falando sério ou não.

A vampira negra em vestido vermelho afastou-se da nave que lançava uma ventania incômoda, levantando neve e atrapalhando o campo visual de todos. Ela sentiu a presença da loba nos arredores, mas ficou calada. Já tinha despejado traição demais aos semelhantes para gozar de liberdade. Caminhou até os vampiros abatidos e pegou a mulher pela cintura. Levou-a até a aeronave.

— Ponham-na em algemas! Agora! - Bradou Brites.

Calíope estacou quando afastava-se mais uma vez. O tom de voz do capitão de Exército, enérgico e impiedoso, soou como a voz do feitor Clemente em seus ouvidos. Ela virou-se para o helicóptero. Eles prendiam a vampira loura de cabelos cacheados. Olhou para o rapaz caído. A neve lançada à sua frente dificultava a visão; ele estava ainda na mesma posição. Voltou-se para Brites.

— Quero todos os vampiros presos, imediatamente!

Calíope mordiscou os lábios.

— Calíope!

Ela encarou Brites que gritava seu nome.

— Onde está a menina loba? Nos diga a posição do monstro!

— Ela não é um monstro, adorado capitão. Ela é uma menina que está com medo.

— Vê todos esses soldados mortos à beira da ponte? Foi ela quem os matou! Como diz que não é um monstro?

— Ela é uma garotinha que foi abraçada, carregada contra a vontade para a vida escura. Quem é monstro nessa história? Vocês ou ela?

— Calíope! Dê-nos a direção. A vampira sentiu a loba à direita. Ela estava relativamente próxima, entocada entre rochas e arbustos aguardando a hora certa de

atacar e resgatar seus amigos.

— Só um segundo - retornou a voz segura e poderosa da vampira. Ela começou a caminhar em direção a Tiago, quando abaixou-se ao seu lado. Os militares assumiram que ela faria o mesmo que fez com Eliana, poupando seus músculos e trazendo-o para os ferros. Contudo, Calíope abaixou-se para apanhar uma pedra, cinza e lisa, do tamanho de um melão. Seria pesada para uma humana, mas era uma arma e tanto para uma vampira. A neve flutuando, agitada pelas hélices que giravam, garantiu que eles não atentassem para o ato dissimulado. Apenas Brites manteve-se concentrado na cativa. Ele sabia que ela poderia tentar fugir a qualquer instante. Uma mão estava no rádio, pronto para dar ordem de captura, e a outra na pistola com balas de prata caso precisasse detê-la a qualquer custo.

Calíope ficou de costas para o helicóptero. Inspirou fundo.

— Vamos, Calíope! Dê a direção da loba! É uma ordem! - Bradou Brites.

Ela girou com rapidez extraordinária e arremessou a pedra com precisão. O pedaço de rocha chocou-se contra as pás do estabilizador do helicóptero fazendo que faíscas escapassem da cauda da aeronave. Logo as pás se romperam e um princípio de incêndio fez que alarmes disparassem na cabine do piloto.

Calíope sorria, contente por ver que seu plano surtira efeito. Estavam no fundo do vale, na escuridão. Poderia servir-se de quantos soldados quisesse e desaparecer dali finalmente. A hora era bastante propícia.

Brites levantou a pistola e não disparou. Imaginava que a vampira tentasse escapar mais cedo ou mais tarde durante a missão. Pressionou o botão do rádio e ordenou:

— Plano de contenção 16. Agora!

O sorriso de Calíope desapareceu. A vampira tinha ouvido claramente que o capitão de Exército tinha falado ao rádio mesmo àquela distância. Ela deu passos na direção do líder militar que mantinha a pistola erguida, apontada para sua cabeça.

— O que pretende, capitão? Nada do que faça será capaz de me deter. Sou filha da noite e vocês transitam em meu território agora.

— Calíope... Exerce sobre mim uma atração que nunca vou compreender. Eu simplesmente desprezo seus semelhantes. A única figura do mundo das trevas que meu coração tem pena e apreço é você.

— Pena? Acha mesmo que o que quero de ti é tua pena?

Brites sorriu.

— Eu ouvi toda sua história, Calíope. Ouvi com atenção. Por isso asseguro-lhe, mulher, não sairá do meu lado enquanto não for minha vontade.

Calíope virou-se para trás.

— Um momento, capitão!

Seus olhos buscaram Tiago. O vampiro não estava mais lá.

— Ele está fugindo!

Ao mesmo tempo que ela gritava alertando os militares, Brites pressionou o rádio mais uma vez.

— Abortar!

Tarde demais. Os soldados que atenderam ao plano de contenção 16 já tinham lançado vários sacos do alto da ponte. Os fardos caíram velozmente, no entorno da vampira. Cada um que estourou contra o solo lançou milhares de grãos ao chão. Meia dúzia deles explodiram ao bater contra as rochas laterais, criando uma chuva de soja, substituindo a branca neve a cobrir o chão pelos grãos dourados.

— Não - balbuciou Calíope, visivelmente abatida, caindo de joelhos no chão.

O helicóptero, agora desligado por conta do acidente, não girava mais as pás das hélices e não fazia barulho.

Brites, arma erguida, correu na direção de Tiago que se arrastava com sofreguidão. Ele não poderia fugir. Era um oponente desejado. Deveria ser executado ali mesmo. Contudo, na ânsia de alcançar o vampiro gravemente ferido, Brites rolou no chão, vítima da própria armadilha, desequilibrando-se sobre as bolotas de soja que se amontoavam pelo caminho. Caiu próximo a Calíope.

Calíope, com os olhos sujos por lágrimas escuras, arreganhou o cenho e exibiu as presas, rugindo na direção do capitão.

Os soldados avançavam com os fuzis erguidos.

Brites, incrédulo, viu Tiago “entrar” nas rochas ao lado da base da ponte. O vampiro, como um fantasma, desapareceu do seu campo visual.

— Não atirem nela! Eu quero Tiago! Ele está ali! - Berrou, apontando a direção com a lanterna.

Um soldado do alto da ponte chamava Brites pelo rádio.

— Senhor! Acabei de receber um reporte do Rio de Janeiro, capitão!

Brites não respondeu. Seus olhos ficaram sobre Calíope. Ele não sabia se ela não podia ou não queria alcançá-lo por culpa dos grãos ao seu redor. Respirava rapidamente, assustado com o que acabara de ver.

Os soldados, quando aproximaram-se, ainda viram os pés de Tiago sumindo no meio das rochas. Os rapazes, atordoados, chegaram a fazer disparos inócuos e depois tentaram remover pedras que pesavam toneladas, sem sucesso algum. Tinham perdido o vampiro que fazia nevar.

O soldado de cima da ponte continuava chamando o capitão com insistência, sem receber resposta.

Brites tinha se levantado, tomando cuidado para evitar outro tombo. Seus olhos, entristecidos, acompanhavam Calíope, que, desnorteada, choramingando, parecia não estar mais neste mundo, contando os grãos de soja ao seu redor, juntando-os na palma de sua mão e, quando elas ficavam cheias e os grãos caíam fazendo-a perder-se nas contas, a vampira soltava gritos desesperados, voltando a contar, grão por grão. Ela morreria se fosse largada ali. O amanhecer chegaria certamente antes que ela tivesse a chance de contar um terço dos grãos que estavam ao seu alcance.

— Desculpe, meu anjo negro - balbuciou o capitão, tomando cuidado para não ser ouvido por seus comandados, sensibilizado pela imagem fragilizada da vampira. - Eu não tinha outro recurso. Não quero perder você de jeito nenhum. Perdoe-me.

Calíope não estava nesta órbita. Não tinha ouvidos nem olhos para nosso mundo. Tinha sido apanhada por uma das armadilhas que acompanhavam sua maldição e seu sangue. Ela tinha que contar os grãos.

Tinha que saber quantos existiam fechando sua passagem. Só assim se libertaria.

— Tragam as correntes de Calíope! - Berrou Brites.

O soldado em cima da ponte insistia.

— Um segundo, soldado. Providencie cordas para me tirar deste buraco!

Os soldados chegaram e algemaram Calíope que, estranhamente, não ofereceu resistência. Só começou a se debater quando enfiaram uma barra de prata de um metro entre as argolas das algemas, mantendo suas mãos perigosas uma afastada da outra. Quando foi erguida e levada à força para um segundo helicóptero que acabava de pousar do outro lado do vale, gritava como uma louca. Eliana, desacordada,

também foi carregada para o helicóptero enquanto Brites atava um mosquetão à corda que batia na rocha. Sua última ordem para os soldados em solo foi para que reconduzissem Calíope à sua jaula e que a vampira loura fosse aprisionada no galpão de Quitaúna. Foi içado, ouvindo novamente o soldado pelo rádio.

— Capitão, ao que tudo indica, um carro com três infectos em seu interior foi parado e detido sobre a ponte Rio-Niterói.

— Rio de Janeiro?! Era só o que me faltava! - Resmungou Brites.

Eliana sentia um frio no peito. Sentia-se perdida e confusa. Tinha sido tudo tão rápido. Não vira de onde aquela vampira dos infernos tinha vindo. Só lembrava de voar para longe de Tiago e arrebentar-se contra o chão, lutando para se levantar e finalmente desmaiando. Agora aqueles soldados estavam sentados em frente à sua cela dentro do helicóptero, encenando um mórbido e irônico quadro. Aqueles soldados deveriam ser os mesmos pelos quais rezara, semanas atrás, quando era cativa dos malditos vampiros do Rio D'ouro. Tudo tinha se invertido. Eles eram seus captores e ela rezava para que vampiros a socorressem.

— Bela merda de vampira eu sou - murmurou baixinho.

Os soldados ergueram os olhos para ela.

Eliana virou-se de lado e baixou a cabeça. Sua irritação era justificada.

Desde que todo esse tormento tinha invadido sua vida, nos momentos críticos só via-se como vítima dos fatos. Nunca era ela a salvadora de ninguém.

Nunca resolvia o que seria feito a seguir. Era como a bailarina da caixinha de música, a rodar na direção que o imã a conduzia, e nesse maldito conto o tal do imã atraía a pobre bailarina bem como um turbilhão de problemas que acabava se engalfinhando em seus pés, subindo pelas pernas e vendo até a cabeça, fazendo-a girar até ficar tonta e completamente perdida. A única coisa que tinha para aquecer seu coração morto era a certeza, como desde o início, de que, neste exato momento, Tiago estaria maquinando uma forma para colocá-la em liberdade antes que fosse tarde demais. Desta vez Eliana sentia uma necessidade, uma necessidade de provar para ela e para seu amado e para todos que acompanham suas desventuras que era capaz de ajudar e não de ser apenas um estorvo nesta vida. Ela de alguma forma romperia os grilhões de prata e armaria o maior rebuliço. Daria um jeito de se livrar daquelas algemas e unir-se a Tiago, antes que o amado colocasse o pescoço em risco por sua causa pela enésima vez.

CAPÍTULO 65

*E*nquanto isso, no norte do país, em plena e selvagem floresta Amazônica, a fumaça resultante da queima de óleo nos motores de imensos caminhões e tratores maculava o azul do céu. As obras para a implantação da ousada unidade de extração de celulose da SML mostravam-se irreversíveis e arrojadas. A pista de pouso aberta há poucos meses recebia visitas diárias de grandes aviões cargueiros que vomitavam material e pessoal para que a hercúlea infra-estrutura se estabelecesse. Tal qual a semente de uma árvore, as máquinas da SML trabalhavam, germinando, alastrando-se, tomando conta daquele pedaço de chão para abrir espaço na floresta até então intocada. Homens suavam, com gotas oleosas e salinas escorrendo pela nuca, pescoço e peito, enquanto empunhavam como cavaleiros medievais longas motosserras devoradoras de cascas e troncos que, em questão de minutos, sem cerimônia ou respeito algum, tombavam gigantes que estiveram por ali desde tempos imemoriais. O ronco dos motores ficava pequeno quando as colossais senhoras da mata rangiam, e seus galhos pareciam querer se agarrar às irmãs e iam quebrando e estralando no caminho de descida, enquanto pendiam e tombavam, vítimas do dinheiro e da ambição. As árvores antigas exalavam o cheiro da morte; moribundas, levavam horas até estarem de fato mortas, sem que lágrimas escorressem dos rostos do que a tudo assistiam, sem que tivessem despedidas ou uma mão carinhosa para acariciá-las enquanto as últimas energias abandonavam seus corpos.

Caminhões de força bruta e tratores lançavam correntes aos cadáveres milenares e arrastavam os corpos, deixando o rastro de sangue verde, a seiva viva, que escorria das toras, crepitando, como se elas, as irmãs, murmurassem e chorassem umas pelas outras. Choro de tristeza. Quem quisesse sentir, sentiria o cheiro no ar. O cheiro da partida. O cheiro do ódio, clamando por vingança.

Eram poucos os homens ali presentes que tinham ouvidos bons o suficiente para escutar a mata. Escutar os grunhidos, gemidos e urros dos animais apavorados com a chegada daqueles monstros que faziam suas amigas perderem o equilíbrio e, de forma que nunca tinham visto antes, caírem uma após a outra, abrindo um espaço desgraçado, abrindo passagem para outras feras ainda mais vorazes que destruíam tudo o que tocavam. Bichos de ferro que cravavam dentes em árvores que nada de ruim tinham feito a eles. Bichos famintos que iam acabando com tudo pela frente, acabando com qualquer coisa, sem parar, sem respirar. Maldade pura. Os bichos da

selva se assustavam com o bicho homem. O barulho invasor dos tratores e das serras, dos motores e dos aviões espalhava-se por todos os cantos, infiltrava-se na mata e viajava para os fundos escuros e inexplorados da Amazônia. Chegavam em grotas onde poucos ou talvez nenhum ser humano tivesse posto os pés no passado. Acordavam onças, acordavam serpentes, levantavam tucanos, debandavam dúzias de espécies de macacos e despertavam guardiões, guardiões que detestavam o despertar. Guardiões que não eram surdos às serras nem aos tratores. Os seres humanos estavam invadindo um território sagrado, que deveria permanecer intocado a qualquer preço.

O senhor Lacroix, a bordo de seu helicóptero de trabalho, cruzava quilômetros e quilômetros de um manto verde-esmeralda. A selva logo abaixo da aeronave era compacta e impenetrável. Não foram poucas as histórias que o francês tinha ouvido em sua terra natal, antes de partir para o Brasil, sobre empresários ousados e pessoas inexperientes que desapareciam sem nunca mais serem encontradas nas matas brasileiras. Expedições inteiras de homens experientes em caminhadas na selva, unidades do Exército brasileiro e da Legião Estrangeira já tinham sido devoradas pelo verde. A mata amazônica era tão misteriosa quanto suas lendas. Lacroix não achava nada daquilo impossível estando naquela posição privilegiada, voando a centenas de metros de altura e tudo o que sua visão alcançava no horizonte eram árvores atrás de árvores, nada mais. Se o aparelho sofresse uma pane, bem ali, tinha certeza que seu nome engordaria a lista de aventureiros perdidos e mortos na mata selvagem.

O piloto disse que chegariam em mais vinte e um minutos. Com esse dado, Lacroix calculou que em quinze já seria possível ver o largo rio que cortava suas terras e que, alguns minutos atrás, já tinham entrado em seus domínios. Cada metro de verde ali debaixo pertencia à sua gigante SML Nature Benefits e, certamente, metade daquilo tudo desapareceria em sua busca pela verdade. Tantos anos estudando as nações antigas não teriam sido em vão. Aquela fixação pela História tinha começado em conversas com seu avô, um dedicado historiador e arqueólogo, fascinado pelo Império Inca. Foi da boca de seu avô que ouvira pela primeira vez sobre a Estrada do Sol. Uma estrada que cortava desde Cuzco, no Peru, desembocando no Atlântico, na cidade costeira brasileira, chamada São Vicente. Quando o avô o levou à selva amazônica pela primeira vez, para que visitasse vestígios de casas de pedra erigidas pelos Incas para que seus mensageiros descansassem durante as missões, visitando escadas antigas, que dariam em templos perdidos no tempo, o fascínio do então pequeno Sebastian só fez aumentar e transformou-se em pura obsessão na ocasião em que o avô, às vésperas da morte, confidenciou-lhe algo secreto, algo que nenhum outro historiador conhecia além das

lendas. A entrada para a Estrada da Lua. A estrada para adorar o deus da guerra e da morte. A Estrada da Lua guardava segredos que homem algum tinha penetrado. Eram todos cuspidos para o inferno antes que chegassem perto do templo do Deus Noite. O templo que nunca chegara ser completado. O templo que guardava tesouros imateriais, poderes nunca experimentados. Sebastian engoliu a revelação e tentou domá-la, guardando-a em seu peito e sua mente por décadas. Preparando-se para um dia ser o homem que teria o privilégio de revelar ao mundo esse templo perdido, esse tesouro escondido. Ser o primeiro a se beneficiar dos caminhos secretos da Estrada da Lua.

Lacroix escutou os dispositivos mecânicos do trem de pouso e novamente olhou pela janela. Seu sorriso cresceu. As máquinas e motosserras lá tinham aberto um descampado ao lado da pista de pousos e decolagens maior que dez estádios. Via uma dúzia de tratores, avançando de encontro à borda da mata nativa, outros voltando, arrastando toras imensas. As toras cortadas de forma quase simétrica eram empilhadas em amontoados próximos à pista, parecendo de longe grandes contêineres. O helicóptero fez um giro e baixou mais rápido, depois desacelerou. O céu se impregnou de areia e o pouso suave foi sentido.

Lacroix tirou o cinto de segurança e um de seus funcionários abriu a porta levadiça, enquanto degraus automaticamente chegavam ao chão. O francês sentiu o bafo morno da selva invadir o ar frio da aeronave. Lá fora a temperatura beirava algo próximo ao insuportável para um europeu, Lacroix abanou-se com seu chapéu panamá por alguns momentos e caminhou decidido em direção ao descampado, abandonando a pista de terra e pisando sobre os primeiros restos de vegetação. Abaixou-se e deixou os dedos penetrarem um solo argiloso que, segundo os melhores geólogos e agrônomos à sua disposição, era rico em húmus, mas pobre para o replantio de árvores fornecedoras de celulose. Os custos para preparar aquele terreno para replantio quando necessário seriam proibitivos até mesmo para um francês milionário e excêntrico. Não era à toa que alguns de seus especialistas mais chegados deram tapinhas em suas costas e brincaram, chamando Lacroix de velho louco e, aqueles que conheciam ainda mais a velha raposa da pequena Sarlat, logo perguntavam o que, de verdade, Sebastian Maurice queria naquele lugar.

Foi Jânio quem viu primeiro. O índio macuxi vinha andando de olhos arregalados, como se tivesse desnortado com tanta árvore derrubada. O índio parou perto da máquina de Jânio e ajoelhou-se, colocando a testa no chão repetidas vezes e com lágrimas descendo pelo rosto. O funcionário da SML desligou a máquina e

desceu.

— Hôme, não pode ficar aí, não. Vai passar caminhão, vai passar trator.

O índio não se moveu. Olhava com aquela expressão travada para o amontoado de troncos, para o mar de raízes saltando da terra destruída.

Jânio aproximou-se do índio seminu, com o corpo pintado e uma lança nas costas. Pôs a mão em seu braço no intuito de levantá-lo.

— Não! - gritou o índio com sotaque carregado.

— Eita! Não dá trabalho, moço. Qual é seu nome?

O índio não respondeu.

— Levanta daí, tenho que tirar essa raiz embaixo da sua bunda.

— Você não devia juntar com homem de fora.

Jânio assustou-se a princípio e depois sorriu.

— As notícias também correm no mato, né, cacique? Já sabe que aqui é terra do francês?

— Não. Não é terra do francês. É terra do fundo. Não devia mexer com terra do fundo.

— Aqui é tudo legalizado, viu. Ninguém tá fazendo nada de errado, não, cacique. Pode ir em paz.

— Paz é palavra que o homem não respeita.

Jânio calou-se desta feita. Diacho de índio sabido dos infernos!

— Homem não gosta de paz. Por isso tá aqui. Homem é bicho que quer mais. Homem não satisfeito com homem, com coração do homem. Homem sempre quer mais.

— É. Os homem são assim e as mulher pior um bocadinho.

— Homem de fora chega na terra do fundo sem ser chamado pela terra. Não é direito. Não pode mexer na terra da noite. Anhangá não deixa isso passar sem esfriar o coração de muitos homem.

— Ih! Cacique tá doido, é? O homem de fora aí é cheio de segurança. Tem dinheiro e bala pra matar Anhangá se vier encher as paciência. Ele quer fazer papel, só isso.

Nessa hora o índio ergueu os olhos para Jânio.

— Anhangá não é bicho vivo nem bicho morto. Anhangá nem é quando não quer. Anhangá não é bicho vivo nem bicho morto.

— Pára, hôme. Tá me assustando.

— Anhangá vem esfriá coração de homem de fora. Avisa homem de fora.

— Aviso nada. Gosto muito do meu emprego. Manda Anhangá ir caçar mais o que fazer do que ficar esfriando o coração dos outros. Vai, chispa daqui, índio do cacete. Vai.

O índio levantou-se e ficou parado, mais lágrimas descendo.

— Escuta. Te dou uma garrafa de cana e você some, tá bom?

O índio balançou a cabeça, concordando. Jânio foi até a boleia do caminhão e apanhou uma garrafa de seiscentos miligramas onde tinha deixado um pouco de aguardente para esquentar a madrugada.

— Bebe devagar que não quero...

Jânio estacou. Foi o tempo de pegar a garrafa para o índio simplesmente desaparecer. Seus olhos varreram todo o descampado imenso aberto pela SML, tingido pelo vermelho do pôr-do-sol. Em meia hora já escuro e os geradores ao lado do caminhão-casa do velho Lacroix começariam a funcionar para acender a iluminação improvisada para o trabalho seguir noite adentro. O funcionário coçou o queixo novamente. Nem sinal do macuxi.

CAPÍTULO 66

O médico legista entrou mais uma vez na sala de autópsia do necrotério do Bela Vista. Ele era médico do Exército e tinha sido chamado com urgência no final da tarde. Ouviu uma breve descrição da missão à qual o soldado deitado na lajota fria tinha sido submetido. Diziam que tinha despencado com outros soldados do Serviço de Contenção dentro do ônibus adaptado no Rio Grande do Sul. Talvez por isso tivesse a mão costurada ao braço. No entanto, outra coisa chamava a atenção. A marca dupla no pescoço. Aquele pobre rapaz tinha sido atacado pela infecta que transportava, a garota lobo, Yuli.

O médico legista terminou o exame externo fazendo várias anotações na papeleta. Lábios cianóticos, perfurações que alcançavam a jugular. Colheu traços de saliva do pescoço manchado com sangue e também da boca, separando o material para análise.

Quando apanhou o bisturi para iniciar a primeira seção nos órgãos internos, sentiu um arrepio na espinha. Tinha tido a impressão de que o morto tinha respirado. A sensação de que ele tinha inflado o tórax. O médico militar ficou imóvel. Abriu sua maleta e apanhou um aparelho. Foi quando viu o morto abrir os olhos. Diego não estava mais inerte. Tinha sido infectado por Yuli. Agora não era mais um soldado. Era um deles. Um noturno. Um infecto. O médico ergueu o aparelho que pegou. Uma pistola com injetor de substância neutralizante de infectos. A descarga do líquido com alho entrou no corpo de Diego que pouco entendia sobre o que se passava. O jovem virou a cabeça para o lado e viu outro cadáver na bancada paralela, com o abdômen aberto e com uma espécie de aspirador drenando-lhe os líquidos do bucho. Diego tentou gritar, mas só escapou um resmungo de sua boca.

O médico, alarmado, já tinha se levantado e se afastado. Por fim o líquido exerceu seu efeito, fazendo a cabeça do vampiro tombar e cerrar os olhos mais uma vez. Sem perda de tempo, o médico solicitou uma viatura do Serviço de Contenção. Mais um daqueles malditos seria encarcerado em Quitaúna.

CAPÍTULO 67

A dupla de caçadores tinha rodado quase a madrugada inteira sem conseguir encontrar um sinal de um vampiro desgarrado. Desde que os humanos começaram a obedecer o toque de recolher não obrigatório, sugerido pelo Serviço de Contenção, as ruas ficavam desertas antes da meia-noite. Tinha que rodar com os olhos mais que atentos. Um procurando por vampiros, por caminantes da noite. Outro procurando por comandos da polícia militar e do Exército. Se fossem parados e detidos com tanto armamento pesado no carro, a história de que também eram caçadores de vampiros não ia colar e cedo ou tarde iriam parar no xadrez.

As horas passavam e a fome aumentava. Como os olhos nada viam, também pesavam com o sono que vinha bater contra os vidros blindados do Comodoro negro do Matador.

— Minha barriga tá roncando, irmão. Melhor a gente parar - queixou-se Tobia.

— Vamos virar mais umas ruas. Segura mais dez minutos. Esse negócio de não encontrar nenhum vampiro já está dando no saco.

— Fique feliz então.

— Feliz eu ficaria se soubesse que não existem mais, mas sabemos muito bem que os filhos da mãe estão escondendo os rabos por causa desse alvoroço do Exército.

Tobia não respondeu.

Nada. Os olhos treinados de Dimitri não encontraram um estranho nas ruas. Começou a rodar de volta a Osasco, pegando as ruas do Butantã, procurando algum improvável boteco com as portas abertas naquela atípica madrugada. Já estavam na Corifeu quando acharam uma porta iluminada, lançando luz para a calçada. Dimitri e Tobia, trajando sobretudos, o primeiro negro absoluto e o segundo um de couro marrom-escuro, adentraram o bar. Os poucos fregueses mal ergueram as cabeças. Das cinco pessoas lá dentro, três estavam completamente embriagadas, jogadas sobre cadeiras e mesas de ferro próprias para o jogo de truco. Um senhor cego e barbudo mexia uma caneca com moedas, pedindo esmola a quem entrasse, enquanto a quinta pessoa, uma senhora gorda, de vestido velho e lenço na cabeça, era a

proprietária da espelunca.

— Que vocês vão querer, doutores?

Tobia olhou para o balcão e viu na estufa aquecida salgados com aparência de terem surgido ali na semana passada. Não se animou.

— Dá o menu, por gentileza.

Dimitri sorriu por conta do pedido do amigo. Já até imaginava a resposta.

— Menu-quê? - Perguntou a senhora, franzindo a testa. Tobia suspirou.

— O cardápio, senhora.

— Olha, filho, isto aqui é um boteco. Tem cardápio, não.

O velho pedinte riu alto e chacoalhou a caneca.

— O que tem para beber?

— Água e pinga.

Tobia suspirou de novo e olhou para Dimitri.

— Dá duas pingas, dona. Velho Barreiro - pediu, Dimitri. - Assim a gente esquenta um pouco.

— A senhora tem algum aperitivo descente, que não vá atacar o meu fígado?

— Esquece esse fresco, dona. Frita duas linguças, faz favor.

— Linguiça tem.

— Eu sei. Frita duas aí, na chapa.

— Pode deixar, apronto logo.

A senhora acendeu o gás da chapa e despejou um pouco de óleo usado, escuro como o coturno dos visitantes. Tobia fez uma careta de nojo.

— Por que essa cara, homem de lata? Você que tá com fome. Agora come.

— Acontece que se eu morrer hoje por conta dessa gororoba quero ver como você vai dar conta de caçar vampiros sem um outro Tobia no mundo.

— Ah! Ah! Ah! Come a linguça, garanto que não é disso que você vai morrer. Ah! Ah!! Ah!

— Ai, Jesus! - Entrou um outro pinguço no boteco, gritando e cortando a risada

de Dimitri, que já tinha sacado a pistola.

O mendigo entrou tremendo e se jogou aos pés de Tobia.

— Moço, ajuda. Eu vi um cadáver vivo. Um morto andando, daqueles bem branquelos que apareceram na TV!

Dimitri e Tobia trocaram um olhar ligeiro. Interrogaram o mendigo e correram para a calçada.

— Ei! Tô fritando as lingüiças! - gritou a mulher.

— Guarda que a gente já volta.

Dimitri correu na direção apontada pelo mendigo. Desceram uma rua escura em sentido a uma escola estadual em reforma, cuja parte inacabada servia de dormitório ao pobre diabo. Antes de entrar na escuridão da obra, Dimitri sinalizou para Tobia esperar. Ambos tiraram os óculos de visão noturna de dentro dos sobretudos e, com pistolas erguidas, adentraram o ambiente que tinha ganhado cores esverdeadas. Caminharam lentamente. Silêncio. Silêncio demais da conta. Avançaram aos poucos. Dimitri entrou no cômodo. Ouvia seu coração batendo. A jugular pulsando no pescoço. Apontou arma e lanterna para a porta no meio do caminho. Chão ainda de barro. Uma pilha de mais de dois metros de altura de blocos prontos para serem assentados. Chegou à porta e lançou a lanterna para dentro. Nada. Talvez o mendigo estivesse sonhando ou bêbado demais para notar que tinha se enroscado em andaimes e não nas garras de um infecto. Ele não tinha dito que tinha sido apanhado. Só mencionara ter visto algo que achava ser um cadáver. Algo que se moveu. Parecia um cadáver, mas não era. Parecia um infecto, mas não era. Dimitri bufou.

Tobia acompanhava o amigo de perto. Vendo o novo cômodo vazio, retornou. Parou junto à pilha de blocos. Apurou os ouvidos. Escutava alguma coisa. Um gemido. Um gemido de esforço.

O vampiro não acreditava no que via. Aqueles dois estavam seguindo seu rastro. A última vez que topara com o par de caçadores tinha sido nos prédios abandonados do bairro Presidente Altino, em Osasco. Tinha fugido a pé para o Jaguaré e agora estava no Butantã e os filhos da mãe continuavam na sua cola. Paulo ficou calado e imóvel. Tudo culpa daquele bêbado filho da mãe! Só podia! Custava colaborar? O vampiro sabia que tinha que perder o medo de matar, perder a pena da presa. Dava nisso. Hesitou quando o bêbado gritou de susto ao ser tocado. Não podia hesitar. Tinha que matar a vítima e pronto. Calar a boca com a mão sobre os

lábios e cravar os dentes. Até estava se acostumando com o sabor do sangue. Só que essa coisa de ser assassino não entrava em seus miolos. Contudo, se não fizesse alguma coisa, aqueles dois acabariam com ele. Um tinha sumido e o outro estava ali, parado, em frente à pilha de blocos onde tinha feito esconderijo. Os blocos estavam apoiados num estrado de madeira. Paulo recostou-se na parede. Era só empurrar que o muro de blocos soltos ruiria sobre o caçador. Apoiou as costas e forçou com os pés. Precisava de mais força. Pediu ao corpo mais força. Gemeu ao empurrar mais os blocos e, milagrosamente, seu corpo atendeu, criando mais energia nos músculos do que estava habituado a empregar. Os blocos desmoronaram sobre o caçador que ficou preso.

Paulo, feliz com o resultado, ouviu o grito da vítima apanhada de surpresa e saltou para cima dos blocos. Cravaria os dentes em seu pescoço. Assustou-se. O maldito tinha um capuz de prata. Estava desacordado e gemendo de dor. Baixou a prata que protegia sua garganta e cravou os dentes no pescoço do infeliz. Paulo recuou e cuspiu.

— Argh! Que gosto horrível!

— A gente come alho antes de sair para caçar - disse Dimitri, surgindo e apontando a pistola para o inimigo.

Paulo sentiu-se zozzo e seus músculos amoleceram. Não conseguiria manter-se de pé.

— Não gostou do sangue do meu chapa?

Paulo balançou a cabeça negativamente.

— Experimenta isso aqui então.

Dimitri puxou o gatilho e descarregou a pistola no peito do vampiro. O rapaz, com dentes incisivos prolongados, cambaleou e tombou imóvel. Dimitri tirou a segunda pistola do coldre e também descarregou no rosto do maldito desta vez.

Carregou Tobia desacordado para o Comodoro.

Assim que foi alojado, o homem começou a se restabelecer. Abriu os olhos assustado.

— O que aconteceu?

Dimitri, dirigindo, encarou o amigo.

— Foi por um triz, bichão. O cara cravou os dentes no teu pescoço. Não tá

sentindo?

Tobia passou a mão sobre a pele machucada e dolorida.

— Sem chance! O cara me mordeu mesmo?

— Mordeu. Só que teu livro deu a dica certa. Assim que tomou um gole do teu sangue cheio de alho ficou igual barata tonta.

Tobia suspirou.

— Você podia ter embarcado dessa vez.

Tobia olhou para Matador.

— Podia mesmo.

— E aí? Quem ia continuar com esse seu lance de caçar vampiros?

— Para tudo tem um jeito, meu amigo.

— Só que com você morto, adeus linhagem dos Tobia. Seu nome ia desaparecer.

— Já dei um jeito nisso. Não tô querendo me enrolar agora com mulher nenhuma... Mas já dei um jeito nisso.

Dimitri franziu a testa.

— Deu jeito? Que tu anda fazendo nas horas de folga?

— Não é da tua conta, abelhudo. Só estou garantindo que esses safados não se livrem dos Tobia. Minha descendência está garantida.

— Ah! Garotão! Anda dando umas borrachadas por aí, né? Fala o nome da pilantra que tá prenha do Tobia, fala!

— Não tô dando borrachada nenhuma, homem, me respeita!

— E não fala nada pra mim. Vou te contar, viu...

Os dois riram, mas Tobia voltou a se calar. Realmente, aquela tinha sido por um triz.

CAPÍTULO 68

Jânio puxou a alavanca forçando a retroescavadeira. A concha de aço enfiou os dentes metálicos no chão e, quando o operário inverteu a alavanca, subiu arrancando as raízes ainda vivas que se enfiavam na terra. O motor da máquina amarela roncava em coro com mais nove. Apesar de a madrugada já ter entrado alta, passando das três da manhã, a fome das motosserras e caminhões a serviço da SML não cedia. Continuavam, famintas, implacáveis, avançando metro a metro, abrindo mais e mais a floresta. Com dinheiro, o desmatamento avançava vinte e quatro horas por dia, sete dias na semana. Jânio ainda não estava habituado ao turno da noite, mas nada que aquele salário fantástico, caído do céu, vindo pelas mãos do pastor do vilarejo de Cacira, pagando hora extra e adicional noturno e tudo mais que um emprego registrado podia oferecer no Brasil não desse jeito. O sono seria acostumado ao dia e os olhos treinados para a noite. Logo aquela dor de cabeça incômoda deveria desaparecer. Jânio deixou a retroescavadeira ligada, saltou para o chão e esticou as pernas. Outra vantagem fabulosa de trabalhar naquele horário é que não havia um sol escaldante em cima de seu couro, fazendo-o esvair-se em suor, e a noite estava até que mais fresca do que de costume.

O funcionário olhou ao redor. Tudo que ouvia eram os motores daqueles bichões de ferro, esparramando a luz dos faróis para lá e para cá. A SML colocava postos com luzes poderosas a cada cem metros avançados. Era impressionante aquela visão, dos caminhões, tratores e retroscavadeiras avançando pela floresta no meio da madrugada. Pareciam seres vivos autômatos, zanzando em meio àqueles postos, formando uma visão surreal, contrastando o deserto de luz com a floresta negra. Caminhou no chão irregular, todo revolvido pelos grandes e grossos pneus dos tratores e caminhões e o emaranhado de restos de raízes teimosas. A quantidade de árvores arrancadas naquele primeiro dia era impressionante e seria difícil fazer alguém em Cacira acreditar sem que fosse até lá e visse o velho vale, chamado na região de Anhanguera, todo aplanado e com tanta árvore tombada. Jânio puxou o fumo de corda do bolso da camisa velha e fina e tirou o canivete do bolso da calça. Olhou ao redor. Nenhum supervisor por perto. Tinham pedido para ninguém fumar ali na base da SML durante o serviço, mas uma paradinha para afugentar a dor nas costas e a dor na cabeça não ia fazer mal a ninguém. Com habilidade de quem fizera aquilo desde os doze anos, encheu uma palha com o fumo e logo ajeitava o cigarro no beijo. Acendeu, riscando o palito no fósforo e, vendo de relance, seus olhos se

encheram de tristeza. Deu a primeira baforada com aquela imagem gravada na sua retina. Tinha se virado para a face que dava para o rio. Não existia mais nada. Só terra. Terra devastada. Ouvia na televisão o tempo todo que tombar a floresta era coisa ruim. Os agentes do IBAMA, virava e mexia, estavam em Cacira, orientando a população a denunciar as madeireiras irregulares. Seu irmão mais velho tinha morrido em conflito com madeireiros. Agora ele estava ali, trabalhando para uma multinacional francesa, que tinha no papel o direito de explorar Anhanguera. Os mesmos agentes que vinham reclamar e conscientizar tinham aparecido no boteco do Leôncio e dito para todo mundo que a SML era uma boa coisa para a região, principalmente para quem morava em Cacira, que ali não ia ter um pai de família desempregado. Quando os jovens perguntaram do prejuízo ecológico que a região sofreria, os fiscais do IBAMA fizeram coro com o prefeito e outros políticos que, de uma hora para outra, apareceram por lá. Todos batiam no mesmo ponto de que a empresa só trabalharia no vale Anhanguera. Terra tida como maldita e de nenhum valor. Que mal haveria em deixar aquele francês maluco investir milhões de dólares por ali, derrubar um décimo do que previa e depois abandonar Anhanguera assim que descobrisse ser impossível prosperar ali? Nenhum. Que aproveitassem então a chance diante de seus olhos. Que trabalhassem e fizessem seus filhos felizes. Se o francês fosse bem-sucedido no fim das contas, melhor ainda. Os empregos seriam duradouros e nos planos da SML o reparo ambiental era destacado com primor. O francês maluco não era tão maluco assim. Tinha consciência. Pensava no futuro de Cacira. Baboseiras escorridas e desfiadas. Um rosário de floreiros para deixar o gringo fincar o pé na região e desmaiar. Matar. O índio é que estava certo.

Tinha aparecido sem ser convidado. Tinha avisado. Coisa boa não era bulir com Anhanguera. Anhangá não deixaria isso passar sem esfriar o coração de muitos por ali. Anhangá não era bicho vivo nem bicho morto. Anhangá nem era.

Rememorando estas coisas, lembrando o irmão morto e do salário no fim do mês, Jânio dava as últimas tragadas em seu cigarro de palha, sentindo um arrepio na pele. A máquina às suas costas tremendo como um cão raivoso, esperando seu chamado para atacar mais árvores, mais raízes. Jânio jogou a guimba no chão e pisou-a com a bota. Deixou os olhos na mata. Distante coisa de duzentos metros de onde estava agora, viu um brilho no meio das árvores. Sentiu o coração acelerado. Anhangá não era bicho nem vivo nem morto. Era espírito. Era a floresta. Suspirou e subiu no trato mirando novamente o ponto luminoso. Contavam tantas histórias daquele lugar. Lugar que nem índio queria morar. Lugar que aventureiro nenhum conseguiu fincar o pé. O brilho desapareceu. Sabia que estava impressionado, sugestionado pela presença do índio. Aquilo era provavelmente olho de onça ou qualquer outro bicho coitado que teria de arranjar outro canto para se entocar, para

tentar viver. Pobres bichos. Pobre floresta. Tudo seria removido dali.

CAPÍTULO 69

Bruno passou a mão pela cabeça pela quinta vez.— Se eu estivesse indo a pé já tinha chegado lá.— Não dá pra passar por cima dos carros, meu irmão.

— Mas não tem sirene neste carro? O Bert disse que ele é cheio dos truques.

— Não tem sirene, nem hélice.

— Tão parecendo dois adolescentes idiotas.

Alexandre olhou para Patrícia pelo retrovisor.

— Será que parecemos adolescentes idiotas porque somos adolescentes? - Rebateu, enervado.

— Essa merda de trânsito não anda! - Gritou Bruno.

— Se joga da beira da ponte e vai nadando até Niterói.

— Fez bem o Samuel. Já deve estar perto da Ilha de Boa Viagem.

Foi a vez de Bruno olhar para trás enciumado com o comentário.

— Ele mesmo disse para não virmos todos juntos. Ele iria ficar de olho em Isabela. Se ela chegar até a bruxa antes da gente, daria um jeito de segurar as pontas. Divididos também obrigá-íamos a Isabela ficar atenta.

— Eu sinto a vampira bem próxima da gente. Acho que ela também não está... Não está bem.

— O Raul está com ela? - Perguntou Alexandre.

— Está.

— Pronto, é isso. Ela não está bem porque está perto daquele vira-casaca.

Patrícia baixou a cabeça e passou a mão no pescoço.

— Estou falando sério. A vampira foi ferida. Ferida por Raul e por uma outra vampira... Uma vampira muito perigosa.

— Mais perigosa que Isabela? Uma das antigas? Como é que pode ser? -

Questionou Bruno.

— Aléxia!

— Opa! Aléxia está aqui no Rio? Aliás, está aqui por perto?

— Está. Aléxia atacou Isabela. Raul também. Se as coisas não andam bem para o nosso lado, também não estão nada bem para o time de Ignácio.

— Isso pode ser bom e pode ser ruim.

— O que quer dizer? - Bruno pigarreou.

— Aléxia era a mulher de Sétimo. Se nós fomos feitos seus soldados por intermédio dos homens de Agnaldo e temos poder suficiente para enfrentar a pupila de Ignácio, você tem um dom mental avançado, imagina o que essa Aléxia não é capaz de fazer.

— Opa!

Todos olharam para Alexandre. O amigo tinha se espantado com alguma coisa.

— O que foi?

— Os carros estão formando uma fila única.

— Pode ser um carro quebrado. Um acidente.

— Seria muita sorte a nossa. E desde que isto tudo começou não lembro de sorte nenhuma batucando a nossa porta.

Alexandre tinha razão. Patrícia empertigou-se e apurou a visão. Via soldados mais adiante. Soldados colocando cones nas pistas da ponte. Estava afunilando a passagem.

— Eu falei. Olha lá. Estão revistando os carros - queixou-se Alexandre.

— Pode ser alguma coisa ligada ao narcotráfico, pode até ser coisa ainda vinda daquela confusão no morro do Cantagalo.

— Já falei que seria sorte demais, Bruno. Esses caras estão sabendo que têm vampiros cruzando a ponte.

— Como iam saber da gente?

— Do mesmo jeito que ficaram sabendo que estávamos no túnel Ayrton Senna. Do mesmo jeito que a polícia soube que havia invasores na casa do velho Oscar no primeiro teste aplicado por Ignácio.

— O filho da mãe denunciou a gente.

— Esse carro tem um localizador. Somos um bando bem estúpido de conspiradores - juntou Patrícia. - Devíamos ter trocado de carro.

Bruno olhou para trás. Luzes de giroflex banhavam a noite e denunciavam viaturas vindo também por trás. A pista oposta estava ficando deserta. Boa coisa não era. Talvez desta vez Alexandre estivesse coberto de razão. Era possível que Ignácio os tivesse denunciado para evitar que chegassem até Samuel, que chegassem até Niterói e salvassem a bruxa.

— Preparem as armas. Acho que vamos ter que abrir caminho à nossa própria sorte.

Alexandre e Bruno olharam para Patrícia pelo retrovisor. A líder do bando não era nem sombra daquela vampira frágil de semanas atrás. Era agora uma mulher, uma criatura decidida e destemida. Se lhe dessem um objetivo, ela o atingiria custasse o que custasse.

Dezenas de metros abaixo da ponte, balançando ao sabor da maré, Isabela, com um cachecol fazendo as vezes de curativo em volta de sua extensa e dolorida ferida, mandava o marujo dar força ao motor do iate. Queria que circulasse a ponte. A vampira tinha acabado de ser informada por Ignácio que o trio dentro do Lexus prata seria cercado e preso pelo Serviço de Contenção. Raul queria ver tudo de camarote. Já ouviam as sirenes lá no alto, cantando e fechando a ponte dos dois lados.

Assim que receberam o pedido de apoio do Serviço de Contenção do Exército, o comando da polícia carioca mobilizou viaturas para cercar os prováveis infectos na ponte Rio-Niterói. O secretário de segurança pública avisado rogou ao comandante da Polícia Militar que agissem com rapidez posto que aquele era o primeiro registro de infectos no Rio de Janeiro, e seria um desastre se esses supostos infectos fossem perdidos de vista e pudessem, de uma hora para outra, desencadear uma epidemia de elementos tocados pelo vampirismo.

Vinte e duas viaturas tomaram as pistas da ponte Rio-Niterói. O tráfego sentido ao Rio de Janeiro foi bloqueado, trafegando apenas unidades de apoio tático. Do lado do Rio vinham mais quinze viaturas que estavam na área e os caveirões do BOPE também rumavam pela pista contra-mão.

Ao menos sabiam qual era o veículo-alvo. Um Lexus ES300 prata com três elementos a bordo com a missão de infectar o maior número de pessoas possíveis, numa festa rotariana que acontecia aquela noite.

Os carros abriam caminho no trânsito parado graças a suas sirenes disparadas.

Não demorou dois minutos para que um helicóptero da Polícia Militar, lançando um fecho de luz sobre as águas revoltas da baía de Guanabara, surgisse no horizonte, tomando rumo da gigantesca ponte.

— O que vamos fazer? Pelo barulho tem mais de dez carros de polícia aí na frente. Como vamos passar?

Patrícia suspirou. Não sabia o que responder. A ponte era o pior lugar para serem pegos. Cercados pela frente e por trás não tinha outra escapatória que não a água. Mas se pulassem no oceano conseguiriam chegar a Niterói?

Um helicóptero aproximou-se com o som avassalador dos rotores. O fecho de luz lançado sobre o Lexus deixou claro que os policiais sabiam muito bem o que queriam. Os vampiros protegeram os olhos com as mãos e Patrícia teve a resposta imediata à sua questão.

— Não adianta saltarmos da ponte e deixarmos o caixão para trás.

— Não vou deixar meu carro mesmo! Tá louca?!

— Não irrita, Alexandre. O que quero dizer é que não vai adiantar nada pularmos na água. O helicóptero vai nos caçar com o fecho de luz.

— Mas poderíamos ir cada um para um lado. Assim ao menos dois de nós fugiriam.

— Talvez - ponderou a vampira, refletindo sobre a opção.

— Não - rebateu Alexandre. - Não vai dar certo.

— Não custa tentar. Pulamos os três. Você pula do outro lado da ponte, magrelo, eu e a Patrícia pulamos deste aqui.

— Não.

— Por que não, garoto?

— Eu não sei nadar. Nunca nadei bem. Tenho medo de altura. Tenho medo de pular na água. Não vai dar certo. Eu morro de medo de pular. Não vai dar e pronto.

— Aí meu saco! - Berrou Bruno. - Você não vai morrer de medo. Você já está morto.

Enquanto o trio discutia, duas fragatas da Marinha ativavam seus motores. A primeira delas começava a descrever uma curva suave, mostrando claramente que sairia de perto do cais e iria em direção à ponte Rio-Niterói. Ao mesmo tempo, um

grande e impressionante navio vermelho, do Corpo de Bombeiros, também mudava de direção e começava a rumar ao cerco da ponte. Ficava evidente que a captura daquele trio de vampiros tornara-se prioridade estadual e todas as forças disponíveis, de forma inédita, juntariam-se para eliminar qualquer chance de aquela ameaça se esparramar pelo litoral carioca.

Atônito, de Niterói, Samuel assistia aquele espetáculo. Ao notar as viaturas rumando para a ponte não teve dúvidas de que seus amigos estavam encrocados. Buscando um melhor lugar para observar tudo, escalou o morro atrás do estaleiro Mauá, tendo uma visão privilegiada da ponte.

Ao que tudo indicava, o carro com os amigos estava sendo cercado no vão mais alto da ponte, deixando-os longe da costa. Samuel coçou o queixo. Talvez se tomasse uma lancha e conseguisse dar um sinal ao trio... Talvez conseguisse tirar os amigos da enrascada. Tinha que fazer alguma coisa. Ter alguma ideia. Nem mesmo poderia contar com seu irmão para tirá-lo daquela enrascada, posto que Gregório tinha ido atender a seu general celestial. Correr até a Ilha da Boa Viagem e pedir auxílio ao pouco simpático Tertoziel? Pouco provável que o anjo atendesse a um vampiro. Fazendo isso também tiraria a preciosa proteção sobre a bruxa. Todo aquele alvoroço facilmente tinha sido armado por Isabela que circundava a ponte no iate, justamente para tomar a atenção das autoridades e do bando de Patrícia e aproveitar o descuido para partir para cima da bruxa. Samuel sentiu-se enervado. Seus olhos brilharam vermelhos. Patrícia não poderia ser apanhada. Seria levada para Quitaúna e provavelmente destruída, enquanto Ignácio levaria seu plano a cabo e voltaria a ser o vampiro mais poderoso do Brasil, mantendo Jó escondido para sempre.

Raul olhava para Isabela. A vampira ruiva mantinha-se calada e evitava encarar o novo desafeto.

— Eles estão demorando demais. Já deveriam ter dado algum sinal.

— São seus amiguinhos e foi ideia sua deixá-los sozinhos para enfrentar a bruxa.

— Enfrentar a bruxa? Você diz isso como se fosse grande coisa. Você e Ignácio deixaram bem claro que ela ainda não tem poder nenhum porque nem sabe que tipo de bruxa ela é. Duvido que você saiba que tipo de bruxa ela é.

— Hum... Digamos que sei que ela é de um tipo muito, mas muito poderoso mesmo de bruxa.

— Tem graça. Bruxa em Niterói. É o fim da picada.

— Vampiros em Osasco, São Paulo e Brasil afora é tão diferente de uma bruxa?

Raul andou pelo *deck*. Aléxia teria terminado com aquilo num estalo. Ainda mais com Patrícia e os outros presos no trânsito da ponte. Samuel não seria obstáculo, mas sentia o cutucar do vampiro muito distante dos de Aléxia e Hélio. Raul deixou o cutucar na frente de sua testa. Só via o imenso morro do Pão de Açúcar.

— Vamos para lá, vampira. Tem alguma coisa errada. Eles não iam perder tempo passeando de bondinho, sabendo que o mundo todo aguarda uma resposta.

Isabela sinalizou para o marujo na cabine do iate, apontou a direção. O iate mudou de rumo e a proa apontou para o morro cartão-postal do Rio de Janeiro.

Ignácio, vendo na tela de seu *laptop* o carro imóvel sobre a ponte, abriu um sorriso largo. O caixão não tinha aquele apelido por acaso. O ancião era partidário do ditado popular: “Deus não dá asas para cobras”.

Pelo celular pediu que Isabela confirmasse que o cerco havia se fechado na ponte.

A vampira, olhando para trás com o binóculo de visão noturna atravessou a distância que a separava da ponte e percebeu a concentração dos carros de polícia num único ponto. Patrícia, Bruno e Alexandre estavam cercados.

Com a confirmação, Ignácio acionou alguns comandos no computador que viajaram via satélite e entraram no computador de bordo do caixão.

— Não vamos sair do carro.

A frase lançada por Alexandre soou como ordem.

— Bert disse que este carro é cheio de trelelê. Que é blindado e tudo o mais. Vamos deixar os homens se aproximarem mais. Eles não vão tirar a gente daqui.

Como que cumprindo um desejo do motorista, o som de múltiplas travas ecoou dentro do carro. Escamas prateadas desceram pelo pára-brisa e pelos vidros laterais lacrando o trio na mais profunda escuridão.

Do lado de fora, os policiais que se aproximavam ergueram as armas, tomados de susto ao perceberem o veículo transmutando-se diante seus olhos. O veículo de passeio que de diferente tinha apenas uma aparência luxuosa passou a um visual totalmente inusitado, transformando-se numa carapaça prateada de quatro rodas.

Dentro do caixão, ainda espantados, o trio viu uma tela de LCD descer do quebra-sol do piloto e acender em tom esverdeado. Podiam ver o lado de fora. Telas iguais desceram nos vidros laterais e no traseiro. O carro blindado, à prova de balas e de raios solares, tinha um sistema de câmeras que permitiria ao motorista continuar guiando com a blindagem completamente ativa.

— Eles não vão conseguir acertar a gente! - Gritou Bruno.

— Aproveite que estão assustados, Alexandre. Pisa fundo!

Atendendo a amiga, Alexandre girou a chave. O carro, no entanto, não respondeu. Por um breve segundo, as telas se apagaram e tornaram a acender. O carro não funcionava.

— O que está acontecendo? - Questionou a garota.

— Eu queria saber. Ele não liga.

Alexandre girou a chave novamente. A mesma coisa aconteceu. As telas se apagaram, como se, ao girar a chave, a corrente cortasse a partida, e, depois, nada. Nem ronco, nem vibração. O Lexus continuava parado.

Do lado de fora, os policiais tinham se recobrado do alarme e voltaram a dar passos em direção ao carro.

Do lado de dentro, a confusão e os ânimos subiam de grau.

— Você deve ter apertado algum botão para fazer essa blindagem descer! Você deve ter estragado alguma coisa.

— Pensa que eu sou você, sua veterinária idiota?! Eu sei muito bem o que eu fiz! E o que fiz foi fazer nada.

— Você queria que a gente ficasse aqui, meu irmão. Agora conseguiu.

— Calma, Bruno. Eu disse que tinha medo de pular na água. E queria que a gente ficasse aqui, sim. Eu não fiz essa blindagem aparecer do nada.

— Lembra, seu maldito. Lembra em que botão, em que chave você mexeu. Tem que dar a partida no motor. Temos que atravessar a ponte.

— Grande merda atravessar esta ponte a esta altura do campeonato. A gente deve tá aparecendo em tudo que é canal de televisão! Esse tatuzão, tanque-de-guerra prateado deve ser o tema do Datena esta noite!

— Tira a gente daqui!

— Tirar para onde Bruno? Olha pela telinha! Está juntando soldado de tudo que é canto. Se a gente atravessar para Niterói, eles pegam a gente na primeira rua!

— Deve ter um jeito de desligar essa blindagem e ligar o carro.

— O Bert disse que o carro andaria com a blindagem ativada ou desativada. Ele deveria andar de qualquer jeito. Tem alguma coisa errada, caçamba! - Esbravejou Alexandre.

Patrícia tentou recuperar a calma. Olhava pelas telinhas. Os soldados se posicionavam ao redor do veículo.

— Vou procurar algum botão, alguma chave. Alguém ligou isso, não fui eu. Eu juro.

— Tá bom, Alexandre. Eu acredito em você - disse a menina com voz serena. - Essa merda toda já estava armada antes de sairmos de nosso esconderijo. Se foi Ignácio que alertou a polícia, ele pode muito bem ter acionado essa blindagem por controle remoto, por satélite, sei lá mais como. Ele é cobra criada. Não ia deixar barato a nossa deserção. Como não seguimos Isabela e ainda tivemos o topete de virmos a Niterói para tentar salvar a bruxa, resolveu nos liquidar, assim, num estalo.

— O que vamos fazer?

Patrícia refletiu.

— Bem, Alexandre, você vai ter que confiar na gente. Vai ter que engolir esse seu medo de altura e medo de água. A única forma de tentarmos avançar mais um pouco, indo longe das garras da polícia, vai ser saltando da ponte. A gente pula pelo

parapeito e vê no que dá.

Alexandre coçou a cabeça.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!

— Não adianta rezar agora. É tudo ou nada. Se ficarmos parados, na melhor das hipóteses, amanheceremos em Quitaúna.

— Espera um pouco. Deixa eu tomar coragem.

Alexandre começou a bater com a cabeça no volante. Por que estava tendo aquele ataque? Não tinha medo de altura coisa nenhuma. Ele tinha era pavor de água do mar. Se fosse uma piscina azulzinha, tudo bem. Pulava e pronto. Mas morria de medo do mar. Lembrava de sua infância. Todo mundo dizia que o mar era traiçoeiro. Mais traiçoeiro que um vampiro? Começou a roer a unha.

— Alexandre - clamou a voz doce de Patrícia.

— Eu tô calmo. Já acalmei.

— Eu te dou a mão, Alexandre. Você não vai pular sozinho. Você é marrento pra caramba. Não vai amarelar agora, vai?

— Calma. Eu já vou. Não precisa dar a mão. Deixa eu respirar. Deixa me livrar desse cagaço.

— Mas por que tanto medo, cara? Você é vampiro. Você não vai morrer com falta de ar. É só a gente nadar.

— Quando eu tinha nove anos uma vizinha minha, uma japonesinha que eu achava a maior gatinha...

— Ai, meu Deus... Lá vem.

— Deixa eu falar, porra! Se não deixar eu falar, eu não pulo!

— Fala, cara. Fala. Só que fala rápido! - Bruno quase gritava vendo os soldados cada vez mais próximos, pé ante pé. Mais vinte segundos o caixão estaria completamente cercado.

— Eu tinha nove anos e minha vizinha tinha doze. Ela desceu no *réveillon* para comemorar na praia, com os pais e os tios e o diabo a quatro. Ela não voltou, cara! Ela não voltou! Tão entendendo? Ela pulou no mar e nunca mais voltou pra casa. Acharam ela destruída sete dias depois. Coisa de louco. Caixão lacrado e o escambau. Me marcou, entendeu. É trauma, meu. Eu detesto o mar!

— Se você fosse do meu tamanho, Alexandre, eu te dava uma porrada para cortar esse piti. É assim que os salva-vidas fazem. Mas você tem que superar o medo em dois segundos, abrir a porta e correr com a gente.

— Ok! Ok! Eu vou! Eu já disse que ia, não disse? Eu vou!

— No três então.

Patrícia, Bruno e Alexandre ficaram virados para o lado direito do carro. Estavam a duas pistas de distância da borda direita da ponte. Soldados se colocavam agora no lado direito. A boa hora tinha chegado e ido embora. Agora teriam que abrir o carro, disparar contra os soldados para causar alarme e correr, torcendo para não tomarem nenhum tiro que só pioraria as coisas. Tudo culpa do chique inesperado de Alexandre.

— Um...

— Dois...

— Três!

Plec! A trava da porta só fez esse barulho e mais nada. Não se mexeu. As portas estavam travadas de alguma outra forma.

— MERDA! - Gritou Alexandre.

Tentaram as outras portas. Também travadas. Patrícia, no auge do desespero, disparou três vezes na direção do encontro da porta com a laticia, onde ficava a trava. As balas faiscaram e, perigosamente, ricochetearam. Bruno passou a chutar a porta. Nada. O carro só balançava. E do lado de fora, mais uma vez assustados, os soldados deram passos para trás.

O capitão da Polícia Militar que tinha se aproximado do *sedan* blindado recuou quando ouviu disparos. Enquanto os companheiros também recuavam e se escondiam atrás de outros veículos, o capitão passou a informação pelo rádio. A ordem recebida de volta era a de manter o cerco e evacuar do perímetro qualquer civil.

A prisão dos infectos já tinha se transformado num circo, com coisa de quatro helicópteros de emissoras de TV sobrevoando a ponte e mais três aeronaves militares dando cobertura ao caso, derrubando luz sobre o asfalto da Rio-Niterói. Dois navios da Marinha, um da Defesa Civil e outro da unidade de treinamento do Corpo de Bombeiros circulavam abaixo dos pilares do vão mais alto da ponte, lançando também holofotes sobre a água, vigiando toda aproximação, impedindo que

curiosos e pescadores atracassem nas bases das colunas. A cada instante o mar ficava mais agitado e de difícil navegação.

Já bem afastados da ponte, no iate de Ignácio, Raul e a ferida Isabela buscavam com o binóculo algum sinal de Hélio e Aléxia. Qualquer notícia deles seria de grande valia. Se tivessem finalmente liquidado a bruxa, o episódio em Niterói estaria encerrado. Mesmo que algo tivesse dado errado, se ao menos a dupla importante de guerreiros voltasse para o iate, teriam chance de atacar a garota em outra oportunidade. Tinham urgência em zarpar da lagoa, ganhando tempo e terreno, aproveitando a imobilidade do grupo de Patrícia sobre a ponte e apanhando o avião já destacado por Ignácio. Encontrariam-se com o ancião para o tão esperado combate com os guardiões de Jó.

Foi quando o iate fez outra volta que Raul apontou para Isabela.

— Veja! São eles!

Isabela apontou o binóculo e viu a vampira morcego trazendo o garoto lobo, nu, pelas garras.

— Você acha que eles conseguiram?

— Você é quem está bancando o sabichão esta noite, Raul, diga você se eles conseguiram ou não.

Raul deixou os olhos brilharem vermelhos e rosnou de leve.

— Só coloquei uns pingos nos is, vampira ruiva. Não gosto de ser tratado como um soldadinho de chumbo. Tenho sangue de Sétimo nas veias. Pelo que sei até seu criador tinha medo de Sétimo.

— Você pode ter o sangue daquele demônio, mas nunca será aquele demônio, não se esqueça disso.

Raul andou para perto de Isabela que não se moveu.

— Não se esqueça disso, você - disse, pondo a mão no cachecol e apertando a ferida no pescoço da mulher vampira. - Mesmo eu não sendo Sétimo, tive força o suficiente para te tacar na parede e domar seu jeito presunçoso e arisco.

— Teremos outras oportunidades para medirmos nossas forças, menino.

— Será?

— Por que duvida?

— Nosso próximo destino será confrontar os guardiões de Jó. Acha que vamos passar essa prova?

— Não é uma questão de achar, Raul. Nós temos que vencê-los. Com você e Aléxia será bem mais fácil do que da última vez.

Raul sorriu enquanto o som das asas de Aléxia enchiam o ar ao redor. A vampira soltou Hélio no convés de madeira. Hélio levantou-se, colocando no chão a calça *jeans* e seu tênis.

Aléxia pousou acima do *deck* e lá ficou acocorada, como uma coruja esverdeada e sombria, seus olhos amarelos percorrendo a todos.

O marujo abaixo do *deck*, segurando o leme, engoliu em seco. Sempre que saía a pedido de Ignácio, via coisas pavorosas e ganhava bonificações que mantinham seu bico calado e seu desejo de continuar servindo o velho e estranho homem de negócios. Mas aquela criatura encarapitada no iate ia muito além do que poderia suportar. Ignácio deveria ter pacto com o demônio ou coisa que o valesse.

— Pegaram a bruxa?

Aléxia e Hélio olharam para Raul.

Hélio terminava de vestir o *jeans* e abotoava na cintura. Balançou a cabeça negativamente.

— O que aconteceu? Ela lançou feitiços? Alguma magia de proteção?

Hélio deu de ombros.

— Ela não sabe que é uma bruxa, Raul. Já te falei isso - intrometeu-se Isabela, com sua voz rouca.

— Ela deve ter usado algum feitiço, sim. Sei que eu estava em cima de uma das amigas dela que derrubei e quando ia dar uma patada na patricinha, alguma coisa me lançou longe. Aléxia também estava com a bruxa nas mãos. Quando demos conta do que acontecia estávamos presos dentro de um dos teleféricos do Pão de Açúcar, pendurados a uns trezentos metros de altura.

— Foi Samuel quem interferiu. O trio não chegou a Niterói, vampiro Samuel dividiu-se do grupo antes de pegarem a ponte - Isabela olhou para o céu escuro e carregado de nuvens. Na direção do Botafogo, longe e semi-encoberto pela serração,

via-se a imagem do Cristo de abertos. - Ele usou seu irmão. O anjo. Foi assim que vocês foram parar no bondinho.

— É o que eu ia dizer. Quando estávamos presos, conversei com um deles. Eles foram embora de mansinho, deixando a gente pra trás. Vivos, mas presos.

— Anjos não matam vampiros. Podem atrapalhar um bocado, mas não nos matam.

— Por quê? - Quis saber Raul.

— Por pena. Ignácio diz que os vampiros originais foram criados quando anjos perderam a guerra contra demônios que carregaram as almas do mortais. Talvez sintam-se culpados por termos surgido na face da terra e reconheçam que somos uns pobres coitados que não têm direito nem ao céu nem ao inferno.

O quinteto de amaldiçoados ficou calado por um tempo, até Raul olhar para a costa de Niterói.

— Vamos até a Ilha da Boa Viagem?

— Não.

Isabela andou até o *deck* e sinalizou para o marujo.

— Vamos para o aeroporto. Ignácio deixou um avião nos aguardando. Samuel deve estar cuidando da bruxa, deve ter pedido auxílio ao seu guarda-costas emplumado. Patrícia e os outros estão cercados pela polícia e presos dentro do caixão de prata. Terão problemas por um bom tempo. Vamos usar esse tempo para ganhar vantagem e chegarmos a Jó antes deles. Os guardiões daquele vampiro serão problemas o suficiente sem Patrícia e seus amigos para nos atrapalhar.

Patrícia chutou o vidro traseiro do caixão de prata provocando um baque surdo. O vidro também era blindado. Ela deixou os olhos brilharem vermelhos e seus caninos cresceram imediatamente ao evocar toda a sua energia vampírica. Agora o salto da bota atravessou o vidro traseiro, mas sem produzir estilhaços. Uma malha trançada de vidro e blindagem deixou a peça côncava. Ela repetiu os coices abrindo um buraco maior. Bruno enfiou o fuzil que vinha em seu colo pelo buraco e arrancou uma boa parte do vidro traseiro. Chegaram ao metal prateado da blindagem externa.

— Protejam-se - avisou a garota.

Bruno saltou pro banco da frente e Alexandre abaixou-se o quanto pôde enquanto Patrícia descarregava as pistolas em sua mão no metal que bloqueava a passagem. Chispas e fumaça encheram o interior do caixão. Ao fim dos disparos Patrícia projetou o corpo para a frente num salto felino, impondo toda a sua força contra as placas metálicas. Voltou para trás, saindo da fumaça, como se tivesse sido repelida de volta por um demônio invisível. Acuou-se entre o banco de passageiros de trás e o do piloto da frente, parecendo uma gatinha ferida.

Seus amigos olharam para ela. Um par de olhos vermelhos flutuando na fumaça.

— Maldito. Maldito - repetiu a vampira, segurando a mão que sangrava e ardia.

— O que foi?

— O desgraçado armou direitinho pra gente. Estamos perdidos! Perdidos!

Bruno e Alexandre olharam para o fundo do veículo. A fumaça dissipava-se mais lentamente do que deveria por culpa da falta de exaustão. Na verdade ela movia-se em camadas, como se tivesse vida, deixando os olhos dos vampiros observarem vez e outra o metal com algumas pontas erguidas por culpa do impacto dos projéteis. Numa das extremidades, atraídos pelo odor do sangue de Patrícia, perceberam o brilho prateado destacando-se contra o líquido negro. A blindagem do caixão não era meramente prateada. A blindagem era de prata pura. O caixão não só servia de defesa para os vampiros que ali dentro estavam como também atendia perfeitamente ao apelido. O carro convertera-se num esquife, numa prisão, que manteria eternamente aquele trio encerrado em seu interior.

— Desgraçado! - Gritou Patrícia.

— Não vamos conseguir sair daqui, eles vão pegar a gente.

— Ele pensou em tudo. Caímos como patinhos.

— Samuel deve ter feito isso com a gente! - Esbravejou Bruno.

Ficaram calados.

— Não faz sentido. Não é possível. Samuel não teve nada a ver com isso.

— Como pode ter certeza, Patrícia? E se Ignácio colocou Samuel no seu caminho só para testar nossa lealdade?

Patrícia saiu de sua toca improvisada e sentou no grande e confortável banco de trás, também com os olhos mirando o monitor de Alexandre.

— Eu sentaria. Ficaria bem quietinho e esperaria o Sol nascer.

— Mas estamos selados. Presos, mas protegidos do Sol - disse a garota.

— A prata é mística só pra gente, Patrícia. Assim que o Sol nascer, se eu fosse um deles, enfiava uma serra no capô do carro e fritava nós três.

— Uau. Você sabe animar seus amigos, brotherzinho - rebateu Alexandre.

Bruno deu de ombros.

— Quem manda perguntar?

Alexandre passou os olhos no painel de controle. Estava lá um botão que Bert tinha lhe mostrado. O botão da armadura. Pressionou novamente. O botão foi e voltou mole, sem produzir efeito nenhum. O carro todo parecia desligado, só podendo ser operado do lado de fora, por meio dos fios de marionete que Ignácio mantinha sobre o trio. Alexandre abaixou o tronco e olhou por baixo do volante. O acabamento de luxo do *cockpit* do *sedan* envolvia a barra de direção e não deixava qualquer fio à mostra. Passou a mão procurando reentrâncias. Talvez houvesse uma forma de escapar. Se ao menos conseguisse abrir as portas do veículo, a tal “oportunidade real de fuga” escrita na cartilha surgisse antes de o Sol nascer. Mesmo que os soldados se dessem ao luxo de esperar a alvorada para fazer alguma coisa, eles não teriam muito tempo, dado o desespero de bolar alguma fuga genial.

Quarenta minutos mais tarde o capitão Brites, por meio de um *notebook*, falava com o primeiro destacamento do Serviço de Contenção alojado no sítio isolado da ponte Rio-Niterói. Brites vinha no imponente helicóptero reabastecido, em velocidade total. Passava neste momento sobre a Usina de Angra dos Reis. Um soldado apontava ao outro as luzes da usina e faziam comentários longe do tom pesado da conversa travada entre Brites e o capitão na ponte.

— Mantenha o veículo cercado, não tirem os olhos dos ocupantes. Eles são perigosos.

— Não conseguimos enxergar os ocupantes, senhor - voltava a voz pelo rádio. - Eles acionaram uma blindagem metálica. Não podemos atingi-los nem vê-los.

— Blindagem metálica?

— Confirmado, senhor.

Brites suspirou e ponderou. O que eles queriam, afinal de contas? Não fazia sentido aquela situação. Uma blindagem metálica seria facilmente vencida com explosivos certos, com armas certas. Os vampiros não estavam protegidos dentro do veículo contra o exército. Estavam ganhando tempo. Por quê?

— Qual a situação do veículo? Está ligado? Eles tentaram furar o cerco?

— Negativo, senhor. Os suspeitos estão imóveis. Desde que cercamos o veículo, ele não saiu do lugar, parece sofrer algum tipo de pane do equipamento.

— Mantenha seus homens cercando o perímetro, capitão. Eu e meus homens estamos chegando. Não disparem, não abram o carro. Essa situação pode ser cômoda para nós por enquanto.

Zinco olhou para o relógio. Ele e seu colega, Alumínio, acompanhavam o desenrolar dos fatos por meio das imagens retransmitidas pelo Lexus. Viram o carro parar. Perceberam quando, do avião, Ignácio tomou os controles do veículo e acionou a blindagem. Sabiam muito bem o que o velho queria. Zinco engoliu em seco vendo os militares rodeando o caixão de prata. Sabia que os três estavam selados e presos enquanto Ignácio regia a escapada de Isabela e seu bando. Zinco podia interferir, mas tinha receio. Ignácio saberia. Só ele, Zinco, sabia os códigos do caixão e poderia ajudar os garotos vampiros naquele instante. O velho vampiro viria direto para cima dele e sua família. Acabaria com todos. Era isso que mantinha as mãos duras do funcionário da agência Jugular. Ele não tinha pena do trio porque também tinha em casa um garoto e uma garota com a idade de Patrícia mais a esposa. Um “bando” e tanto para proteger. Aquele trio dentro do caixão de prata não eram adolescentes. Eram vampiros. Trabalhando na Jugular há tanto tempo, ele sabia muito bem separar o joio do trigo. No entanto, acompanhando aqueles três desde seu começo na agência, sentia alguma coisa diferente neles. Uma vibração diferente da que sentia quando estava em contato com Ignácio, com a ruiva Isabela ou a encantadora Calíope. As mulheres eram perigosamente atraentes, Patrícia também era. A garota era pequena, mas tinha um corpo e curvas que chamavam a atenção. Mas era aquela vibração sutil que cada um deles exalava e ele começava a aprender como é que é. Perto dos outros, ele tinha medo. O sangue esfriava. Quando Ignácio, nas raras vezes em que o fizera, pousara as mãos frias em suas costas dando um tapinha cordial de patrão contente com o funcionário, o sangue quase tinha congelado nas veias, seu coração quase parado. Uma das vezes Ignácio tinha tocado aquela unha longa na pele do seu pescoço, meio que sem querer. Zinco sentiu-se como quem tinha uma adaga comprimida contra a artéria. Uma adaga na mão de um

psicopata dá muito mais cagaço do que uma adaga na mão de um qualquer. Pois é, Ignácio e psicopata eram palavras que rimavam na mente de Zinco. Curiosamente aquele trio preso e destinado a morrer nas mãos dos militares vibrava de um jeito diferente. Zinco tinha o áudio do Lexus. Ouvia as conversas dos três. Já tinha dado boas gargalhadas durante toda a viagem e feito sem que Ignácio ou o trio percebessem que coisas boas estivessem à sua espera. Zinco era o anjo da guarda da Jugular, acionava os agentes da organização mantida por Ignácio, com tentáculos nas capitais e principais cidades do país, uma rede obscura e ponta firme. Contudo, não conseguiu evitar o cerco. Ouvindo aqueles três filhos de Sétimo falando o enchia de esperança. Esperança de fazer toda aquela engrenagem de Ignácio girar realmente no sentido de curar o país. Ignácio queria isso a princípio, mas sua natureza torpe e rapinante acabou por determinar que a máquina da Jugular servisse a quem pagasse mais. Zinco era só operário da noite. Um servo. Ganhava bem o suficiente para sobreviver a esse dilema moral. Contudo, quando o caixão mudou o curso das rodas e voltou para o morro onde acontecia a violenta ação contra crianças e adolescente presos por traficantes, abandonando, sem titubear, a missão de interceptação da garota que diziam ser uma bruxa... E não duvidava que a fosse (quem vive entre vampiros não pode se dar ao luxo o ceticismo, a ponto de ter voltado de verdade a ler a Bíblia e orar pedindo desculpas todas as noites), talvez porque as crianças no morro, sim, muito mais parecidas com seus filhos em casa, Zinco sentiu-se profundamente tocado por Patrícia e seu bando. Alexandre, que até esta altura da história parecia um elemento sobressalente nas engrenagens da agência, foi decisivo em lembrar por que os três tinham se aliado a Ignácio. Tomar sangue. Sangue de gente ruim. Alexandre tinha conduzido o carro para o Cantagalo e, sob a batuta de Patrícia, tinha usado as armas e recursos da Jugular para dar fim ao cativo e fim ao traficante que dominava aquele morro. Tinha sido uma batalha curta, atalhada e atrapalhada pela necessidade de atender algo maior, a bruxa de Niterói, mas Zinco vislumbrou naquele instante os morros sendo visitados pela Jugular. Patrícia, Alexandre e Bruno poderiam acabar com muitos outros traficantes. Não mereciam ser largados naquela ponte. Com sorte iriam para os depósitos do Exército servindo de cobaias para estudos. O mais provável no entanto era que o Serviço de Contenção acabasse com eles, ali mesmo. Salvo essa intervenção da Jugular, o estado do Rio de Janeiro não tinha sido visitado pelas criaturas da noite. O Exército mostraria serviço, acabando com eles, acabando com qualquer chance da opinião pública criticar suas ações. Zinco suspirou fundo.

— Sei no que você tá pensando - disse Alumínio chegando em silêncio e atravessando o batente da sala escura de Zinco, fumando e soltando fumaça pelas narinas. - Sei e te digo o seguinte: se fizer o que tá pensando, ele vai saber que foi você.

— E?

— Adeus trabalho. Adeus bolada todo mês. Vai ter que mudar para o Marrocos, vai ter que se esconder junto com o Bin Laden e o Bush, sumir com sua família.

— E?

— E rezar muito, rezar pra cacete para ele nunca, nunquinha te achar. Só que você sabe muito bem, melhor que eu até...

— Ele vai me achar. É, eu sei.

Zinco e Alumínio suspiraram profunda e longamente.

— Mas será que dá tempo de fugir, pelo menos?

Alumínio coçou a cabeça soltando outra baforada. Refletiu.

— Ignácio está chegando em Brasília agora. Vai passar o dia hibernando. Bert está com ele. Não sei como você pretende fugir. Tem passaporte? Família inteira? Ele vai caçar sua família inteira.

Zinco bufou de novo. O coração batendo a mil.

— Tenho.

— Então eu te ajudo a chegar ao Paraguai. De lá você dá um jeito. Se eu fizer mais que isso, terei que ir com você.

Zinco balançou a cabeça negativamente. Estava enjoado, passando mal.

— Não sei. Já fiz tanta coisa. Caralho. Como isso pode ser tão difícil?

— Hum... Talvez porque desta vez o resultado da sua ação resultará numa caçada sangrenta a você e seus descendentes. Alguma coisa me diz que pode ser isso.

— Para de ser sarcástico, Alumínio. Tô na maior sinuca de bico de toda a minha vida.

— Discordo. Eu fui ao seu casamento. Sua cara estava bem pior, meu irmão.

Zinco bateu a cabeça na mesa e bufou de nervosismo pela enésima vez. Tinha que tomar uma decisão. Agora ou nunca.

Quando o helicóptero do Exército desceu sobre a Rio-Niterói, Brites foi o primeiro a desembarcar. Colete à prova de balas, capacete verde-escuro, quase negro, botas estalando contra os cacos de vidro esparramados pelo chão. Foi cercado por militares que já estavam na ponte, tanto do Exército quanto da polícia. O comandante do BOPE também veio passar instruções, mas o que todos fizeram foi falar e falar, alimentando o capitão que já tinha vivido tantos cercos a vampiros, até o momento em que Brites ergueu a mão e pediu silêncio. Brites, ladeado por seus melhores soldados com fuzis carregados de balas especiais, andou até perto do veículo. Os helicópteros que sobrevoavam a ponte apontavam os facho de luz para a pista e para o reluzente Lexus blindado. Algo mais reluziu no chão, chamando a atenção do capitão do Serviço de Contenção. Brites aproximou-se e ficou olhando para a janela do carro revestida por aquelas grossas e inúmeras tiras metálicas. Abaixou-se próximo à janela e apanhou um pedaço de metal reluzente. Olhou para uma protuberância na janela, que parecia ter sido violentamente golpeada de dentro para fora. O pedaço se encaixava exatamente numa das beiradas da blindagem. Brites trouxe o material para perto dos olhos e sorriu.

— Eles estão presos! - Berrou.

Patrícia e Bruno estavam abraçados no banco de trás. Alexandre continuava sentado no banco do piloto. Tinha desmontado a caixa de fusíveis do Lexus, mexido em fios, e o máximo que conseguiu foi fazer estralar e subir fumaça de um curto-circuito que não levou a nada. As travas da porta chegaram a fazer barulho e ele insistiu na operação, mas com mais estalos e mais fumaça, e, sob o risco de incendiar o interior do veículo, parou com as tentativas.

— Até que fomos longe nesta aventura - disse Patrícia, rompendo o silêncio e observando os soldados pelos monitores de cristal líquido.

Os monitores faziam as vezes de janelas. Câmeras minúsculas, mas de alta definição, mostravam aos vampiros os soldados rondando e rodeando o veículo.

— Não tem graça nenhuma ser vampiro e viver menos de um ano assim - resmungou Alexandre. - Pego no meio de uma ponte, cercado de militares.

— Foi você quem procurou, sabichão. Se não tivesse desviado do caminho, se não tivesse voltado até o Cantagalo, a gente podia ter atravessado.

— Fica quieta, garota. Se eu não tivesse desviado, os reféns teriam ido para o

beleléu.

— Pessoas vão para o beleléu todos os dias, Alexandre.

— Você também vai me criticar, Bruno? Só porque me importei com aquela molecada do morro?

— Se importou com a molecada ou estava querendo matar a sede?

— Como foi que a gente veio parar aqui? Entrando para o grupo do Ignácio. Nós quatro demos as mãos naquele maldito parque Trianon e dissemos que iríamos aceitar porque Ignácio nos daria sangue de gente ruim para satisfazer a sede. Foi ou não foi?

— Foi - respondeu com voz apagada o casal no banco de trás.

— Por esse motivo, quando escutei no rádio que tinha gente em perigo e a gente podia fazer a diferença, voltei com o Lexus.

— E agora a gente está parado na ponte Rio-Niterói, à mercê do Serviço de Contenção do capitão Brites.

— Estamos aqui porque Ignácio é um filho duma mãe que bloqueou o carro. Só pode ter sido ele. Ele teria bloqueado o carro do mesmo jeito se a gente estivesse passando mais cedo.

Alexandre ficou olhando para um soldado que chegou mais perto da frente do carro.

— Olha esse cara. Tá morrendo de medo.

Patrícia e Bruno levantaram a cabeça um pouco para poder enxergar.

— Soldadinho de meia-pataca. Olha como segura o fuzil. Tá tremendo. Tá com vontade de chegar perto para se exibir para os amigos, todo pimpão.

Bruno e Patrícia riram das observações de Alexandre.

— Se eu pudesse sair daqui, agora que perdi o medo de pular na água, além de me jogar, levava esse babaca junto.

O casal reclinou-se para a frente olhando para o soldado.

— Ele nem sabe que a gente tá olhando para ele. Tá ali, olhando para o nosso carro selado, o nosso esquite de prata, se sentindo o poderoso. Só porque vai sair no jornal amanhã. Tão vendo a claridade no asfalto? Tão vendo? Essa claridade vem dos helicópteros. Estão filmando o nosso cortejo. Deve ter uma fila de carros aí

atrás, entulhados pelo caos que se formou. Como num cortejo. A nos seguir para o enterro.

Patrícia e Bruno viraram a cabeça para trás. No lugar do vidro do fundo, a blindagem prateada e mais um monitor de cristal líquido, o maior deles, com dois palmos de largura, mostravam a visão traseira. Realmente, uma fileira sem fim, alguns carros com os piscas-alertas ligados, imitando um cortejo a caminho do cemitério. Os carros estavam vazios. Abandonados pelos proprietários que correram pela pista. Agora só soldados zanzavam de lá pra cá, na frente das câmeras, com coletes à prova de bala, com capacetes e fuzis erguidos, prontos para esburacar qualquer um deles que tentasse botar o nariz para fora.

Voltaram a olhar para a frente. O soldado tinha se aproximado ainda mais. Tocou a luva no capô do veículo e inclinou-se para a frente, erguendo mais a arma.

Alexandre não perdeu tempo e afundou a mão no volante.

O som da buzina foi tão repentino e potente que o soldado quase virou cambalhota para trás, afastando-se apavorado, tropeçando e caindo de fundilhos no chão.

O trio explodiu em risadas.

— Você não presta! - Brincou Patrícia.

— O coitado vai ser ridicularizado pelo resto do mês. Ahahaha! - Ria Bruno.

Alexandre ficou calado. Olhando para os outros soldados, andando em câmera lenta ao redor do caixão de prata.

— Ah! Como eu queria que essa porta se abrisse. Só um pouquinho. Ia mostrar o que é bom pra tosse para esse bando de borra-botas - murmurou o moleque, baixinho, alisando a pistola em sua mão.

Os olhos de Patrícia brilharam involuntariamente. Ela também sacou a pistola do coldre que vinha no peito e balançou a cabeça.

— O sangue daqueles pilantras ainda está quente na minha barriga. Eu ia me mexer tão rápido que levava uns cinco pro inferno antes de tombar ferida.

— Eu levava mais cinco - murmurou Bruno, com olhos perigosos, fitando as preciosas presas do lado de fora.

— A gente ia fazer um barulho e tanto, não é não?

— Ô se ia - confirmou Alexandre.

— Horas, soldado - pediu Brites.

O soldado olhou rápido para o pulso.

— Cinco e vinte, senhor.

Brites olhou para o céu negro. A previsão para o nascer do Sol era para as seis e quinze da manhã. Com menos de uma hora de espera o horizonte já estaria avermelhado, mudando de cor, a hora mágica dos vampiros, quando o véu das trevas cede à aurora, limpando o mundo e a vida das criaturas agourentas e cheias de sortilégios, levando embora as maldições do sangue e trazendo luz, energia e calor aos vivos, e aos vampiros restaria recolherem-se, buscarem a emulação das trevas nas sombras de um galpão abandonado, de uma casa caindo aos pedaços nos arredores de uma represa, nas grutas e cavernas, nas tumbas ou nos mausoléus históricos. Fugirem. Brites teria a aurora sobre aquela ponte, a aurora que chegava sempre, indefectível, na marcha do tempo e da razão. A luz do Sol banharia a Guanabara. Banharia o Rio de Janeiro. A luz cobriria aquele caixão de prata blindado, que certamente tentaria como as asas de uma coruja proteger as crias do mundo exterior, evitando que a luz dourada e assassina infestasse suas entranhas e fizesse explodir aquele trio maldito. Brites sorriu um sorriso mais largo. Ele acabaria com aqueles três. Não daria chance para escapadas. Já tinha solicitado a presença da Defesa Civil e do Serviço de Resgate rodoviário. Serras elétricas, maçaricos e pinças hidráulicas dariam conta do capô do carro, dariam conta da prata mística. Mística para os vampiros. Ordinária para os mortais. Era só esperar.

Os minutos arrastaram-se como em uma procissão ao inferno. Apesar da lenta marcha do tempo, a cada instante a manhã chegava mais perto. Se os vampiros estivessem do lado de fora e não fossem tomados pela loucura de buscar a escuridão, perceberiam que até o cheiro do vento ia mudando mansamente.

Patrícia sentiu um frio no peito. Protegidos temporariamente dentro do caixão, o céu escuro ia desaparecendo nas telas de cristal líquido.

— Vejam isso.

Alexandre e Bruno também olharam. O céu tinha perdido a tampa negra,

rajando de rubro e violeta. As nuvens surgiam no horizonte. A silhueta, do mar dissolvia-se mansamente, e as marolas ganhavam contorno. Aves diurnas. A luz chegando.

Bruno abriu a boca, mas não emitiu som algum.

Patrícia tocou a tela do monitor. Seus olhos marejaram.

Alexandre encolheu-se no banco do piloto. Pavor.

— O Sol... Está nascendo - murmurou Patrícia bem no instante que uma lágrima negra rasgou seu rosto.

— É o fim.

— Não. Não é o fim. Lembra? Como era tão bonito ver o dia começar? O vento frio da manhã que ia se amornando? - Choramingou Patrícia.

— Eu queria ligar para minha mãe antes de morrer. Dizer para ela que eu a amo. Para cuidar bem do meu Bernardo.

— Bernardo? Que Bernardo é esse que você nunca falou? - Perguntou Alexandre.

— Meu são bernardo de pelo curto. Eu adorava aquele cachorro.

— Você tinha um são bernardo e nunca me disse? - Explodiu Patrícia. - Eu sou quase veterinária. Teria amado ter conhecido o seu cachorro.

— SSSSShhhh! Silêncio.

Foi a vez de Alexandre tocar o monitor.

Raios infestaram o firmamento. O tom violeta cedeu a um azul escuro que foi clareando pouco a pouco.

— É dia.

— Ainda bem que essa blindagem está fechando o caixão.

— E se Ignácio estiver esperando justamente o nascer do Sol para levantar a blindagem e fazer a gente torrar aqui dentro?

Olharam para ela. A pergunta fazia sentido. Contudo, Bruno olhando para os soldados que voltavam a se agitar, deu resposta:

— Não importa. Se Ignácio não fez nada até agora, não vai mover um dedo se já tiver sucumbido ao transe. São eles, os soldados, que vão dar cabo da gente.

O trio passou a observar os militares que giravam novamente em torno do veículo como um bando de urubus carniceiros.

O carro do resgate aproximou-se com a sirene ligada. De dentro dele, bombeiros com motosserras e alicates hidráulicos imensos investiram contra o *sedan* prateado. As ferramentas soltaram chispas quando bateram contra o metal. Os bombeiros, com trajes que protegiam seus rostos, evitaram as fagulhas. Gritavam ordens, berravam por auxílio do grupo treinado para os resgates. Em geral usavam aquele maquinário para tirar gente com vida de restos retorcidos de veículos, em acidentes que deixavam a via lavada de sangue. Agora a situação era bem diferente. Sabiam que dentro do carro havia três mortos. Mortos-vivos. Infectos caçados pelo Serviço de Contenção. Empregaria toda experiência para evitar que aquele trio escapasse e colocasse o Rio de Janeiro na lista dos estados com risco epidêmico. Duas motosserras começaram a afundar sobre o capô. Os bombeiros com as botas, de pé, em cima do veículo, colocando pressão no corte que ia se abrindo.

— Tragam o alicate hidráulico! Acho que dá pra abrir!

Brites olhou para o céu. Baixa luminosidade. Rangeu os dentes. Aquela chance era uma daquelas de ouro. Iria acabar com três deles de uma única vez. Não teria interrogatório, não teria encarceramento. Seria uma execução sumária. Olhou para o céu límpido. Nenhuma nuvem. O disco dourado subindo mais e mais, despregando-se da linha do horizonte.

— Aguardem um segundo. Deixem o Sol levantar só mais um pouco - ordenou o capitão. - Precisamos ter certeza de que eles irão fritar no primeiro instante.

— Não precisa esperar, capitão! - Gritou um dos soldados, aproximando-se com grandes espelhos retirados dos banheiros do escritório instalado na administração da ponte.

Brites sorriu. Simples, porém perfeito.

— Então? - Perguntou um dos bombeiros que tinha erguido a viseira para olhar para o líder do Serviço de Contenção, segurando o alicate hidráulico nas mãos.

— Manda bala - liberou Brites.

Som de ferro sendo torcido espalhou-se ao redor. O bombeiro viu o vulto das criaturas acuadas se movendo, fugindo do fio de luminosidade que invadia o

veículo. Não conseguia manusear a ferramenta.

— Tragam a serra de novo. Falta só um pouquinho pra acabar com esse negócio! - Bradou o homem.

Zinco estralou os dedos. Via pelo monitor o que os vampiros viam de dentro do caixão. O Sol tinha se levantado. Uma fina faixa de luz invadiu o carro, tingindo o couro do banco de passageiros. Tinha esperado até agora para tomar uma decisão. Sua mão deslizou no teclado. A tela do computador começou a abrir programas da agência Jugular. A silhueta negra no formato do Lexus prateado surgiu num quadro. Alguns pontos como motor e portas brilharam. Uma mensagem eletrônica soou na sala. “Deseja destravar?”, perguntava. Zinco pairou o cursor do *mouse* sobre o sim. Suor descia em sua testa. Clicou.

Alexandre quase pulou do banco quando o painel do veículo acendeu. O trio trocou olhares de espanto enquanto uma voz metálica do computador de bordo ressoou no interior.

— Módulo automático desligado.

O motor do Lexus deu partida sozinho. O câmbio em posição neutra.

Alexandre passou a respirar apressado, como se faltasse ar nos pulmões.

Ouviam os pés do três bombeiros pisando no teto do caixão. Novamente os dentes da serra elétrica atacaram a estreita passagem da blindagem violada, lançando fagulhas no banco.

— Vai! - Gritou Patrícia.

Alexandre olhou para os soldados que ergueram as armas. O som da serra elétrica sobre suas cabeças era ensurdecidor. Faíscas começaram a voar em toda direção. A lâmina vencida lentamente a blindagem. Logo haveria espaço suficiente para o sol acabar com todos eles. Trafegar pela ponte seria impossível, mesmo assim precisavam ganhar tempo. Cada segundo seria precioso.

Alexandre engatou marcha a ré e pisou fundo, jogando a equipe que trabalhava

no capô para o chão. Girou com o carro na pista, freando e acelerando simultaneamente, dando um cavalo-de-pau inverso, enchendo o ar de fumaça de borracha queimada. Os primeiros disparos começaram. As balas ricocheteavam na lataria e outras ficavam na blindagem. Não ia demorar até apontarem armas de calibre mais parrudo, coisa suficiente para esburacar e transformar o Lexus numa peneira por onde o sol entraria e acabaria com a festa. Patrícia gritava. Uma fina faixa de sol bailava no interior do *sedan*, iluminando o banco, quebrando a escuridão. Seus olhos ardiam. Bruno tirou a jaqueta e cobriu a cabeça da amiga. No intento deixou o braço no finíssimo fecho de luz, o suficiente para bolhas encherem sua pele e uma camada de fumaça fedendo a carne queimada infestar a câmara.

— Tira a gente daqui, Alexandre!

O garoto acelerou repetidas vezes e por fim baixou o freio de mão.

— Segura! - Berrou.

Patrícia e Bruno afundaram no banco, vencidos pela aceleração súbita.

Diante de expectadores parvos e imóveis, o caixão de prata chocou-se contra o parapeito da ponte, lançando concreto para a frente, e projetou-se no vazio do céu. O veículo embicou para baixo e desceu em queda livre que, apesar de durar segundos, pareceu uma eternidade aos olhos de quem assistia à cena.

O caixão de prata mergulhou na baía de Guanabara, deixando atrás de si um rastro de espuma e uma natural agitação da superfície.

Lanchas a serviço do Exército trataram de tomar rumo ao ponto onde o veículo surgira uma única vez após o impacto, boiando por um instante e afundando logo em seguida.

Alexandre agarrou-se firme ao volante enquanto os *airbags* do Lexus explodiam.

Patrícia e Bruno gritaram em uníssono.

O impacto foi forte, um estardalhaço de água se abrindo e o dia virando noite mais uma vez. No segundo seguinte, o som da água invadindo o interior do caixão, o ar escapando pelo corte fino que a máquina tinha começado a abrir e pela escama de prata danificada pelos disparos dos vampiros. Água gelada. Alexandre sangrava na testa que tinha ido contra o pára-brisa, posto que o *airbag* inflou quando bateram contra a mureta e não teve efeito nenhum no segundo e mais importante impacto, deixando o rapaz estilhaçar o vidro, amassando um dos monitores. Bruno também tinha ido parar no banco da frente, o braço estalou quando o osso do antebraço

envervou e quebrou, arrancando um grito do vampiro; o joelho também girou e outro estalo se fez escutar. Uma ponta acinzentada do que fora um osso alvo um dia, brotou pela pele do braço e outro berro de dor e agonia escapou de sua garganta. Patrícia tinha virado com agilidade felina e se agarrado ao apoio de nuca do banco traseiro que rasgou em suas garras assim que o enorme *sedan* se chocou contra a água. A vampira bateu de costas contra o banco do piloto, envervou as costas e sentiu uma agulhada na cervical. Voltou a cabeça para a frente e para o lado provocando um estalo de ossos e também gritou de dor.

Alexandre, agora com o nariz também gotejando sangue negro em seu colo sentia-se comprimido contra o volante e o banco torto. O centro de gravidade tinha mudado completamente. O motor pesado mantinha o carro de bico para baixo. Não soube por que razão, talvez por ter lido em algum daqueles *Readers Digest*, acionou os faróis altos do veículo. Duas línguas prateadas iluminaram as águas escuras da baía. O veículo descia rápido. Sujeira e uma matéria marrom, ora clara, ora escura, surgiam nos monitores que restaram funcionando. O vampiro viu um cardume passando à direita. A água fria chegava em seu peito, seus pés pareciam dois blocos de gelo.

— Eu não vou conseguir - murmurou.

O silêncio dos amigos o deixou ainda mais alarmado e muito mais angustiado.

— A gente já era. Já era. Patrícia?! Você tá acordada?

Nenhuma resposta. Só o chiado do ar vazando para fora, trocando de lugar com a água que subia.

O carro continuava descendo. Alexandre não conseguia discernir mais nada. Um sono vindo repentinamente com o frio embotava sua visão. Sentiu a frente do veículo bater no fundo lodoso e assentar mansamente. Levou a mão às travas das portas. Dançaram molengas em seus dedos, travadas, quebradas. Não ia conseguir abrir o carro e deixar a maré carregar os corpos dos amigos para longe dali. A água fétida encobriu seu queixo e entrou por sua boca. Seus pulmões não clamavam por ar. Só agonia. Enterrado vivo, no fundo do mar, numa caixa de prata. Uma maldição que se repetia. Uma maldição que o sangue ancestral em suas veias já tinha experimentado. Os últimos solavancos dos pneus traseiros se assentando no fundo da baía. O braço quebrado de Bruno flutuando na sua frente, vazando uma trilha negra de sangue, lembrando o artifício do qual se valiam os polvos. Alexandre recostou a cabeça no banco. A última bolha de ar escapou de sua boca em conjunto com a última que vazou do capô do veículo. Água até o gargalo. Água salgada. Alexandre afivelou o cinto de segurança em Bruno no banco ao seu lado. Depois

afivelou o seu. O sono maldito. O transe tomando conta. Alexandre prendeu também seu cinto e cruzou os braços à frente de seu peito, cerrando os olhos. Assim seria seu fim.

CAPÍTULO 70

— Não vai ser tão fácil assim! - Berrou Brites, correndo até a beirada da ponte Rio-Niterói a tempo de ver o carro afundar nas águas da Guanabara. - Quero as lanchas circulando. Mergulhadores na baía!

O tenente ao seu lado, encarregado do contato com a Marinha, disparou até a base improvisada. Pelo rádio instruiu as duas fragatas que passavam sob o vão da ponte. Os mergulhadores foram requisitados.

Brites andava de um lado para o outro da beirada destruída; um passo em falso e cairia no mar. Os soldados, ainda estáticos, olhavam admirados para o homem que parecia a ponto de ter um ataque.

— Eles sempre inventam um jeito de escorrer entre meus dedos! Desta vez não vai ter Cristo que os tire do meu caminho. Eles não vão arriscar sair do veículo e vir à superfície, morrer na luz do Sol.

— Nós furamos o teto, senhor - informou um dos homens do Corpo de Bombeiros. - O carro vai encher de água. Eles vão morrer.

— Morrer?! Você não tem ideia do que essas criaturas são! Não morrem com água no pulmão, meu filho.

— Tá todo mundo dizendo, senhor, que os infectos são vampiros.

Brites parou de caminhar e olhar para a água agora serena da baía de Guanabara. Tirou o capacete e passou a mão pelos cabelos.

— Eles, sim, são vampiros. Não vão morrer porque estão no fundo do mar, dentro daquele carro. Pelo que aprendemos até agora, eles podem viver centenas de anos dentro daquela droga de esquite de ferro. Acontece que pelo que aprendemos eles morrem, viram cinzas quando chegam perto, assim, da luz do Sol. - Enfatizou, estreitando os dedos polegar e indicador da mão direita. - Eles não vão sair daquele maldito caixão de prata. Já vi isso! Hahahaha! Já vi isso, posso garantir. Em Amarração, aqueles sete demônios saíram da caixa de prata que estava na caravela. Mais de quinhentos anos dentro numa caixa! E viveram de novo! Espalharam o inferno de novo!

O tenente Wellington se aproximou de Brites.

— Contenha-se, senhor.

Brites agarrou Wellington pelos colarinhos e girou o corpo do tenente na direção da mureta danificada, inclinando o subordinado perigosamente sobre o vão aberto.

— Conter-me?! Conter-me?! - Brites espumava a cada fala, cuspendo saliva, com os olhos injetados, vermelhos, perto de uma síncope. - Quem é você para mandar eu me conter, seu merda?! Esses vampiros estão me deixando louco! Louco! Eles sempre, sempre tiram o nosso controle. Eles sempre, sempre têm uma carta na manga. Isso tem que acabar. Não podem fugir a todo instante! Não podem fazer-nos sonhar com seus corpos! Não podem entrar em nossa cabeça e mudar nossa opinião a seu respeito! Prefiro a morte a ser domado por uma vampira!

Quatro soldados aproximaram-se mansamente, incluindo homens do Corpo de Bombeiros, que ficaram realmente alarmados com a atitude do desorientado capitão do Serviço de Contenção. Pé ante pé, enquanto Brites gritava com Wellington, chegaram a uma distância segura e agarraram capitão e o tenente, afastando ambos da borda da Rio-Niterói.

Helicópteros giravam acima de suas cabeças. Câmeras de TV eram apontadas para os protagonistas daquele teatro de vampiros.

— Soltem-me! Agora!

— Calma, capitão! Calma! - Gritou um dos soldados que o agarrava pelos ombros.

— Estou calmo. Estou calmo.

Os presentes afrouxaram as mãos e soltaram Brites e Wellington.

— Eles me fazem perder a cabeça. Eles têm esse dom, eles entram nos nossos miolos.

— Igual a vampira negra, senhor? - Perguntou Wellington, um tanto ácido.

Brites ergueu a cabeça para o tenente.

— Igual - rebateu o capitão, apurando o colete e as mangas da farda. - Exatamente igual. Eles entram em nossas cabeças. Se não ficarmos de olho nessas águas... Não quero nem pensar! Eles não vão fugir. Não permitirei isso. Se, Deus, não quero nem pensar, mas, se por acaso fugirem, vai ser o fim. O fim para todos. Acabo com todos.

— Incluindo Calíope, senhor? - Insistiu Welington.

Brites suspirou fundo e caminhou para a borda novamente e mirou as águas logo abaixo onde uma das fragatas já tinha chegado. Olhou de volta para Welington.

— Incluindo aquela miserável, tenente. Incluindo aquela feiticeira. Seguindo as ordens do chefe do Serviço de Contenção os helicópteros verde-oliva intensificaram as patrulhas sob os vãos da ponte, girando próximos onde o *sedan* acabara de afundar.

Brites olhou mais uma vez para baixo e depois para Welington.

— Coloque-me no convés daquele navio. Quero ser o primeiro a olhar o veículo quando for içado da água.

CAPÍTULO 71

Leonardo pressentia Yuli. Intuíva que ela acabaria voltando uma noite, mas não imaginava que essa noite chegaria tão rápido. Não poderia precisar a que distância ela estava, mas se ela buscava o bando novamente é porque tinha passado maus bocados em sua investida no Sul do país e procurava os semelhantes para ter algum alento após perder Marcos. Tinha protelado até o momento o encontro com a loba desgarrada, mas o sentimento de líder instilado no peito voltava a incendiá-lo e dominar sua vontade. Agia agora como lobo alfa, sem saber ao certo o que fazer, mas deixando o instinto guiá-lo e fazê-lo fazer.

— Vamos andar! - Ordenou o líder da matilha. Os garotos e garotas encararam Leonardo.

— Eu sei que querem ficar por aqui, mas precisamos sair para ajudar Yuli.

— Ela que escolheu seu caminho, por que temos que sair de nossa zona de conforto para lamber as feridas da japinha viúva?

Leonardo inspirou fundo e rodeou o bando. Fuzilou Anelise com seu olhar, faltando apenas grunhir para deixar claro seu descontentamento.

— Porque eu estou mandando. Só por isso.

— Ah! Pronto! Tava demorando para você pôr as garrinhas de fora.

— Se alguém quiser desafiar minha liderança, é só dizer. Estou pronto a qualquer hora da noite... E quando eu colocar minhas garrinhas de fora, Anelise, vai ser para lhe dar educação.

Assim que lançou o desafio, Leonardo deixou seus olhos brilharem vermelhos e seus dentes de vampiro brotaram, passando pelos lábios inferiores e soltando um som ameaçador e gutural.

Os parceiros não avançaram em sua direção nem retribuíram o tão desafiador acender de olhos. Aquela ação estava para os vampiros como o tapa de luva de pelica deveria ter estado para os humanos que viveram à época dos duelos.

— Foi o que eu pensei.

Leonardo contornou o grupo e apanhou uma mochila de lona.

— Vamos ajudar Yuli. Ela precisa de socorro. Se não ajudarmos uns aos outros, quem nos ajudará?

Anelise deu de ombros.

Mari e Ginho fizeram cara de “ai, que saco!”. Enquanto Mari foi apanhar sua mochila, Ginho começou a jogar terra sobre a fogueira à qual estavam ao redor.

CAPÍTULO 72

Samuel olhava nos olhos de Gregório.— Chegou a hora, meu irmão. Não me decepcione. Gregório sorriu para Samuel.

— Você não acha que está extrapolando um pouco sua relação comigo?

Foi a vez de Samuel sorrir, exibindo seus dentes pontiagudos.

— Eu? Extrapalando? Creio que não, irmão de luz. Acho que você me deve ainda muito, mas muito mais que isso. O que eu quero de volta você nunca poderá me dar, então, esses pequenos bicos servirão para deixar minha vida maldita mais animada.

— Samuel, Samuel... Chegará uma hora que não poderei mais atender a seus clamores. Tive que abandonar meu general, sob olhar de reprovação, para juntar-me a ti pela segunda vez no mesmo dia.

— Quando essa hora chegar, irmão, deixaremos de ser amigos.

— Não diga isso, meu irmão de carne. Você tem que pensar antes de abrir a boca.

— Você tinha que ter pensado antes de ter virado um traficante de meia-pataca e ter transformado seu irmão de sangue em um morto vivo pela boca daqueles demônios dos infernos. Também não vi nenhum deles, dos anjos guerreiros, dizendo para eu pensar quando peguei a espada de um soldado de luz no chão de Belo Verde para ajudar o seu Exército quando estavam tomando um cacete de Khel e sua horda. - Rebateu o vampiro, agora olhando também nos olhos do bando de anjos que secundavam Gregório.

Tertoziel e os anjos guerreiros eriçaram as asas. Dois deles chegaram a pôr as mãos nas empunhaduras das espadas e ranger os dentes, prontos para o ataque.

Samuel reclinou o corpo automaticamente e seus olhos brilharam vermelhos, perigosos, exibindo as presas e soltando um rugido felino.

Gregório olhou para os companheiros mais exaltados e abriu suas asas imensas, erguendo as mãos, pedindo calma.

— Estamos todos em débito com esse vampiro. Baixem a guarda e paguem o preço. Se aceitamos sua ajuda no passado e se por nossa culpa meu irmão se converteu num ser sem alma, movido pelo perispírito e pela sede de sangue, vamos ampará-lo.

Tertoziel ergueu o braço e apontou o dedo para Gregório.

— Seu irmão é muito folgado.

Samuel riu.

— Sou muito folgado? Ah! Ah! Ah! - Virou-se para o irmão e repetiu o gesto, apontando o dedo para Tertoziel. - Esse pardal gigante tá andando muito com você, Gregório. Desde quando anjos deixam gírias mortais escaparem da boca?

Gregório balançou a cabeça negativamente, com um sorriso nos lábios. Seus olhos chamejantes emanavam uma luz branda que iluminava a face do irmão.

Samuel viu os anjos se acalmarem.

O imenso guerreiro de luz virou para seus seguidores.

— Já sabem o que fazer! - Bradou.

Os anjos saltaram, com asas abertas, e ganharam o céu rubro, com a noite sendo engolida pela aurora.

Gregório aproximou-se dois passos e pousou a mão no ombro de Samuel.

— Você gosta mesmo daquela menina?

Samuel riu e foi acompanhado pelo anjo.

— Gosto, seu pilantra. Gosto pra caralho.

Gregório levantou o dedo.

— Ssssshhhh! Olha a boca suja. Não é porque ouviu um dos meus falando como malandro que pode perder a compostura comigo. Ainda te dou um couro, moleque!

Samuel riu novamente.

Gregório, asas fechadas e arqueadas, olhou para a baía de Guanabara. O Sol chegando.

— Você tem ideia do que essa intromissão pode causar? Uma intromissão tão escancarada aos olhos de tantos viventes?

Samuel negou com a cabeça.

— Tenho até medo de ser eu o anjo do ponto se isso desencadear outra Batalha Negra.

— Se isso acontecer, irmão, dá-me uma espada que eu te ajudo.

— Ajuda? Não vai ajudar nada se ficar aqui, o Sol está raiando. O negrume está indo embora e com ele vai embora sua consciência e, ficando aqui fora, embora vai também teu arremedo de vida.

— Eu sei disso. Só tenho que ter certeza que a salvaram. Patrícia não merece perecer.

— O amor do Pai de Luz brilha até mesmo no fundo dos olhos de um vampiro. Não é surpreendente essa força presente em tantos recantos?

Gregório saltou do topo do morro, enlaçando Samuel pela cintura e disparou, tornando-se uma esfera de luz, sem esperar repostagem do irmão. Ele e seus treze soldados alados atingiram uma velocidade incrível e, em poucos segundos, estavam voando baixo, rente à água do mar, paralelos à gigantesca ponte Rio-Niterói.

Gregório liberava tanta energia que a água começou a esparramar-se e a formar um rastro à passagem de seu batalhão, como se uma possante lancha de competição estivesse cruzando as marolas do mar agitado.

Os anjos, tal qual uma esquadra de caças, vinham com o líder, também descendo tão rentes ao mar e subindo e descendo a cada marola, empurrando a água para baixo e para o lado. Seus corpos de luz eram invisíveis aos olhos humanos naquele momento, mas o efeito da presença da energia dos anjos reunidos não passava despercebida. Era energia demais emanando daqueles guerreiros.

Os soldados, membros da imprensa e governo que estavam nas bordas do cerco na ponte, olhando para baixo, viram aquele estranho fenômeno. Com a presença de tantos barcos da marinha não foram poucos que supuseram que os militares tinham lançado torpedos, armas de algum tipo que causavam tão diferente agitação nas águas. À medida que os olhos continuavam acompanhando, o espanto aumentava, aquelas linhas retas e ligeiras iam em direção a um círculo de embarcações que formavam um anel onde, diziam no rádio, havia caído um carro com fugitivos da polícia. Não era possível que a Marinha estivesse atirando contra a própria frota!

Gregório sinalizou para os anjos ao seu lado. Seus comandados mergulharam nas águas escuras da baía de Guanabara quando a aurora dourada coroava a cidade do Rio de Janeiro. Anjo e irmão ganharam altitude. Gregório olhou para baixo,

vendo o círculo de embarcações transformar-se num anel diminuto. A velocidade era incrível. De alguma forma, a esfera violeta de seu irmão de luz bloqueava a ação mortal dos raios solares e foi neste instante, que pela primeira vez em anos, Samuel sorriu e se emocionou assistindo a ascensão da hóstia amarela e quente, tomando o horizonte enchendo de cor a costa brasileira.

CAPÍTULO 73

Sebastian Lacroix olhou para o relógio na cabeceira de sua cama. Os olhos carregados daquela sensação de estarem cheios de terra. Mesmo sabendo que era cedo demais para alguém se atrever a bater em sua porta, só confirmou quando colocou os óculos redondos. Cinco e dez da manhã. Ainda não entrava sol pela janela.

— Um minuto! - Gritou, com a voz rouca e começou a pigarrear. Cruzou o chão acarpetado do quarto montado e entrou no pequeno banheiro. Acendeu a luz que o fez mecanicamente estreitar os olhos. Retirou os óculos e lavou o rosto com água fria. Enquanto sustinha a suave toalha na pele da face, Lacroix percebeu. Sabia por que batiam em sua porta àquela hora. A imensa carroceria de caminhão que fora transformada em luxuoso escritório e dormitório para o milionário francês estava instalada próxima à pista do aeroporto aberta na mata amazônica. Do outro lado da pista, trabalhavam dúzias de caminhões e retroescavadeiras e homens empunhando um exército de motosserras que derrubariam a selva dia e noite, até que seu objetivo fosse alcançado. A área já desmatada equivalia a uma pequena cidade. Centenas de milhares de metros quadrados. Sua máquina de destruição era voraz e a estratégia implantada por sua equipe, exemplar. As máquinas não cessariam até que Lacroix ficasse satisfeito. Então por que cargas-d'água Sebastian Maurice não ouvia um mísero motor sequer? Um silêncio que começava a soar perturbador tomava seu quarto. Lacroix colocou a toalha sobre o lavatório e ficou imóvel mais um tempo. Talvez fosse o sono. Não era homem de sono pesado. Quando era requerido fora de hora, não levava mais que um minuto para organizar as ideias e estar pronto para tomar decisões e se engajar no mais complexo dos problemas. Qualquer pessoa que chega à sua idade sabe que o sono já não é mais o mesmo. Então não estava sofrendo uma peça, uma distração causada pela perturbação. Seus ouvidos traziam a verdade. O canteiro de obras estava parado. Nenhuma máquina comia árvores naquele momento. Nenhuma motosserra rasgava um tronco milenar ao meio. Sua cruzada tinha sido interrompida. Por quê? Lacroix chegou a sorrir de esguelha. Será que o gerente do turno tinha ordenado a parada por ter encontrado algo fora dos planos da SML? Lacroix podia ter tido aquela sorte de encontrar seu tesouro antes de completar uma semana de trabalho naquele caldeirão infernal e escaldante? Muita sorte.

O funcionário viu a porta se abrir e o velho, com a pele cheia de sardas e pintas, atendê-lo com um cuecão branco e camiseta cavada da mesma cor: no rosto, os óculos redondos e característicos.

— Desculpe acordá-lo assim, senhor Lacroix.

— Sem problemas, rapaz. Estou aqui para ser acordado... Em que posso ser útil?

— Sugiro que o senhor se vista para caminhar, chefe. Temos um problema. Do tipo que eu não posso resolver.

— É ruim?

O funcionário franziu os lábios e balançou a cabeça afirmando que sim.

— O que os homens encontraram?

— Esse é o problema, senhor. Os homens... Não encontraram nada. Na verdade... Os homens é que precisam ser encontrados.

Lacroix arregalou os olhos e engoliu em seco. Voltou para dentro do quarto e atacou o guarda-roupas. Em menos de cinco minutos estava com camisa, calças grossas também brancas e as botas de cano alto e sua inseparável bengala para ajudar na caminhada do terreno irregular.

CAPÍTULO 74

O empresário francês pediu que os holofotes do canteiro de obras da SML fossem ligados para reforçar as luzes espaçadas lançadas pelos postes elevados aqui e ali, que deveriam estar acesas naquele momento. Faltando dez minutos para as seis da manhã, a aurora descortinava no horizonte, talvez por isso, com a claridade matutina anunciada, tivessem apagados todas as luzes do campo de trabalho, lançando uma escuridão estranha que estendia-se diante dos olhos de Lacroix.

O funcionário que o tirou da cama, de nome Valdir, coçou a cabeça e olhou para os outros trabalhadores, que iam se ajuntando, sendo acordados nos contêineres-dormitórios e vindo saber o que tinha acontecido no turno da madrugada.

— Vamos, senhor Valdir. Não temos tempo a perder. Quero saber por que as máquinas estão paradas. Acenda os holofotes.

— Os geradores, senhor Sebastian... É...

Lacroix ergueu as sobrancelhas e encarou o encarregado com ar impaciente.

— Diga, por Deus!

— Os geradores estão destruídos. Sobraram três funcionando, mas nenhum que alimente os holofotes e os postes.

Uma procissão acompanhou Valdir e Lacroix até onde ficavam os geradores.

Lacroix abaixou-se perto de um dos grandes quadriláteros de metal amarelo que ficavam dia e noite queimando óleo *diesel* a troco de fornecer energia elétrica para o canteiro de obras. A luminosidade ia aumentando gradativamente e foi suficiente para que ele, ao abaixar-se entre o primeiro e segundo gerador, percebesse o metal retorcido em algumas partes e as chapas de ferro rasgadas, como se grandes machados tivessem sido empregados naquele ato de sabotagem. Olhou para os fios arrancados e os painéis de controle danificados. Suspirou consternado, mas logo sua mente acostumada com desafios e respostas já imaginava um pedido urgente de mais geradores. Colocou-se ereto, sentindo uma dor leve na coluna. Espichava as costas quando mirou o imenso lugar onde seus tratores e motosserras tinham aberto a mata. Seu queixo caiu. Sua mente acostumada a transtornos e soluções entrou em suspensão. Lacroix não sabia como contornar aquilo. O gigante deserto que as

máquinas tinham produzido agora estava tomado por uma sombra desconcertante. Lacroix atravessou a pista de terra e chegou às primeiras raízes secas. Agora eram poucos metros que estavam daquele jeito, transpirando desolação. O restante exalava o inusitado, o fantástico. A sombra diante de seus olhos ia perdendo segundo a segundo com a chegada do Sol o negror característico das coisas assombradas da noite. A sombra respirava, viva, lançando um ar frio na direção daqueles homens desconcertados, assustados, totalmente incrédulos. Do âmago daquela sombra escapavam silvos das aves madrugadoras, escapavam chiados, barulhos de animais saltitando em meio à folhagem. A sombra era a vida. Não havia mais o imenso e horrendo descampado. Não havia mais aridez e desolação. Não havia mais quilômetros e quilômetros de raízes expostas e troncos tombados. As árvores. As árvores tinham voltado.

— Como é possível? - Lançou ao ar o velho empresário.

— Era isso que eu queria mostrar ao senhor, chefe. Eu não sei como explicar isso. Ninguém sabe. Isso tudo tava derrubadinho, tava um plano de dar dó.

Lacroix virou-se para a outra ponta da pista de pouso e decolagem. Caminhou cinquenta metros, com o coração bombeando rápido e um início de suor descendo pela testa. Seus olhos, maravilhados, encontraram as milhares de toras empilhadas em grupos de dúzias e dúzias. As árvores derrubadas estavam lá. Aquilo era a prova de que não eram um bando de malucos. Seus olhos varreram a estreita e ridícula linha que sobrara desmatada. Nenhum trator. Dois ou três caminhões. O resto, todo o maquinário, todos os homens, tinha desaparecido, devorado pela inesperada mata.

Foi só ouvir o nome Lacroix que o delegado Antero esfregou as mãos. Não via a hora de o gringo precisar dos seus “favores” de homem da lei. Já tinha ouvido de mais de cinco bocas sobre a generosidade do francês para com aqueles funcionários públicos e políticos, que facilitavam as coisas para a multinacional do senhor Lacroix seguir em frente com aquela afronta que era derrubar a floresta, o pulmão do mundo. Antero passou a mão no cinto com o trinta-e-oito e enfiou a carteira de delegado no bolso de trás da calça *jeans*. Chamou um escrivão e partiram para o povoado de Cacira, onde seguiriam em um barco a motor que os deixaria nas instalações da SML. O pedido de urgência do encarregado soara um tanto exagerado para os ouvidos calejados do delegado Antero, homem acostumado a chegar em ocorrências em locais inóspitos, em botecos perdidos no meio do mato, em pequenos garimpos, onde as tripas do queixoso esfriavam no barro, cercadas por enormes moscas varejeiras, onde a maioria das disputas eram resolvidas muito antes de a

justiça tomar tento, com bala ou facão. Pressentia uma margem confortável de possibilidades para aquela diligência. O que poderia de fato estar acontecendo nas terras do francês? Um bando de índios impedindo as queimadas? Briga de funcionários embriagados? Nada mais grave do que isso. Só que a voz do encarregado ainda martelava seus tímpanos. O homem pediu rapidez, pediu ajuda. Respiração entrecortada entre uma frase e outra, e nada revelou. Não disse se tinha morto, se tinha roubo, sobrando ao delegado coçar o queixo enquanto a lancha balançava rio acima.

Quando chegou a SML Nature Benefits, ou ao menos ao terreno de obras que um dia seria a tal de “fábrica” de celulose, o delegado nada achou de estranho. Uma faixa de uns duzentos metros de largura, numa linha a quase perder de vista, de mata derrubada, com tocos de raízes para fora da terra revolta, que em poucos dias arderiam no fogo da devastação. Estranhou uma faixa tão estreita de mata derrubada com tanta gente trabalhando dia e noite por ali. Tinha ouvido um monte de gente que ganhava dinheiro do francês falando que o estrago em Anhanguera era avassalador, que as máquinas e motosserras avançavam de forma galopante, parecendo a mando de um capeta franco, morto de fome por destruição. Andou até os dormitórios feitos de ferro. Ali se juntavam muitos homens. De estranho era isso. Aqueles homens deveriam estar trabalhando e não parados, apalermados, um ou outro andando para lá e para cá. Na sua cabeça veria milhares de metros quadrados de derrubada, no entanto não ouvia nem uma serra tico-tico raspando a casca de uma árvore. Reconheceu de longe o estrangeiro por causa da bengala. Das cinco pessoas que tinham falado a respeito do magnata, três tinham falado que o francês andava com ajuda de uma bengala. Olhou para o escrivão e balançou a cabeça como quem diz: “é aquele ali”. O homem da lei chegou estendendo a mão.

— Delegado Antero, senhor. Ao seu dispor. Presumo que seja o tão falado senhor Sebastian Lacroix.

O francês confirmou com a cabeça.

— Qual é a situação, senhor? Em que a polícia pode ser útil?

Lacroix ficou calado um momento, olhando para a inexplicável floresta que tinha brotado, literalmente, do dia para a noite, comendo hectares de terras devastadas, e depois olhou para o delegado que viera acompanhado de apenas um homem. Coçou a cabeça, empurrando de leve o chapéu.

— Sinceramente, não sei, senhor Antero - respondeu, carregando no sotaque franco ao pronunciar o nome do delegado. - Acho que vamos precisar da ajuda de um batalhão inteiro.

— Mas o que, por Deus, aconteceu aqui? Por que os homens não estão trabalhando?

Valdir aproximou-se do delegado.

— Os homens que trabalharam no turno da noite, delegado, simplesmente desapareceram. Homens, máquinas, tudo!

— Sequestrados? Roubo de maquinário? É isso?

— Não, delegado. Não é nada disso. Eles sumiram. Sumiram!

Lacroix lançou um olhar de soslaio para seu funcionário. Poucas vezes na vida Sebastian Lacroix sentira aquele gosto amargo na boca. O gosto da indecisão. Do momento em que o encarregado chamara a polícia até agora não conseguira determinar se diria tudo ou não. Se despertaria toda a atenção para o que se passava nas terras da Nature Benefits ou se tentaria deixar tudo mergulhado no mais profundo mistério, sem ceder informação alguma. Lacroix lutara com o dilema até notar que não tinha informação qualquer que pudesse esconder. Não eram fatos ocorridos dentro de uma órbita controlada. Eram fatos que corriam em sentidos avessos aos naturais. Não havia como explicar nada. O amargor na língua só crescia. A indecisão feria seu estômago velho e acostumado com levezas e sutilezas. Tinha se preparado mentalmente para conseguir o que queria revirando aquelas árvores. Sabia que coisas incríveis estavam por vir, mas em nenhum de seus devaneios de conquistador sequer vislumbrou uma centelha daquilo. Lacroix engoliu em seco enquanto sentia o olhar do delegado pesar sobre sua carcaça.

— Tem ideia de onde seus homens estão, senhor Lacroix? Eles têm algum motivo para terem roubado o maquinário?

— Ninguém roubou nada aqui, não, doutor - interveio Valdir. Outros funcionários inflamaram-se e se aproximaram.

— Meu primo não é ladrão. Ele tava trabalhando de noite. Trouxe até pão para ele comer de manhã na troca do turno. Mas cadê ele? Foi comido pela floresta! Não é ladrão, não.

O escrivão Renato levantou a mão e pediu silêncio. Lacroix ergueu a bengala e apontou para a floresta.

— Senhor Antero, bem disse esse empregado. Os homens foram comidos pela floresta.

— Comidos?

Antero franziu a testa e olhou para o escrivão Renato. Depois olhou para as árvores que balançavam naturalmente e serenas com a passagem do vento. Tanto tempo trabalhando naquelas bandas não era raro ouvir histórias de gente “comida” pela floresta. As crenças eram tantas, vindas de tantos lugares e culturas, que podia-se montar um compêndio de criaturas devoradoras de incautos exploradores da mata que não raramente eram encontrados mortos, desidratados, com uma perna quebrada, perto de uma ribanceira de pedras escondidas por raízes, encontrados com picadas de cobras venenosas ou mesmo engolidos de fato por jibóias imensas. Mas um turno inteiro de trabalhadores? Ter desaparecido sem um motivo claro, isso era novidade.

— Mas houve greve, protesto, algum tipo de queixa trabalhista antes do turno da noite começar a trabalhar?

— Não, senhor - respondeu lacônico o francês.

— De jeito nenhum. O senhor Lacroix aqui paga a gente e paga muito bem. Ninguém seria doido de ir embora.

— Certo.

— Mas o pior a gente ainda não falou, seu doutor - juntou outro funcionário. - Tá vendo essas árvores aqui pertinho?

Antero balançou a cabeça concordando.

— Mostra pra ele, Valdir. Mostra pra ele não pensar que a gente tá bêbado ou doido.

Valdir tirou um papel do bolso. Era uma impressão em alta resolução numa folha de sulfite.

— Ontem eu tirei umas cinquenta fotos do progresso do trabalho. O senhor Lacroix queria tudo registrado. Vê isso.

Antero apanhou o papel e olhou para a imagem. Depois olhou para o campo à frente. Sorriu e balançou a cabeça estendendo a fotografia para seu auxiliar.

— Não é o mesmo lugar.

— É, sim - confirmou Valdir.

— Não é. Aqui na foto... Não sei nem medir quanto terreno está com mata derrubada. Tem uns vinte caminhões só num lado do papel. Tratores. É muita terra, muita máquina e muita gente trabalhando.

— Pois é - retrucou Valdir.

— Aqui na nossa frente não tem um décimo dessa terra derrubada, das árvores, dos troncos - insistiu o delegado enquanto Renato juntava-se para olhar.

Valdir moveu-se para o lado e apontou as imensas e inúmeras pilhas de troncos perfilados.

— Os troncos que arrancamos ontem e trás de ontem estão ali. Não sumiu unzinho sequer. E a medida da área derrubada passava de duzentos e oitenta mil metros quadrados.

— Desculpe, cara, mas qual é o seu nome? - Perguntou o delegado.

— Valdir, senhor.

— Foi você que me ligou, né?

— Foi, sim.

Antero apanhou a foto da mão de Renato e olhou de novo.

— Isso é um tipo de brincadeira ou está falando sério? Não dá parra acreditar.

Lacroix coxeou dois passos na direção do delegado.

— Filho, eu já passei da idade de brincar faz um bom tempo. Não fiz fortuna pregando peças em delegados. Não me interessa como isso aconteceu. Não me interessa quanto isso vai custar, mas quero que encontrem meus homens. Ache alguém que conheça esta mata e revire isto do avesso. Eles estão aí em algum lugar, perdidos e certos de que não estão participando de nenhuma brincadeira.

Antero engoliu em seco e depois bufou. O calor aumentava. O suor empapava suas axilas. Parecia que finalmente tinha encontrado uma história em sua carreira de delegado que contaria para os seus netos, nas noites frias, quando quisesse assustá-los antes de dormir ou para ser apontado no boteco como o delegado que tinha ficado louco depois de encontrar um pedaço de floresta enfeitiçada.

— Valdir, me leve até um telefone. Nós já vamos correr esses matos atrás dos seus amigos, mas vamos precisar de ajuda. Vocês têm rádios aqui?

— Vários.

— Isso vai ser bom.

Já fazia mais de meia hora que Antero e os homens da SML caminhavam dentro

da mata. Poderiam ter avançado muito mais, mas o velho Lacroix fez questão de também juntar-se à expedição. Lacroix estava mordido pelos pernilongos e pela curiosidade e de jeito maneira foi demovido de sua determinação.

Homens abriam picadas com facões afiados. Em trechos mais fechados valiam-se do único par de motosserras que tinha sobrado dentro do galpão de ferramentas e iam avançando.

Só Lacroix conhecia a razão exata de sua teimosia. Aquele estranho e aberrante fenômeno significava que todo seu empenho e presumido desatino tinha valido cada centavo. Estava de fato andando sobre a Estrada da Lua, o caminho abandonado pelos Incas, o caminho de busca e adoração ao deus da morte e da guerra, o Deus Noite. Não deixaria aqueles homens seguirem sozinhos. Não que pudesse salvar qualquer um deles de um eventual ataque ou novo fenômeno, mas queria morbidamente estar presente, queria vivenciar, queria ver com os próprios olhos os desdobramentos daquele incidente. Afundado nos seus devaneios, o empresário francês escutou o primeiro berro. Um dos funcionários, que havia se adiantado em relação ao grupo, chamava a atenção dos demais.

Antero foi o primeiro a se aproximar e, ato reflexo, seus olhos varriam o chão cravado de raízes e vegetação procurando sangue, corpos caídos e sinais de violência; no entanto, para sua surpresa, mirou o funcionário que apontava com uma vara para cima. Faltou pouco para Antero não cair para trás, tamanha a surpresa que foi de igual impacto em cada um dos expedicionários.

— Deus pai, todo poderoso. Que diacho é isso?

— Que miséria sucedeu aqui, santo Cristo?

Cada um deles perdeu noção do tempo e do espaço olhando para cima, agarrando-se a cipós ou escorando-se em grossos troncos de árvore para respirar, entender e não cair. Árvores, cipós e mata que não deveriam em hipótese alguma existir ali. Vegetação que foi devastada por tratores, correntes e caminhões. Veículos que agora, ao invés de estarem no chão trabalhando, estavam suspenso no ar. Cada um dos veículos desaparecidos ocupava um lugar na paisagem, pairando a coisa de quinze metros de altura, suportados pelo emaranhado de troncos e cipós que enroscilhavam suas rodas, entravam por janelas e chassis, mantendo-os lá no alto, feito frutos fantásticos de um agricultor amalucado.

— Deus amado! Que coisa é essa? Só pode ser obra do tihoso.

Antero olhou para o funcionário da SML. O delegado não era muito religioso, não ia à igreja com frequência, mas valeu-se de um sinal-da-cruz. Olhou para

Sebastian Lacroix. O velho francês estava estático. Seus olhos amarelados e fundos e a expressão do rosto abatida. O homem estava aparvalhado com a descoberta e esgotado pela caminhada.

— Senhor Lacroix, em toda a sua vida de homem de construção... Tem alguma ideia do que pode ter acontecido para esse maquinário ter ido parar lá em cima?

Sebastian balançou a cabeça fazendo a papada debaixo do queixo balançar com a negativa.

— Não faço ideia, *monsieur*. Não faço a menor ideia. E acredite, *monsieur*, esses olhos amarelos já viram muita coisa, sim, senhor.

Antero andou mais um pouco. Contou meia dúzia de caminhões só ali. A luz do Sol rasgando a copa das árvores fantasmagóricas criava um emaranhado de luz e sombras. Em canto algum um corpo sequer.

— E os homens, delegado?

Antero coçou o queixo antes de responder ao assistente.

— Nem sinal. Será que eu consigo chegar lá em cima?

— Afe! É alto demais, homem - redarguiu Valdir.

— Mesmo assim vou ter que tentar, seu Valdir. Não dá pra voltar para Cacira e contar uma história fantástica dessas e simplesmente dizer que todo mundo escafedeu-se. Tenho que esgotar as possibilidades. Nem que eu encontre todo mundo morto, eu encontro.

Valdir benzeu-se pela quadragésima vez. Todo mundo morto. Céus! Seria possível aquela desgraça? Seus olhos pararam numa retroescavadeira, com os dentes de aço agarrados pelos galhos de uma árvore, como se o vegetal lhe dissesse: “Chega! Basta de selvageria”!

Antero parou debaixo de uma seringueira. Em cima dela um Mercedes-Benz de no mínimo trinta toneladas perdia-se no meio de sua folhagem. O delegado, criado no mato desde de cedo, tirou o par de sapatos, entregou a arma ao assistente Renato e agarrou-se ao tronco. Foi subindo devagar, mas com segurança. De galho em galho ia aproximando-se da copa. Sabia que se varasse a copa encontraria a superfície da selva, como quem mergulha num rio largo e sobe a superfície da água, podendo observar ao redor. Só que daquela feita não queria o topo. Queria alcançar o caminhão. Alcançar o maquinário e buscar pistas do paradeiro dos desaparecidos. Onde tinham ido parar? Não poderiam escafeder-se assim. Talvez alguma coisa

tivesse passado batido, mas quando os grupos de busca vindos de Boa Vista ou Manaus chegassem, fazendo pente-fino, talvez apreendessem algo que ficou despercebido. Um fiapo de roupa, óculos caídos, protetores auriculares, restos e trilhas, mato quebrado, coisas que dessem ao menos uma direção a seguir, um rumo por onde os funcionários tinham caminhado. Era baba perder-se num mato daquele. Assumindo aquele caso fantástico, de que as árvores tivessem voltado de uma hora para outra, não ficava difícil imaginar a confusão mental à qual aqueles homens foram arremessados e, no fito de voltar à base, talvez tivessem tomado o sentido errado, estivessem a cada minuto mais se afundando na garganta de Anhanguera, e todo mundo sabia o que acontecia com quem ficava mais de um dia perdido naquele pedaço. O infeliz nunca mais era visto ou encontrado. Desapareciam como assombração quando o dia chegava. Evaporavam como se jamais tivessem existido. Se quisessem encontrar aqueles coitados, tinham que achar um rastro antes que o Sol baixasse.

— Tá vendo alguma coisa? - Berrou Renato lá de baixo.

Antero esforçou-se mais um pouco e espiou dentro da cabine do caminhão, agarrando-se à porta e firmando o pé nos cipós que passavam por dentro da cabine, perfurando os bancos, saindo para fora e passando por baixo do chassi. Não viu ninguém. Não podia dizer que não viu nada. Isso nunca. Seus olhos devoravam tudo o que encontrava. Era fantástica demais toda aquela situação. Nunca, nunquinha tinha visto algo tão espetacular. Não era lorota dos homens. As máquinas tinham sido suspensas de uma hora para outra. Dava para sentir o cheiro de suor dentro da cabine, de nego que estava ali trabalhando. A chave balançando no contato. Um pé de sapato jogado entre os pedais do condutor. Provavelmente o homem tivera que saltar lá de cima. Provavelmente encontrariam objetos caídos dos bolsos dos trabalhadores nos arredores. Antero esgueirou-se pelos cipós para a árvore do lado. Estava rumando para a imensa retroescavadeira.

— Nada no caminhão. Só um sapato - disse, arremessando o pé do mocassim de couro artificial para baixo. - Vê se alguém sabe quem calçava esse trem aí.

Antero foi agarrando-se aos galhos e folhagens até chegar à retroescavadeira. Novamente aquela sensação de estar participando de um filme ou coisa que o valha. A sensação era estranha. Um misto de medo com ansiedade, sentindo-se igual quando era garoto e tudo no mundo era novidade. Subiu pelos galhos de uma nova e robusta árvore, cheia de limo e infestada de líquens, sugerindo uma existência muito mais antiga que poucas horas. Tudo isso para confundir quem quer que contasse aquele sucesso. O delegado aproximou-se da cabine de comando da retroescavadeira, seus olhos admirados com os galhos que enrodilhavam a garra

principal, retorcendo o ferro de forma poderosa, estourando as mangueiras hidráulicas que permitiam o trabalho do monstro de metal. Foi então que escutou aquele choramingo. Antero agitou-se tanto que seu corpo pendeu para trás em desequilíbrio. Aproximou-se mais da cabine. Enrodilhado, com galhos passando pouco acima de seu cabelo negro e farto, havia um homem chorando dentro máquina.

— Tem alguém aqui! - Gritou Antero.

— Vivo? - Perguntou Lacroix. Antero olhou para baixo e concordou.

— Sim, senhor, seu Sebastian! Um funcionário vivo!

— Graças a Deus - berrou em coro a maioria dos homens.

Antero dirigiu-se ao homem:

— Ei. Consegue sair?

O homem não respondeu. Afundou-se mais, enrodilhou-se mais, e choramingou mais alto.

— Ei, escuta. Não sei o que aconteceu, mas todo mundo sabe que foi algo fora do comum. Vamos. Pode parar de chorar. Você está a salvo agora.

O funcionário tapou os ouvidos e afundou-se ainda mais na cabine da retroescavadeira. O corpo tremia. Ele transpirava medo.

— Acho que vou precisar de ajuda aqui! - Bradou o delegado. Antero ficou olhando o sujeito. Depois de um tempo, tornou a falar.

— Vamos descer, homem. Eu te seguro.

Choramingos.

— Eu não consigo te tirar sozinho. Vou ter que voltar à base da SML pra trazer uma escada ou sei lá o quê. Ou então esperar as equipes de socorro chegarem de Boa Vista. Vai passar a noite aqui, sozinho?

— Não! - Berrou o homem. - Não me deixa sozinho!

— Então me dá a mão. Vamos descer.

— Não me deixa com eles. Eles vão voltar. Eles querem me pegar.

— Tá falando de quem, homem? Quem pegou vocês? Quem fez um negócio desses?

— Os homenzinhos! Eles vieram! Os curupiras! Não me deixa sozinho! - Berrou

o homem enlouquecido, erguendo o rosto cheio de arranhões.

CAPÍTULO 75

Isabela, Raul e Aléxia permaneceram na lancha, com binóculos, observando o mar agitado. Um sorriso malicioso brotou nos lábios da vampira ruiva. Os barcos da marinha rodeavam o local onde o caixão tinha afundado e mergulhadores com lanternas começavam a se lançar na água.

Raul tocou de leve o ombro da vampira ruiva. Isabela sabia o que angustiava o garoto. Os olhos de Isabela foram até o horizonte. A noite negra perdia força e uma cortina azul escura começava a subir. Em questão de minutos, o dia engoliria a noite e privaria os amaldiçoados das horas vivas e cheias de brilho. Isabela suspirou. Saudade das horas de sol? Talvez. Cansaço daquele pique-esconde eterno? Talvez. A ruiva caminhou até a cabine da imensa lancha e ordenou que o marujo zarpasse.

Aléxia, ainda junto de Raul, olhava para o mar. Aqueles dentro do veículo prateado não teriam a opção de se resguardar. Estavam, tal e qual os vampiros do Rio D'ouro, os responsáveis por todas aquelas desventuras dos últimos dias, selados dentro de uma caixa de prata. Os militares rasgariam a carapaça de prata quando o sol surgisse no horizonte. Assim que a noite chegasse novamente, a menina bruxa não teria mais proteção alguma. Se ainda fosse vontade de Ignácio, Aidara pereceria sem nunca adivinhar o porquê nem o quando.

CAPÍTULO 76

—Capitão! - Gritou o soldado. Brites, no convés da embarcação, girou sobre as botas. Os ouvidos treinados nas últimas semanas, combatendo aquela raça noturna, já conseguiam interpretar aquela perturbadora entonação de voz. Mesmo com o sol se levantando, mesmo encalacrados em sua própria prisão de prata, os vampiros tinham aprontado alguma surpresa. O infeliz não precisava nem abrir a boca. Brites começou a sentir o olho tremer e uma pressão enervante subir à sua cabeça.

O soldado prestou continência, parando à frente do capitão, com os olhos arregalados.

— O que foi agora?

— Os mergulhadores, senhor. Eles, eles estão voltando.

— E o carro?

— É... É... Justamente i-isso, se-senhor - gaguejava o soldado.

— Isso o quê, homem?

— O carro foi carregado.

— Carregado?

— Foi apanhado antes que nossos homens chegassem ao foco, senhor.

— Apanhado? Quem perfurou o perímetro? Como deixaram alguém se aproximar?

— Os mergulhadores, senhor, eles estão perturbados. Estão falando que luzes chegaram até o carro. Que eram anjos, senhor.

— Anjos? No fundo do mar? - Brites sentiu os pelos dos braços eriçarem-se. - De que diabos você está falando?

— Eu não sei explicar, senhor. Vá até a lancha dos mergulhadores. Eles estão perplexos e não falam coisa com coisa.

Brites suspirou fundo. Fazia tempo que não sentia aquilo. Um bolo no estômago. Uma queimação no braço esquerdo. O peito doendo. Náusea. O nervoso

era tanto que sua visão o cegou por um breve momento e se agarrou à amurada do navio quando sentiu tontura. O estresse massacrante a cada investida contra os vampiros estava destruindo seu corpo de dentro para fora. Os lábios tremiam involuntariamente enquanto a pressão na cabeça subia.

Não podia perder o controle como perdera com seu braço direito instantes atrás. Tinha que dar um jeito de encontrá-los e destruir a todos. Todos os vampiros. Calíope ajudaria. Sabia que a vampira negra ajudaria. Ajudaria ou seria arremessada ao sol do meio-dia com todos os infectos detidos na base de Quitaúna.

CAPÍTULO 77

Quando o Sol baixou no horizonte e o manto negro da noite começou a cobrir o firmamento, Patrícia abriu os olhos. Estava deitada no chão. A surpresa foi tanta que levantou-se num pulo. O chão coberto por mato seco. Cheiro de excremento de animais. Mais precisamente cheiro de excremento de vaca. Apurou sua visão de vampira. Estavam dentro de um imenso galpão, um tipo de celeiro de fazenda. Sua primeira reflexão girou em torno do Exército. Que tipo de instalação militar era aquela? Só que as coisas não batiam. As portas do Lexus tinham sido arrancadas. Podia ver Alexandre, ainda apagado, sentado no banco torto do motorista, com o cinto de segurança passado no peito, o saco vazio do *airbag* escorrendo do volante. Bruno deitado no banco de trás, com o braço ainda ferido. Olhou ao redor. Era um celeiro ordinário. Não estavam em poder do Exército brasileiro. Brites não deixaria o trio, assim, tão à vontade e livre das grades e grilhões de prata com a chegada da noite. A vampira, líder do esfacelado turno da noite, ergueu os olhos. Encontrou um par de brasas vermelhas num tipo de mezanino dentro do celeiro. Colocou-se em alerta por dois segundos, mas rapidamente entendeu. Era Samuel. Seu Samuel. Patrícia saltou para a parede de madeira, agarrando-se às reentrâncias e então alcançou o amigo. Olhou para baixo e viu Bruno deixando o caixão de prata. A blindagem ainda estava baixada, vedando os vidros. A vampira passou a mão na nuca, sentindo dores na coluna cervical. Os movimentos estavam estranhos, doloridos, meio que travados. Seu pescoço estalou umas quatro vezes quando moveu a cabeça de lá pra cá auto-examinando-se. Suas roupas estavam frias, molhadas e coladas ao corpo. Cheiro forte da baía de Guanabara. Olhou novamente para Samuel. O vampiro estava acorado e calado. Ela se aproximou.

Samuel levantou-se e abraçou Patrícia com força. O corpo pequeno da garota ficou perdido no peito largo e nos braços fortes do vampiro. Ele ergueu seu rosto suavemente e ficou mudo, fitando seus olhos. Patrícia sentiu um frio na barriga. Os olhos negros e fantasmagóricos do vampiro pareciam invadir seu ser. Ela sondava a mente de Samuel com facilidade. Quanto mais se aprofundava nos pensamentos sinceros daquele sujeito, mais frio na barriga sentia. Era tanto carinho, tanto amor e desejo, que faria qualquer garota derreter num instante. Mas tinha tristeza. Esse *cocktail* de sentimentos trazia uma boa e amarga dose de melancolia e tristeza. Tão dúbio. Ela não conseguia penetrar mais. Se ele sentia-se feliz em tê-la nos braços, por que tanta tristeza esparramada em sua mente? Como se soubesse que ela tentava

entrar em seus pensamentos, Samuel inclinou a cabeça para a frente, tocou sua testa na testa da vampira e suspirou fundo, seus lábios tão próximos não se tocaram. Ela quis. Ele se afastou. Recuou até as sombras.

— Estamos seguros aqui, por ora. Fiquem no celeiro.

Deu a advertência e desapareceu.

Samuel cruzou a plantação em silêncio. Era a primeira vez em muito e muito tempo que voltava às suas velhas terras. Desta feita, o pisar dos seus pés era diferente. Não mais afundava botas no solo tratado para o plantio. Não tinha olhos para as nuvens nem para os jornais buscando colaboração do tempo para com as sementes lançadas na terra roçada. Não eram passos de fazendeiro, não senhor, seus passos eram de fantasma, que não deixavam trilha para ser encontrado. A luz fraca da lua que fazia noite escura para os humanos era suficiente para o caminhar daquela cria. Ao chegar à beira da estradinha de terra que passava na frente da velha casa que um dia fora sua, para trás olhou, observando o celeiro, distante, onde seus novos amigos eram guardados por Gregório e sua tropa de anjos de luz. O mesmo celeiro que anos atrás, no ingresso à vida dos mortos perambulantes, servira de refúgio e esconderijo para tirar o sangue de alguns peões daquela fazenda. Samuel inspirou fundo. Não importava o câmbio de ângulo e sentimentos. Não importava que anjos eram sua escolta nem que já rira alto na sala daquela casa nem que já tivera chorado debaixo do salgueiro perto do tanque de água. Os cheiros que invadiam e acionavam suas entranhas eram os mesmos, a fazenda era a mesma e, principalmente, o cheiro dela, que estava impregnado em todos os cantos, era o mesmo. Vera. Sua mulher na vida humana. A mulher que deixara para trás sem explicações e sem palavras, com medo de fazer dela algo tão ruim e danoso quanto ele próprio. No fim das contas era assim que o vampiro se enxergava. Qualquer vampiro olhando no espelho do poço veria o mesmo. Um monstro. Um gênio sem sangue corrente, de pele fria, que podia de tempos em tempos criar outro gênio tão vazio quanto o original.

Samuel parou na varanda esperando as divagações dissolverem-se como neblina. Olhou ao redor. Ninguém à vista. No passado, a essa hora, seria comum encontrar alguns dos peões ao pé da escada, jogando conversa fora com o patrão, esperando um café bem quente trazido pela sempre animada e também conversadeira Vera. Parecia que não era só ele que tinha se transformado. Tocou de suave a cadeira de balanço. A madeira estalou de leve e o objeto ganhou vida, indo para lá e para cá uma dúzia de vezes.

O vampiro circulou a casa. Tinha pisado mais de mil vezes em cada cantinho da propriedade, o que o sufocava em lampejos de lembranças, mas uma espécie de

parede de tecido vivo o segurava, uma parede como a bolsa amniótica que segura os bebês no útero. Ele não conseguia penetrar as lembranças boas daquele lugar em sua plenitude. Sabia que tinha existido um beijo no canto da varanda, mas não sentia o gosto da boca da amada. Também sabia ter ouvido de uma das empregadas que a filha tinha ficado grávida do menino que levava o caminhão, mas a seus olhos e pensamentos eram escondidos os rostos de todos naquela conversa, deixando claro que aos poucos os vampiros passavam a viver apenas as lembranças dos mortos, a lembrança de quem passava para o outro lado do manto, ou, no caso das crias da escuridão, as lembranças confusas daqueles que terminavam emaranhados nos fios espaçados da grande trama da dama noturna. Uma melancolia profunda foi se apoderando, oprimindo sua mente e peito, a cada que se aproximava, cauteloso e felino, da janela. Uma sensação quase insuportável que por um instante fez o sempre decidido Samuel vacilar. O cheiro dela ficava cada vez mais poderoso e parecia vencer o véu, o tecido amniótico que o separava dos vivos. O gosto do beijo lhe foi concedido por uma centelha de tempo. As curvas da esposa. O sexo suado e cheio de graça, suavidade e amor. Estacou à beira da janela. Lá estava ela. Vera.

Deitada no sofá, cochilando na frente da TV. As botas cheias de barro, mostrando que estivera na labuta durante o dia e que aquele cochilo provavelmente era fruto de verdadeiro cansaço. O corpo suado da mortal exalava o perfume que encantava o demônio da madrugada. Os olhos de Samuel cresceram. Seus dentes ficaram prontos para penetrar na carne de sua viúva. Ele podia fazer aquilo. Era seu direito. Era seu dever trazê-la para o inferno desconhecido aos mortais. A trancafiaria nas cortinas pesadas da noite, empurraria sua mulher pelo abismo para que se emaranhasse nas tramas da passagem e ficasse nem lá nem cá. Ela não sentiria o cheiro dos Campos Elíseos nem conheceria a tormenta ou tomaria um gole das águas do Éstige. Vera ficaria com ele. Teria a esposa novamente, em seus braços, em seus lençóis, estaria no corpo dela, beijaria sua boca, apertaria o tórax fino e feminino da esposa com suas mãos até roubar-lhe o ar, mesmo que não mais precisasse dele para sobreviver. Ela, como ele, teriam direito à vida eterna.

Patrícia, Alexandre e Bruno chegaram até a porta do galpão. Até onde suas vistas alcançavam, viam uma linha viçosa, uma plantação de talos altos, verdes, amarelos e vermelhos

— É milho - balbuciou Alexandre.

— É lindo - rematou Bruno.

Patrícia deu mais alguns passos. Um vento ligeiro começava a soprar na noite. Fraco e suave. Uma carícia em sua pele e também naquelas hastes verdejantes e vigorosas que balançavam suavemente, emitindo um chiado tranquilizante.

— Onde diabos estamos?

Os amigos olharam para a vampira adolescente. Não tinham como responder. Ergueram os ombros em resposta e ameaçaram se separar.

Bruno segurava o braço ferido. Assim que despertara, tratou de enfiar a ponta dos ossos partidos para dentro do machucado. Quando seu corpo encantado começasse a se recuperar automaticamente, sentiria menos dor com as coisas colocadas no devido lugar.

— Fiquem por aqui. Não é seguro abandonar o celeiro. Ele pediu para aguardarmos - pediu Patrícia.

— Ele?

— Samuel, nosso amigo. Lembra daquele vampiro que vocês estavam apostando que tinha se mancomunado com Ignácio contra nós?

Bruno e Alexandre trocaram um olhar sem graça.

— Eu... Eu não disse que ele tinha nos traído. Estávamos putos da vida, querendo entender como aquele cerco tinha acontecido tão rápido. Sabiam exatamente em qual carro procurar. Alguém foi um filho da mãe conosco. Estava procurando um bode expiatório.

— Mas graças ao tal bode, estamos a salvo - suspirou Patrícia. Alexandre coçou a cabeça olhando ao redor: plantação, veículo semi-destruído dentro do celeiro, não conseguia entender como tinha escapado do cerco do Exército. Tá, lembrava-se de ter pisado fundo no acelerador, lembrava dos *airbags* explodindo no seu rosto e dos barcos girando ao redor da ponte. A água turva da baía. O frio. Tudo isso lembrava. Só não conseguia de forma alguma juntar o cenário subaquático com aquela pintura rural à sua frente. Como e quando Samuel interferiu? O sol raiava quando tomou a decisão louca e salvadora de atirar o caixão de prata ao mar.

O trio assustou-se com a luz brilhante que surgiu no alto do celeiro e, num piscar de olhos, viu-se cercado por treze daqueles impressionantes seres alados luminescentes. Os anjos pareciam ter firmado aliança com os integrantes do turno da noite, haja vista que haviam lhes salvado em momento crucial no passado. Essa nova presença em momento de agonia deixava clara a queda dos protetores por vampiros em apuros.

— Anjos?! - Soltou a vampira, sem conter a surpresa. - Isso explica tudo!

— Samuel chamou Gregório que, por sua vez, desobedeceu meu general Thal, vindo socorrê-los. Vocês se meteram em uma enrascada daquelas, outra vez. - Respondeu o anjo com a face de bronze e os olhos amarelos chamejantes, tão luminescentes que pareciam arder como labaredas douradas escapando das órbitas e subindo em direção à testa.

Bruno suspirou. Sentiu-se pequeno rodeado por aqueles tantos anjos. Eram de uma aparência belíssima e, ao mesmo tempo que emanavam segurança e paz, seus olhos ardentes e as enormes espadas em suas cinturas despertavam uma sufocante inquietação, dado o mutismo do restante da tropa e o inusitado da situação. Aquele que havia lhes dirigido a palavra usava uma túnica em tom levemente prateado e Bruno, chegando a achar que era apenas uma impressão, percebia uma leve camada de luz esverdeada escapar de seu redor. Uma criatura e tanto.

— Nós tiramos seu veículo da baía de Guanabara. Aqui estão longe e a salvo do Exército.

Alexandre encarou Tertoziel que, agora calado, o olhava de forma dura e, a despeito da gentileza da explicação dada, pouco amistosa. O anjo tinha um garbo impressionante. Parecia ter mais de dois metros de altura e peito e ombros largos. A mão forte sempre na empunhadura da espada. O garoto vampiro passou a mão no rosto e sorriu para o restante da tropa celeste.

— Não acredito! - Balbuciou Alexandre. - Queria só ver a cara daquele capitão do Serviço de Contenção! Ah! Ah! Ah! Fantástico! Vocês são fantásticos!

Alexandre correu e abraçou o anjo que falara primeiro, sem saber que agarrava entre as mãos um dos mais valorosos e corajosos anjos do exército de luz, muito amigo do general Thal, que batera milhares de demônios naquelas terras de Belo Verde poucos anos atrás.

Tertoziel, ainda de semblante fechado e incomodado com a ousadia para com seu igual, tirou a espada e colocou-a no queixo do atrevido rapaz, empurrando e tirando-o de perto do seu companheiro.

Patrícia e Bruno deixaram seus olhos acenderem e grunhiram.

Alexandre encontrou um ponto de equilíbrio e então saltou para trás e também exibiu seus caninos e deixou seus olhos brilharem vermelhos.

Muitos daqueles anjos haviam servido com o general Thal e aqueles pares de olhos vermelhos em terras de Belo Verde arremeteu-os a perturbadoras lembranças

de uma dolorosa e recente batalha. Era como olhar para os olhos das bestas de Khel.

A luz ao redor do trio intensificou-se brutalmente quando todas as espadas foram postas para fora e colocadas em posição de defesa pelos guerreiros.

— Calma, garotos. Não os trouxemos aqui para fazer picadinho de vampiros. Gregório não mobilizou tantos dos nossos à toa. Segundo Samuel, vocês têm uma missão a cumprir - proferiu Tertoziel.

— Foi seu amigo que começou, leão-de-chácara! - Bradou Patrícia. - Foi ele que colocou a espada no pescoço de Alexandre.

Tertoziel olhou para Alanca com um sorriso no rosto.

— Não é porque seu igual é irmão de um vampiro que gosto de todos vocês, menina. Dominem seus ânimos.

— Guardem suas espadas! - Bradou Gregório, entrando no celeiro. Gregório embainhou sua espada chamejante, sendo prontamente imitado pelo resto da tropa de luz.

Alexandre passou a mão no queixo que queimava.

— Minha vó sempre disse para rezar pelo meu anjo da guarda... Vivia pendurando aqueles bibelôs bonitinhos pela casa e acendendo velas. Tomara que o meu anjo da guarda não seja você - queixou-se, olhando para o anjo Tertoziel, ainda sentindo seu queixo queimar. - Ela ia ficar muito magoada em saber que vocês são um bando de brutamontes sem educação. Muito magoada!

Patrícia agarrou Alexandre pelo pescoço e puxou-o até perto de seu nariz.

— Chega de seu sarcasmo, Alexandre. Já reparou que só você me tira do sério nesta jornada? Esqueceu que estamos no meio de uma situação que não tem graça alguma? Não sabemos onde estamos, não sabemos se a garota ainda corre perigo nem onde Ignácio está neste exato momento.

Gregório aproximou-se e pousou a mão no ombro da vampira. Patrícia sentiu-se invadida por uma serenidade entorpecente e no segundo seguinte sua garra se abria, livrando Alexandre do aperto.

O garoto vampiro caiu, com a mão no pescoço.

— A bruxa não corre perigo, menina vampira. Ela continua protegida por meus irmãos. O inimigo de Samuel deve despertar agora, com a chegada da noite. Não demorará para dar sinais de onde está. Ignácio está correndo contra o relógio. Está

sentido-se cada vez mais encurralado e assustado. Há de tropeçar nos demônios de sua mente.

Patrícia suspirou fundo e olhou para Alexandre, que começava a resmungar, levantando do chão e espalhando a grama que tinha grudado em sua roupa úmida.

— Eu só me ferro nesta merda de história. Preferia continuar sendo humano, sem nunca ter sabido que vocês existem mesmo. Até quando trombo com anjo da guarda tomo na tarraqueta. Se falo qualquer coisa, doida varrida já se atraca com meu pescoço. Tô cansado disso! - Bufou Alexandre, andando com passos rápidos e duros na direção do milharal. Gregório alçou voo e pousou suavemente à frente de Alexandre.

— Espere, garoto - soou a voz metálica do anjo. Alexandre, ainda com os olhos vermelhos, mediu Gregório de cima a baixo. Teria alguma chance contra aquela criatura se quisesse continuar em frente?

— Não quero seu mal. Vocês são acolhidos de meu irmão e, por consequência, são meus acolhidos também. Samuel sabe que as coisas estão conturbadas e, para evitar um mal maior para todo o mundo, vai precisar de tantos e quantos amigos tiver à sua disposição, sejam vampiros, anjos de luz ou qualquer mão auxiliadora que venha.

— A coisa tá feia assim? - Perguntou Alexandre, soerguendo as sobrancelhas.

— Temo que sim - confirmou o anjo. - Voltemos ao celeiro. Nós somos invisíveis aos olhos humanos quando queremos, vocês não.

Finalmente, os rapazes pálidos e confusos tornaram para o fundo escuro do celeiro. A dupla trocou um olhar. Onde estava Patrícia? A pergunta que estalou ao mesmo tempo na mente de ambos parecia ser transmitida ao anjo Gregório que abriu as asas suavemente e decolou voando sobre a plantação de milho. A garota tinha saído um segundo de baixo de seus olhos. Ela não podia deixar traços de sua estada por ali nem pôr a vida de nenhum humano em perigo. Poderia estar faminta, buscando sangue.

Bruno e Alexandre ainda estavam um tanto confusos. Era óbvio que os anjos tinham retirado o caixão do fundo do mar, mas o que se dera a seguir? Anoitecia. Aidara estaria mesmo segura? Qual significado tinha aquela passagem meteórica e desastrada pela encantadora cidade do Rio de Janeiro? Que poder de fato se encerrava no corpo mirrado de uma garota que nem bruxa sabia ser? O Turno da Noite vagava em terreno pantanoso cada vez mais encoberto por neblina, cada vez mais lamacento e profundo, mas não via outra forma de proceder a não ser avançar

contra Ignácio, instando seu desespero e descuido.

Patrícia localizou facilmente quem procurava. Ele estava em frente a uma casa de madeira escurecida pelo tempo, com telhas recobertas de musgo, que ficava difícil precisar quando os cuidados foram esquecidos. A varanda ampla, bem ao estilo interiorano, dava um ar de casa-grande de fazendas antigas. Samuel estava parado junto de uma janela, com a testa colada no vidro, de onde saía fraca luz amarelada, emoldurando seu rosto pálido. A vampira caminhou silenciosa, desejando não ser ouvida, desejando ser mais leve que seu corpo poderia ser. E seus passos foram silenciosos como os de gato e sua aproximação perfeita. Samuel não moveu um músculo e por essa assustou-se tanto quando escutou a voz de garota.

— Quem é ela?

Samuel encarou Patrícia com os olhos arregalados e não teve como esconder seu ar de garotinho pego espiando mulher pela fresta nem os rastros de angústia que tomavam sua face. Saltou ágil, deixando a varanda e batendo no pátio em frente à casa, e esgueirou-se até o mato alto ao lado da velha residência.

Patrícia, perplexa e desta feita mais surpresa que o amigo apanhado, ficou com a boca aberta, com palavras por dizer que não saíram da garganta. Não conseguiu traduzir de imediato a reação do perturbado fugitivo. Aproximou-se do vidro um momento e viu uma mulher bonita, de corpo bem feito, deitada numa poltrona, cochilando com um livro no colo. Olhou para o mato e foi ao encalço do misterioso vampiro. Tornou a olhar para dentro. O peito da mortal subia e descia ressonando. Patrícia mordeu os lábios e afastou-se do vidro. Pulou para fora da varanda e entrou mansamente no matagal ao redor da casa. Samuel estava parado junto a uma árvore seca onde existia um balanço de criança com cordas esfarrapadas e um assento de madeira rajada por fungos e musgo. Pássaros noturnos empertigaram-se nos galhos, alguns colocando-se a arrulhar com a aproximação da vampira. Uma coruja pousou próximo ao balanço, muda, olhos arregalados como as corujas devem ter, imóvel por segundos, observado a menina vampira, como se quisesse adivinhar o que viria a seguir. Patrícia parou ao lado de Samuel e pendeu o corpo para a frente, fitando seus olhos. O vampiro, sempre tão seguro e controlado, chorava. Era um choro velado, daqueles comedidos em que a pessoa evita externar mais emoções que as lágrimas podem carregar. Um choro infestado de melancolia e saudade de beijos furtados, de beijos na cama, de beijos enamorados, nos quais as línguas travavam contato tão intenso que o corpo todo incendiava. Os vampiros vertem lágrimas escuras, de sangue morno, de líquidos podres. Mesmo assim, aquelas lágrimas que manchavam a face pálida de Samuel emanavam o belo perdido que ia dentro de seu coração seco. Patrícia aproximou-se mais enquanto ele permaneceu imóvel. Quando a vampira de

corpo pequeno abraçou-o com toda a força do mundo, a criatura que um dia tinha sido homem desmantelou, curvando o corpo para tocar o queixo na saboneteira da figura feminina enlaçada ao seu peito. Ali sentia-se novamente envolto no embalo dos amantes. Aquela pequena vampira, de olhos misteriosos, de personalidade cortante, tinha tomado seu coração de assalto e conseguia preencher o vazio que há muito teimava existir. Ela começava a tomar um espaço que pertencera a uma vivente. Ele sentia alívio.

— Ela era tudo para mim - pranteou Samuel.

— Shhhh. Shhhh - repetiu Patrícia, para que ele se calasse e apenas desse vazão à tristeza que o consumia no momento.

Samuel apertou Patrícia nos braços com mais força. A vampira sentiu algo diferente naquele instante. Sentiu que Samuel, paradoxalmente ao pranto pela esposa perdida, entregava-se a ela, Patrícia, agarrando-a como uma amante, como a grossa corrente de uma âncora em meio à tormenta.

— Fugi da minha terra. Tinha medo de fazer mal aos que eu amava. Por mais que tentemos enganar nossas mentes, não conseguimos enganar a sede, não conseguimos enterrar nossa natureza a sete palmos terra abaixo.

— Shhhh.

— Eu tinha Vera, Patrícia. Eu não merecia ter perdido a mulher da minha vida.

Patrícia ergueu a cabeça pálida e de traços finos de Samuel. Os olhos do vampiro cintilaram com o brilho da lua.

— Agora eu sou a mulher da sua vida.

A garota levantou-se na ponta das botas e beijou a boca do homem em seus braços. Um beijo cheio de paixão e necessidade, que emanou para o corpo de Samuel, aplacando o sofrimento do confronto com o passado. Patrícia afundou as mãos na nuca e nos cabelos de Samuel, não soltando os lábios másculos nem a língua macia que explorava sua boca.

— Se chorar, daqui para diante, vai chorar por mim. Aquela mulher na sala que um dia foi sua casa está do lado de lá. Nós não estamos mais entre eles. Nós pertencemos a outro canto. A vida escura é um fardo que torna todos em nossa condição em irmãos. Devíamos nos intitular a Fraternidade - Recusados. Não pertencemos mais ao mundo dos vivos e não nos recebem no mundo dos mortos. Somos párias. Somos um resto de corpo que perambula pela noite.

Samuel levantou o queixo e mirou os olhos para baixo, encantando-se com a força da pequena vampira.

— Isso eu já me repeti um bilhão de vezes, querida. E cá entre nós... Chamar você de um resto de corpo é um sacrilégio. Sou o vampiro mais sortudo do mundo inteiro por ter um restão desse pendurado no meu pescoço.

Patrícia secou as lágrimas do amado e sorriu com lábios largos, projetando seu tórax para a frente, iluminando seu colo que era observado pelo vampiro.

Outra vez suas bocas se encontraram e desta feita as mãos de Samuel foram aos botões da camisa negra que a vampira vestia. A pele branca ressoava com o brilho da lua, enquanto suas mãos passavam pelos ombros, pescoço e depois pelos seios da garota. Quando ele a tocou com seus lábios, a vampira não conteve um gemido longo e infestado da boa e velha luxúria. Os botões da calça *jeans* do vampiro também foram vencidos e em pouco tempo os pássaros a arrulhar e saltitar nos galhos da árvore seca e o vento leve que fazia o balanço esquecido ir e vir como se usado por uma assombração de criança foram testemunhas da paixão represada nos corpos acinzentados do casal noturno.

Ao fundo, Gregório sobrevoava a casa e depois a plantação, emanando sua luminosidade sutil e natural, vasculhando os cantos em busca de seu irmão vampiro e da garota perdida. Mas existem horas que até os anjos ficam cegos e seus olhos de luz não penetram a escuridão, preservando e deixando serenar as paixões impulsivas que rebulicam no mundo das trevas.

Mais tarde, o casal recomposto e flagrantemente cheio de sorrisos, retornou ao celeiro. Os sete anjos estavam no topo da construção de madeira, com as asas flexionadas e relaxadas, cada qual de costas para o outro, com os olhos perdidos no horizonte a vigiar a noite. Foi Gregório quem avistou primeiro o irmão e o objeto de suas recentes loucuras e pedidos de intervenção. Nessa hora o anjo foi cúmplice do fraterno e também manteve um sorriso tolo pendurado no rosto. O amor trazia luz até aos desgraçados.

Alexandre cutucou Bruno que estava deitado e recostado a um dos pilares celeiro.

— Olha lá.

Bruno sentou-se e viu Patrícia aproximando-se de mãos dadas com Samuel. Fechou o rosto e conteve-se para que seus olhos mantivessem a serenidade. Segurou a mão esquerda que começava a tremer e lutou com a raiva que encheu sua cabeça. Não seria raiva a palavra exata para tentar chegar perto de seus sentimentos. Raiva

era pouco. Uma mescla de ciúme e decepção. Os sorrisos nos lábios dos dois e a demora para o ressurgimento falavam mais que as mãos dadas e as insinuações carregadas de sarcasmo saídas da boca de Alexandre. Bruno percebia que estava num combate perdido. Sentia que era ele e não Raul quem deveria estar do lado de lá. Ele deveria deixar o turno da noite e juntar-se aos perdidos do clã de Ignácio. Ao menos não teria que conviver com aquela visão, de sua mulher carregada pelas mãos de outro vampiro. Bruno recuou até as sombras. Seus olhos encheram-se de lágrimas negras. O rapaz afastou-se sem ser visto e correu pela plantação. Precisava gritar e extravasar a dor que rasgava seu peito.

CAPÍTULO 78

Oentra-e-sai dos caminhões lacrados tinha levado a tarde toda e não parou com o crepúsculo. Saíam carregados e retornavam vazios. Desde que o capitão Brites, valendo-se de seu poder absoluto na questão dos vampiros, pôs seu plano em ação, faltava pouco para que todas as jaulas contendo infectos fossem retiradas de Quitaúna. O destino dessas jaulas? Em breve o leitor saberá. Por ora basta saber que Brites não queria nem admitiria uma nova derrota. A escapada milagrosa (literalmente) daquele trio que tentava cruzar a ponte Rio-Niterói, mais a humilhação de ter todo o aparato militar e a estratégia reduzidas a nada diante tantas câmeras de TV e ver a enxurrada crescente de vídeos colocados na rede mundial de computadores, incentivando os vampiros a escaparem, atearam fogo ao ódio que Brites nutria, aniquilando o que restava de sanidade em sua mente. O capitão não poderia mais se dar ao luxo de conduzir missões de pequena escala, apanhando esse ou aquele indivíduo. Era hora de agir, agir com presteza e inteligência. Daria às câmeras da TV um novo espetáculo no alvorecer do novo dia. Com seu plano em ação, além de conseguir recapturar o trio de vampiros foragido, deitaria as mãos também em Ignácio e Isabela, em Tiago, o perigoso vampiro que passara a imitar o maldito Inverno, e também recapturaria a jovem vampira que se metamorfoseava em lobo, conhecida nos arquivos como Yuli. Teria todos, de uma vez só, num palco armado especialmente para a destruição deles e de todos os vampiros. Mesmo que um ou dois dos ilustres procurados não dessem as caras, não se rendessem ao apelo que seria transmitido pela TV, o número existente daquelas criaturas seria reduzido a quase nada e então, sim, seu Serviço de Contenção não seria mais abalado por surpresas desagradáveis e teria como focar nesse ou naquele indivíduo. Teria que acabar com todos, já tinha perdido o controle da situação, mas julgava-se competente o suficiente para retomar a dianteira daquele combate macabro.

CAPÍTULO 79

Ignácio despertou de seu transe vampírico. Odiava aquela sensação. Nas últimas décadas fora o opressor do mundo das trevas, correndo livre pelo mundo, vendo a vida do gado passar rápido diante de seus olhos imutáveis. Agora sentia o peso. O peso do tiquetaquear. De repente, o relógio, ferramenta tão obsoleta e imprópria para os de sua espécie, voltava a atazanar seus pensamentos, voltava a ferir seu corpo como lanças romanas empunhadas por soldados obstinados que avançavam, segundo após segundo, encurralando-o contra uma parede intransponível. Uma parede que não conseguia enxergar o fim. Uma parede construída com medo e remorso. O medo real de ver Jó encontrado por outras mãos que não as suas. O destino parecia um bobo da corte, lançando piadas na sua cara, mas, na realidade, querendo se divertir às suas custas a cada careta de rancor e pavor arrancada com os fatos dardejados um atrás do outro. Primeiro o retorno dos sete vampiros do Rio D'ouro, depois notar o infeliz rastro deixado por Sétimo, Lobo e até mesmo Inverno, após a meteórica passagem pelo plano dos viventes. Mas até aí tudo bem. Ignácio era macaco velho. Era um vampiro antigo, detentor de poderes e vantagens inestimáveis. Seria fácil cooptar as crias neófitas dos vampiros extintos para então manter seu domínio sobre o passar das horas, seu domínio sobre o medo e a mente de seus inimigos. O maldito medo. Essa hera venenosa que crescia sem vontade, mas com raízes perigosas e infiltrações danosas em seus pensamentos, começava a fazê-lo se agitar. Pensamentos aos milhares. Um ser que já havia vivido mais de um milhão de dias tinha o cérebro alimentado com tantas passagens e experiências que o inferno das possibilidades pululava em suas mais sinistras conjecturas. Via Jó levantando-se de sua tumba, poderoso, sedento por vingança, vindo como cão perdigueiro ao seu encalço, valendo-se de todas as fraquezas de seu inimigo e seus asseclas e pulverizando-o do plano físico. Ignácio sorria como um louco nos últimos dias. Parecia acometido de um mal psicológico. Sentia as garras de Jó fisicamente em torno de seu pescoço, aspergindo veneno pelas unhas e secando seu corpo. Via Jó levantando-se da tumba e lançando uma língua de fogo ao seu encontro. Via Jó desperto, enfurecido, louco para apanhá-lo. E por isso, Ignácio abalava-se com toda e qualquer notícia que aquele destino travestido de palhaço ousava jogar em seu colo para rir-se dele. Jó estava para ele como Cronos para os viventes. Algo impossível de deter. Agora era aquela maldita empresa que tinha chamado a atenção do mundo inteiro para o buraco dos infernos onde o corpo de Jó repousava. Como

seria possível? Uma chance em um milhão! Quem iria querer alguma coisa naquelas terras, justamente agora, em que travava uma luta insana para deter e destruir os desertores de sua agência Jugular? Agora que ordenara que a malditinha Aidara fosse extinta e finasse mais uma das chaves que possibilitariam o levante de Jó. E tudo aquilo alimentava uma fogueira que consumia o vampiro. Uma fogueira de labaredas ardentes formada pela certeza absoluta de que fizesse o que fizesse, tudo já estava selado, não seria possível deter Jó. Ele seria despertado. Não eram meras coincidências. Eram peças muito bem encaixadas para entorpecê-lo, para minar toda a sua confiança e agilidade no pensamento e diligências. Jó queria vê-lo acuado, de joelhos, daquele jeito indecente e indigno, mesmo antes de botar um dedo para fora de sua tumba. Seus guardiões estavam agindo. Seus guardiões estavam urdindo aquela saraivada de acontecimentos. E estavam conseguindo, Ignácio sabia, estavam conseguindo justamente o que buscavam, que ele se aparvalhasse e botasse a carroça na frente dos bois, que se embananasse todo. Ignácio, manipulado pelo medo, fazia exatamente isso naquele instante.

O piloto do helicóptero que se encontrava pousado fez um sinal para o silencioso e estranho cliente. Ignácio levantou-se de sua poltrona nos fundos do confortável e clássico aparelho e desceu as escadas tocando a sola dos sapatos na empoeirada pista do aeroporto aberto na selva pela Natural Benefits. Viu ao longe a luz da outra aeronave se aproximando.

— São meus amigos? - Perguntou para o piloto que também descia do avião.

— Sim, senhor. Com toda certeza.

Ignácio sorriu de esguelha. Perguntas tolas, daquelas que a gente já conhece a resposta, muitas vezes surtem um efeito benéfico quando se quer aproximar alguém. Esse alguém baixa a guarda. Esse alguém sente-se importante respondendo qualquer bobeirinha.

— Qual dos dois aparelhos é mais rápido? Nosso helicóptero ou o King?

— Esse helicóptero, senhor. É mais moderno. O King é excelente, mas velocidade não é o ponto forte - explicou o piloto.

— Entendo.

Os olhos de Ignácio tornaram-se vermelhos lentamente. O homem ao seu lado não teve calafrio nem sobressalto. Não imaginou que aquela pergunta ingênua, proferida de forma tão natural, seria a última sentença que escutaria em vida. Não percebeu o velho misterioso recuando dois passos e colocando-se às suas costas enquanto ele cerrava os olhos para melhor enxergar a aproximação do colega a bordo

do King. Repentinamente não havia mais céu nem chão. Era como flutuar num líquido denso. Faltou forças para lutar. Faltou ar no peito para gritar. Então, não existia mais.

Ignácio arrastou o corpo morto para dentro da aeronave enquanto ouvia os poderosos motores do avião em aterrissagem passarem rugindo pela pista. Não queria que o novo visitante se assustasse. Terminou rapidamente sua refeição e limpou a boca com um lenço que guardou em seu colete, deixando o corpo inerte no assento do *cockpit*.

Quando o esguio e alto imortal desceu, deixou o helicóptero mais uma vez; o avião trazendo Isabela e seu time de combate já taxiava na pista de terra, levantando poeira e vindo ao seu encontro.

O avião fez parada total e não demorou um instante para a porta lateral subir e a escada descer automaticamente para o desembarque dos passageiros.

Ignácio levantou o queixo. Emanava de dentro do transporte uma energia muito diferente. Eles tinham mudado muito desde o último encontro. As coisas estavam aceleradas demais para ser verdade. Estranhou por Raul ser o primeiro a descer. Isabela era a líder do bando. Atrás do insolente e poderoso filho de Sétimo veio a viúva do Rei da Noite, Aléxia; igualmente transmutada. Ignácio não avaliava o aspecto físico da mulher que, apesar das curvas femininas, assumira um aspecto hediondo, com couro escamoso em vez da pele lisa recobrendo boa parte do corpo, asas imensas de morcego, tal e qual as de Sétimo, assemelhando-se a farrapos podres quando eram estendidas. Aléxia andava arqueada, como se a coluna antes ereta tivesse perdido o formato, emprestando à viúva vampira um certo ar caricato e sombrio das famosas gárgulas que enfeitam as igrejas francesas. Em terceiro lugar desceu o garoto lobo. Não tinha sido uma escolha feita a dedo, mas, vendo a destruição que a criatura tinha feito a Aléxia no presídio e não estando em tempos de muito critério, acabava sendo Hélio um integrante importante no time. Ignácio suspirou irritado vendo sua ruiva e antiga discípula, filha de Calíope, descendo da aeronave. Dono de um gênio forjado nas adversidades e intrigas mil vividas em cortes e partidos políticos, em botequins e confeitarias glamurosas, diante de inimigos e duelos que começavam e terminavam com um simples olhar, Ignácio não deveria ter externado seu espanto ao bater os olhos em Isabela Du Bathor. O clássico sobretudo branco de couro, com peles esvoaçantes e luxuosas também tão cândidas quanto a pele da linda mulher, não era mais dono da alvura absoluta. As peles que contornavam o pescoço da mulher tinham se tingido de vermelho e negro e perdido a leveza. Estavam empapadas em sangue. Isabela, visivelmente abatida, trazia um longo e perfumado lenço de seda ao redor do pescoço.

— Raios! Que diabos aconteceu nas poucas horas que os deixei a sós? - Vociferou o vampiro aproximando-se de Isabela.

A ruiva, dona de voz grossa e poderosa, ergueu os olhos verdes cintilantes e não abriu a boca. Estava envergonhada demais para admitir que tinha sido subjugada pelo novato Raul, que tinha amealhado além da liderança do bando a simpatia e cumplicidade de Aléxia.

Os olhos de Ignácio queimaram num vermelho nunca visto pelos presentes. Seu corpo recém-abastecido pelo sangue do piloto dava ainda mais energia ao seu aspecto. A careta em franca reprovação caiu sobre o garoto Raul.

— Nunca mais ouse encostar um dedo em minhas crias, filho do inferno! - Bradou indo para cima de Raul.

O garoto riu do nervoso estampado e arrancado de Ignácio.

— Ora, ora. Não é que também corre sangue nas veias do velho Ignácio? - Zombou.

Aléxia postou-se ao lado de Raul enquanto Hélio tomou o outro flanco.

— Acham que ajuntando-se como um bandinho de Sétimo terão forças para acabar comigo? Eu que vivo há mais de seis séculos?!

— Me dá mais uma semana que eu alcanço essa tua marra, tio. Cadê aquele sujeito metódico e calado que se apresentou a mim no Trianon?

Ignácio lançou as mãos para a frente e com efeito o trio foi arremessado a longa distância, rolando pela pista, chegando perigosamente próximo às hélices do King que ainda giravam.

Raul levantou-se com o sangue de Sétimo fervendo em suas veias. Era como se de algum modo o sangue ancestral reconhecesse o inimigo, a insolência dispensada a um descendente que o encarnava. Raul escancarou a boca, rugindo com os dentes prolongados, começou uma corrida em velocidade sobrenatural, atirando-se no ar, como um tigre, com as unhas apontadas para Ignácio.

O ancião desviou um passo e deixou o garoto arrogante estatelar-se contra o chão mais uma vez.

Raul levantou novamente, batendo o pé de sua jaqueta preta. Virou o dorso e chacoalhou as costas, tirando a terra da cruz vermelha e estilizada costurada na vestimenta. Levantou o dedo indicador para Ignácio e o sacudiu algumas vezes antes de falar.

— Você é bom, velho. É bom pra cacete. Ah! Ah! Ah! - Riu no final.

Ignácio olhava para Raul. Mesmo sem colocar os olhos em Aléxia e Hélio, sabia muito bem onde estavam. Dissimulação já tinha lhe rendido fantásticas vitórias.

— Mas é isso mesmo que você quer? Enfrentar-me até a morte? - Desafiou o novato.

Raul andou pela pista em ziguezague, chegando mais perto lentamente.

— Eu aguento umas quarenta quedas dessa sem suar, só que no seu primeiro vacilo vai acabar sem um pedaço, do pescoço igualzinho à sua cria de cabelos vermelhos. Vai doer um bocado.

— Não seja ridículo, Raul. Você não tem a menor chance contra mim.

— Você está me decepcionando, velho. Decepcionando pra cacete. Tô falando sério - disse o garoto, enfatizando com um movimento positivo de cabeça. - Não dá pra entender. Acho que todo esse agito está mexendo com a sua cabecinha acostumada a uma vida mansa, de enganar otários. Achou que eu, a Patrícia e os outros fôssemos otários também? Tô aqui começando a me questionar se valeu a pena ficar do seu lado. Ah! Ah! Ah! Um homem na sua idade deveria mexer melhor com as peças do jogo, não acha?

Ignácio inspirou fundo e ergueu mais o queixo exalando soberba, que era o que lhe restava; o autocontrole escapava de suas mãos, entre os dedos, como finos grãos de sal e logo não restaria nada para segurá-lo. Apertou os olhos e inspirou novamente fitando Raul. O filho de Sétimo tinha crescido em poder, músculos e também na arrogância patente de seu genitor. Sétimo era um demônio encarnado e Raul estava se saindo muito bem, esculpido em Carrara, como diziam antigamente.

— Está tudo dando errado, garoto. Se não permanecermos unidos, duvido que reste um só de nossa raça. Se Jó despertar...

— Assim que Jó despertar vai arrancar o teu couro, traidor.

Ignácio teria perdido a cor fosse ele um vivente. Cerrou os dentes numa amálgama de ódio e terror. Jó era o inferno vivo em sua mente. Jó conseguia desestabilizá-lo apenas sendo mencionado na boca de outro filho da noite. Nesta hora Isabela aproximou-se e abraçou carinhosamente o ancião.

— Caso Jó desperte... - as palavras escaparam com fraqueza da boca do ancião. - Caso esse quadro impensável e absurdo torne-se real, eu não serei o único

a ser perseguido.

— Mas será o primeiro, meu caro dom Ignácio. Será o primeiro. E muito provavelmente Isabela será a próxima e Calíope a seguinte. Ele vai acabar com você e com toda a sua prole. Vai consumir o que você mais teme, tolo mortal.

— Mortal? Como ousa? Sua aberração!

— Ah! Ah! Ah! Ah! - Raul riu desbragadamente diante a face de horror do ancião.

O filho de Sétimo andou até a frente do vampiro e parou à distância de meio metro, fitando-o nos olhos, sem medo algum.

Isabela exibiu as presas e grunhiu, soltando Ignácio.

— O que é um vampiro que tem medo da morte, meu amigo? - Perguntou Raul com voz assustadoramente baixa e cheia de segurança.

Diante o silêncio da dupla, Raul prosseguiu:

— Um vampiro que tem medo de morrer é um vampiro morto. Por isso te nivelo aos mortais. Se quer deitar as mãos em Jó antes que ele desperte, vai ter que agir feito um vampiro dos bons, não como um dentucinho mariquinha. Jó dormindo não pode te fazer nada.

— Mas já estão indo ao seu encontro. Vão libertá-lo! Tudo de errado aconteceu! Tudo! Seus guardiões estarão mais atentos do que nunca, perdermos qualquer chance de surpresa!

Raul agarrou o colete elegante de Ignácio e puxou o vampiro descomposto para perto de si, quase tocando face com face.

— Pare de chorar e espernear. Respira fundo, vampiro, e te acalma. Por que tudo deu errado?

Ignácio desvencilhou-se do filho de Sétimo e afastou-se dois passos, sendo agarrado pelas costas por Aléxia, que lambeu seu pescoço e roçou as presas afiadas em seu pescoço. As garras ariscas e pontiagudas arranharam a pele do sempre tão superior vampiro.

Quando Isabela esboçou reação Hélio interpôs-se no caminho, tirando a protegida do campo de visão da vampira ruiva. O garoto soltou um uivo de fera e rapidamente, enquanto ele se desfazia da camiseta, abria as calças e sua pele clara foi tornando-se escura e se recobrendo de pelagem. A boca se projetou para a frente,

com a mandíbula estendendo-se e serrilhando de dentes descomunais. Isabela estacou por um momento. Tempo suficiente para o vampiro lupino completar a mutação e ficar zanzando de lá para cá, como um cão de guarda implacável. A vampira levou a mão à ferida. Sabia que não estava pronta para aquele combate. Todos os oponentes eram novatos. Contudo, todos filhos de vampiros lendários. Crias dos demônios do Rio D'ouro. Isabela segurou seus impulsos, desviando-se o suficiente para observar seu mestre. Ainda estava entre as garras de Aléxia, mas a viúva de Sétimo não pretendia matá-lo, apenas subjugá-lo, humilhá-lo ao máximo.

— Por que tudo deu errado? - Repetiu Raul.

— Esse aeroporto... Essa empresa se instalando aqui, no meio da floresta. O Exército nesse frenesi imbecil caçando vampiros a torto e a direito. Exterminando os mais fracos. Existem vampiros por aí que conhecem a lenda de Jó, o adormecido. Alguns deles podem até apontar o dedo para cá, para esse umbigo da selva amazônica. Se isso cair nos ouvidos daquele capitão obcecado em acabar com nossa gente, ele não medirá esforços para também chegar até Jó. O Exército vai propagar o medo. Chamando a atenção de todos para os sombrios de faces pálidas. Patrícia não podia ter criado esse cisma. Não somos párias. Somos irmãos. Eu acolhi vocês e agora vejo que seria melhor tê-los abandonado à própria sorte.

— Nossa, estou espantado com sua nobreza, dom Ignácio, chega a ser comovente. Isso se eu não soubesse que é tudo uma engenhosa simulação. Você, com teus dons adquiridos ao passar dos anos, entrando na nossa cabeça e fazendo nossa vontade e nosso raciocínio lógico achatarem-se dentro de nossos cérebros e ficarmos todos encantados com tua benevolente e altruística presença.

Mesmo com as garras de Aléxia em sua nuca, Ignácio ergueu mais o queixo, sem abandonar a soberba.

— Um misto de sutil com diabólico - fechou Raul, mais próximo do ancião. - Um vampiro quase perfeito. Mas agora que você me conectou ainda mais com o sangue de meu pai, comecei a ver certas coisas de sua natureza com muito mais clareza. - Raul fez um sinal para Aléxia.

A vampira morcego libertou Ignácio.

— Você se organizou muito com o tempo. Até tentou extinguir a coisa que mais te amedrontava. Mas você é um covarde, medroso, ou, como diriam seus inimigos ancestrais, um poltrão da cabeça aos pés. Teve sorte em tornar-se vampiro. A imortalidade reservou e conferiu certa panca ao seu arzinho aristocrático. Conseguiu reunir dinheiro e poder, mas bastou um movimento involuntário para o lado de Jó que, pronto, o mariquinhas voltou ao estado instável e atrapalhado de sua real

natureza. E agora tem a coragem de ameaçar a mim e aos meus em desbragada loucura. Você é estúpido ou o quê?

Ignácio grunhiu baixinho. Seus olhos buscaram Isabela, que continuava observada pelos olhos cintilantes do lobisomem que, com a boca escancarada e emitindo rosnados, babava fartamente.

— Ela não vai te ajudar, Ignácio. Você não pode ameaçar-me mais. Sem mim, sem eles, você não alcançará Jó.

Ignácio continuou calado.

— Se veio até este fim de mundo é porque o corpo adormecido do vampiro está por aqui. Mas por que diabos não conseguimos detectá-lo como os outros vampiros?

Ignácio aprumou o colete amarrotado e suspirou.

— Primeiro que vocês, novatos, só detectam um vampiro após tê-lo visto ao menos uma vez. Segundo, mesmo quem já tenha visto Jó enquanto seu corpo morto perambulava pela terra não conseguirá senti-lo após seu adormecimento.

— Feitiçaria?

— Exatamente. Jó é protegido pelo feitiço de uma bruxa. Nenhum vampiro sente sua presença, sua aproximação, seus movimentos. Mesmo inerte é impossível de ser detectado.

Raul balançou a cabeça, admirado.

— Então como você sabe que ele está aqui?

Ignácio colocou a mão no bolso do colete e desdobrou um papel antigo, amarelado, com rasgos nas dobras.

— Já ouviu falar em mapas, Raul?

— Já ouvi falar em Google Earth - rebateu o jovem vampiro com um sorriso no canto dos lábios.

— Jó está guardado num templo.

Raul riu enquanto Aléxia caminhou de modo animalesco até seu lado, encarando Ignácio e sorrindo com a boca bestial.

— Por que vocês nunca têm uma explicação simples para as coisas? Do tipo, ele está enterrado num cemitério em Cuiabá ou não podemos detectá-lo porque ele

não existe. Sempre tem um templo, um feitiço, uma bruxa dos infernos para complicar a história.

— Acredite em mim, fedelho. O fato dele estar num templo inca não é a parte mais fantástica da história de Jó.

Desta vez Raul não fez chacota, tampouco conteve o espanto.

— Templo inca? Aqui? Ainda estamos no Brasil, certo?

Ignácio aquiesceu e mostrou o mapa antigo. Era original, traçado em nanquim fino, com contornos rebuscados da costa sul-americana, estendendo-se além do Brasil; ao norte, Caribe; ilhas, ao sul, apontando as Cordilheiras dos Andes e uma vasta região amazônica.

— Sim. Os Incas construíram estradas que enveredavam pela América do Sul, uma em particular cruzava o Brasil, chegando ao oceano Atlântico.

— Estradas? Eles não eram peruanos?

— Peruanos? Ah! Os Incas avançaram até a Argentina, seu império foi soberano até a chegada dos espanhóis. Tinham organização de fazer inveja a muitos países dos dias de hoje. A estrada mais famosa a cruzar o Brasil foi a Estrada do Sol. Com vestígios de templos encontrados até mesmo em Sorocaba, chegando ao litoral paulista.

— Impressionante.

— Na selva amazônica construíram pirâmides. Algumas delas tragadas pela terra e desconhecidas até hoje. Mas uma estrada, nunca nomeada num mapa, de propósito e extensão desconhecidos pela comunidade de pesquisadores, mas bastante discutida a boca pequena entre clãs místicos da Antiguidade, recebeu o título de Estrada da Lua. E nela apenas um templo começou a ser erigido e jamais foi terminado. O templo do Deus Noite.

Raul soergueu os olhos.

— Jamais foi terminado?

— Exatamente. Quando os escravos incas foram destinados à Estrada da Lua, chegaram a um sítio onde o sacerdote sentiu forte energia da natureza. Ali deveria ser erguido o templo para reverenciar o Deus Noite, o Deus da Morte e da Guerra, e nas adjacências seriam levantadas pousadas para o descanso dos guerreiros que ali treinariam e se conectariam com a energia do Deus Noite. Por anos e anos os Incas tentaram formar a pirâmide, mas sempre, e sem nenhuma explicação, os escravos

desapareciam.

— Fugiam, você quer dizer? Eles aproveitavam a mata fechada para picar a mula.

— Ah! Ah! Ah! Raciocínio óbvio, Raul. Não teria o próprio Inca em pessoa ter pensado nisso? Os imperadores não eram homens ingênuos. Se a construção a uma de suas mais respeitadas divindades estivesse sendo sabotada por fugas, seus guerreiros teriam encontrado pelo menos um dos cada um dos dois mil escravos enviados por vez para o sítio de construção. Mas o fato é que, nunca, nem escravos muito menos soldados e cidadãos do Império eram encontrados novamente. Simplesmente desapareciam. E quando retomavam as construções, não se completavam três meses para que toda a população escrava tornasse a evaporar durante a noite. Após infrutíferas tentativas, o sacerdote concluiu que o Deus Noite não estava feliz com o templo e o sacrifício inútil de muitas vítimas imoladas nos altares de Cuzco fazendo o sangue jorrar fartamente pela terra tentaram aplacar o desagrado do Deus. Inútil. Um grupo de batedores enviado ao templo inacabado em busca de sinais de agradecimento ao Deus Noite nunca voltou à capital do Império.

— E?

— O que o sacerdote nunca soube é que a energia que emanava tão fortemente daquela região verde e anteriormente intocada tinha a missão de manter a floresta daquele jeito. Ali habitavam guardiões da terra. Guardiões que não queriam pedras se amontoando nem homens zanzando. A Estrada da Noite não seguiu em frente.

Raul olhou para a mata escura e fechada do outro lado da pista. Viu os *containers* da SML Natural Benefits instalados à beira da pista. Grama e raízes cobriam as peças metálicas como se estivessem lá, abandonados, por anos. Milhares de troncos enfileirados e empilhados. Um desperdício de madeiras nobres não estaria ali, jogadas ao tempo sem que algo de assustador afugentasse os rapinadores.

— Você está querendo dizer que estamos perto da Estrada da Noite construída pelos Incas?

— Estamos, Raul.

— E que esses tais guardiões da mata que faziam desaparecer dois mil escravos de uma vez só são os guardiões que teremos que enfrentar? São os guardiões de Jó?

Ignácio deu passos livres pela pista, também mirando a mata.

— Sim. E a uma altura dessas, já devem ter sentido nosso cheiro. A última vez

que tentei cruzar esta floresta, com meus melhores vampiros, fomos açoitados e enganados, e quase todos terminaram mortos.

— Eles são bons assim? - Tornou o garoto, com os olhos vermelhos, brilhando.

— Eles são terríveis.

— Adoro - rosnou Raul, baixinho.

Ignácio encarou o rapaz com um sorriso no rosto.

— Não pense que por ser filho de quem é, essa tarefa será das mais fáceis. Não vamos atravessar a floresta andando.

— Não?

— Vamos ao coração e também ao rabo da Estrada da Noite.

— Jó está lá?

— Sim. Quando seu corpo chegou ao Brasil por encomenda do vampiro Gentil, seus zeladores procuraram se distanciar da costa, para protegê-lo. Tentei dissuadi-los tomando o corpo a meu cuidado, mas, naturalmente, foram regamente pagos para que Jó jamais escapasse de seus olhos. Ele estava tão fraco que teria dado fim à sua existência com um sopro. Os zeladores foram astutos e partiram pelo rio, valendo-se mais e mais das horas de sol para fugirem do meu encalço. O feitiço que impedia determinar o paradeiro de seu corpo criou atrasos irreparáveis à sua perseguição. Mas tive ao menos a paciência de colher informações e determinar para qual direção os zeladores iriam, os primeiros guardiões de Jó. Vieram para o Norte do Brasil e, trocando de rio e trocando de barcos, avançaram e, quando chegaram aqui, num dos locais mais selvagens, habitado por recônditas e jamais vistas criaturas, por sorte ou azar, cruzaram os restos da Estrada da Noite e nunca mais foram vistos por olhos vivos ou olhos mortos.

Raul ergueu os ombros e as mãos; não compreendia.

— Mas se nunca mais os viu, se nunca mais teve notícias, como diabos tem tanta certeza de que Jó está lá, no templo Inca? E por que razão, qual o interesse dos guardiões em zelarem pelo ataúde do vampiro português?

— Não tenho resposta para tudo, novato. Mas a última vez que tentei alcançar a urna de Jó, eles deixaram bem claro que o protegiam. Não se esqueça que Jó é um imortal. Talvez seus guardiões não o sejam. Jó, mesmo que debilitado e quase destruído, se eventualmente recobrar suas faculdades, poderá abrir os olhos sendo, simplesmente, a criatura mais poderosa deste planeta. Você não gostaria de estar ao

lado dele quando esse dia chegar?

Um instante de estranho silêncio imperou naquela pista quase clandestina. Cada um dos personagens cogitava desdobramentos velados pelo receio e a mística envolvida em tudo aquilo. Era fantástico demais, até para eles, crias da noite, crer em outros seres, diferentes deles, em histórias antigas de guerreiros Incas que abriam as florestas selvagens, criando estradas. Os pés que tocavam o chão de terra sobre a pista não eram pés comuns. Seus desejos não eram desejos comuns e, dentro da mata, não se deparariam com adversários ordinários.

— Sigam-me. Vamos nos preparar. As horas avançam no dorso de um corcel competente. Não temos o luxo da reflexão neste momento. Temos que agir rápido e como um time se quisermos evitar que Jó seja despertado e acabe com todos nós. Controla teus bichos pois eles serão nossos elefantes de batalha esta noite. Os guardiões de Jó vão tomá-los por animais da natureza por um instante e os deixaremos confusos, confusos pra valer.

Raul respirou fundo, lançando um olhar e um sinal para Aléxia e Hélio. A vampira morcego voou para o dorso do lobisomem que descansava em quatro patas, criando uma silhueta imensa e intimidadora. Isabela Du Bathor passou à sua frente e ele a seguiu, entrando no imponente helicóptero que trouxera Ignácio.

A bordo da nave, havia oito confortáveis poltronas de couro. Ao centro, uma grande e oval mesa de centro feita com um tampo de madeira escura e o corpo de vidro.

Ignácio foi direto à tal mesa e retirou o tampo com facilidade. Dentro, inúmeras bolsas de sangue.

— Fartem-se. Bebam, meus filhos. Vamos precisar sorver até a última gota para entrar naquele templo e destruir meu inimigo.

Raul, com um sorriso de canto de boca, foi o primeiro a apanhar uma das bolsas. O lobisomem, corpulento e desajeitado, avançou e abocanhou três ou quatro, engolindo-as com saco plástico e tudo. Aléxia pôs a mão em uma delas, e, Raul segurou seu punho de couro escamoso, fazendo um sinal para que esperasse. O garoto vampiro rasgou a bolsa que estava em sua mão e inspirou fundo. Sangue. Sangue puro. Sorveu o líquido ao mesmo tempo que soltava o punho da vampira morcego. Aléxia cravou seus dentes no saco plástico e começou também a banquetear-se.

— Venha, Isabela - instou Ignácio. - Você também vai precisar, meu bebê antigo.

Isabela passou pelo lobo, que rosnou com sua aproximação, lançando um olhar de reprovação para Ignácio. O ancião ergueu os ombros enquanto a ruiva abaixava-se e apanhava seu quinhão de energia.

Ignácio deixou os pupilos um instante e caminhou até o avião King. Os motores já estavam desligados. Quando entrou na nave, com uma pacote nas mãos, chamou pelo piloto. O homem surgiu à porta da cabine e cumprimentou o ancião que há tempos utilizava seu serviço.

— Laerte, sei que tem brevê também para helicóptero.

— Sim, senhor Ignácio.

— Aquele Merlin parado ao lado... Já voou num deles?

— É um Lockheed Martin, senhor Ignácio. Certamente nunca voei. É uma nave de propósitos militares.

O vampiro fez um muxoxo com a boca e franziu a testa.

— Mas nada que vinte minutos na cabine do Merlin não resolvam.

O vampiro sorriu.

— Resposta certa, garoto - disse o ancião, estendendo o pacote para o piloto. - Vamos seguir no Merlin então, será mais prático para a missão que temos pela frente.

Ávido pelo dinheiro, o piloto abriu o saco na frente do cliente e conferiu as notas, com um sorriso de satisfação.

— Senhor Ignácio?

— Sim.

— Esse helicóptero é muito especial, senhor. Como conseguiu um desses?

O vampiro balançou a cabeça.

— Um homem bem relacionado e com a mão aberta consegue muita coisa, ora pois. Tenho excelentes contatos na Força Aérea portuguesa e nada que a doação de um exemplar igual ao da Força Aérea brasileira não pudesse abrir algumas portas.

— O senhor pretende voar nas próximas horas?

Ignácio que estava indo para a porta do avião, parou e encarou o jovem piloto.

— Na verdade voaremos daqui a alguns instantes. Não tenho tempo a perder.

— Devo preveni-lo que é muito perigoso voar com helicópteros durante a noite, senhor Ignácio.

— Ô, muito obrigado pela prevenção. Muito útil - respondeu, cheio de sarcasmo.

— E o piloto que estava nele?

Ignácio, que já se retirava do King, parou sem virar-se para trás.

— Perguntas demais para uma noite só, rapaz. Digamos que... Ele ficou meio desidratado para essa missão e se retirou do meio de nós.

O piloto soergueu as sobrancelhas. Resposta estranha. Virou-se para o painel e passou a desligar o King enquanto recapitulava as horas de simulador de helicóptero, feitas por diversão na frente de um PC em sua casa.

CAPÍTULO 80

Nas ruas das principais metrópoles do país, o cair da noite trazia o medo. As conversas em salões de cabeleireiros, nos portões das escolas, nas mesas da hora do almoço, nas missas da tarde, nas conduções coletivas tomavam forma e se esgueiravam pelas sombras. Mesmo sem nunca ter visto de fato, muitos juravam ter topado com vampiros. As linhas do Serviço de Contenção tocavam como nunca, como se as manchetes de jornais e as matérias de telejornais e os arquivos de vídeos na internet funcionassem como combustível para o alarme geral. Não havia como o Exército investigar todas as chamadas. Não tinham mais meios de garantir que os vampiros restringiam-se aos focos apontados em São Paulo, Sorocaba, Rio Grande do Sul e aos novos eventos do Rio de Janeiro. A cúpula só sabia de uma coisa: todos os esforços de Brites e do Serviço de Contenção estavam escorrendo pelas mãos, entre os dedos, feitos grãos de areia. A ameaça dos vampiros era realidade e aquelas criaturas estavam se alastrando. Com isso, a panela de pressão colocada em fogo alto pelo capitão, em forma de estádio de futebol, ameaçava inchar sem alívio algum. Se quisessem ter uma chance de vencer aqueles inimigos das trevas teriam de abrir mão dos argumentos do historiador da USPA e colocar, como era dever das Forças Armadas, a Segurança Nacional em primeiro lugar. A cúpula daria autorização para o Serviço de Contenção aplicar as medidas cabíveis e necessárias para impedir que os vampiros assolassem o país e, por conseguinte, o mundo todo. A decisão estava ali, quente e frenética, diante dos olhos. Bastaria um telefonema, um contato por rádio para mudar tudo. Entendam bem... Um telefonema para mudar tudo. E assim foi feito. Um “alô” e foi assim que tudo aquilo que conhecemos mudou.

CAPÍTULO 81

Seguros pelos anjos, o quarteto de vampiros voava a uma incrível velocidade, em direção ao Norte do país. Ainda tinham esperança de alcançar o túmulo de Jó antes de Ignácio e seu time.

Cada um dos vampiros era levado por um dos seres celestes, envoltos pelas esferas de luz, cada uma emitindo uma cor suave diferente da outra e também encapsulando os passageiros, poupando-os do desconforto que o atrito contra o ar provocaria àquela velocidade.

Ignácio não poderia deitar as mãos no pobre vampiro adormecido. O ancião era bem capaz de destruir de uma vez por todas seu inimigo, mesmo aquele, adormecido e indefeso. Tinham que protegê-lo, a qualquer preço.

CAPÍTULO 82

O caos tinha tomado a marginal Tietê em São Paulo. Caminhões do Exército e veículos de infantaria leve bloqueavam a passagem, obrigando os urbanos a desviarem seus caminhos ordinários. Mesmo depois que o sol caiu no horizonte, as pessoas, já acostumadas a fugirem das ruas com a chegada da noite, para evitar qualquer contato fosse com os noturnos infectos ou com as viaturas do Serviço de Contenção e seus doloridos testes injetáveis, tiveram que enfrentar quilômetros e quilômetros de tráfego parado que serpenteava desde o centro da cidade até Osasco e, em sentido oposto, invadindo a rodovia Dutra e ultrapassando Guarulhos. Homens da CET tentavam em vão minimizar os transtornos.

O foco da confusão estava instalado no estádio da Portuguesa, para onde, desde a manhã, dezenas de jaulas de prata, contendo todos os infectos aprisionados em Quitaúna, foram sendo trazidas aos poucos e em incessantes viagens.

Abrupta, invasiva, porém extremamente necessária, ação do Serviço de Contenção do Exército não restringiu-se ao transtorno rodoviário. Desde as duas horas da tarde todas as rádios e TVs, abertas ou a cabo, tinham sido obrigadas a abandonar a programação normal e passaram a emitir um comunicado construído nos escritórios de relações públicas das Forças Armadas. O ministro-chefe da Casa Militar, general Marion Arcoverde, lia para as telas, com olhos serenos, contudo sérios, explicando que a situação com infectos foragidos em Niterói exigia contramedidas drásticas para que a segurança nacional não fosse abalada. A doença do vampirismo estava se alastrando e, antes que o perigo de uma epidemia fosse real e para que a população não entrasse em pânico, as Forças Armadas tomariam ações drásticas que poderiam parecer exageradas a princípio, mas agiriam assim exatamente para que nada escapasse ao controle e a nação voltasse a dormir em paz em breve. Em seguida ao pronunciamento, um oficial de RP dava outras explicações e exibia fotografias de infectos conhecidos e que estariam sendo caçados neste exato momento. Os rostos de Yuli, Tiago, Leonardo e seu bando, Patrícia, Bruno, Alexandre, Raul, Aléxia, Paola e Hélio apareciam de minuto em minuto. Era pedido que qualquer pessoa que tivesse contato com estes foragidos e também com outros elementos suspeitos que apresentassem características de infecção deveria deletá-los imediatamente. O Brasil estava correndo um risco sério de epidemia e deveria acabar com os transmissores desse mal irreversível e letal de maneira cabível. As

rádios ficavam repetindo os alertas, pedindo que a população ligasse televisores se pudesse, que procurassem nas delegacias as fotografias dos foragidos e dessem alarme o mais rápido possível. Um terceiro bloco de notícias, tanto na TV quando nas rádios, era dirigido justamente para os foragidos. A voz do capitão Brites ocupava monitores e aparelhos de rádio, exigindo que Tiago, Yuli e os rebeldes que saltaram da ponte Rio-Niterói e desapareceram entrassem em contato com o Serviço de Contenção imediatamente. Exibiam imagens das celas expostas a céu aberto no gramado do campo de futebol do estádio da Portuguesa, exibiam helicópteros sobrevoando e jogando luz sobre as jaulas, e dezenas de vampiros arrojando-se contra o chão metálico, incomodados com tanta luminosidade. Os mais atentos podiam perceber fileiras de soldados nas arquibancadas, armados com fuzis, outros com capacetes especiais, dotados de binóculos de visão noturna, e também os truculentos e temíveis soldados do Serviço de Contenção, com seus uniformes de um verde tão escuro, que misturavam-se às sombras do cenário. Brites prometia devolver todas aquelas jaulas para os galpões escuros de Quitaúna, caso fosse estabelecido uma trégua e que os foragidos se entregassem sem resistência e imediatamente. Do contrário, os vampiros já cativos permaneceriam no gramado. Ficariam ali até que todos os foragidos se entregassem. Brites reafirmava que a urgência era real e que estava nas mãos dos infectos livres, que colocavam toda a população à mercê de um possível alastramento da doença, as providências para que todos os infectos fossem atendidos e se buscasse uma solução. As jaulas só saíam do meio do campo de futebol quando a situação estivesse sob controle. A mensagem era repetida sem descanso, chegando a todos os cantos do Brasil. Propagada pelo ar, pelas ondas, levando medo e incerteza, e cravando-se no coração de um velho vampiro. Um vampiro que estivera adormecido por muito tempo. Um vampiro que amava seus semelhantes e tinha verdadeiro ódio pela opressão. A mensagem de Brites chegou aos ouvidos de Jó.

CAPÍTULO 83

Aléxia olhava para a ruiva sentada à sua frente. O helicóptero oscilava suavemente, para cima e para baixo. Seus potentes faróis varrendo a copa das árvores e buscando navegar em linha reta. A vampira transmutada virou a cabeça para o lado quando ouviu a voz carregada de nervosismo do piloto. Ao lado dele ia Ignácio e logo atrás Raul. Hélio, em sua forma humana, sentado nu no banco de couro, mantinha a cabeça baixa, mas seus olhos iam fixos na porta lateral aberta, por onde entrava um vento forte. Aléxia concentrou os ouvidos na conversa do piloto. Ele exalava medo e isso, mesmo tendo feito gorda refeição instantes atrás, fazia sua boca salivar. O medo dos humanos era o aroma mais instigante para as narinas de um vampiro. Era como um feromônio em tempos de acasalamento. Sedutor, convidativo, insuportável, irresistível.

— Os instrumentos, senhor! Entraram em parafuso! Não sei se estamos indo ou estamos voltando. Até o altímetro está maluco, não deveria estar oscilando desse modo.

— Estamos indo, posso garantir - retrucou Ignácio, soturno.

— Eu falei que sobrevoar essa floresta durante a noite era coisa perigosa.

— Essa floresta é perigosa de dia ou de noite, piloto, mesmo para Lockheed Martin militar.

— Mas não imaginei isso. O que está acontecendo? Por que a bússola não para de girar? Estamos em linha reta há dez minutos e ela roda que nem ventilador. Não sei a que altitude estamos. Esse painel do Merlin é monstruoso, eu não sei onde começa uma coisa e termina outra.

Bem completou a frase, o helicóptero soltou um barulho de seu ventre ao roçar na copa de uma seringueira. O piloto puxou o manche e a nave embicou perigosamente para cima. Isabela agarrou-se a uma alça de couro creme igual ao banco e sorriu para Aléxia.

— Estamos chegando, vampira. Quando as coisas pioram é porque estamos perto de Jó.

Aléxia devolveu o sorriso e ergueu as fendas em seu rosto e inalou fundo.

— Nós vamos perder o controle, Ignácio. Você está pagando uma fortuna para eu ir em frente, mas desse...

— Cale a boca, Laerte. Eu dobro o pagamento.

O piloto calou-se e aprumou a nave vinte metros acima das copas das árvores que conseguia enxergar com os faróis. Só podia confiar no que via. As relas de cristal líquido do *cockpit* exibiam chispas e traços que se distorciam, não correspondendo as leituras.

— Para a direita. Cinco minutos - indicou Ignácio. - Preparar para saltar! - Gritou para trás.

O piloto mudou suavemente de direção.

— Assim que saltarmos, voe em círculos por trinta minutos. Voltaremos. Quando eu disparar o sinalizador luminoso, procure uma clareira ou o ponto onde possa pairar mais baixo e com estabilidade, e iremos embora desse inferno deixando você podre de rico.

O piloto aquiesceu.

Estabilizou a aeronave e baixou o quanto pôde. Ligou o holofote auxiliar, apontando diretamente para o tapete verde logo abaixo, para que os ocupantes pudessem observar o terreno. Olhou desesperado para os instrumentos que pareciam mais endoidecidos ainda. Sorriu nervoso quando viu uma fenda entre as árvores, coisa de cem metros à frente. Podia ser um rio, uma estrada. Laerte engoliu em seco e concentrou-se na floresta escura. Um piloto experiente normalmente não entra em desespero quando marca um território e aguarda uma equipe de solo completar uma missão. Voar em círculos é o mais fácil e olhos treinados pegam qualquer marco natural ou construção artificial para servir de referência e mesmo com pane nos instrumentos de navegação ao menos estará orientado para voltar, cobrindo o caminho que tinha feito. Só que era experiente em voos com jatos e bimotores, com helicóptero a coisa ficava diferente. Já tinha pilotado R-22 e R-44, nunca uma máquina daquelas. O voo era robusto e seguro, mas dava medo. Era um helicóptero militar, pombas! No entanto o que mais enregelava seu coração e atormentava os sentidos era que voava sobre um mar verde. Tudo exatamente igual. Aquele vão encontrado por Ignácio serpenteava entre árvores sem ser rio ou rodovia. Era só um hiato, pequeno, sem árvores, que, no máximo, serviria de guia para seus giros esperando o retorno da equipe. Não saberia para qual rumo apontar o bico do helicóptero Merlin quando tivesse que voltar, caso tivesse que fazê-lo sozinho. O céu estava encoberto por nuvens, sem revelar estrelas ou a lua cheia. O lance era rezar para que aquele vampiro maluco conseguisse apanhar o que tinha vindo buscar

e mandasse seu time de solo voltar para a bordo da nave e picarem a mula o mais rápido possível. Assistiu os componentes daquele grupo da noite saltarem da aeronave. Apenas o líder ficou parado na porta. Se Laerte tinha alguma dúvida de que as coisas não iam bem, agora tinha certeza. Era a primeira vez que via aquele sinistro senhor com uma expressão de medo estampada na cara.

Assim que tocou o solo, Hélio reassumiu sua forma de lobisomem, dobrando de tamanho e ganhando garras e presas para o combate. Bateu com a pata dianteira numa árvore, arrancando um pedaço de sua casca, testando as unhas afiadas. Inspirou o ar noturno e encheu os pulmões, colocando-se sobre duas patas, ergueu a cabeça e lançou um uivo de lobo comprido, indo do agudo ao grave.

Ignácio sentiu um bolo se formar em seu estômago ouvindo a manifestação sonora da fera que chegou aos seus ouvidos mesmo sem o auxílio do rádio. A porta traseira aberta do helicóptero trouxe o uivo, enchendo-o de raiva.

No chão, Isabela, de olhos arregalados, caminhou até Hélio e desferiu uma poderosa bofetada contra a fera que chegou a pender a cabeça para o lado e cair sobre quatro patas.

Isabela pôs o dedo indicador da mão direita sobre a própria boca, exigindo silêncio.

Do helicóptero, Ignácio lançava imprecações e saracoteava sentado como um lunático à beira de um ataque. Por que diabos aquele infeliz tinha uivado daquele jeito? Bicho burro! Aquilo já era o suficiente para denunciar seu grupo. Seus xingamentos chegaram pelo rádio e fizeram Raul e Isabela trocarem um sorriso.

— Vão em frente! - Berrou o vampiro.

Raul reforçou as presilhas de seu colete à prova de balas e depois ajudou a ajustar o de Isabela, por baixo de seu sobretudo de couro branco, sob o olhar enciumado de Aléxia, que grunhiu aproximando-se dos dois.

— Calma aí, princesinha morcego, só estou mexendo com a minha ruivinha porque vamos precisar de toda ajuda que pudermos contar, lembra do que o velho falou? Esses tais guardiões de Jó devem ser bichinhos porretas.

— Acreditem em mim. São. Já os enfrentei uma vez.

— São grandes?

Isabela deu de ombros.

— Como assim, você não sabe?

— Não sei o tamanho deles. Não deu tempo de medir, sabichão. Eles são rápidos e pegam fogo.

— Pegam fogo? - repetiu Raul, engatilhando a escopeta em sua mão.

Caminharam quatro minutos até que as árvores cessaram. Raul olhou para o chão que brilhava prateado. Pedras comuns. Como podiam brilhar tanto? Sorriu. Os olhos de um vampiro veem coisas fantásticas. Pisou naquela estrada. A Estrada da Lua que conduziria ao Deus Noite. A Jó. O lobisomem circulou ao seu redor e depois afastou-se um pouco, farejando o ar, farejando as árvores do outro lado.

Aléxia agitou suas asas e voou sobre a estrada, pairando cinco metros acima. Ela apontou o dedo para a direita de Raul.

— Ela está certa! - Veio a voz de Ignácio pelo rádio. - Sigam para lá. O templo está ao final da estrada.

— Que templo? - Ouviram a voz do piloto preocupado vazando pelo rádio do ancião.

Isabela olhou para cima. O helicóptero se afastava mais uma vez e fazia nova curva. Tal e qual da última vez, o medo havia posto grilhões de prata nas canelas do mestre. Uma metáfora e tanto para não admitir para si mesma que o bom e velho mestre estava se borrando nas calças de tanto medo.

Raul estacou. Olhou para a direção que tinham que seguir. Apertou a arma nas mãos. Olhando para o lado, viu que Isabela também preparava o fuzil. Uma sensação estranha percorrendo sua pele. Como eletricidade. Raul voltou a caminhar e cravou seus olhos na escuridão da floresta. Podia sentir. Eles já estavam ali. Não iam esperar até que chegassem ao templo para atacar. Iam tentar bloqueá-los ali mesmo. Raul grunhiu nervoso e seus dentes cresceram ainda mais. A luta ia ser das boas. Assim que suas balas acabassem, arrancaria pedaços dos guardiões de Jó com a própria boca. Não deixaria uma subclasse de protetores interferir em seu objetivo. Se Ignácio tinha falhado antes era por culpa desse medo descarado que sentia por Jó. Ele, Raul, não tinha medo de nada, era filho de Sétimo, o pior demônio do Rio D'ouro.

Isabela estacou. Não conseguiu dar mais nenhum passo. Seus olhos dançavam nas órbitas. Ela também sabia que eles estavam ali. Espreitando. Começou a tremer dos pés à cabeça.

O lobisomem colocou-se sobre duas patas e grunhiu nervoso. Seus pelos eriçaram-se.

Aléxia subiu mais e desapareceu no céu escuro.

Raul virou-se, com os olhos fervendo em ódio e queimando como duas labaredas vermelhas. Encarou a vampira com tanta raiva que ela deu dois passos para trás quando o novato chegou à sua frente. E foi a vez dele desferir uma bofetada na cara da ruiva. Isabela girou para o lado e caiu sentada na estrada de pedras.

— Não sinta medo, sua vadia! Se eles sentirem o seu medo, poderão reagir como reagimos aos humanos: ficamos com mais fome e com mais poder para engolilos. Se vai ficar com medo de alguém aqui é a mim que vai temer. Ouviu?!

Isabela balançou a cabeça positivamente.

— Dá a mão aqui. Vamos agir como vampiros, mulher. Vamos arrebentar esses cururus.

Isabela obedeceu Raul e apoiou-se no novo parceiro para ficar de pé.

— Você disse que eles já te botaram para correr. Ninguém põe amigo meu para correr. Agora a gente é irmão. Fica comigo e cobre as minhas costas que nada vai te acontecer.

Isabela ficou desconcertada. Tinha acabado de tomar um bofetada daquele filho de uma mãe e agora, num misto de repudia e animalesca atração, sentia-se excitada, sentia-se a vampira mais protegida do mundo.

Voltaram a caminhar pela Estrada da Lua em direção ao templo do Deus Noite, erigido milhares de anos atrás pela civilização Inca, ouvindo, distante, os rotores do helicóptero e, mais perto, o farfalhar das asas de Aléxia, que, inteligentemente, sobrevoava a estrada, ficando afastada de qualquer ataque surpresa.

Continuaram avançando. Cada passo uma conquista. A presença velada dos inimigos ainda ressoava no ar, batia contra suas peles e os mantinha alerta. O confronto seria inevitável.

Raul procurava sem cansar. Para onde olhava apontava sua escopeta. Seriam mortais os guardiões? Sangrariam caso fossem atingidos? Como seriam mortos? Precisariam de estacas no peito como os vampiros? Queimavam ao sol? Raul sorriu. Não. Não queimavam ao sol. Não eram vampiros. Eram outra coisa. Como Ignácio tinha dito lá na pista do aeroporto. Eles eram energia da terra. Eram ligados à natureza. Eram como duendes ou esquinhos encapetados que não queriam o ser humano por perto. Talvez fossem pequenos como os Smurfs e ele pudesse pisar na cabeça deles. Eu odeio o Papai-Smurf, brincou Raul em seus pensamentos. Raul viu

o primeiro deles. Ficou até contente. Não eram porra de Smurf nenhum. Um alívio. Mesmo tendo visto uma criatura de couro verde como um lagarto escondendo-se rápido atrás de uma pedra grande e trepar numa árvore com a agilidade de um macaco, realmente sentiu-se aliviado. Se eles fossem Smurfs, ele seria o Gargamel. O Gargamel sempre se dava mal, muito mal, nos desenhos dos Smurfs. Raul fechou o semblante e se concentrou. Não pareciam grande coisa. Tinham o tamanho de uma criança com nove, dez anos. Apontou na direção onde tinha visto o inimigo. Isabela caminhou para perto da margem da floresta e vigiou, enquanto Raul avançava em passos lentos e estudados. Viu outro. Agora esse outro não se preocupou em esconder-se com rapidez. Raul engolia em seco. Aqueles segundos de estudar o inimigo antes do combate eram cruciais. E sabia que o inimigo fazia exatamente a mesma coisa. Estava lhe observando, procurando seus pontos fracos, enquanto Raul ainda tentava entender que diabo de criatura era aquela. Não era humano. Era material, mas não era humano. Um monstro de coloração esverdeada e uma cabeleira intensa, longa, que ia até o meio das costas. Se achava que Isabela tinha cabelos vermelhos, agora o rubro dela era piada. Eles, sim, tinham cabelos vermelhos. A frase jogada pela vampira assombrou seus pensamentos. “Eles são rápidos e pegam fogo.” Aquilo na cabeça deles... Seria pelagem, simples cabelos? Raul podia jurar que eram chamas quase liquefeitas, ora lisas, ora ondulantes, enfeitando o topo da criatura e caindo em suas costas. Não sabia se o bicho estava de pé ou agachado, mas já tinha tamanho suficiente para aguentar umas boas bordoadas. No combate, ser pequeno nem sempre significava desvantagem, ainda quando rodeado de tanta mata, tanta floresta. O guardião se moveu e foi eclipsado por uma árvore larga. Raul não sentia cheiro de medo. Não sentia cheiro nenhum. Foi então que deu atenção para a coisa mais sinistra. Não sentia vento. Não ouvia piado de pássaros nem zumbido de insetos. O silêncio era avassalador. Até mesmo o som dos rotores especiais do helicóptero, mesmo daqueles bem silenciosos, estaria chegando aos seus ouvidos. Seus olhos varreram as laterais. Viu mais dois daqueles sujeitos. Raul ergueu a mão. Isabela parou. O lobo observando o movimento na floresta começou a rosnar como cão de guarda. Então o primeiro deles saltou de uma árvore, voando para cima do couro de Hélio. O lobisomem ergueu-se sobre duas patas e tombou para trás propositadamente.

Isabela ficou estática por um segundo, seus olhos brilhando vermelhos tinham reencontrado um pesadelo.

Antes que Hélio se refizesse, outro dos guardiões de Jó abandonou a mata e correu para dentro da estrada de pedras, rugindo de forma alucinante, um som metálico que vinha do fundo da garganta da fera, com a boca aberta e cheia de dentes finos e pequenos que cravaram-se numa das patas do lobisomem.

Raul sentiu uma descarga elétrica em seu corpo. Eram ágeis. Moviam-se rápido. Criaturas de um metro e cinquenta, largas, com braços longos e costas curvadas, corcundas. O vampiro estendeu a escopeta e disparou arrancando o bicho do pé de seu aliado. Hélio imediatamente conseguiu virar o corpo e sua boca escancarada voou para o pescoço do outro que tripudiara em suas costas. O som de ossos se partindo atravessou a Estrada da Lua. Raul sorriu e disse olhando para Isabela:

— Eles morrem com tiros e têm ossos que estalam quando quebram. Então são de carne e osso, seja lá o que sejam no fim das contas.

Isabela girava lentamente sobre as botas, olhando para o fundo da floresta.

— Mas eles ainda não começaram a fazer.

Raul baixou o cano fumegante da escopeta, olhando para o fundo escuro da mata, vendo mais alguns dos inimigos correndo em direção à estrada.

— A fazer o quê, vampira?

— Fazer um lance que os deixa bem, bem mais complicados mesmo.

Raul virou de costas. Por um instante tinha deixado de vigiar o outro lado da estrada. De lá também via as silhuetas de mais guardiões aproximando-se.

— Quantos são?

— Não fazemos ideia - respondeu Isabela.

— Tanto tempo com medo desses caras, tanto tempo querendo botar as mãos em Jó, e não sabem porcaria nenhuma sobre esses guardiões?

— Tudo que sabemos é que eles são um pé no saco, garoto. Vai ficar falando ou vai derrubar mais alguns deles para chegarmos ao templo?

Raul franziu o cenho. Pela primeira vez desde o racha, queria seus amigos por perto. Sabia que Bruno era bom para peitar qualquer fera. Patrícia era inteligente, pensaria alguma coisa para deixar a parada mais difícil para os guardiões de Jó. E Alexandre, com aquele jeitão malandro, ia sentar o dedo sem dó. Não tinha nenhum deles por perto. Só a ruiva ao seu lado esquerdo, o lobisomem com o pé ferido e a vampira morcego onde quer que ela estivesse.

Raul andou até perto da criatura que fora abocanhada por Hélio. O lobo girava, farejando e olhando para todos os lados. Raul cutucou o monstro morto com o cano da escopeta. Tinha couro de lagarto da cabeça aos pés, com uma coloração verde

em sua maior parte, e no centro do abdômen, subindo até o meio do peito, um filete avermelhado. Os cabelos, se podiam ser chamados assim, eram mechas longas, mais vermelhas que as de Isabela, como se carregassem labaredas acima da cabeça. Quando inclinou-se para a frente, aquele cheiro entrou forte em suas narinas. O cheiro do sangue! O sangue das criaturas tinha um cheiro adorável. Raul ajoelhou-se e, sem notar, passou a língua pelos lábios, vendo as grossas gotas caindo do pescoço perfurado do animal. Desceu os olhos pelas pernas do bicho. Sentiu-se enregelar. Os pés da criatura eram voltados para trás. Tinham quatro dedos, mas o calcanhar ocupava a frente do pé e os dedos o final. Era medonho. Observou as pegadas que a criatura tinha deixado na beira da estrada. Sorriu. Lembrava daquilo. Das lendas que falavam na escola na semana do folclore. Será? As pegadas invertidas que enganavam os caçadores e os homens que queriam construir na floresta, derrubando árvores. As pegadas do curupira.

— Só pode ser zueira essa parada aqui - resmungou Raul.

— O quê?

— Olha essa pegada na terra, antes de chegar na estrada de pedras. Isabela baixou os olhos um segundo, ainda preocupada com os guardiões.

— Você também percebeu, é?

— Curupira. Te lembra alguma coisa? Hehehe.

Isabela meneou a cabeça positivamente.

— Calíope me falou disso, das pegadas. Eu não tive tempo de ver muita coisa da última vez que estive aqui. Eles estão muito quietos e isso é estranho. Nada bom, nada bom - ressoou a voz grave da vampira.

Raul ergueu novamente a arma. Ouviu mais daqueles grunhidos guturais. Sons de línguas estalando. Os bichos, apesar da forma humanóide, tinham um ar totalmente réptil por causa da pele escamosa, a boca oblíqua, projetada para a frente, como um bico de ave. Aqueles cabelos chamavam tanto a atenção, que era difícil se concentrar no resto do corpo. O animal ferido próximo a eles rastejava de volta para a floresta. Raul pensou em disparar novamente para encerrar com a vida do verme, mas se conteve. Era sabido poupar munição. Continuou acompanhando o rastejar do monstro de pé invertido. A ferida que a escopeta tinha aberto em suas costelas era grande o suficiente para enfiar um abacate por ali. O sangue cheiroso da criatura ia ficando nas pedras, brilhando, mudando do vermelho para um tom purpúreo, cintilante. Tinha um cheiro bom pra cacete. Talvez fosse boa ideia cravar as presas no pescoço daquele ali e terminar com o jogo. Contudo Raul estava

aproveitando a rápida vitória. Queria deixar que os outros guardiões o vissem ali, o semelhante rastejando aos seus pés, aos pés de um vampiro, de um filho de Sétimo, procurando fugir, mas já sem forças. Raul só não gostava de uma coisa. O verme não exalava medo. Talvez não fossem dotados desse sentimento. Talvez fossem coisas de outro mundo, do espaço sideral, sei lá. Balançou a cabeça negativamente enquanto inspirava fundo. Só o cheiro do sangue. Não fazia sentido. Qualquer criatura, qualquer ser vivente que sentisse dor, que tivesse a vida em risco, sentiria medo. Fosse o que fosse, aquele guardião era para estar cagando nas calças a essa altura, clamando por misericórdia, caso falasse alguma língua. Chorando, implorando. Mas não, só rastejava, cada vez mais fraco. Cada vez mais lentamente e deixando uma trilha grossa de sangue hemorrágico no seu rastro. Raul pisou no pé invertido da criatura. O guardião olhou para trás e rosnou fraquinho. Os olhos amarelos, feito os de certos lagartos, certos sapos de rios distantes, piscaram como os anfíbios piscam, crotalídeos, deixando um rastro, uma membrana. Eram interessantes. Raul ergueu a escopeta. Os olhos do guardião não se mexeram. Raul desferiu uma coronhada no pé invertido do bicho que gritou um grito agudo quando os ossos que faziam as vezes de calcanhar arrebutaram. Sentia dor o infeliz. Mas não sentia medo. Raul coçou a cabeça perturbado.

Isabela olhava para o espécime morto ao lado do lobo, que começava a destroçá-lo a bocadas, de puro ódio. A vampira cerrou os olhos. O que estava acontecendo? Tinha visto uma porção deles na floresta. Por que não estavam atacando de uma vez? Isabela só lembrava do inferno e dos gritos quando tentaram trilhar aquela Estrada da Lua pela primeira vez. Os guardiões tinham investido tão rápido e ferozmente que não tiveram tempo de entender como destruíram tantos vampiros de uma só vez. A luta tinha sido sangrenta e sem tempo para descanso. Agora estavam caminhando. Um dos guardiões tinha sido morto facilmente por Hélio. Raul tinha dado cabo de outro. Será que Ignácio estava mesmo certo? Será que por serem filhos de Sétimo, terem o sangue de um demônio temido, estavam sendo respeitados ou sendo até mesmo temidos? O que Raul tinha de especial? Petulância sobrava.

Raul fechou o sorriso quando o guardião chegou ao fim da estrada. Parecia que o monstro não conseguiria fazer mais nenhum movimento. Escapava da boca da coisa um barulho de respiração engulhada, como se a hemorragia agora subisse pela garganta da criatura. Contudo a fera teve força para mais algum esforço. Segurou firme numa pedra e projetou o corpo para cima, saindo da estrada rochosa e deitando o queixo na parte de terra. Ergueu a outra mão e agarrou as raízes de uma árvore que estava na beira do caminho e puxou o corpo mais uma vez. Virou-se de costas para a árvore e ficou olhando para Raul, piscando os olhos com aquelas membranas

úmidas, moribundo, parecendo que cerraria as pálpebras e exalaria a última respiração a qualquer instante. Raul, capturado por aquele momento mágico, de soberba e alegria por ter dado fim num tão falado guardião de Jó, hipnotizado por aquele ritual sombrio e inescapável a qualquer ser vivente que era o desenlace do mundo vivo para a escuridão, acocorou-se perto do réptil, anfíbio, guardião do raio que o parta e, inebriado, ficou a absorver aquela sensação. A morte deveria estar ali, bem ao lado da criatura, descendo seus dedos esqueléticos, igual para humanos, igual para guardiões, igual para tartarugas, joaninhas e pelicanos. Ela, com o rosto de caveira, desprovida de carne, parecendo sempre a rir e zombar dos viventes, tocaria no animal moribundo e engoliria sua alma, para cuspi-la no Aqueronte. Raul aproximou-se mais. Ele estava morrendo. Raul sorria. E o sorriso durou até que seus olhos voltaram a olhar para a mão do guardião. A mão que agarrava a raiz da árvore para que ele se recostasse ao tronco da frondosa sumaúma. A mão continuava firme na raiz e difícil precisar se era dos dedos do bicho ou se da raiz do antigo vegetal que saía um sutilíssimo halo de luz verde-amarelado. Raul fechou a boca e seus olhos foram crescendo de tamanho na mesma proporção que seu espanto. Saía de um espetáculo para cair em outro. Certamente a dona morte, a descer a gadanha sobre o alvo, segurou a ferramenta de trabalho e quedou-se boquiaberta, também capturada naquele momento um tanto que fantástico.

Isabela aproximou-se por trás, seu sobretudo branco chamou a atenção do guardião ferido que virou lentamente a cabeça. Raul deteve os olhos nos cabelos vermelhos do curupira. Os fios de fogo encostaram e abraçaram o frondoso tronco da deslocada sumaúma, árvore rara em pedaços de floresta fechada e abundante nas várzeas amazônicas, e não menos imponente que o mogno e as seringueiras que fechavam suas copas cinquenta metros para cima, tornando o terreno ali, junto à Estrada da Lua, mais frio, mais escuro, mais sombrio que nas florestas espaçadas. O garoto vampiro deu um passo para trás. Sentia que o animal, o guardião, estava executando alguma função orgânica sensacional, algo de simbiose ou, até mesmo, valendo-se de algum tipo de magia. Os cabelos vermelhos, brilhantes, incandesceram ainda mais e pareceram mergulhar dentro da árvore. A imensa sumaúma foi ressecando, suas folhas verdes e vigorosas tornaram-se cinzas e secas e em questão de segundos uma chuva de folhagem solta, como se o inverno tivesse apanhado única e exclusivamente aquele exemplar para tomar-lhe o viço. O tronco largo envergou-se para o lado e, de repente, ouviu-se um estalo avassalador.

— Meu Deus! - Berrou Isabela. - Ele está fazendo.

Raul, olhando hipnotizado para a árvore que tombava em sua direção, ficou petrificado por um momento. Como era possível? O ser aos pés da árvore estava se levantando, vivo, e a sumaúma estava morta, desabando sobre sua cabeça. O

vampiro ergueu os braços infantilmente, buscando proteção, mas o tronco que pesava toneladas achataria seu corpo contra as rochas, tirando-o do combate irremediavelmente.

Como um carcará, num mergulho certo, Aléxia passou voando por baixo da copa da árvore que tombava e agarrou Raul, tirando-o dali.

— Corram! - Gritou o vampiro ao ser apanhado pela vampira morcego.

— Eu vi o templo - grunhiu Aléxia, com a voz descaracterizada. - Tem muita energia saindo de lá.

— Leve-me agora!

Aléxia girou o corpo e tomou o rumo do templo do Deus Noite.

Isabela começou a correr, alcançando o lobo que tinha disparado em galope, saltando em suas costas e usando-o como montaria. Atrás deles, ainda se levantando, e agora bem maior do que anteriormente, o guardião lançava um grito para o céu, com seus cabelos vermelhos de fogo iluminando tudo ao redor. A criatura dobrou as pernas e começou a correr beirando a estrada. As pegadas invertidas ficando para trás. Mais velocidade e saltou no ar, agarrando-se ao tronco de um mogno, subindo seus galhos e logo tornando a saltar. Os outros guardiões escondidos na mata também gritaram, enquanto podia-se ouvir aqui e ali estalos de madeira quebrando e o som de grandes árvores tombando.

De cima, a salvo no helicóptero, Ignácio arregalava os olhos enquanto mandava o piloto se calar. Parecia que um incêndio tinha tomado a floresta escura logo abaixo, com grandes e inúmeros pontos vermelhos surgindo entre as copas das árvores. Esses pontos dividiam-se às margens da estrada de pedras. Esses pontos perseguiam seus pupilos.

— São eles! Os guardiões de Jó. Mantenha esse helicóptero longe deles, entendeu?

— Não precisava nem pedir, seu Ignácio. Não mesmo.

Aléxia baixou de altitude e largou Raul que, tomado pela euforia e pelo medo, rolou no chão, desequilibrado. O vampiro levantou-se correndo atrás da escopeta. A arma, que deslizou pelo chão de pedra, parou quando bateu contra uma elevação a noventa graus. Raul apanhou a peça e ergueu a cabeça. Degraus sem fim subiam em direção ao céu negro. O templo do Deus Noite existia, bem como os guardiões de Jó e, se até aqui os itens iam se revelando um a um, era certo que lá dentro encontraria a tumba que guardava o vampiro temido por Ignácio. Raul olhou para trás. Isabela

vinha montada nas costas do lobo que corria o mais rápido que suas pernas aguentavam. A criaturinha que estivera à beira da morte agora vinha, saltando alternadamente do chão para as árvores, envergando troncos centenários com o peso adquirido. Não podia chamá-lo de criaturinha. Era um monstro com quase três metros de altura. Raul olhou para a escadaria. Aléxia ainda voava em direção ao topo do templo. Não ia ficar ali parado esperando para descobrir o que o guardião faria quando lhe alcançasse os ossos. Tratou de galgar os primeiros degraus. Seus olhos de noturno ajudavam a se desviar do emaranhado de raízes e cipós que cobriam as pedras que formavam a arquitetura do templo do Deus Noite.

Isabela virou-se para trás tirando a pistola do coldre, e, começou a disparar contra a criatura que vinha ao seu encalço. Apesar de saber que cada bala tinha chegado ao destino, o guardião não diminuiu a velocidade nem acusou dor. A vampira ruiva virou-se para a frente e flexionou o corpo, chegando mais próximo da cabeça da fera.

— Corre, lobo! Suba as escadas do templo, vou tentar segurar esse desgraçado.

Hélio continuou galopando enquanto agilmente Isabela trocou a munição da pistola, recolocou-a no coldre, e agarrou o fuzil que vinha pendurado em seu pescoço.

— Encontre o túmulo e devore o corpo de Jó! - Bradou Isabela.

Ouvindo as ordens da mulher, o lobo alcançou o primeiro degrau e iniciou saltos para cima. Isabela desmontou e caiu de joelhos numa das pedras, apoiando-se em grossas raízes que tinham varado a rocha e ganhando espaço ao ar livre. Ela apontou o fuzil para o monstro e esperou que ele chegasse mais perto. Mais perto. Seus olhos de vampira cintilaram. Apesar de focar no monstro que tinha se regenerado ao roubar a vida da árvore, via que mais daquelas criaturas com cabelo de fogo vinham de dentro da mata, na direção do templo do Deus Noite. Isabela fingiu respirar fundo. Pressionou a coronha contra o ombro direito, deixou o dedo envolto na luva branca tocar suavemente o gatilho. Tinha a cabeça do monstro na mira. Ele tocou o primeiro degrau, gritando e uivando como uma besta insana. Saltou para o alto, passando três ou quatro daqueles colossais degraus de uma só vez, batendo com estardalhaço contra a rocha, fazendo a escadaria tremer.

Raul, no meio do caminho, arriscou outra parada. Agora estava coisa de sessenta metros acima da Estrada da Lua, via o mar verde a perder de vista e pelo menos seis daquelas criaturas rodeando o templo, espalhando uma luminosidade vermelha, incandescente, por baixo da copa das árvores, fogueiras vivas que vinham ao seu encontro. Seus olhos se detiveram na destemida vampira de branco que

estava a um palmo de distância do guardião mais próximo. Hélio passou galopando ao seu lado, com o couro transpirando, conferindo um aspecto brilhante à sua pelagem lupina.

— Pare! - Gritou Raul.

O lobo colocou-se sobre duas patas e rosnou ameaçadoramente para o vampiro.

— Quer tomar um balaço de prata na cabeça, o idiota? Tá pensando que eu sou um otário da matilha do Afonso?

O lobo uivou enfurecido e baixou as patas batendo-as perto de Raul.

— Vamos ajudá-la. Eu não deixo mulher lutando sozinha.

Hélio lembrou-se da ordem recebida pela ruiva. Raul iria ajudá-la sozinho. Antes que o filho de Sétimo pudesse fazer qualquer coisa, o lobisomem desferiu-lhe uma patada e girou o corpo, voltando a galopar em direção ao cume do templo.

Raul rolou sete degraus para baixo, com a façanha de não desgrudar da escopeta.

— Miserável. Depois cuido disso.

Olhou para Isabela que estava em situação crítica.

A vampira ergueu mais o cano. O monstro deu o último salto em sua direção e então ela puxou o gatilho até o final, iniciando uma saraivada de disparos precisos. Em segundos a rota do monstro foi alterada, e ele tombou ao lado da vampira, com a cabeça moída pelos projéteis e os membros estremecendo, espasmódicos. O guardião de Jó não seria mais problema.

Isabela olhou para cima. Raul tinha voltado para auxiliá-la.

— Preocupado com o ancião, novato?

— Hum. Um pouco. Um par de braço a mais nessas vizinhanças faz uma falta danada.

— Fico tocada com a sua sensibilidade. Mas eu dou conta do recado.

— Dá?

— Aham.

— Então dá conta daquele recado ali, faz favor - pediu Raul, apontando para a Estrada da Lua.

A estrada, antes deserta, estava tomada agora por seis criaturas do mesmo porte daquele agonizante na escadaria. Elas caminhavam lentamente, lembrando titãs de pedra, moais desenterrados, com as cabeças em chamas e os pés voltados para trás.

— Curupiras. Dá pra acreditar nisso?

Raul olhou para Isabela e soergueu as sobrancelhas.

— Pergunta meio ridícula vinda de uma vampira do século passado, que subiu até aqui montada nas costas de um lobisomem peludo e que tomou uma mordida de uma mulher morcego horas atrás... Mas tudo bem, você tem razão. Curupira já é demais nesta história! Às vezes me pego imaginando se somos de verdade também ou habitamos a cabeça de algum maluco.

Isabela soltou o municizador vazio que quicou na rocha enquanto ela abastecia a arma com outro carregado até a boca.

— Taí, garoto. Numa coisa a gente combina. Vivo num mundo tão extraordinário que não acredito no que vejo de vez em quando.

— Só não para de acreditar agora, titia ruiva. Se sairmos vivos desta, a gente retoma essa prosa filosófica num boteco. Tomando vinho do bom, se é que você me entende.

— Quanta munição você tem aí?

Raul deu de ombros.

— Olhando para esses monstregos, acho que tenho pouca.

— Não precisamos matá-los. Precisamos segurá-los até que Aléxia e Hélio encontrem a tumba de Jó e destruam-no.

— E depois disso eles viram purpurina e nos deixam ir como se nunca tivéssemos esfarelado o deus vampiro deles?

— Depois é depois. Achei bonito aquilo que você falou pro velho Ignácio.

As feras continuavam se aproximando, passo a passo, circundando as escadarias do templo do Deus Noite, enquanto os vampiros trocavam amenidades.

Raul olhou curioso para Isabela.

— O que você achou bonito, ruiva?

— Aquele lance de que vampiro que tem medo de morrer é um vampiro morto.

— Sim. Tudo a ver, mina. Eu tava brisando, mas é tudo a ver.

— Brisando?

Raul riu.

— Viajando. Eu tava viajando, tia vampiro.

— E parafraseando meu mais novo e não tão nobre amigo, vamos ter que agir feito vampiros dos bons, não como um dentucinho mariquinha.

Raul pousou uma mão no ombro de Isabela.

— Olha ruiva, você não faz o meu tipo, nem de leve. Não pego coroas, sabe. Mas se escaparmos dessa aqui pra contar a história depois, essa história do vinho é verdade. Eu pago.

— Também não curto cheiro de fraldas, moleque. E quem disse que tomo vinho, Raul?

— Ah! Ah! Ah! Te pago um *drink*, o que você quiser.

— No Theatro dos Vampiros.

— Fechado. No Theatro dos Vampiros.

Raul ergueu a escopeta e começou a descer a escadaria.

— Eu pego esses três da direita. Boa sorte com os seus.

Bem ouviu a frase, Isabela ergueu o fuzil e sentiu o chão estremecer.

Os novos guardiões estavam longe ainda. Não tinham saltado. O que provocara aquele tremor? O fato é que pedriscos rolaram escadaria abaixo e um som abafado de explosão se fez ouvir. Os seis guardiões pararam, imóveis como estátuas. Foi então que os olhos da vampira ruiva encontraram os dedos do guardião abatido pelos tiros de fuzil. O corpo que até a poucos segundos estrebuchava nos segundos finais de vida, estava fincando os dedos nas raízes expostas pelos vãos das pedras. O resto do monstro deitado na diagonal estava parado, mas seus cabelos labaredas levantaram-se mais uma vez e um clarão rubro tomou aquela porção da escadaria. Raul soltou um berro e foi ao ar dezenas de metros. As raízes tinham ganhado vida e uma delas enrodilhara em seu calcanhar, suspendendo-o do chão. Atônita, Isabela viu outra porção de raízes soltarem-se com estardalhaço e provocando novo tremor na escadaria. Elas não saíam por vontade própria, eram arrancadas, e seus finos filamentos, ainda cravados na rocha, iam se partindo, movidos por uma força descomunal. Era o curupira. Ele comandava as forças da natureza naquele rincão de

mundo. Ele conseguia fazer que as árvores lhe dessem forças para continuar vivendo e ainda conseguia controlar aquelas raízes como cordas nas mãos de um mago. Raul, imobilizado e ainda tomado de surpresa, não viu quando cinco pontas do outro ramo da raiz voltaram-se em sua direção, deformadas, afiadas, legítimas lanças de madeira que iriam tomar-lhe a vida se afundassem em seu peito. Isabela não pensou. Disparou. Os projéteis foram explodindo as estacas e, ao final, Raul tomou uma sarrafada que o arremessou longe, caindo aos pés de um dos gigantes que esperavam ao final da escadaria, ferido por farpas de madeira que começou a retirar do braço e do tronco.

— Ai, monstro! Isso dói!

Aléxia pousou ao final da escadaria a tempo de ver Raul sendo sacolejado no ar. Seus olhos brilharam de ódio. A criatura caída nos degraus ainda vivia. Olhou para dentro do templo, indecisa por um segundo se mergulhava em voo para mais uma vez defender o parceiro ou se vasculhava o mais rápido possível aquelas ruínas para acabar logo com aquilo. Bufava, seu peito subia e descia, seu corpo envergado para a frente, novamente lembrando uma gárgula no topo de uma igreja, com as asas fechadas e os olhos felinos, acompanhando os movimentos do corpo de Raul que era suspenso de lá pra cá, como que apanhado por um dos tentáculos de um Kraken surgido das profundezas da terra em vez do mar.

O lobisomem passou pela vampira morcego e adentrou o templo. Seu faro aguçado guiava seu galope desenfreado. Aquela parte do templo estava completamente tomada pelas raízes e plantas que cresciam rasteiras, livres da cortina compacta das copas das árvores que roubavam-lhe o sol e com isso a vida. Bromélias, samambaias, cipós, raízes e pequenas árvores germinavam de rachaduras e pelos cômodos nunca terminados pelos escravos incas desaparecidos. Hélio parou, derrapando num chão úmido, escorregando em húmus e enchendo sua pelagem com restos de folhas em decomposição. Aquele cheiro, do apodrecimento vegetal, estava por toda parte e velava seu sentido mais aguçado quando assumia a forma lupina, o faro. Não sentia o cheiro de um corpo morto. Urrou raivoso e continuou correndo, afundando-se em câmaras escuras.

Aléxia arregalou os olhos quando um daqueles tentáculos feitos de raízes vergou suas pontas e formou várias estacas. O guardião ia acabar com Raul. Ia acabar uma vez mais com Sétimo. Aléxia ergueu o corpo e estendeu as asas, ouvindo os disparos de Isabela que também lutava para defender Raul; quando saltou para voar e apanhar o parceiro, tombou na escadaria. Uma raiz fina, soltando uma rala luminosidade amarela, agarrou-se ao seu pé e girou várias vezes em seu tornozelo. Aléxia tombou de costas e abriu as asas tentando se posicionar melhor. Colocou-se agachada e bateu as asas subindo três metros. Nisso a raiz agarrada ao seu calcanhar deu uma chicoteada e a derrubou mais uma vez. Então novas raízes apanharam suas asas de morcego e se fecharam com tanta força que arrancaram um gemido de dor da vampira. Uma das raízes levantou-se para o ar como uma naja hipnotizada por um encantador de serpentes e, a certa altura, a ponta do vegetal se retorceu em espirais, formando uma ponta aguda, e desceu velozmente contra o peito da vampira. Aléxia arregalou os olhos e agarrou a raiz que rompeu-se, largando uma estaca em seu peito. A vampira desmoronou para trás, com a boca aberta, os dentes reduziram-se imediatamente, a coloração de suas escamas recrudescer por um segundo e descambou para um tom cinza uniforme. Imóvel e sem vida a personagem ficou.

A munição do fuzil Isabela tinha chegado ao fim, abrindo buracos no couro verde do curupira que emitia gritos e silvos tão agudos e intensos que a vampira chegou a cair de joelhos para tapar os ouvidos. A vampira largou a arma longa e abriu o sobretudo branco, tirando as duas pistolas dos coldres que iam por cima do colete à prova de balas. Caso os guardiões de Jó estivessem atirando contra seu peito, aquela peça seria uma defesa extraformidável, e a vampira sabia muito bem que aqueles coletes resistiam a disparos de armas de fogo, mas seriam ineficazes contra facas, espadas e muito provavelmente não suportaria a pressão das raízes em forma de estacas. Com as duas Desert Eagles apontadas para os olhos do monstro que virara em sua direção, Isabela começou a disparar. O monstro fechou os olhos e tombou a cabeça, mantendo-se abaixado e agarrando-se firmemente às raízes que estavam em sua mão. A vampira mudou o alvo. Tinha que separá-lo daquele pedaço de vegetal. Era por meio daqueles troncos secos que ele dava vida àqueles tentáculos assombrados. Quando disparou nos dedos do monstro, ele silvou novamente e soltou uma mão. Isabela apontou para a outra mão e, antes que pudesse puxar o gatilho, sua cintura foi envolta por uma das raízes que arremessou-a no ar, fazendo-a bater coisa de quinze degraus mais para cima, perdendo abruptamente as pistolas, ficando zonza e atordoada e, sem o luxo do tempo em suas mãos, procurou levantar-se o mais rápido que pôde.

Raul, aos pés da escadaria do templo do Deus Noite, foi recebido pelo segundo

guardião a se aproximar. A fera, com coisa de três metros de altura e cabeleira igualmente vermelha e incandescente, desferiu um potente soco cruzado no rosto do vampiro, fazendo os ossos da mandíbula do garoto estalarem. Raul que, miraculosamente tinha conseguido se manter de pé, mas tendo o corpo curvado pelo impacto, levou dois segundos para voltar à posição ereta e, com um tapa no sentido inverso ao que foi atingido, recolocou o maxilar no lugar, cuspidando um dente ao chão.

— Ah. Essa doeu. Doeu pra valer - disse encarando o bicho, enquanto cuspi outro dente e observava o osso branco misturado ao sangue no chão. Raul apontou o dedo para o guardião. - Agora vou te dizer, você deu uma sorte danada de não ter sido meu canino, infeliz, se não eu ia ficar puto pra cacete.

O monstro soltou um grito estridente e exibiu a boca pontuda, bicuda, cheia de dentes pequenos, parecendo uma serra.

— Você chama isso de dentes, filho da mãe? Eu vou te mostrar o que são dentes.

Raul ergueu a pistola e descarregou no peito do monstro que foi indo para trás a cada disparo. No décimo segundo ele tombou de costas e Raul correu para cima dele, pulando em seu peito, quebrando os ossos da caixa torácica e, em seguida, abriu a boca e grunhiu, saltando na garganta do monstro. Cravou os dentes no couro esverdeado e começou a drenar o sangue do guardião de Jó. Levantou a cabeça para o céu, com a boca cheia do sangue escuro e purpúreo da fera, e gritou.

— Isso aqui é bom demais!

Antes que baixasse a cabeça, outra daquelas raízes enrolou em sua garganta, arrancando-o de cima do protetor das matas e do templo do Deus Noite.

O tentáculo vegetal apertou tanto dessa vez que os olhos de Raul se esbugalharam, evidenciando o aumento abrupto da pressão intracraniana. Outros tentáculos levantaram-se ao seu redor, raízes, como cercas vivas, prendendo-o, e suas pontas foram mais para o alto, retorcendo-se; Raul olhou para o lado e viu por uma fresta o mesmo azar sucedendo com Isabela. Quando, com dificuldade, girou os olhos para cima, com eles a ponto de saltar para fora de seus orifícios naturais, Raul viu as pontas afiadas das raízes. Elas desceram rápido e no instante seguinte só havia silêncio absoluto e escuridão.

Ignácio apontava a direção. O piloto, sem os instrumentos de navegação operando na normalidade, somando o estresse da situação, não tinha a menor ideia de localização. Os olhos dotados do vampiro tinham mais sorte e também traziam mais agonia. Ignácio via os guardiões de Jó ao pé da escadaria e nessa nova aproximação não conseguia mais ver seu time. O branco do sobretudo de Isabela chamou-lhe a atenção, bem como a meia dúzia de estacas no peito da vampira e sua fatal imobilidade.

— Inferno! Inferno! Eles não estão conseguindo! Gire a nave outra vez. Preciso ter certeza de que algum deles entrou. Mantenha esse helicóptero distante daqueles pontos luminosos.

— Eles podem voar, senhor Ignácio?

— Não. Não que eu saiba.

— Isso me alivia.

— A mim também.

— Não poderemos ficar muito mais tempo aqui.

— Como?

— Veja. Não sei se o instrumento que marca combustível está funcionando. Não temos muito mais tempo de voo.

— Dê outra volta. Preciso achar meus sequazes.

Foi de repente que aquele cheiro infestou suas fuças, vencendo o odor forte das folhas em decomposição. Era o cheiro de sangue. Muito sangue humano. Tanto e tão fresco que sua barriga roncou. O lobisomem ganhou rumo. Como se acendessem uma lanterna, como se lhe dessem um guia. Apesar de dotado da forma lupina, alguns instintos e pensamentos lógicos lampejavam vez e outra. O cheiro de sangue fresco não batia com o que procurava. Procurava um cadáver com mais de quinhentos anos. Um morto ressequido. Aquele cheiro era de sangue novo. Sangue quase vivo. Hélio continuou seu galope urgente, descendo por fendas e buracos, arrastando o corpo e puxando com as patas. Cada vez mais fundo naquele templo de rochas que pareciam vivas. Cada vez mais escuro e mais frio. O cheiro do sangue enlouquecendo-o. As patas deslizaram no húmus e afundaram em uma espécie de

lama, seu corpo pesado começou a descer em velocidade e o lobo percebeu estar num duto de pedra escorregadia, limosa, e cheia daquela vegetação rasteira morta. Tentou abocanhar as raízes que iam ficando mais grossas conforme afundava. Então sentiu seu corpo no ar, solto, caindo. Tombou numa câmara nova. Sangue. O sangue estava ali. Rosnou. Hélio viu dúzias de corpos. Perto dele um velho degolado, com terno claro, bengala na mão, óculos trincados. Capacetes de trabalhadores por toda parte. Um homem sem sangue algum, com algemas penduradas na cinta, uma carteira de delegado ao seu lado. Uniformes com um símbolo SML. Corpos amontoados, alguns nus, outros ainda vestidos. Alguns mortos há poucas horas, outros, mortos a mais tempo, com cheiro da podridão começando a exalar de seus orifícios, de seus olhos, suas peles se liquefazendo. O lobo tinha a respiração agitada. Colocou-se sobre duas patas e uivou a pleno pulmões para ser ouvido por seus companheiros. Era o sinal de que tinha encontrado a tumba. Era o sinal para que viessem em seu socorro. O lobo, com os olhos vermelhos e brilhantes olhando para cima, para o duto de pedra que terminava naquela câmara, não ouviu resposta. Não ouviu nada nem sentiu nada. Arreganhou a boca deixando as presas descomunais expostas e rosnou feroz. Não eram seus amigos que vinham pelo duto de pedra. Hélio soube. Eles estavam mortos e agora era sua vez de lutar. Seus parceiros tinham sido batidos. Devoraria os ossos de Jó. Era essa sua missão. Então, num átimo, raízes grossas desceram do duto e cravaram-se em seu peito, enquanto outras surgiram da terra e prenderam seus pés. Mais duas deram conta de suas patas dianteiras e estas ricochetearam com tanta violência que os braços do lobisomem foram arrancadas, tirando dele também um uivo de dor. Hélio, o último soldado do grupo de Ignácio, desmoronou, abatido.

O helicóptero completou a volta e estava bem acima da Estrada da Lua, aproximado-se lentamente do templo do Deus Noite.

Ignácio pediu que o piloto pairasse, imóvel, naquele ponto, por um instante.

— Consegue ver? - Perguntou Ignácio, apontando para a escadaria do templo.

O piloto só via os sete clarões vermelhos como fogo, andando num promontório, numa elevação. Ligou os holofotes e os direcionou para lá. Então seus olhos se arregalaram. Os clarões eram criaturas vivas que se moviam e brilhavam daquele jeito.

— Seu Ignácio?! O que é isso?

Ignácio, vendo os guardiões perfilarem os corpos de Raul, Aléxia, Isabela e o lobo desmembrado nas escadarias do templo, demorou para responder e, quando o fez, não trouxe tanto alívio ao piloto.

— São os guardiões de Jó. Eles conseguiram novamente. Destruíram meu exército. Fui derrotado.

— Pelo amor de Deus, seu Ignácio... Podemos ir embora agora?

Ignácio suspirou, carregado de pesar. Não desceria ao templo. Não encararia o velho inimigo sozinho. Nem mesmo se atreveria a lutar contra os guardiões. Aquela batalha tinha acabado e estava perdida. Ao menos restava a certeza de que os guardiões estavam alertas e continuavam tão poderosos como nunca. Se ele não tinha conseguido penetrar o templo do Deus Noite, ninguém conseguiria, nem o exército nem Patrícia e os novatos.

— Dê meia-volta. Não nos resta nada a fazer aqui.

O piloto puxou o manche suavemente e o helicóptero deslizou para o lado, embicou para o sul e acelerou, distanciando-se do templo inca.

Ignácio enfrentava uma tormenta nunca vista em sua mente. Seu eu, sua psique, parecia um pequeno bote, lançado nas vagas, sopradas por ventos intermináveis, tentando afundá-lo no mar de noite escura. Quando o pequeno bote subia, ele sentia-se feliz por estar deixando para trás o templo do Deus Noite, de não ter despertado Jó, de não ter caído nas garras de seus guardiões e continuar como um fantoche a perambular pelos dias e noites lançados pelas mãos de Eón. Quando o bote afundava, sentia-se desesperado. Jó ainda existia. Jó ainda estava escondido naquele ninho de rochas. Seria um recife contra o qual mais cedo ou mais tarde o casco do seu pequeno e frágil bote se arrebentaria em mil pedaços. Não podia vencê-lo. Seria um fantasma eterno. Mesmo vivendo mais dois mil e cem anos, viveria à margem, com as palavras do insolente novato martelando em sua cabeça. Um vampiro morto.

Foi despertado de seus pensamentos metafóricos por uma voz conhecida. Ela não chegava pelo rádio. Ela não vinha de fora da nave. Era uma voz, melodiosa, cheia de vida, vinda dali, de dentro do helicóptero. Havia, na parte de trás da nave, um ocupante clandestino. Ignácio tremeu da cabeça aos pés. Enquanto virava-se para olhar para trás, o piloto também gritou.

— Veja aquilo, senhor!

Esferas de luz, em alta velocidade, aproximavam-se, não vinham exatamente em direção ao helicóptero. Passaram perto. Uma violácea, outra verde clara, mais tantas cores, parecendo discos voadores.

— Meu Deus do Céu! - Gritou o piloto.

Ignácio tremia. Jamais tremia. Aquela visão assombrosa dos guarda-costas do vampiro Samuel, somada à impressão daquela voz vívida na traseira do helicóptero, rompeu o último fio de controle em seu comportamento. Os anjos dariam cobertura para que Patrícia e os demais se aproximassem de Jó. Não conseguiriam passar pelos sentinelas. Os guardiões tinham a força de toda a mata em redor do templo. Mas a voz soou novamente. A voz disse:

— Eles vão passar, velho amigo. Eles vão passar.

Os olhos do vampiro se arregalaram. Ignácio manteve a cabeça baixa e agarrou o batente divisor entre a cabine e a ala de cargas belamente transformada, tentando inutilmente controlar o tremor e horror que consumiam seu corpo e sua mente. Ignácio ergueu lentamente a cabeça. Não conteve o queixo que caiu e escancarou a boca, dando ao rosto do pálido vampiro a caricatura de uma máscara de terror.

— Demorou muito tempo para que este dia chegasse, velho Ignácio. Não morra agora, devorado pelo espanto. Há tanto para você ver. Há tanto para você pagar e sofrer.

O passageiro, envolto na escuridão do fundo da aeronave, abriu um sorriso dócil e inofensivo.

Ignácio tombou para a frente, desmaiado, vítima do medo extremo.

Jó fechou os olhos e o helicóptero foi consumido por um globo de fogo, explodindo sobre a floresta, deixando um rastro de destruição e morte.

CAPÍTULO 84

Os anjos reduziram a velocidade até pairar imóveis centenas de acima do templo do Deus Noite. Assim que frearam tanto os guerreiros do exército de luz quanto seus espantados passageiros viram uma esfera de fogo crescer no céu, coisa de um quilômetro de onde estavam e logo em seguida, desaparecer, devolvendo a escuridão completa à noite sobre a floresta Amazônica.

— É aqui o lugar que seu mapa nos trouxe, meu irmão. E não é novidade para nenhum de nós que neste ponto reside uma fonte impressionante de energia que verte da mãe terra.

— Desçam - pediu Samuel.

Os anjos pousaram no topo do templo do Deus Noite.

CAPÍTULO 85

Yuli sorriu quando viu os amigos. Quando se encontraram nas ruas desertas, próximos ao Memorial da América Latina, esqueceram antigas desavenças e todos se abraçaram. A oriental contou em detalhes tudo o que tinha lhe sucedido desde a separação, a perda do namorado, a milagrosa queda do ônibus do Serviço de Contenção. Anelise e Mari esqueceram a bronca por terem saído às pressas de Sorocaba e abraçaram fortemente a amiga. Eram todos irmãos. Todos filhos de Afonso. Todos da mesma matilha. Seus semblantes desanuviados só voltaram à seriedade quando o assunto do estádio veio à baila. O que fariam? Não iriam se entregar em hipótese alguma, mas tentariam ajudar. Tinham que dar uma lição naquele capitão estúpido e seus batalhões da morte.

Foi Leonardo quem sentiu a presença do vampiro Tiago. Abriu um sorriso.

— Acho que nosso time será reforçado! Estou sentindo Tiago se aproximando. Vamos!

Anelise e Mari reviraram os olhos, enquanto Ginho exclamava descontente:

— Deus! Esse cara nunca para quieto? Sempre mandando a gente para um canto!

De fato, a busca por Tiago se mostraria muito mais proveitosa do que suspeitavam.

O coração da mulher parou. Tiago soltou o corpo ainda quente sobre a cama e secou os lábios. Já tinha bebido da garganta de uma jovem adormecida num sofá e agora drenava o terceiro corpo naquela noite. Olhou a morta e sentiu certa tristeza. O sangue de Gentil lutava contra o sangue de Inverno. Sua frieza habitual volta e meia dava lugar a questionamentos. Para que tudo aquilo? Para que tanto sangue? O vampiro sabia que uma nova e difícil batalha se desenhava à frente de seus olhos. Não era hora para culpa.

Como entrou, deixou o apartamento da sobreloja, saltando para a marquise de uma *lanhouse*, esgueirando-se nas sombras, até chegar a uma esquina onde as luzes públicas tinham sido vítimas de baderneiros, propiciando escuridão suficiente para

safar-se. Tiago saltou primeiro para a calçada, sem produzir barulho algum. Quando tocou o chão, suave como um gato, endireitou o corpo. A garota de negro não viu o vampiro às suas costas, mas sentiu algo. Por isso virou antes que as garras da criatura estivessem sobre seu pescoço.

— Deus! Você é um deles?!

Tiago deixou os olhos percorrerem o corpo da jovem. Era bela. Pálida como uma vampira, vestido negro quase tocando o chão, olhos delineados, batom escuro. Era uma das admiradoras da noite. Uma bolsa de estudante vinha ao ombro direito. Os olhos de Tiago brilharam.

— Meu nome é Cynthia.

— Não quero seu nome - balbuciou o vampiro, ainda com mancha de sangue em seu rosto.

— Nossa! Você parece um anjo.

Tiago tocou a mão da garota. Ela não parecia ter completado vinte anos ainda.

— Não sou anjo. Anjos não têm as mãos frias como as minhas.

A outra mão foi ao pescoço da guria.

— Meu Deus! Que toque gostoso, Tiago.

O vampiro arqueou uma das sobrancelhas. Como ela sabia seu nome? Estava confuso. Ela não exalava o cheiro adocicado do medo. Ela conhecia seu nome.

— Espere um segundo. Posso fazer uma foto com você?

— Não.

— Espere. Vou mostrar uma coisa.

Ela agachou-se e tirou um *laptop* da bolsa.

Tiago manteve um olhar curioso. A garota era uma figura. Normalmente os humanos, ainda mais naqueles dias de histeria, fugiriam ao primeiro contato, à primeira desconfiança de estarem sendo envolvidos por vampiros.

Cynthia ligou o aparelho.

— Veja. Sua foto está nos principais *sites* da internet. Vocês são vampiros procurados pelo Serviço de Contenção. Todo esse auê aí na frente, no estádio, é por causa de vocês dois e...

Ela clicou em uma galeria de fotos e exibiu a imagem de Leonardo.

— E, deles ali, ó - disse, apontando para trás.

Tiago, surpreso, virou-se e viu cinco filhos de Afonso aproximando-se. Era a matilha de Leonardo. Abriu um sorriso. Encontro perfeito para aquela noite.

— Yuli! - Exclamou.

— A Eliana não conseguiu escapar? - Perguntou, preocupada.

O vampiro limitou-se a menear a cabeça.

— Tiago, aqui informa que têm quatrocentos soldados dentro do estádio, cuidando dos vampiros - disse a garota gótica, com voz doce.

— É mesmo? O que mais você consegue descobrir? - Perguntou, interessado.

— Com a rede posso buscar um monte de informação pra vocês. Deixa eu adivinhar...

A garota fez silêncio para aumentar o suspense.

— Vocês não vão se entregar coisíssima nenhuma e querem entrar furtivamente no estádio para salvar seus semelhantes.

— É um bom começo, garota - retrucou Tiago.

— É por isso que amo vocês! - Respondeu, abraçando Tiago.

Yuli, Mari e Anelise ergueram as sobrancelhas, espantadas com a folga da garota. Era bem soltinha para quem estava abraçando um vampiro.

Tiago segurou-a com as duas mãos e afastou-a de si. Festa estranha. Garota esquisita. Eu não tô legal. Não aguento mais biritá.

— Sei que você consegue informação na rede. Quero saber se você consegue coisas específicas que precisamos. Imagens de satélite, plantas, essas coisas.

— Garoto, eu sou *hacker*. Entrar no *site* do Exército tá bom pra você? Os rostos dos vampiros iluminaram-se.

Cynthia era uma aquisição perfeita para o bando.

— Ninguém encosta um dedo nela. Entenderam? - Ordenou Tiago, com um sorriso no rosto.

— E...

Olharam para a menina de negro, perfeitamente mimetizada naquele grupo.

— Não faço isso de graça, neném. Ah! Ah! Ah!

— O que você quer em troca? Peça o que quiser.

Cynthia suspirou profundamente e desta feita abraçou Yuli, explodindo de alegria.

— Eu não acredito! Este é o dia mais perfeito da minha vida!

Yuli permaneceu estática. Seus olhos tinham parado na tela do computador da garota. Na galeria de fotos aberta, fotos de alguns dos cativos, tiradas clandestinamente, horas atrás. Pediu para a garota clicar sobre a foto. As suspeitas da vampira loba se confirmaram. Dentro de uma das celas via o rosto abatido de Diego. O soldado que tinha lhe levado da danação à salvação. O soldado de quem tinha tirado a vida e selado a despedida com um beijo apaixonado. Diego tinha virado um vampiro. Diego era sua cria. Um novo lupino. Um novo ser no trilho das sombras. Outra vítima do Serviço de Contenção que arderia ao nascer do sol!

— Temos que entrar lá! - Balbuciou a oriental.

— Entra na fila! - Respondeu uma voz firme às costas do bando. Tiago virou-se com Leonardo e acenderam os olhos.

— Não precisam se exaltar, meus amigos. Estamos no mesmo time.

De fato a imagem era animadora. Um bando com mais cinco vampiros acabava de chegar.

— Também temos amigos presos lá dentro. Se deixarem a gente se juntar com seu grupo, não seremos mais cinco, seremos doze.

— Onze - corrigiu Tiago. - A garota é mortal. Minha mortal. Ninguém encosta nela. É parte do trato.

— Mortal por enquanto - retrucou Cynthia.

Os vampiros recém-chegados concordaram movendo a cabeça, aproximaram-se de Leonardo e deram as mãos. Qualquer ajuda era bem-vinda.

Entraram todos na garagem. Um Fiat Marea estava suspenso pelo elevador hidráulico, as rodas e sistemas de suspensão estavam à mostra, desmontados, deixando claro que ao raiar do dia aquele galpão de tamanho médio estaria cheio de funcionários que, prisioneiros do subir e descer do sol, dariam continuidade a suas vidas e afazeres. Exceto que por conta da ostensiva presença do Exército fosse

declarado algum tipo de estado de calamidade pública ou coisa do tipo. O medo tinha se espalhado por todos os cantos, onipresente, ancestral, colocando homens e mulheres de volta às cavernas.

Tiago apanhou uma vareta metálica de solda e olhou para os presentes: Yuli, Leonardo, Anelise, Mari e Ginho e mais os cinco vampiros, encontrados a caminho da garagem, fugitivos do covil de Sétimo. Como queria que Cesão também estivesse ali. Seu amigo, parceiro de tantos mergulhos, de tantas furadas, saberia ajudar nessa hora; sempre tinha ideias inteligentes que eram completadas por Olavo. Suspirou fundo. Não poderia mais contar com eles neste lado do mundo. Acocorou-se e com a vareta fez um desenho oval no chão.

— Esse é o estádio da Portuguesa. Aqui passa o Tietê - completou, fazendo riscos paralelos. - Sinceramente, só podemos contar com nossa força de vontade, mas Brites, o Exército, sabe muito bem o que está fazendo.

— O que você quer dizer? - Perguntou Leonardo. - Que não teremos chances de tirar os cativos de lá?

Tiago suspirou fundo. Estava lúcido e evidente que não conseguiriam salvar todos os cativos.

— O que eu quero dizer é que o Exército sabe que vamos tentar alguma coisa. Sabe...

— Como podem saber? Eles esperam que vocês se entreguem - cortou, com a voz estridente, Anelise, impaciente.

Leonardo olhou com ar de reprovação para a garota que continuou rodeando o vampiro acocorado.

Tiago passou a mão no cabelo e bateu com a varinha no centro do estádio.

— Vocês acham que estamos lidando com que tipo de gente? Vocês já foram caçados por eles. Vocês viram o Grupo de Operações Especiais de Brites de perto. Esse aviso que eles colocaram na televisão, nas rádios e internet foi para nos colocar contra a parede. Qualquer cidadão que trombar com a gente e sair vivo para contar a história vai ligar para o Serviço de Contenção. Eles terão controle.

Tiago suspirou novamente.

— Precisamos ter em mente que eles são estrategistas e que estão aprendendo muito a cada encontro com nossos semelhantes. Aposto que trabalham com as seguintes hipóteses: primeira, esperam que nos entreguemos, ou parte de nós.

Seremos todos presos em jaulas de prata, em algemas de prata e, pronto, estaremos nas mãos deles para ao raiar do dia acabarmos com a chegada do sol. Segunda, sabem que podemos nos esconder, resistir ao apelo, e ao raiar do dia eles deixarão todos os cativos pegarem fogo ao sol. Terceira hipótese, supõem que um de nós ou até mesmo todos criemos coragem para enfrentá-los, para tentarmos invadir o estádio e libertarmos quem nos interessa e se possível todos os outros. Para tanto haverá combate. Sabem que poderemos fazer uma confusão dos diabos se quisermos. Já tiveram provas mais que suficientes que somos um problema danado para ser, digamos, “resolvido”. O que vocês acham que eles estão fazendo agora?

— Aguardando? - Arriscou Yuli.

— Exatamente. Eles estão aguardando. Mas não estão aguardando imóveis, estáticos, apavorados. Eles estão antecipando. Eles contam com a possibilidade extrema da terceira hipótese e neste exato momento estão colocando soldados, atiradores de elite, nas arquibancadas, com fuzis de tiro de precisão a distância, carregados com balas de prata. Estão enchendo as arquibancadas com soldados e metralhadoras, homens com coletes à prova de balas, homens com óculos de visão noturna. Preparam os holofotes ao redor do estádio para que tudo seja iluminado num estalar de dedos e percamos a imensa vantagem da escuridão. E, aqui para trás... - disse, riscando dois quadrados à margem do rio Tietê. - Essas torres, onde antigamente juízes ficavam para assistir às provas de remo disputadas no rio, serão carregadas de armas automáticas de grosso calibre, mais soldados. Eles terão barricadas em todos os acessos. Penso que até mesmo os esgotos com acessos pela margem do rio serão vigiados por soldados que darão alarme ao menor movimento suspeito. Não conseguiremos chegar perto do estádio sem que eles saibam. A menos que...

— A menos quê?

— A menos que eu vá na frente, use meu dom fantasma e consiga por abaixo os guardas que cuidam da entrada do esgoto. Certamente uma dessas passagem subterrâneas os deixará mais perto do estádio e quando eu der o sinal de volta, vocês, ainda em forma humana, virão atrás de mim.

— Pode funcionar - disse Leonardo, pressionando o lábio com os dedos. - Pode funcionar.

— Mas...

— Ai meu Deus! - Gritou Anelise. - Você não vai parar de imaginar coisas, de colocar dificuldades? Mas o quê, Cristo?

— Essa é a terceira hipótese, o confronto. Eles estarão nos esperando. Quando chegarmos ao gramado do estádio, será um inferno. Eles não têm razão nenhuma para poupar os vampiros que estão nas jaulas. Eles não terão dificuldade alguma em sentar o dedo em nossa direção, guria. Teremos que agir rápido. Vocês assumirão a forma de lobo antes de entrarem no estádio e terão de estraçalhar o maior número de soldados possível, às dentadas. Não pensem em matá-los, não teremos tempo para isso, nossos ataques terão de ser duros e precisos, basta feri-los seriamente. Nenhum soldado com as tripas escorrendo pela barriga manterá o juízo e essa cena de horror vai afetar a mente dos homens que estiverem ao redor. Arranquem braços, comam pernas, abram o peito dos inimigos e continuem, para cima de um, de outro e do outro. Eles vão entrar em pânico enquanto eu darei um jeito de abrir aquelas jaulas.

— Já que você tá botando uma panca de Sun Tzu, brincando de senhor da guerra, por que não explica por que raios escolheram justo o Canindé para enfiar as metralhadoras, bloqueios, helicópteros e tudo mais?

Tiago deu de ombros e fechou os olhos antes de responder, buscando subsídios na memória.

— Um estádio tem um campo amplo, boa visão e domínio dos movimentos do inimigo. Acho que o Canindé fica próximo ao Anhembi, que é uma área enorme, quase um descampado, reduzindo assim a proximidade de residência tanto desse quanto do outro lado do rio. As redondezas em sua maioria são ocupadas por prédios comerciais às beiras da marginal. Querem reduzir o risco de inocentes pagarem o preço por essa guerra entre Exército e noturnos.

A maioria dos presentes piscaram algumas vezes em silêncio. Passaram a mão na cabeça. Não ia ser nada fácil. Nada fácil.

— Mesmo assim. Mesmo que entremos lá de surpresa, eles também estão pensando nisso... Também tentarão ou, de fato, vão nos surpreender. Se conseguirmos escapar e por ventura nos encontrarmos nessa garagem mais uma vez, certamente não seremos tantos nem os mesmo rostos. Muitos de nós cairão. Mas não podemos deixar que esse capitão Brites cometa essa atrocidade sem ao menos levantarmos um dedo. Ele saberá que sempre que dormir haverá um vampiro à solta. Um vampiro por aí, pronto para cravar os dentes em seu pescoço de milico.

— Quando partiremos?

— Não podemos demorar. Cada minuto conta. Temos um bom pedaço para avançar a pé, depois nos infiltrar. Eles querem nos capturar. Precisaremos de tempo para evadirmos de lá e tentarmos nos ocultar novamente.

— Está aí uma coisa interessante - interferiu Anelise novamente. - Eu fiz chacota falando do Sun Tzu agora a pouco. Mas você falando do tempo, me lembrei de uma das lições da arte da guerra.

Todos voltaram-se surpresos para Anelise.

— O que foi?

Continuaram calados. Leonardo boquiaberto.

— Já sei. Açam que mulheres só servem para se pendurar no ombro de homem forte? Vocês chegaram atrasados, queridinhos.... Minha mãe tem uma biblioteca fabulosa lá em casa que não está lá de enfeite. Eu li a *Arte da Guerra* e nela, o honorável general diz que além de controlar o terreno, que no caso são nossos inimigos que escolheram e conhecem bem, devemos também dominar o tempo.

O bando permaneceu com cara de tacho esperando os finalmentes da instrução da garota loba.

— Dominando o tempo, podemos vencer essa batalha. Um dos mandamentos é chegar ou muito antes do horário estipulado para o combate, horário que já deixamos passar, ou, então, chegar bem, mas bem atrasado ao combate. Os inimigos ficam confusos. Confusão gera insegurança. Logo, teremos além da surpresa, caso entremos no estádio, a insegurança instaurada nas fileiras do inimigo.

— “Nas fileiras do inimigo”? Nossa, Anelise, agora eu tô pondo fé em você - brincou Leonardo, balançando a cabeça ainda com a boca aberta. - General Tiago, é melhor entregar essa batuta aí para a minha loba. Ah! Ah! Ah!

Todos riram, menos Anelise. Ao menos aquele estalo de humor e descontração desanuviou um pouco as pesadas expressões de medo e incerteza que rondavam a garagem, bem como o coração dos neófitos combatentes.

— O que você está sugerindo então, Anelise? - Perguntou Tiago, jogando a varinha para a lupina.

Anelise agarrou a vara metálica e bateu algumas vezes contra palma da mão.

— Estou dizendo que nós vamos chegar tarde, bem tarde. Quando eles acharem que nenhum vampiro teria mais coragem de botar as garras para fora para atacar o estádio da Portuguesa. Muitas unidades terão baixado a guarda. Esses homens são do dia. Estarão com sono, pestanejando. Vamos causar mais dano nessa ocasião do que indo agora, quando estão a mil e alertas.

Tiago suspirou pela enésima vez.

— Faz sentido, garota. Mas compreende o quanto estaremos encrencados quando o sol se levantar?

Anelise deu de ombros.

— Foi Sun Tzu quem me ensinou. Se não der certo, quebra a cara dele quando chegar no inferno.

Tiago sorriu retribuindo o cinismo da lupina. Não tinha certeza se aquilo fazia mesmo sentido, teriam que entrar... Ele estava preocupado em localizar sua amada Eliana. Yuli queria acertar as contas com Diego e tirá-lo daquela enrascada. Cada um com um motivo para entrar e sair voando do estádio. Por outro lado, Anelise tinha chamado a atenção de todo mundo e uma coisa Tiago sabia: era bom que a confiança do grupo não fosse depositada num copo só. Agora aqueles vampiros confiavam nele, em Leonardo, e também na seguidora do general chinês.

— Tudo bem. Que seja assim. Que seja assim - anuiu Tiago, virando-se para Cynthia. - Você, esse *notebook* ainda tem energia? .

— Tem, mas o que não falta nesta garagem são tomadas - respondeu sorrindo, a humana.

— Certo. Ligue o computador e obtenha acesso à rede de computadores. Nossa amiguinha disse que para um bom combate temos que conhecer o terreno. Veja tudo o que consegue sobre o estádio do Canindé. Procure principalmente menções à sua estrutura. Consegue entrar no sistema da SAE?

— Baba. Entro em dois palitos. A defesa do banco de dados da Secretária de Águas e Esgotos não é a mais primorosa que já vi, bem ridícula pra ser sincera.

— Veja se tem algum material do rio Tietê entre o Shopping D e o estádio. Veja os caminhos que as manilhas fazem, se passa algum canal embaixo do estádio. Se vamos chegar tarde, temos algum tempo para aprender mais um pouquinho.

Cynthia balançou a cabeça e baixou seus olhos contornados de negro para a tela do computador que já acendia. Caminhou até um aparelho telefônico e tomou o cabo de conexão para sua máquina. Limpou com a mão uma pilha de caixa plásticas de discos de freio e depois sentou com sua saia negra sobre a cadeira improvisada, começando a teclar o aparelho.

— Assim que o raiar do dia se aproximar, vamos fazer esse ataque *kamikaze* que a Anelise inventou.

Tiago movia-se lentamente nas sombras. Até agora, suas suspeitas se confirmavam. Havia jipes do Exército percorrendo as marginais, lançando facho de luz de holofotes; em alguns cruzamentos os jipes verde-oliva eram auxiliados por camburões da Polícia Militar e os soldados em trajes cinzas também erguiam faroletes vez por outra, apontando para os raros carros que ousavam vagar na noite paulista. Tiago também tinha acertado em prever que usariam as torres envidraçadas à beira do rio Tietê. Podia ver luz lá em cima, o que garantia a existência de sentinela, observando as margens do rio e as vias mais próximas. Nenhum grupo de vampiros, agindo por impulso e instinto, conseguiria chegar até o estádio da Portuguesa de Desportos sem ser percebido antes. No entanto, Tiago e seu grupo não agiam de maneira natural. Estavam coordenados. Queriam de fato surpreender Brites e lograr salvar alguns dos prisioneiros lançados ao gramado do campo de futebol.

Tiago ia bem na frente, coisa de cento e cinquenta metros afastado do grupo de Yuli e Leonardo. Caminhava curvado, escondendo-se sob os vãos das pontes e na vegetação rasteira que ia margeando o rio. Ouvia o ladrar dos cães a distância, mas os cães não sentiam seu cheiro. O rio era fedorento o suficiente para embotar o olfato da guarda canina. Talvez eles se agitassem mais com a passagem dos lupinos, dada a natureza estreita, mesmo que encubada no corpo dos vampiros, entre as espécies.

Cynthia tinha encontrado no banco de dados da SAE alguma informação útil. Um pouco à frente do Shopping D existia um grande acesso aos esgotos daquele quadrante. O vampiro esgueirou-se pela margem cimentada para ter uma melhor visão da boca retangular que deveria estar próxima. Certamente haveria guardas de prontidão. Tinha que alcançá-los e neutralizá-los antes que dessem conta de sua aproximação. Um disparo e tudo estaria perdido.

Tiago moveu-se lentamente. Desejou não produzir barulho com o caminhar e, de alguma forma, seu sangue encantado transmitia isso para todo o corpo. Esgueirou-se nas sombras com perfeição. As sentinelas na entrada do córrego estavam alertas. Três no total. Dois andando lentamente, de lá pra cá, em vigília clássica, enquanto um estava sentado, aparentemente descansado, com os pés para cima, sobre caixas. Não estavam olhando em sua direção. Se tivesse um silenciador na pistola, daria cabo dos três daquela distância. Um. Dois. Três. Pronto. Todo mundo nanando e a passagem livre. Não tinha o tal do silenciador. O troço ia ser um pouco mais complicado. Passaria facilmente entre eles, mas o resto do bando não contava com seu dom. Tiago evocou sua energia vampírica para ludibriar o inimigo.

Enterrou-se na parede criando sustentação abaixo do seus pés, imaginando um chão sólido onde pudesse caminhar, sem que seu espectro sem limitações físicas afundasse num mar de terra e fosse dar com o traseiro no magma terrestre. Chegou ao córrego, um túnel de concreto, com água podre descendo ao encontro do Tietê. O túnel estava mais morno que a marginal, talvez dois ou três graus acima. O primeiro soldado em sentinela passou. Tiago contou quinze segundos, depois veio o segundo. Colado às sombras, foi se aproximando da boca da túnel. Teria que ser rápido. Pegá-los desprevenidos.

Um aviso pelo rádio e adeus plano, adeus surpresa. Abaixou-se. O soldado passou novamente. O segundo. Depois de pouco tempo, voltaram. Tiago então colocou a cabeça para fora do túnel. Os soldados chegavam perto do terceiro. Pararam. Conversavam. Tiago ouvia claramente. Falavam de Brites. Faziam graça com a missão. Um contava que estavam lhe chamando de caça-fantasmas na rua. Não sonhava o quão certo eram seus vizinhos. O segundo pediu um cigarro ao soldado semideitado.

Tiago deixou o túnel. Sua cabeça emitia um desejo. Não olhem para mim. Repetia o vampiro em sua mente, como um mantra. Uma ordem que funcionou até ficar a três passos de distância da primeira vítima. Sua mão foi ao fuzil do garoto e puxou-o num safanão. O soldado desequilibrou-se por conta da tira que ia ao seu ombro, prendendo a arma. Tiago agarrou o fuzil pelo cano e antes que o segundo soldado, ainda com o cigarro na mão, apanhado do terceiro, pudesse erguer o fuzil, desferiu-lhe uma coronhada violenta no rosto que fez que voasse contra o muro de concreto do rio. O soldado deitado tentou levantar-se, mas desequilibrou-se e terminou por rolar para trás das caixas. O rádio estava em sua mão. Tiago deu uma coronhada primeiro no aparelho que ficou moído. O golpe seguinte acertou a testa do rapaz, que estalou com o impacto e, provavelmente morto, fez o corpo rolar a beira cimentada do rio, fazendo que seu corpo fosse colhido pelas águas do córrego e arrastado para o Tietê, onde afundou rapidamente.

Tiago virou-se para as outras duas vítimas. O primeiro soldado ainda estava consciente, levantando, tentando entender que raio de caminhão tinha lhe acertado. Não entendeu. Tiago agarrou-lhe os braços e cravou-lhe os caninos, tomando seu sangue com vontade, com desejo, drenando a vida daquele corpo mortal em segundos. Um minuto depois sinalizava para os parceiros de emboscada. A entrada para o túnel estava limpa. Agora era só atravessar o córrego e encontrar o desvio mostrado por Cynthia, que daria debaixo do gramado do Canindé.

Tiago olhou para cima. Podia sentir a energia deles todos ali. Estava bem

embaixo do campo de futebol, virou para trás e sinalizou. O sinal foi repetido até que todos os combatentes da noite estivessem no túnel. Tiago andou coisa de cinquenta metros até sentir uma nova mudança sutil da temperatura, desta vez bem sutil. Olhou para cima novamente. Um túnel de acesso subia para o estádio. Olhou ao redor. Nada. Nenhum sinal da presença dos homens de Brites. Saltou para o alto usando sua força e agarrou o primeiro degrau da escada de ferro enferrujado, vergalhões em arco que tinham as pontas afundadas no concreto, coisa bem antiga, feita quase que artesanalmente. Escalou lentamente até chegar a uma pesada tampa metálica. Sinalizou para baixo. Para que esperassem. Ele ouvia vozes. Vozes de vampiros que choramingavam, sem conseguir deixar suas celas. Vozes de humanos passando. Sentia o cutucar para a esquerda e atrás da cabeça, sentindo a presença de Eliana.

Ela estava no campo de futebol. Ela torraria com a chegada da aurora prevista para menos de uma hora. Talvez fosse já a mudança da cor do céu que tivesse desencadeado o aumento dos lamentos dos noturnos. Eles sabiam que o mundo, imbatível e insensível ao drama pessoal de cada um, mesmo que milhões de vampiros estivessem naquele gramado, o mundo não se juntaria ao clamor, o mundo não sabia que seu giro natural e contínuo regia a chegada e a partida das crias em suas costas. Aquelas crias de pele pálida seriam desintegradas quando o giro imperturbável colocasse sobre eles os raios de sol.

— O Diego está aqui! Estou embaixo dele! - Gritou Yuli.

— Shhhhhhh! - Respondeu Tiago.

Metros para cima, um soldado parou. Engoliu em seco. Podia jurar que tinha ouvido um grito e um chiado bronqueado na sequência. Estacou. Girou sobre as botas e olhou para as celas. Alguns dos vampiros continuavam com as lamúrias. Outros, arrojados contra o chão da cela, de olhos abertos e calados, pareciam aceitar resignados seu destino. A verdade é que a maioria deles estava quase inanimada, todos privados da caça desde que foram trancafiados atrás daquelas grades prateadas.

O soldado Vieira olhou para as grandes pesadas barricadas de concreto colocadas na lateral do campo de futebol. Aquelas duas em especial tinham uma missão. Bloquear uma passagem, um acesso encontrado pelo Grupo de Operações Especiais do capitão Brites. Tinham arrastado as duas fazendo uso de cabos de aço e de um grande Urutu pintado de branco, que havia servido na missão de paz levada pelo Brasil e pela ONU ao Haiti. O lance é que o soldado Vieira tinha escutado o barulho vindo dali. Aproximou-se com o fuzil apontado para baixo e a lanterna apontada para as grandes vigas de concreto. Suspirou fundo. Olhou ao redor. Tudo

quieto. O sereno da madrugada molhando seu capacete. Frio. Só isso. O sono avassalador que o fizera pescar duas vezes durante sua guarda estava lhe pregando novas peças, e agora estava rezando para que ninguém tivesse percebido e fosse dar com a língua nos dentes para os homens do Serviço de Contenção. Girou sobre as botas e voltou para o gramado. Olhou para as arquibancadas. Eles tinham montado uma megaoperação mesmo! Vieira chegou a lembrar daqueles filmes do cinema quando viu tanta artilharia sendo colocada e ajustada nas arquibancadas. Atiradores de elite em pontos estratégicos para derrubar possíveis intrusos com tiros únicos. Reuniões, uma seguida da outra, com os homens da unidade especial do Serviço de Contenção. O soldado coçou a cabeça e olhou para os vampiros enjaulados. Eles iam torrar em menos de uma hora. E se ninguém se entregasse? Ninguém tinha falado nada sobre isso. Mas se queimassem todos aqueles vampiros, teriam o quê nas mãos na noite seguinte? Como atrairiam os fugitivos? Vieira continuou sua ronda, lanterna em punho, ouvidos atentos. Não queria ficar ouvindo vozes. Precisava encontrar um dos vestiários da lusa para lavar o rosto e espantar o sono.

Tiago subiu mais. Ouvidos atentos. Nenhuma voz humana por perto. Nem botas. Empurrou a tampa com o ombro. Ela não se mexeu. Buscou uma posição melhor e empurrou com força vampírica. Cedeu menos de um centímetro. Os militares conheciam aquela passagem. Tinham bloqueado a tampa de ferro.

— Eles bloquearam a passagem - disse para os que vinham logo abaixo.

— Droga.

— Nos esgueiramos até aqui para nada?

— Não. Eu vou subir e ver o que posso fazer - respondeu Tiago.

— Mas não disse que está bloqueado? - Perguntou Anelise.

Yuli sorriu. Sabia como ele ia passar. Queria ver a cara espantada de Anelise e dos demais quando Tiago evocasse seu poder fantasma.

Tiago respirou fundo e começou a subir, seus braços atravessaram a tampa de ferro e logo seu corpo avançava pelo concreto, como se pudesse nadar, como uma alma penada a vagar pelo mundo dos vivos. Logo estava do lado das barreiras de concreto e seu corpo voltava à condição material. Olhou ao redor. Seus olhos de vampiro varreram as arquibancadas. Não soube precisar a quantidade de soldados, mas eram muitos. E Anelise tinha acertado. A maioria deles estava imóvel, quieta, vencida pelo cansaço e pela monotonia. Um ponto ou outro brilhava vermelho na escuridão quando soldados acordados tragavam cigarros atrás das proteções, atrás das cadeiras e junto a metralhadoras e máquinas de artilharia pesada. Não ia ser

nada fácil. Tiago olhou para as torres dos refletores. Encontrou pelo menos um dos atiradores de elite. O homem estava parado, com a cabeça repousando ao lado do fuzil. Daquela distância, Tiago não podia saber se estava acordado ou dormindo.

Dezenas de vampiros enjaulados. Eliana. Salvaria Eliana primeiro, mas antes tinha que se livrar daquelas gigantescas e pesadas vigas de concreto. Tentou empurrar com o ombro, empregando toda a sua força. Nada. Não se movia. Seus olhos percorreram ao redor. Então foi assim que tinham colocado aqueles obstáculos ali? A resposta estava diante de seus olhos. Grossos cabos de aço que passavam por argolas metálicas nas extremidades das barras de concreto. Os cabos iam até junto de um veículo militar robusto, com três eixos, que tinha sulcado o gramado, tracionando as barras de concreto.

Tiago, abaixado, foi até o Urutu. Prendeu novamente os cabos de aço no engate do veículo e deslizou o corpo para a frente, encontrando a porta lateral da unidade. Entrou em silêncio. Um soldado dormia ao volante. Com presteza, tapou a boca do soldado firmemente com uma mão e com a outra agarrou seu braço que ia ao coldre. Apertou com tanta gana o braço do rapaz que ouviu o estalar dos ossos sendo quebrados entre seus dedos e o corpo do soldado sacudiu para frente e para cima, tamanha a dor. Tiago cravou as presas no pescoço do rapaz e passou a drenar-lhe o sangue, enquanto a vítima, apegada à vida e tentando a todo custo retardar a morte, debatia-se intensamente, obrigando o abraço do vampiro a tornar-se mais duro e selvagem. O rapaz bateu o solado da bota no painel, acendendo os faróis do Urutu. Talvez três ou quatro soldados nas arquibancadas tenham percebido a luz acendendo. O veículo imóvel. Nada de anormal por enquanto. O segundo sacolejo do soldado na cabine, no entanto, e usando o mesmo termo que o vampiro usava para tomar-lhe a vida, drenou a sorte do atacante. A bota do soldado pressionou outro botão que fez o Urutu buzinar como um caminhão ordinário, repetidas vezes. O suficiente para uma dúzia de soldados levantarem-se de seus abrigos e quatro dos dezesseis atiradores de elite apontarem suas miras telescópicas para a cabine. O orvalho e a respiração do soldado tinham provido a estreita janela à prova de balas do Urutu de uma camada grossa de vapor, impedindo a visão de seu interior. Então a luta daquela pobre alma cessou, bem como o sangue em suas artérias.

Tiago estava impregnado do sangue quente e em seu corpo enfeitiçado pelos vampiros do Rio D'ouro, sangue novo significava poder. Empurrou o soldado para o lado. Sabia que cada segundo contava. Evocou seu dom roubado de Inverno, enquanto girou a chave na ignição. O Urutu resistiu, deixando um som engasgado escapar do motor de arranque. Tiago tornou a girar a chave e agora o motor seguiu em repetidas explosões, enchendo a traseira do veículo com uma fumaça escura. Tiago pisou suavemente no acelerador, o motor roncou. O vampiro buscou os pedais

e conseguiu engatar a primeira marcha. Bastava. Queria toda a força do possante Urutu para arrancar as barras que selavam o caminho do pequeno time de resgate.

Já sentia os olhares dos soldados na direção do veículo de infantaria. Sabia que nesse instante conversas pelo rádio iam e vinham tentando desvendar a inusitada situação. Acelerou mais e o veículo começou a patinar na grama, saindo de lado. Tirou o pé e começou novamente. Acelerando mansamente. Sentiu quando o cabo estendeu novamente. Os bloqueios de concreto começaram a se mover. De repente o rádio do veículo espocou e uma voz chegou pelos alto-falantes.

— Unidade no gramado, o que está acontecendo? Reporte-se.

Tiago acelerou mais e fechou os olhos evocando do fundo de seu corpo morto o poder de Inverno. Precisaria de toda ajuda que pudesse conseguir.

— Unidade, desligue o Urutu imediatamente.

Tiago acelerou mais e as barras de concreto foram arrastadas para o gramado, aumentando a vala e arrancando o tapete verde, palco de inúmeras partidas da Portuguesa. Agora, de olhos abertos, o vampiro percebeu a aproximação de diversos fachos de lanternas. Viriam até o veículo e dariam cabo dele. Apanhou rapidamente a pistola do coldre do soldado e destravou-a, deixando-a pronta para o uso. Às suas costas havia uma chapa metálica que o separava do compartimento de transporte de soldados. Empurrou o corpo do morto para junto da porta do motorista; quando ela fosse aberta, o cadáver cairia no gramado, chamando a atenção dos soldados que se aproximavam pela esquerda e dos *snipers* preparados para atirar. Travou as portas. O veículo era blindado. Deveria resistir às investidas dos primeiros atiradores. O vampiro apanhou também o fuzil que estava ao lado do falecido. Não lhe faria falta agora, mas também não pretendia abrir fogo com aquela arma. Manteve o motor do Urutu trabalhando. Tinha que ganhar tempo para que sua unidade de resgate pudesse iniciar aquela quase patética investida contra um número tão superior de inimigos.

Seis militares se aproximaram. Dois sargentos e dois soldados vinham com os fuzis levantados, apontando para o Urutu, espalhando-se à frente do veículo, bloqueando a passagem. Os tenentes portavam pistolas e apontavam as lanternas para as janelas embaçadas pelo vapor. O motor do veículo ainda funcionava. O soldado Vieira estava lá dentro. Talvez tivesse surtado com toda aquela história de vampiros, de tocaia. Ficar trancado dentro dum blindado a noite toda, de olhos abertos, podia mexer com os nervos dos mais despreparados, e Vieira nunca tinha sido considerado um dos caras de fibra do batalhão; decididamente não fazia parte da elite do Quartel.

— Desligue o motor, Vieira. Você está removendo o bloqueio! - Bradou o

tenente Wellington.

Ao contrário de verem a ordem obedecida, ouviram a rotação do motor aumentar e novamente os grossos e vincados pneus giraram na grama molhada e afundaram até expor o barro lamacento. O Urutu, lentamente, começou a ir para a frente uma vez mais.

— Desligue o motor, soldado! É uma ordem! - Tornou Wellington.

— Você está preso por desacato a oficial no comando, soldado! Desligue e desça imediatamente! Entregue sua arma!

O Urutu avançou mais alguns metros, as rodas girando em falso em alguns instantes e novamente cravando no solo abaixo do gramado, e, por efeito, teve tração suficiente para aumentar significativamente de velocidade, trazendo consigo as barras de concreto.

— Desça, Vieira! Pare com essa palhaçada! É o último aviso!

Tiago ouvia as ordens e quase achava graça. O resultado tinha saído melhor que a encomenda. Anelise tinha alguma coisa naquela cachola no fim das contas. Um verdadeiro circo estava se armando em torno do Urutu em movimento. O sorriso de comicidade que chegou a brotar em sua face desapareceu quando lembrou que tinham coisa de trinta e cinco minutos até o céu clarear. Precisava aproveitar cada segundo, não podia mais perder tempo com Vieira e seus superiores.

Do lado de fora, o tenente Wellington caminhava de lado, cada vez mais rápido, para poder acompanhar o Urutu que avançava de forma irregular e algumas vezes era preso pelo peso das barras de concreto e patinava, levando a frente para a direita, depois sacudindo e voltando para a esquerda. O som do motor só aumentava, deixando claro que Vieira não dava ouvidos ao comando e continuava com o pé atolado no acelerador. O tenente fez um sinal para o sargento que vinha ao seu lado. O sargento ergueu o fuzil e começou a disparar contra os pneus dianteiros do Urutu. Assim que a sétima explosão irrompeu no ar, outra, maior, seguiu com a explosão do ar do pneu. O Urutu pendeu novamente para a esquerda e o motor continuou subindo de rotação. Então o inesperado aconteceu. O cabo de aço rompeu, lançando um som agudo no ar, passando na altura da cabeça do azarado tenente Ramalho do outro lado, que tombou inconsciente.

Wellington levou o rádio à boca, pressionou o botão e pediu um médico, com urgência.

O Urutu disparou tresloucado, desgovernado e acelerando diante do olhar atônito dos cinco que tentaram permanecer ao redor e desvendar aquela cena

ridícula. O som dos pneus estourados girando sobre a grama chamou a atenção das unidades nas arquibancadas e dos postos de comando que lançaram olhares de surpresa, que só aumentou quando viram o Urutu chocando-se violentamente contra um rebaixo após o gramado e batendo no concreto antes da arquibancada.

Os soldados no campo de futebol correram para acudir a cena, enquanto os que estavam nas arquibancadas daquele quadrante também desceram correndo, aos pulos.

No posto de comando montado na tribuna de imprensa, donde podia-se ver o gramado na totalidade, Brites, com os olhos vermelhos tomados pelo sono, acompanhava incrédulo o que acontecia.

Um subordinado ao seu lado perguntou:

— É obra dos vampiros, senhor?

Brites suspirou fundo, consultou o relógio.

— Difícil dizer. Difícil. Pela hora. Falta pouco mais de meia hora para o raiar do sol. Verifiquem as celas. Se for coisa de vampiro, somente se algum imbecil não deu conta da vigilância e um deles fugiu. Improvável, mas fácil de contornar se tiver mesmo ocorrido - orientou Brites, emendando um bocejo longo.

— O sistema indica que as celas estão intactas, senhor.

— A cela de Calíope?

— Nada, senhor. A vampira permanece imóvel - tornou o sargento Tomas.

— Destaque quatro homens para remover a cela de Calíope do gramado, imediatamente. Quero a vampira protegida do raiar do sol.

— Senhor? Desculpe, acho que não entendi.

— Entendeu, sim. Protejam Calíope do Sol. Ela, como diz o professor de História, é uma preciosidade, não deve morrer junto dos outros.

— Mas, capitão...

— É uma ordem, sargento. Obedeça.

— Sim, senhor.

— Peça para que retirem o soldado do Urutu e tragam-no aqui imediatamente. Não vou tolerar nenhum faniquito debaixo dos meus olhos. Se os vampiros do Rio D'ouro estivessem aqui, isso poderia custar as vidas de todos envolvidos na

operação.

— Senhor?

— Pois não, sargento Tomas.

— Não sei se fiquei impressionado com o acontecimento... Não sei se estou delirando, mas o senhor também está sentindo, senhor?

Nas arquibancadas, os soldados que tinham continuado imóveis e assistiam de longe a correria na direção do Urutu passavam as mãos nos braços rapidamente.

— Caramba, essa madrugada está demais. Está esfriando muito.

— É assim mesmo quando está para amanhecer, parece que fica mais frio ainda. Frio dos infernos. Depois esquenta com tudo, quando o sol levanta - comentou outro.

Um dos atiradores de elite, bem acima do estádio, acomodado nas ferragens dos holofotes, exposto ao vento e ao tempo, começou a bater o queixo. Estava esfriando com a chegada do fim da madrugada. Estava esfriando muito e depressa demais para seu gosto. Deitou os olhos na luneta de seu rifle de tiro a distância. Tinha que vasculhar o perímetro. Aquilo era o tal do frio sobrenatural que a tropa de Brites tanto falava no refeitório.

Brites franziu o cenho e mordeu o lábio inferior. Do que o sargento Tomas falava afinal de contas?

— Estou ficando com frio, senhor.

Brites olhou para o homem. Seus queixos batiam. Foi nesse instante que o coração do capitão disparou. Por conta da agitação com o Urutu, talvez tivesse com o sangue e a cabeça quentes demais para sentir a queda da temperatura. Olhou para o termômetro digital instalado estrategicamente ali na sala. Dez graus.

— Você tem a leitura de uma hora atrás?

— Sim, senhor - o sargento começou a digitar o *laptop*.

— Acenda o painel central.

Tomas atendeu prontamente. O painel de lâmpadas amarelas alaranjadas que exibiam o placar das competições brilharam e acenderam. Primeiro apareceu “Portuguesa 0 X 0 Visitante” e depois o que Brites queria que ficasse exposto. A temperatura. Nove graus.

— É comum esfriar de madrugada, sargento.

— Leitura de uma hora atrás, senhor.

— Sim.

— Quatorze graus.

Brites inspirou fundo.

— Inferno! Inferno! Isto não pode estar acontecendo. Não faz sentido. Vai amanhecer. Ele não tem para onde ir. Ele vai morrer queimado no sol! O infeliz não pode estar aqui. Não agora que estão todos de guarda baixa.

A temperatura exposta no painel da arquibancada piscou e mudou. Seis graus.

Brites sentiu o ar frio infiltrar-se por seu uniforme chegando até os ossos. Começou a bater o queixo enquanto longas nuvens de vapor escapavam de sua boca. Tirou a pistola com balas de prata do coldre.

— Tragam o soldado do Urutu para cá e tirem Calíope daquele campo, imediatamente! Acione todos os comandos de setores. Qualquer movimento suspeito, abram fogo, não poupem nenhum vampiro. Alerta geral!

O sargento Tomas começou a passar as instruções pelo rádio.

Assim que chegaram ao Urutu, o tenente Welington e os demais vislumbraram os vidros laminados deformados. As rodas erguidas e quatro delas fora do chão giravam em falso, enquanto o som do motor ainda roncava alto. A porta do piloto não ofereceu resistência para ser aberta e o corpo de Vieira, morto, tomou a atenção de seus olhos.

Welington foi o primeiro a sair do transe. Seria fácil deduzir que o soldado teria morrido com o impacto, com a batida, era o mais lógico. Mas nada tinha lógica naquela situação. O tenente, com a pistola erguida e com extensas nuvens de fumaça saindo pela boca, sem se dar conta do frio sobrenatural que o cercava, aproximou-se da cabine do piloto. O fuzil do soldado estava calçando o acelerador. Vieira não era o culpado pela colisão.

Instintivamente, Welington virou-se de costas. Nada. Nenhum movimento. Pensou no compartimento traseiro dos soldados. Se um vampiro tinha escapado da cela sem ser notado, poderia ter se escondido ali depois de matar Vieira. Foi até a tranca metálica e ergueu-a rapidamente. As balas de prata no municionador dariam cabo do infecto. Puxou a porta, deixando-a escancarada, e preparou os olhos, mirando o interior do veículo. Nada. Ninguém estava ali.

O tenente correu de volta ao cadáver pálido do soldado e abaixou-se virando sua cabeça. Duas perfurações em seu pescoço.

— Foi um infecto!

— O molho! Não está com ele! - Bradou o outro tenente.

— Que molho?

— As chaves. As chaves das celas. Vieira era um dos guardas!

— Acendam os holofotes! Acendam e procurem! Temos um intruso em campo!
- Bradou Welington ao rádio portátil.

Tiago removeu a tampa, escondido entre as barreiras de concreto. Não sentia nenhum olhar sobre si. Ainda estavam às voltas com o Urutu acidentado. Olhou para dentro do buraco encontrando vários pares de olhos vermelhos.

— Saiam! Vamos salvar nossos irmãos!

Ginho foi o primeiro a saltar do buraco, seguido por Anelise. Yuli e Leonardo foram os seguintes. Tiago ficou surpreso com a mão seguinte que lhe foi estendida. A mortal tinha desobedecido e esgueirara-se atrás deles até ali. Mari terminou de empurrar Cynthia para cima e limpou a roupa da sujeira que tinha se apegado à sua jaqueta escura.

— Você tá achando o quê? Que é uma semi deusa, imortal, para vir parar aqui, no olho do furacão? Quer morrer?

Cynthia tremia da cabeça aos pés, supunha-se que de emoção, mas estava congelando com o frio infernal que descia sobre o gramado.

— Esses caras estão armados e você não é uma vampira... Ainda. Te fiz uma promessa e vou cumprir, mas para tanto é preciso que você esteja viva até o fim. Não posso protegê-la do frio que desencadeio.

— Pelo que me-me consta-ta... - começou a retrucar, batendo os queixos e gaguejando com o frio que se intensificava. - Esses ho-homens estão armados com ba-balas de prata! Elas matam você também! Pra... pra você sair vivo da-daqui eu preciso a-aju-ajudar.

Tiago esfregou o rosto e olhou para o segundo Urutu estacionado ali perto.

— Entre naquele veículo. Ele é blindado. Vai te proteger na hora do tiroteio e, com sorte, deste frio infernal.

A garota simplesmente aquiesceu e correu na direção do veículo. Tiago olhou para os lados, as garotas livravam-se das roupas e suas peles já transmutavam de cor, enchendo-se de pêlos grossos e escuros. Os rapazes já estavam de quatro, com as costas, troncos e bocas crescendo e triplicando de tamanho, e os primeiros uivos rasgaram o campo de futebol; simultaneamente os poderosos holofotes foram acesos. Não levou um segundo até que os soldados comesçassem a atirar.

Cynthia corria ao encontro do Urutu quando ouviu alguma coisa parecida com queima de fogos de artifício. Mas não eram bombas recheadas com química que iriam colorir o céu. Sabia. Eram as armas do Exército. Antes de alcançar o Urutu, viu o gramado à sua frente ganhar vida e pedaços de folhinhas verdes subirem ao ar, iluminadas pelos holofotes. Parou de correr. As folhinhas demoravam para cair. Tinham sido cuspidas não por um fauno a brincar na primavera. Tinham sido erguidas por Marte, o deus da guerra, que combatia agora os vampiros e lupinos. Ela recostou-se contra o Urutu, sentindo-se cansada e abatida pelo frio insuportável. Ouviu balas ricocheteando na blindagem do veículo de infantaria. Algum soldado infeliz a tinha tomado por vampira também. Ao menos já se parecia com um deles. Teria sorrido mais e apreciado de verdade esse equívoco se não fosse ironicamente essa a razão de estar, agora, sangrando. Os tiros não levantaram apenas grama verde e terra. Levantaram um tufo de tecido negro de sua blusa justa, fazendo um buraco de onde crescia um ardor, uma sensação de queimação, e emanava uma dor bruta do estômago para as laterais da cintura. Cynthia viu o estádio escurecer uma, duas vezes. Não aguentou mais o peso do próprio corpo e caiu sentada ao lado do blindado. Inspirou fundo. O ar gelado entrou em sua garganta. Seria assim que os esquimós respiravam no ártico? Sentiam a garganta ressecar tanto? Fez força de novo, sobre-humana, como uma vampira mesmo, e agarrou a maçaneta da porta. Entrou pelo lado do motorista. Não tinha ninguém lá dentro. Menos mal. Deitou-se no banco duro do veículo e fechou a porta. Ao menos lá dentro estava mais quentinho. Mais confortável. Fechou os olhos e apertou forte a ferida na sua barriga. Sabia que tinha que pressionar muito para evitar uma hemorragia. Por que Tiago não estava lá agora? Estava perdendo um banquete e tanto. Ela daria seu sangue ao belo vampiro sem um pinga de ressentimento. E ele lhe devolveria o sopro do meio-termo. O sopro da noite. O abraço para a vida fria. Se ele estivesse ali, sabia que quando acordasse daquele sono avassalador que entorpecia sua cabeça, ela seria outra coisa. Cynthia chorou. Não queria dormir antes de Tiago voltar. Se dormisse, nunca mais acordaria.

As balas passavam e ricocheteavam contra as barras de concreto. Tiago,

usando de sua velocidade sobrenatural, avançava, desviando-se dos projéteis, correndo na direção de Eliana. O molho de chaves na mão. Alcançou a jaula ouvindo gritos vindos de outras prisões, onde vampiros, no caminho dos disparos, eram alvejados por projéteis de prata, indefesos, presos as celas, sem chance de defesa. Mas os uivos crescentes eram um aviso para os injustiçados. Os lobisomens começariam seu *show*. O massacre não seria apenas contra os noturnos. Muitos dos mortais experimentariam o fino e incômodo dedo do pavor.

Leonardo foi o primeiro a saltar sobre os alambrados e alcançar as arquibancadas. A matilha agia de forma coordenada. Todos seguiam em formação a fim de dificultar os disparos, acompanhando o lobo alpha no avançar. Agiriam como uma onda de dentes e garras, que em termos de torcidas organizadas, agiriam como uma *hola* assassina. Leonardo via soldados recarregando uma metralhadora colocada num tripé. Eram três. Dois cuidavam da arma parada enquanto o terceiro erguia o fuzil em sua direção, dando gritos para que os outros se apressassem. A maioria dos tiros disparados das arquibancadas ia em direção ao campo de futebol, buscando cegamente Tiago e atravessando os indefesos com covardia.

Yuli, aproximando-se agora de Leonardo, rugiu feroz, chamando a atenção dos três soldados de uma vez, artifício mais que suficiente para Leonardo saltar e abocanhar o ombro do soldado que lhe apontava o fuzil. Obedecendo Tiago, com as instruções do ataque suicida cravadas em algum recôndito de sua memória esmagada pelo instinto assassino da fera, Leonardo passou para o segundo, desferindo uma patada afiada e certa em sua garganta, enquanto o terceiro encontrava-se com as adagas ósseas da boca de Yuli. Ginho, Mari e Anelise não deram tento àquele primeiro trio, pois um estava morto e os outros esperneavam. Farejando o ar, correndo em disparada sobre a arquibancada, buscavam as próximas vítimas, fáceis de encontrar, tanto pelo almiscarado e descontrolado cheiro do medo como pelas faíscas que escapavam de suas armas a cada disparo.

Calíope arrojou-se contra o chão da cela prateada. Duas balas ricochetearam nas barras logo acima e fizeram sua jaula vibrar. Ela tapou os ouvidos e abriu os olhos cor de sol, mirando o gramado. A grama verde até então começou a cristalizar-se e uma capa branca cobriu todo o tapete do campo de futebol. Até o som dos projéteis infiltrando-se no solo mudou. A vampira mudou de posição, recostando-se. O vampiro da cela à frente gania ferido, com um buraco do tamanho de uma bola de pingue-pongue no braço esquerdo e uma ferida maior no ombro. A prata mística tinha penetrado em sua carne e as feridas ardiam de maneira insuportável.

Brites, ainda de olhos arregalados diante da imensa vidraça na tribuna de imprensa, viu quando o mar de balas começou a varrer o gramado. Virou-se para o

sargento Tomas e agarrou-o pelos colarinhos.

— Seus homens? Já tiraram ela de lá?

— Não sei, senhor! Desde o Urutu está tudo confuso. Eu dei a ordem pelo rádio, o senhor mesmo ouviu.

Brites soltou o subalterno e deixou a sala caminhando rapidamente, estalando as botas contra o chão. O caminhar transformou-se em corrida. O capitão que coordenava a operação levou o rádio à boca.

— Cessar fogo! Cessar fogo! Temos homens em perigo!

Mesmo sabendo que os soldados enviados não estavam ainda junto à cela de Calíope e em meio ao fogo cruzado, Brites não queria que a vampira fosse atingida antes de ser colocada a salvo. Continuou correndo até alcançar uma escadaria que o conduziu às arquibancadas, dobrou ao chegar ao patamar e deu com outra escadaria que o colocaria próximo ao gramado. Precisava livrar Calíope da morte. Assim que tirasse a cela da encantadora criatura da linha de fogo, ordenaria uma nova onda de disparos.

Longe dali, ouvindo as comunicações no estádio da Portuguesa e recebendo imagens em tempo real, o major Macedo repuxou a boca. Brites estava enlouquecendo?! Não era isso que queria mesmo? Que todos os vampiros fossem liquidados? Os que não suportassem a saraivada de balas estariam perdidos em menos de vinte e oito minutos, assim que o sol levantasse do horizonte. Pressionou um botão em frente ao monitor donde assistia a tudo e ordenou:

— Não interrompam o fogo, soldados! Continuem atirando. O inimigo está presente! Acabem com os lobos! Acabem com os vampiros! Não parem até a última bala!

Brites sentiu o sangue esfriar nas veias quando abriu a porta dupla do vestiário que dava para o corredor de acesso ao gramado. Não porque o frio já descia a graus negativos, mas por conta da contra-ordem que acabava de chegar aos seus ouvidos. Ele não queria Calíope morta. Não queria Calíope nem ao menos ferida.

— Cessar fogo! - Gritou novamente.

Nas arquibancadas os soldados do Exército, além de lidarem com a terrível situação de assistirem cinco lobos imensos percorrendo as cadeiras e degraus e abocanhando quem quer que vissem pela frente, sem poder disparar contra os animais quando se aproximavam de outros companheiros de batalha, entravam agora naquela indecisão sem fundamentos de Brites berrando ao rádio, exigindo um cessar-

fogo e o major Macedo ordenando que contivessem aos intrusos a todo custo.

A banda ligada ao comando central aos poucos foi acatando o major, continuando com os disparos contra o gramado, na direção das celas e dos vampiros que se espalhavam pelo gramado atirando de volta.

Os homens do Serviço de Contenção, fiéis às estratégias do capitão Brites, interromperam o fogo e buscaram lugar seguro, aguardando novas ordens.

Tiago alcançou Eliana. A vampira estava também abaixada e agarrou as mãos do apaixonado anjo salvador.

— Eu sabia que você viria, Tiago.

O vampiro desvencilhou-se das mãos de Eliana e começou a experimentar as chaves nas trancas prateadas. Tiros passavam próximos a eles, vampiros gritavam. Disparos do gramado contra a artilharia do Exército criavam hiatos na saraivada, dando alguns segundos para agir.

A tranca girou na oitava tentativa. Tiago abriu a cela e puxou Eliana pela mão.

— Fique abaixada! Fique abaixada!

Flocos de neve começaram a descer do céu escuro e carregado de nuvens que giravam acima do estádio do Canindé.

Eliana obedeceu Tiago e puxou-o com força, fazendo-o cair sobre ela. A vampira beijou Tiago com sofreguidão. Confiava nele até o último fio de cabelo.

— Está vendo aquele blindado? - Perguntou, apontando para o Urutu. - Corra até ele. Lá dentro uma humana nos aguarda! Controle tua sede. Se estamos aqui, boa parte foi com ajuda dela.

Eliana continuou imóvel.

— Vai! Vai amanhecer em minutos. Dentro do blindado você estará a salvo da luz.

— Não vou sem você!

— Vai, Eliana! Pelo amor de Deus! Tem mais dos nossos presos aqui!

Mal completou a frase, Tiago tombou, batendo violentamente contra a cela logo atrás. Eliana soltou um grito de pavor vendo seu amado ferido no peito.

— Vai, Eliana! Eu ainda... Ainda estou bem! Vou salvar os outros! Corre!

Eliana correu em direção ao blindado, também sendo perseguida por disparos que vinham de todas as direções, pulou no gramado e rastejou. Chegou às barreiras de concreto que esfrelavam segundo a segundo, disparo após disparo.

Tiago, cambaleando, chegou até a próxima cela. A vampira de pele negra e olhos brilhantes e vivos como um sol. Era ela! A traidora! A delatora que quase acabara com ele no último encontro com Brites. Tiago passou a mão em sua ferida. Ardia demais. Suspendeu o molho de chaves, indeciso se libertaria aquela ali ou não.

Calíope, lendo a indecisão nos olhos do vampiro ferido, lançou sua mão na direção do pescoço de Tiago e puxou-o com toda a força, batendo, para sua surpresa e dor, os dedos vazios contra as grades.

Tiago afastou dois passos. A bala de prata do rifle tinha lhe pegado de surpresa, mas Calíope não conseguiria pôr as mãos nele. Afastou-se na direção de outra cela, ouvindo um grunhido ferino escapando da boca da vampira.

O filho de Miguel parou na frente do cativo. Era um rapaz de vinte e poucos anos. Tinha a pele pálida igual a todos os cativos. De diferente eram as tarjetas metálicas de identificação penduradas em seu pescoço.

— Você era um deles? - Perguntou Tiago, com a voz vacilante.

O rapaz anuiu enquanto observava o vampiro parado na frente de sua cela, com a mão na grade, percebendo que ele estava perdendo as forças, vitimado por uma bala de prata.

Diego segurou Tiago.

— Fui um deles, mas quando Yuli me fez um vampiro eles me viraram as costas. Se tiver uma arma, me dá agora que ajudo a te colocar para fora daqui. Não sou mais um deles.

— Yuli... Ainda bem - balbuciou Tiago, cada vez mais fraco. - Ela pediu para eu te libertar.

— Ela está aqui?

— Não consegue senti-la?

Diego só balançou a cabeça negativamente.

— Quando pensa nela... Sente o cutucar... Ele vai te levar até ela.

Tiago abriu a cela e deu passagem para Diego.

— Vamos, eu te ajudo amigo.

Tiago meneou a cabeça negativamente e tirou a pistola da cintura.

— Tome. Ache outro soldado com um molho igual a esse. Ajude a libertar seus irmãos. O sol não tarda.

— Vamos comigo. Estás fraco.

— Vai! - Ordenou Tiago.

Diego meneou a cabeça negativamente e começou a correr entre a fileiras de celas, procurando um soldado abatido no meio daquele inferno.

Tiago tirava a chave da tranca quando ouviu a voz poderosa gritando atrás de si:

— Entregue essa chave!

O vampiro virou-se lentamente, escutando explosões nas celas mais distantes. O vampiro novato era rápido. Também estava conseguindo dar liberdade aos cativos, aumentando a confusão. Já podia ver coisa de seis ou sete dos vampiros soltos, famintos, voando sobre os alambrados e correndo em direção aos soldados que atiravam. Se não fossem abatidos, certamente liquidariam com grande número de inimigos até saciarem a sede.

— Entregue a chave, vamos!

Tiago colocou-se de frente com o interlocutor quando a trava da jaula girou. Era ele. Tenente Brites, parado à sua frente, com uma pistola apontada para seu peito. Tiago arfou, buscando energia em seu corpo, mas a ferida era grande e o sangue lutava para minimizar os danos da prata. Temia que não tivesse força suficiente para safar-se daquela sinuca de bico.

Os olhos de Brites não saíam do lugar. Estavam fixos nos olhos vermelhos de Tiago, que arfava com a boca aberta e os caninos proeminentes subindo e descendo com sua boca.

— As balas são de prata. Você não vai conseguir escapar delas, rapaz. Essa história que você começou quando tirou aquele barco do fundo do mar tem que acabar hoje, com o raiar do sol.

Tiago continuou sem dar resposta.

O *sniper* que tinha acertado Tiago segundos atrás, ao vê-lo tombar, virou a mira telescópica para a arquibancada, buscando um novo alvo. Os lobos corriam

formando uma coluna larga. A organização no ataque era impressionante. Escolheu o maior e o mais avançado. Certamente era um tipo de líder. Prendeu a respiração e puxou o gatilho. Um segundo depois um sorriso brotou em sua boca. O lobo rolou pelas escadarias da arquibancada. Os outros prosseguiram. Engatilhou mais uma vez o rifle, respirou fundo, lançando uma longa coluna de vapor pela boca, e tornou a mirar em outra daquelas funestas criaturas peludas.

— Merda!

Para azar do atirador, as feras entraram numa curva que eclipsava sua linha de tiro. Ouviu os gritos de outros tantos soldados atacados pelas feras. Olhava para o estádio tentando prever de onde eles ressurgiriam. Foi neste instante que viu novamente movimento no meio do gramado onde tinha abatido o outro vampiro. Ele estava de pé e, à frente dele, um soldado. Olhou pela telescópica. Soldado uma pinóia. Era o capitão Brites! Mais soldados juntaram-se atrás dele. O infeliz estava cercado.

Leonardo uivou de dor quando tombou no fundo do fosso que separava a arquibancada do gramado. Ao menos tinha caído em um lugar onde ficaria protegido. O tiro tinha acertado suas costas e a bala queimava por dentro de seu couro. O lobo jogou-se insanamente contra as paredes, fazendo partes dela rachar e soltar pedaços que foram caindo no seu entorno. Solto outro uivo que foi escutado por sua matilha que avançava ferozmente contra os soldados.

Eliana alcançou o compartimento traseiro do Urutu. A primeira coisa que notou foi o embriagante odor de sangue. Fechou a porta atrás de si. Lá dentro mais dois vampiros, que, de igual, estavam raspando com as unhas o vidro que dividia o compartimento de tropa do piloto. A garota que Tiago tinha dito estava lá, provavelmente morta, caída entre o banco do piloto e co-piloto, esvaindo-se em sangue. Sangue! Eliana também começou a golpear o vidro, de maneira insana. Tiago tinha dito para protegê-la, mas a fome queimava seu estômago! O desejo de cravar as presas no pescoço da menina era um raio de sol direto nos seus olhos, cegando e turvando seus pensamentos. Raio de sol! Eliana virou-se. Lembrou. Estava amanhecendo! Tinha que pegar Tiago, tinham que escapar dali.

Calíope ria olhando para Tiago. O rapaz petulante não tinha alternativa.

Tiago encarava Brites, sem perder a arma de vista. Mais um tiro de prata e seria seu fim. Não teria tempo de estender a mão e congelar o braço do inimigo e, mesmo que desse essa derradeira sorte, não sobrariam forças para deter os soldados que acabavam de chegar.

— Está tudo acabado, Tiago. Entregue-se. Salve seus semelhantes. Entregue as

chaves.

— Meu amor - sou a voz doce e encantadora de Calíope. - Meu soldadinho veio me salvar. Sabia que sua paixão por mim nos manteria unidos, meu amor, e que eu lançada nesse gramado era apenas parte de seu teatro.

— Cale-se, Calíope! - Bradou o capitão.

A risada grave da vampira encheu ao redor.

— Não grite comigo, meu capitão de Exército. Eu sou sua fêmea da noite. O corpo que tanto quer e agora terá quando este inferno acabar - sussurrava a vampira na direção de Brites, que começou a tremer com o frio intenso.

— Senhor! - Berrou um dos soldados.

Brites fechou os olhos por um momento. A voz da vampira entrando em seus ouvidos era perigosa. Estava atrapalhando seus sentidos e seu julgamento. Se quisesse libertá-la tinha que acabar com Tiago e tomar a chave de suas mãos.

Tiago fechou os olhos e baixou a cabeça. Poderia não viver muito mais que aquilo, mas não iria ajoelhar-se diante o capitão Brites. Não iria entregar a chave àquele traidor numa figa que já tinha se voltado contra ele no episódio da caravela. Se o resgate dos vampiros tinha ido por água abaixo, ao menos Eliana estava a salvo. Ela e mais alguns escapariam dali, dentro do Urutu, e toda aquela matança teria valido a pena para mostrar ao mundo que vampiro algum se entregaria de mão beijada. Tiago só tinha uma chance de protelar o final de sua existência noturna. Uma chance. E estava lançando a sorte neste exato momento, enquanto Brites fraquejava com os sussurros sensuais da negra cativa.

— Brites, acabe com esse imbecil. Você é poderoso o bastante. Tire-me daqui. Venha para o meu lado. Eu te darei a vida eterna. O amor eterno do qual fui privada e novamente floresceu em meu coração. Acabe com ele!

Brites apertou mais os olhos. Explosões. Tiros de metralhadora. Os gritos dos soldados logo atrás não tinham mais força que a voz encantadora de sua Calíope. Sua perdição. Como uma vampira tinha conseguido aquilo? Ela era uma bruxa! Uma obra do inferno! Brites odiava aquela raça de corpo frio.... Mas Calíope, os olhos cor de sol, a boca carnuda e sensual... Calíope tirava seu pensamento dos eixos. Brites ergueu a pistola e disparou para o ar, finalmente conseguindo abrir os olhos. Mirou a pistola para a vampira negra com os olhos injetados de ódio.

— Cale-se de uma vez por todas! Cale-se, Calíope!

Brites apontou-lhe a arma. Calíope recostou-se ao fundo da cela.

— Meu amor - sussurrou.

Era a primeira vez que ela sentia medo e não emendava uma chacota na sequência de um ato extremado de seu capitão de Exército.

Brites virou-se para Tiago e abriu fogo, esvaziando o cartucho. Contudo, seus olhos estarecidos e seu corpo quase congelado pela neve que despencava cada vez em maior intensidade foram bombardeados por uma injeção de adrenalina e terror. Nenhum os tiros tinha acertado Tiago. O vampiro sequer tinha se movido. O vampiro não poderia ficar imune à prata, mas estava ali, com as mãos cruzadas no peito, encerrando o molho de chaves em suas mãos, sereno e imóvel como um defunto, dentro de um esquife de gelo. O maldito, aproveitando a súbita distração, ciente de que talvez não tivesse como congelar todos os inimigos ao seu redor, encerrou a si próprio num bloco de gelo. As balas geraram trincas, mas nenhuma penetrou o suficiente para oferecer dano ao maldito vampiro.

— Atirem! - Bradou Brites para os soldados às suas costas.

Os homens descarregaram as armas de fogo. Inútil. O bloco sólido parecia aumentar a cada segundo e expandir-se, indo centímetro a centímetro em direção à jaula de Calíope, crescendo geometricamente.

— Ao inferno com esse vampiro! - Gritou o tenente. - Vamos tirá-la daqui. O sol está raiando e o calor do dia dará fim a essa aberração de gelo.

Brites e os soldados começaram a lidar com a jaula de Calíope. O objeto de peso descomunal estava com os rodízios atolados no gramado.

De fato o céu já mudava de cor. Mais poucos minutos e o sol banharia a face da terra com seus raios benignos aos humanos, mortais aos vampiros.

— Vamos erguê-la! Com cuidado!

Calíope sorriu e virou os olhos para Tiago. O vampiro, dentro do bloco de gelo, permanecia imóvel. Ela sabia que ele tinha usado até a última gota de sua energia das trevas para perpetrar aquele último truque. Iria torrar ao sol.

— Não dá, capitão! A jaula está presa!

Calíope tirou os olhos de Tiago e virou-se para Brites.

— Vamos, mais força!

A jaula arrastou-se poucos centímetros.

A tonalidade do céu mudava em velocidade extraordinária. O tempo que aos olhos dos vampiros parecia um oceano a passar lentamente pelo espaço de uma ampulheta, ganhava agora ares de locomotiva disparada, sem freios. O sol chegava. Os olhos amarelados da vampira, sensíveis à mudança, arregalaram-se e ela tornou suas pupilas escuras, negras, vedando qualquer claridade. Tinha a visão agora igualada à dos mortais.

— Chame mais soldados! - Clamou a vampira. - Chame mais homens, meu amor! Não quero morrer! Não quero desaparecer logo agora que te encontrei!

Com a mudança da coloração do firmamento, muitos dos noturnos ainda presos e feridos começaram a chorar, alguns se atirando tresloucados contra as grades, outros sentando-se no chão metálico. O fim indefectível e inevitável se aproximava.

A loba Yuli arruinou o braço de dois soldados ao mesmo tempo. O primeiro teve carne e ossos esmagados pela mandíbula poderosa da lupina, enquanto o segundo via o ombro desaparecer com um patada cortante. Os soldados feridos, às dezenas, caíam na arquibancada, gemendo, e, paralelamente aos lobos, uivando de dor. Muitos corriam, desertavam de seus postos, tomados por legítimo pânico. Foi quando a cortina negra mudou de cor que Yuli parou a corrida frenética pela primeira vez. Levou seus olhos para o gramado, ainda sendo cravado por disparos vindos do outro lado do estádio. O sol nascia e o instinto da loba mandava correr, desaparecer dali, esgueirar-se pelo túnel escuro por onde chegaram e entocar-se até o pôr-do-sol. Esse desespero natural pela preservação, lutava com armas de igual peso e tamanho com a necessidade de salvar o inocente. A loba disparou em direção ao gramado. Tinha que tirar Diego dali. Ter feito do soldado um vampiro já era peso demais para carregar. Deixá-lo morrer com a chegada do sol seria algo com o que não conseguiria passar a eternidade maldita. Saltou sobre soldados caídos e desceu, esmagando costelas e quebrando o braço de muitos com o peso do corpo. Sentia que Diego se movia. Ele estava livre das grades. Teria que alcançá-lo para fazê-lo livre do sol.

Os outros lobos correram também para o gramado. Os tiros agora eram poucos. Ou porque a maioria dos soldados na arquibancada estava morta, ou porque parte deles estava congelando, ou porque debandaram envoltos em desespero. Contudo, o desespero tomava também as crias da noite, presas na prata, sem escapatória. Cinco ou seis vampiros, vendo as chaves sobre cadáveres, apanhavam o molho das sentinelas com a maior rapidez, tentando abrir o maior número de travas possíveis.

Eliana vertia lágrimas negras. Dentro do Urutu via o céu mudando de cor e não conseguia sentir a presença de Tiago nas proximidades. Será que ele teria sucumbido? O sol chegava em velocidade galopante. Que fazer? Pegar outro

daqueles blindados e fugir, deixando Tiago para trás? Nunca faria isso. Morreria ali, torrada, seca ao sol, mas nunca deixaria Tiago para trás, aquele que por tantas vezes tinha colocado a vida em risco para que a dela fosse salva.

Assim que os soldados deram-lhe as costas, Tiago clamou por sua capacidade de desmaterializar-se e, talvez pela última vez, a maldição o atendeu, permitindo que seu corpo atravessasse o gelo. Estava tão fraco que mal conseguia manter-se em pé. Foi lentamente até o Urutu. O céu perdendo o negrume e ganhando tons vermelhos e azuis. Finalmente alcançou o veículo. Onde estava com a cabeça quando deu ouvidos àquela louca da Anelise? Não teriam tempo de se esconder. Das centenas de vampiros aprisionados no gramado, pouco mais da metade tinha evadido. Muitos continuavam nas celas, muitos estavam feridos e arrastando-se pelo chão. Tiago fechou os olhos. Muitos tinham fugido. Muitos.

Bateu com a mão fechada nos fundos do Urutu. Quando a porta foi aberta, Eliana deu um grito e puxou-o para dentro.

— Tiago!

— Vamos embora. Vamos sair daqui.

A mulher o abraçou. Sabia que suas forças chegavam ao fim, como todos eles, desprovidos de abrigo, chegariam.

— Preciso cumprir minha promessa antes que apague... - balbuciou o vampiro ferido.

Tiago bateu no vidro da cabine de pilotagem. Cynthia, também bem próxima do desenlace, não respondia. Bateu mais forte e chamou o nome da garota que tinha devotado tanta fidelidade àquele grupo. Desta feita, ela abriu os olhos e destravou a blindagem que a manteve separada e salva da fome dos outros noturnos.

Tiago deslizou o corpo para a cabine de pilotagem e girou a chave. Talvez, se jogasse o Urutu na beira do rio, teriam tempo de correr para dentro do túnel. Baixou a cabeça enquanto acelerava. Não... Tinha que ser um córrego longe dali. Os militares bateriam cada metro de esgoto a partir do estádio, assim que o sol raiasse, em busca de noturnos escondidos.

O Urutu começou a rodar sobre a grama. Tiago desviava de vampiros que corriam em busca de cobertura e também das celas espalhadas, algumas derrubadas.

Logo alcançaria os portões frontais e pisaria fundo antes que fossem pegos pela aurora.

— Tira a gente daqui, Tiago - pediu Eliana.

Tiago acelerou mais. Olhou para trás, vendo a amada loura de cabelos encaracolados e também mais seis vampiros que pegavam carona naquela fuga louca. Ao seu lado, a mortal parecia cada vez mais fraca, igual a ele.

O Urutu passou por cima dos portões derrubados por seus semelhantes e ganhou a rua. Virou para a esquerda, sentido zona oeste, rumando pela contramão na marginal deserta. O chão estava branco, forrado pela neve que ele havia desencadeado. O céu perdia o tom escuro. O azul começou a clarear.

— Corre, irmão! - Gritou um dos vampiros.

Ele acelerou de novo. E foi neste instante que aconteceu.

Algo explodiu contra o Urutu fazendo-o frear. Quando o grosso da fumaça se dissipou, todos dentro puderam ver um trilho mais fino de fumaça, revelando um *bunker* de soldados: alguns corriam na direção das torres com vidro no topo, enquanto outros vinham direto para cima do Urutu, disparando com fuzis. Os vidros à prova de bala seguraram a primeira saraivada de projéteis, contudo iam descamando com a insistência daqueles inoportunos combatentes.

— Não vamos conseguir... - murmurou Tiago, baixinho, com medo de plantar o desespero naqueles que o rodeavam.

O jovem vampiro assustou-se quando sentiu uma mão mais fria que a sua segurando seus dedos e puxando-o suavemente. Era a mão de Cynthia que tocava a sua.

— Ajuda-me, vampiro. Não quero morrer.

Ela puxou a mão de Tiago até sua ferida. Os olhos do vampiro que evitava a todo momento o cheiro e a visão daquela sangria não desgrudavam da hemorragia, um signo forte dos mortais prenunciando desgraça. Tiago olhou para trás. Eliana chorava enquanto os outros passageiros mantinham-se mudos.

— Não vamos conseguir - repetiu, como que decretando ao reduzido grupo de fuga.

CAPÍTULO 86

Desde muito e muito tempo, coisa de mais de quinhentos anos, aquele foi o seu primeiro movimento. Deslocou-se do fundo do túmulo, sua casa guardada e protegida, colocando-se de pé, descruzando os braços da frente do peito e abrindo os olhos. Jó trajava uma túnica branca que lhe caía aos pés, tal e qual uma assombração, coisa que era ao pé da letra, direcionou-se, como se flutuasse, até o umbral do cômodo escuro. Sentia toda a energia da floresta conectada à sua consciência. Era o preço a pagar, o estipêndio estabelecido pelos guardiões. Jó sentiu o cheiro da terra nova que não era exatamente desconhecida. Tantos anos hibernando por culpa do traidor lhe desenvolvera outros sentidos tal e qual uma pessoa privada da visão e dos movimentos. Um paralelo, mesmo que pobre, seria dizer que era parecido com entrar abruptamente numa sala totalmente escura, onde, a princípio, nossos olhos só encontram trevas, mas com o passar dos minutos, das horas, vamos nos acostumando e, para nossa surpresa, as trevas perdem a densidade e somos capazes até de reconhecer alguns contornos. Nossos ouvidos ficam mais sensíveis, nosso tato também. E assim, o mundo novo não era exatamente inexplorado pelo vampiro que, incontáveis vezes, viajou em pensamento, ouvindo seus semelhantes em agonia atravessando séculos sem fim. Seu irmãos, sempre oprimidos, escondidos nas sombras. Ora em voga, por conta de modismos passageiros, com tréguas trazidas por corações viventes, amantes da noite, do profano, do canhestro. Esses amantes, sempre os mais belos, com as almas banhadas em melancolia, existiam e aglomeravam-se. Para tudo existe a contraparte. Então que Jó ouviu e viu, mesmo que imaterial, tal qual um fantasma abstrato e inconsciente, por vezes as vozes dos algozes e carrascos dos de sua raça. Era tanto sofrimento e incompreensão que explodira desde a fugaz e arrebatadora passagem de seus patrícios, que Jó fora bombardeado por aquele sentimento de crescente injustiça. As transmissões irradiadas de aparelhos e mentes, o medo, o ódio, o desejo de morte direcionado a seus semelhantes destruíram o fiel da balança que durante todo o seu repouso o mantivera impávido, aguardando o momento certo de abrir os olhos e colocar-se uma vez mais de pé. Jó, tal qual seu par descrito no livro bíblico, era paciente e seu coração sabia aguardar. Tanto aguardara que, ano após ano, era após era, seu corpo foi sendo insuflado, energizado dentro daquele templo, ora pela mãe terra, ora pelos guardiões da Estrada da Noite, ora pela carne encantada costurada em seu coração que poupava-lhe da inexistência. Pedacos de seis de seus mais fiéis

e queridos irmãos. Pedacos que fariam dele agora um deus a errar pela terra. Um deus encarnado. Jó não era mais um vampiro. Era coisa diferente. Criatura diferente. Criatura com mente e pensamentos que dificilmente se desviavam, dificilmente eram enganados pela chama passional. Jó era temperança. Jó era controle. Dele transbordava um amor inigualável por seus semelhantes. Todo esse poder contido naquele corpo e no espírito conferido ao vampiro que jamais vira a real necessidade de eclodir desabrochou adubado, nutrido pela incompreensão daqueles que dizimavam sua gente. Sua gente. Esse pensamento permeava sua mente. Sua gente. Seus vampiros. Seu povo. Os noturnos eram todos, sem exceção, seus filhos. Ouvindo o choro daqueles lançados ao fogo e à prata, uma decisão fora tomada. Uma reação desencadeada. Os humanos tinha espetado de um lado e ele tinha sentido do outro. Jó sentia pena dos agressores que tramavam neste exato momento exterminar com dezenas de seus filhos. Sentia pena dos viventes, dos homens de sangue quente, de vida curta, que tinham olhos apenas para conquistas ridículas, juntar dinheiro, ouro e dinheiro mesmo, sabendo que para o outro lado do manto nada disso poderia ser carregado. Antes que aquela pena virasse ódio, Jó iria ensinar-lhes a respeitar sua raça. Criaria uma senda tranquila para os viventes de sangue frio, os vampiros. Um lugar onde nenhum assassino de vampiros colocaria os pés novamente. Jó seria o pai, o zelador maior dos vampiros, a chibata a baixar as mãos dos inimigos. Seria mais que um justiceiro. Seria ele a liberdade, a novidade a caminhar nas trevas. Seria um deus, um protetor de todo ser da escuridão. E seria tudo ao mesmo tempo, exatamente agora.

Jó olhou para os filhos da noite ao lado de sua tumba. Estavam todos perturbados, abalados e incrédulos. A garota, de corpo pequeno e bem feito, foi a primeira a cair de joelhos e verter lágrimas de sangue. Os anjos olhavam para ele, seus rostos de cobre e seus olhos de fogo acostumados a ver de quase tudo nesta terra estavam espantados. Nunca tinham visto um vampiro como aquele. Nunca tinham sentido tanto poder emanar de um corpo morto vivo, de um corpo não celestial. Aquele ser era qualquer coisa fora do comum. Assombroso. O mais assombroso era que o Pai Celeste permitia que ele existisse.

Tertoziel olhou para Gregório. O guerreiro segurou firme o cabo da espada e pensou em desembainhá-la. Podia sentir a vibração da destruição e flagelo bater forte contra sua armadura, vibração vinda direto do corpo daquele ser inimaginável. Bastou fechar os dedos na empunhadura para sentir um frio indescritível cruzar seu espírito elevado.

— Não faça isso, soldado. Nem tente - disse Jó, olhando nos olhos de Tertoziel. - Somos filhos de tua derrota. Vocês não têm e nunca tiveram o direito de levantar espadas contra minha gente.

Tertoziel, sempre rápido com as palavras para acuar demônios das trevas, não conseguiu abrir a boca. Não era um demônio o que tinha diante de si. Seu corpo começou a tremer. O Pai Celestial era capaz de esquentar qualquer coração, de vibrar em conjunto com qualquer entidade. Mas aquele pequeno homem morto vivo exalava uma vibração, uma energia que nunca tinha sentido. Era como o oposto do Pai de Luz, mas totalmente desprovido de ódio, apenas carregado de espinhos e desejo de justiça, e transbordando amor por seus semelhantes das trevas, amor tão grande que anulava qualquer busca por maldade naquele ser. Tertoziel deixou lágrimas verterem dos olhos e soltou o cabo da espada. Soube, no fundo do coração, que estava diante de um milagre. Uma divindade. Fosse qual fosse a natureza daquele ser, ele só existia porque o Pai de Luz assim havia deixado.

— Patrícia, só um dos nossos semelhantes será imolado, minha querida. Cuidará dele para mim quando for a hora. Te servirei meu conterrâneo numa bandeja de prata e farei que ele afunde em sua própria soberba.

Patrícia ergueu os olhos na direção daquela voz avassaladora. Há muito não sentia os pelos do corpo eriçarem-se daquele forma, como se uma corrente elétrica percorresse sua pele. A vampira não sabe como conseguiu forças e serenidade para responder a Jó.

— Você acabou de despertar... Não conhece nada de nossa terra. Como irá encontrar quem busca?

Jó deu dois passos aproximando-se da garota. Olhou-a no fundo dos olhos. Sorriu e baixou a cabeça.

Depois andou até Alexandre. O garoto ficou estático. Jó olhou para o queixo ferido pela espada do anjo de luz. Tocou o queixo do rapaz que sentiu um calor intenso.

— Eu não fiz nada, senhor. Quando entramos aqui, o senhor já estava levantado. Não...

— Shhhhh! - Fez Jó, encostando o indicador sobre os lábios de Alexandre.

Então o deus vampiro olhou para Bruno.

— Estende teu braço.

Bruno obedeceu.

Jó passou rapidamente a mão sobre a pele rasgada e os ossos quebrados.

Bruno sentiu uma comichão sobre a ferida e abriu um sorriso quando o vampiro

tirou a mão de cima do machucado. Ele não existia mais.

O vampiro olhou para Patrícia e tocou sua face. Depois apanhou a mão ferida da garota e passou um dedo sobre o machucado. Patrícia também foi curada.

— Agora é hora de salvar meus filhos, todos os meus filhos. De cada um deles, eu tudo sei.

Jó desapareceu da frente dos anjos. As criaturas celestes ficaram pasmas. Gregório atravessou o teto do túmulo e pairou acima da pirâmide. Nem sinal daquela criatura perturbadora. Nem pista. Jó havia, simplesmente, evaporado.

CAPÍTULO 87

Nardo caminhava apressado. Trabalhava de madrugada em São Caetano e descia sempre na avenida do Estado do carro do Flávio, seu amigo de Osasco, que lhe dava carona até ali. Já fazia dois anos que trabalhavam numa metalúrgica. O curso profissionalizante tinha lhe tirado do desemprego e contava nos dedos os meses que faltavam para dar entrada no seu próprio carro usado e sair dessa vida de carona. Nardo olhou para o céu azul. Se o dia esquentasse, ia dar para curtir um pouco a piscina antes de ir para o cursinho no fim da tarde. Dormia pouco de manhã. Digam o que quiserem, mas trabalhar de madrugada e dormir de manhã era um saco. Não adiantava ficar oito horas revirando no colchão. Seres humanos não tinham sido construídos para viver de noite. No começo até que levou de boa, mas ao final do primeiro ano já estava com o humor abalado. Sem contar que era difícil organizar as baladas. Todo mundo com o horário trocado e só ele naquele perrengue. Ainda bem que sua namorada, a Bia, não trabalhava. Pelo menos, todo dia à tarde, eles conseguiam se ver antes da aula. Ela morava num prédio bacana de frente para o museu do Ipiranga. Da piscina eles ficavam olhando o velho palácio e às vezes viajavam, imaginando quanta gente morta já não tinha passado por ali, quando aquilo ainda era um palácio ativo, do Império. Não era raro passearem pelos jardins do museu do Ipiranga. Inspirou fundo entrando na rua Oliveira Alves, onde morava, prevendo que o dia renderia. O sol amarelo ia esquentando a atmosfera e era bem capaz de chegar aos trinta graus depois do meio-dia. Sunga, protetor solar e pronto. Um ótimo calmante para curar o mau humor das manhãs mal dormidas. O que mais irritava eram os parentes. Qualquer problema em casa, entravam sem cerimônias no seu aposento, na sua caverna fechada ao sol, e o despertavam sem pensar duas vezes. Onze da manhã, já é tarde, diziam. Claro, para os imbecis que tinham dormido a noite toda era tarde para caramba! Se alguém não podia ir ao supermercado, chama o Nardo! Ele vai! Está dormindo mesmo! Acorda o Nardo! O rapaz sorria nesse momento. Olhou para o céu azul mais uma vez. Seus olhos pareciam cheios de areia. Cansado. Sorria porque achava graça da sua desgraça. Ninguém estava nem aí. Tinha passado mais um quarteirão antes de se dar conta. Uma névoa fina saía da esquina. Era raro, mas às vezes, bem de manhãzinha, surgia sim uma neblinazinha nos arredores do córrego do Ipiranga, mas não ali, na sua rua. Nardo parou um instante e coçou a cabeça. Olhou para o rosto de outros poucos transeuntes. Estavam, igual aos motoristas que iam em direção à avenida do Estado, indiferentes

àquele bizarro fenômeno. Mais uma peça pregada pelo tão em voga efeito estufa. Só podia. Coçou a cabeça outra vez. A névoa ficou mais forte. Agora encobria um carro a vinte metros de distância. Quando notou pela primeira vez ela era rarefeita, mas revelava-se muito mais espessa agora. Nardo tornou a sorrir... Um sorriso amarelo desta feita. Por quê? Porque agora as pessoas estavam parando para botar reparo naquela estranha nuvem que caminhava pelas ruas. Ele olhou para o chão e viu que um manto fino e rasteiro de neblina vinha antes daquele corpo denso, sombrio. A névoa era branca como leite e parecia esfriar seus pés. Em questão de segundos, aquele fino véu encobriu seus pés e chegava ao meio das canelas. Nardo ergueu a cabeça, alarmado ao ouvir uma freada seguida de uma batida e o barulho de vidro caindo ao chão. Assustador! A parte densa da névoa tinha tomado a rua de lado a lado. As pessoas ficaram estáticas. Não enxergavam mais o chão. Nardo olhou para o céu e esfregou os olhos. Seria possível? O céu estava fechando. A promessa do dia claro e de sol arrebatador ia se dissolvendo. Pelo que sabia, aqueles fenômenos envolvendo nevoeiros repentinos não eram duradouros, nada para ficar assustado, mas a frase cravou em seu pensamento quando baixou os olhos para a rua novamente. Não enxergava um palmo à frente do nariz. Era tudo nevoeiro. Começou a ouvir vozes. Pessoas tentando se guiar, chamando umas às outras. Crianças que iam com os pais para a escola choramingavam. Mães chamando pelos filhos que estavam um pouco à frente. Nardo sabia onde estava. Faltavam duas quadras para chegar até seu condomínio. Mas a merda é que não via, literalmente, um palmo à frente da fuça. Como é que ia andar?

O jeito foi caminhar lateralmente para a direita um tantinho. Encostou os dedos na grade do prédio que estava ao seu lado. Teria que ir tateando até chegar ao muro da mercearia do Roberto e então atravessar a rua, com cuidado. E se viesse um carro? Viu dois facho de luz se movendo devagarinho. É. Ia ter de ser assim. Os condutores dos carros também não fariam milagres. Enquanto houvesse neblina, eles andariam na manha do gato. Deu os primeiros passos. Saco. Como é que os cegos conseguiam andar com tanta desenvoltura? Simplesmente era impossível ter convicção no passo seguinte. O corpo todo se colocava em alerta e até o equilíbrio faltava com a privação da visão. O muro da mercearia não chegava nunca. Nardo olhou para o céu outra vez. Desta feita um calafrio colossal cruzou seu corpo. O céu escurecia. Era como se a noite abocanhasse o dia, extinguindo a manhã. Uma luminosidade rala varava a névoa, mas o calor não descia mais sobre as ruas. Nardo parou, estático. A privação do Sol tinha feito o ar esfriar. Percebeu a pele eriçada, contraída pelo ar gelado. Sua respiração ficou mais pesada. As vozes das pessoas, umas distantes, outras mais longe, uns gritando, o começo do choro de uma mulher adulta. O rapaz estava avaliando se deveria continuar caminhando para chegar em casa ou simplesmente sentar na calçada e esperar aquele sinistro nevoeiro

desaparecer. Foi então que pingou bem em seu nariz. Ato reflexo, olhou para cima para ver: estava embaixo da beira de uma marquise ou árvore carregada de orvalho ou algo que o valha. Não viu nada. Absolutamente nada. Só que outro pingo acertou sua testa desta vez. E então a rua encheu-se do barulho da chuva pesada. Gotas enormes e geladas, que a princípio eram esparsas e depois engrossaram. Nardo encharcou-se dos pés à cabeça em questão de instantes. Agora não restava luminosidade. A névoa deveria ter sido encoberta por nuvens pesadas e o céu ficou completamente negro. O rapaz intuía o que acontecia, mas logo que os primeiros relâmpagos, acompanhados de assustadores trovões, passaram a iluminar o céu, percebeu que seu chute não tinha sido errado. A cada estalo elétrico nas alturas, Nardo tinha a oportunidade de vislumbrar uns poucos metros à frente e dava passos na direção de casa. Como em uma danceteria com pista alucinante, os relâmpagos projetavam um efeito estroboscópico sobre o asfalto e a calçada e pessoas, movendo-se quadro a quadro, com os rostos assustados, trazendo filhos e amigos pelas mãos. Nardo estava com o coração disparado e amedrontado. Aquilo não ia acabar? O que era aquilo, algum tipo de pesadelo? Estaria acontecendo na cidade toda? Graças aos raios conseguiu avançar. Então a chuva, como começou, parou. Só os relâmpagos continuaram, acompanhados dos trovões que faziam estremecer as vidraças dos comércios e projetavam um tipo de pressão nos tímpanos das pessoas. Nardo alcançou seu quarteirão. Pingando, pressionou o interfone.

Mesmo sem ser visto pelo porteiro Dorival, ficou agradecido pela negligência. Caminhou devagar até o hall. Lá, com as portas de vidro fechadas, ao menos podia ver e ser visto.

— Dorival do céu! O que está acontecendo?

— Sei não, seu Nardinho. O bicho tá feio lá fora.

— Será que é neblina do córrego? É só aqui?

— É não, menino. Olha aqui - disse o homem, apontando para um aparelho de TV diminuto e em preto-e-branco.

O porteiro mexeu num palito de fósforo encravado no painel da telinha que fazia as vezes de seletor de volume, aumentando o som.

— Parece que isso começou mais cedo e já se esparramou por aí. Os olhos de Nardo ficaram fixos no aparelho. Via dois helicópteros no enquadramento da câmera. Distante, na alvorada, via colunas de nevoeiro caindo das nuvens, encobrindo pedaços da cidade. Era uma visão e tanto.

CAPÍTULO 88

Minutos atrás, a escuridão caía como uma máscara ao fim de um baile, revelando a face doce e suave do amante que se aproximava quente e cheio de paixão após um bom empate no jogo da sedução, o deus dos imortais ressurgiu. Agora esse amante de olhos gigantes enchia o horizonte de luz e envolvia o corpo da amada que girava a face ao seu encontro. Quando o giro estivesse completo, ela estaria banhada de luz, de calor e, nesse dia em particular, o beijo do amante chegaria cheirando a morte.

A primeira coisa que ele viu foi um bando de militares arrastando uma jaula para dentro de um corredor. Estavam protegendo-a da luz. Dentro dela uma cria poderosa. Uma mulher com cheiro bom. Seus olhos não descansaram e percorreram aquele gramado branco, tomado pela neve. Jó sorriu. Sabia que não era Inverno quem tinha feito aquilo. Tinha um cheiro suavemente diferente. Seu amigo, seu velho senhor feudal, não caminhava mais no mesmo chão que os vivos e vivia agora sua Aventura.

O nevoeiro já tinha coberto todo o estádio. A neblina pairava acima das arquibancadas e ia rareando até chegar ao chão. Jó chegou na primeira jaula de prata. Uma menina vampira, aparentando coisa de seis anos de idade, estava enovelada ao chão, em posição fetal, com lágrimas escorrendo pelos olhos. Jó tocou a fechadura prateada e ela estalou. Abriu a jaula e abaixou-se ao lado da menina.

— Vem, minha filha. Está em liberdade agora.

A vampira abriu os olhos. Seu corpo pequeno tremia. Ela olhou para o céu. Não havia mais claridade. Não havia promessa de morte. Levantou-se assustada, olhando para aquele benfeitor envolto em um manto branco.

— E o sol?

— Em meu reino o sol não mais poderá te tocar. Vai. Fica onde a neblina está. Ela selará o céu e fará das ruas escuras teu lar eterno.

Os tiros voltaram a espocar. O Urutu estava bloqueado na marginal, com a frente crivada de balas e o vidro blindado com as lâminas retorcidas, dificultando a visão, apontando a dianteira para o sentido da zona oeste.

Jó caminhou até o centro do gramado.

— Vou falar uma vez e uma vez apenas ouvirão minha voz. Todo aquele que for dono de ouvidos viventes, que ouça - pronunciou-se o vampiro. - Meus filhos, as crias da noite nada hão de temer perante minha presença, mas todo aquele que tem sangue quente nas veias, que dê meia-volta agora e desapareça de meus domínios.

A voz do vampiro, mesmo sem ter o tom elevado, vibrava pelo ar, atravessando paredes de concreto e chegando a todo canto do estádio do Canindé, chegando a cada oficial de exército presente, atravessando pelos aparelhos de rádio e sendo ouvida límpida e firme da sala de controle dos oficiais que se mantinham a distância do campo. A voz do vampiro era segura, portadora de uma serenidade desconcertante.

O capitão Brites, que ainda lutava para levar a vampira Calíope até uma sala segura, abandonado por seus soldados, pingava de suor apesar do frio assombrado e tinha as veias saltadas e o coração disparado. Fazia esforço acima de suas capacidades e a maldita jaula rolava poucos centímetros a cada investida. A vampira, ainda arrojada contra o chão da cela, de repente levantou a cabeça quando a voz cristalina de Jó entrou em seus ouvidos.

— Tu é capaz de escutar essa voz? - Perguntou a vampira, também dona de voz encantada.

Brites parou o esforço e recostou-se na parede do corredor, arfando. Balançou a cabeça afirmativamente. Estava ouvindo a voz do vampiro, ora sobreposta pelo bombear de seu coração.

— Preciso te salvar, Ondinha.

Calíope desviou os olhos da porta e do gramado, os olhos de sol e donos de um brilho hipnótico encontraram os do capitão. O humano, fragilizado e diminuído pelo cansaço e pelo frio, tiritava sentado no chão. Depois de anos, Calíope sentiu ternura extravasando de suas pupilas e sentiu também compaixão. O mortal estava empregando todo o esforço para tirá-la da rota do sol. Os raios da manhã deveriam já estar rasgando o gramado verde a esta altura e a fina camada de gelo poderia refletir em arco-íris, acusando a chegada da manhã, derretendo com a quentura da atmosfera alterada pelo astro-rei. No entanto nada disso acontecia. Jó acontecia. O temido vampiro, a quem seu mestre Ignácio devotava verdadeiro horror, exclamava palavras que não combinavam com tanto pavor. O tom de sua voz era puro. Ele dizia a verdade. Ele alertava os humanos e os mandava embora enquanto, a mesma voz, o mesmo tom, tinha o dom de aquecer o coração dos noturnos.

— Vim para libertar meus filhos. Vim para salvar o povo das sombras das caçadas sem fim. Estabeleço daqui até onde desejo os meus domínios e, onde eu estiver, humano algum que queira fazer mal aos meus semelhantes estará em paz. Dou a qualquer ser de sangue quente a chance de partir íntegro agora. Mas advirto a todos que se prontificarem a ficar: qualquer um que tentar me deter, além de inútil, será caro aos de sua raça. Cada projétil lançado contra meu corpo, cada disparo contra um noturno, cada tentativa de impedir minha passagem será retaliada. Sou um deus da noite, de coração seco e morto, e aviso aos que querem ouvir: no coração do deus da noite a misericórdia não mais faz morada.

Todos os vampiros, que espremiavam-se contra o chão das jaulas levantaram as cabeças. Não importava se seus ouvidos e sentidos urravam de alegria, invadidos pela certeza de que aquele homem estranho, aquele vampiro surgido com a densa neblina, estava falando a verdade. O que era impressionante era o porte quase frágil da criatura, envolta em um manto branco, magro e esquelético, com a cabeça desprovida de qualquer fio de cabelo, sem sobrancelhas, sem barba, sem nenhum pelo, e a confiança e a serenidade que transbordavam ao seu redor a cada passo dado, a cada segundo consumido na eternidade.

— Filhos da noite, agora me apresento. Sou Jó. E, prometo, libertarei a todos. Cada um de vocês.

O silêncio só não era completo por conta das nuvens que rolavam no alto, tapando ainda mais a densa névoa, roncando com trovões regurgitando em suas entranhas, e relâmpagos que eventualmente percorriam o bojo daquelas gigantescas *cummulus nimbus*.

Brites, soltando longas ondas de vapor pela boca, levantou-se e levou a mão ao coldre. Cambaleando, deu dois passos em direção à porta.

— Não! - Gritou Calíope.

O capitão do Serviço de Contenção vacilou um instante.

— Ele vai acabar com você. Ele vai te matar. Não vá.

O apelo da vampira funcionou por um breve momento. Brites encarou Calíope.

— Sua arma está descarregada. Eu preciso de proteção. Cuida de mim primeiro. Depois estarás livre para cuidar de Jó.

Jó deu dois passos quando uma metralhadora entrou em ação. Os espocos consecutivos dardejaram projéteis prateados ao encontro do vampiro. Pedacos de grama voaram para cima.

Jó sentiu o metal esquentar sua pele. Pedacos de seu manto foram esvaçados e no instante seguinte o vampiro não estava mais lá. Desapareceu diante os olhos espantados dos filhos da noite.

— Eu acertei! - Gritava o soldado ainda com o dedo no gatilho.

O mecanismo da metralhadora girou mais alguns segundos sem novos disparos.

Quatro companheiros, com fuzis elevados e mirando o gramado, procuravam o corpo retalhado do vampiro.

— Não vão me encontrar ali, crianças.

Os soldados voltaram-se para a direita. O vampiro estava ali, na arquibancada. Avançou lentamente na direção do primeiro, sem dar passos como se flutuasse.

— Atirem! - Gritou o soldado postado na metralhadora sobre o tripé, sacando uma pistola do coldre que ia preso em sua perna.

Jó estendeu o braço e tocou o primeiro. Esse soldado, diante os olhos atônitos dos companheiros, começou a tremer e derrubou o fuzil. Levantou as mãos em direção aos amigos e, antes que conseguisse se apoiar no mais próximo, sua aparência juvenil avançou para uma velhice instantânea, terminando por deixá-lo com um aspecto cadavérico e horripilante. A voz saiu rouca de sua boca, pedindo ajuda aos amigos, antes de tombar, sem vida, com o capacete projetado para cima e as costas cobertas por longas madeixas grisalhas.

Antes que pudessem esboçar qualquer reação, até mesmo a opção pela fuga covarde, cada um deles recebeu o toque mortal. Os inimigos de Jó foram amaldiçoados com o tempo que passou em fração de segundo.

O soldado Cássio, que tinha largado a metralhadora e segurava a pistola, viu o fantasma de manto branco e esvaçante desaparecer da mira da arma, e seus olhos, cheios de pavor e aflição, cravaram nos movimentos finais do amigo cadavérico, o soldado Henrique, com quem tinha tomado café-da-manhã na alvorada anterior. O soldado Henrique, amigo de longa data, que jogava pelada em sua vila e dava chapéu até no Trovão. O soldado Henrique tinha se transfigurado. Era agora um saco de pele tão enrugada, com os ossos quase aparentes, sem musculatura alguma. Cássio respirou fundo quando Henrique mirou em seus olhos. Os olhos do amigo estavam amarelados, a boca tremia, e Cássio percebeu que quando o queixo do amigo tombou, havia sido a última queda. Henrique, que tinha tomado café e dava chapéu no Trovão não existia mais no plano dos vivos. Tinha virado aquilo. Um velho com aspecto centenário. Dos dezenove aos cento e vinte anos em dez segundos. Cássio sentiu um novo jato de adrenalina bombardear seu sangue.

Hipnotizado pelo horrendo número de envelhecimento desencadeado à sua frente, por uma fração de segundo esqueceu-se completamente de Jó. Girou nos calcanhares. Os outros soldados também estavam mudando. Deixando o aspecto juvenil para uma aparência madura, passaram dos quarenta aos sessenta anos em instantes. Cássio travou a respiração quando sentiu aquela presença. Puxar o gatilho foi mecânico, automático. O cano tinha afundado na costela do vampiro. Bala de prata. O vampiro sorriu em sua cara. Era para o vampiro sofrer com bala de prata. Cássio tinha ouvido isso mil vezes na preparação da missão. Era para o vampiro tombar. Arder. No entanto ele sorria na sua cara. Um bafo de carregado do cheiro de árvores mortas, de mofo, invadiu as narinas humanas.

— Eu avisei, filho. Todo e qualquer ataque contra os noturnos será retaliado imediatamente.

— Perdão, senhor! Só recebi ordens.

Jó sorriu com o canto da boca. Seu olhar de pupilas negras e profundas parecia pesar toneladas.

— Perdão? Eu também avisei que no meu coração morto a misericórdia não mais faz morada.

Cássio sentiu um toque suave em seu ombro e só isso. O vampiro desapareceu.

Cássio tossiu. O frio pareceu mais intenso. Suas mãos começaram a tremer e a pistola foi ao chão. O soldado sentiu os pelos do corpo arrepiarem-se. Suas mãos estavam enrugadas. Seus joelhos começaram a doer e as pernas flexionaram. Tentou caminhar, buscar ajuda. Sabia que tinha que ser rápido. Apanhou o rádio com as mãos trêmulas. Seus outros três companheiros já estavam imóveis, mortos. Cássio verteu lágrimas. Sabia que esse seria seu fim. Morto, como um velho centenário. Uma maldição, uma doença lançada pelo vampiro recém-chegado. Quando apanhou o microfone do rádio, quase não tinha mais forças para pressionar o botão. A última frase lançada de sua garganta rouca e ressecada foi:

— Pelo amor de Deus, não atirem. Ele vai matar todos.

O comando escutou a súplica. Olhares atônitos se cruzaram. Poucas das câmeras postadas no estádio ainda funcionavam. A mensagem tinha vindo da arquibancada, do setor 32, onde tinha posicionados artilharia pesada e oito soldados de guarnição. As câmeras iam caindo uma a uma conforme o frio se intensificava. A voz chegada nos alto-falantes nada tinha a ver com os jovens soldados do setor 32. A maioria inexperiente, com coisa de dezoito a dezenove anos. A voz que tinham ouvido era a de alguém bem mais velho. Aliás, era a voz de um velho. Um ancião.

Poderia ser até mesmo o vampiro, usando da emoção para tentar cavar escapada.

— Não vamos recuar agora. O sol nasceu. Os vampiros são nossos. Ordene que os soldados ataquem. Não deixem nenhum deles escapar. Cerquem aquele blindado. Não quero um Urutu nosso cruzando as ruas de São Paulo, dirigido por infectos.

— Senhor, devo lembrá-lo que a voz do vampiro nos alertou. Qualquer ataque contra os infectos será retaliado. Não deveríamos recuar e observar? Traçar uma nova estratégia?

Os olhos do comandante fuzilaram o capitão.

— Os vampiros estão enjaulados, o sol, que sabemos ser a melhor arma para aniquilar com suas vidas, já subiu um palmo no horizonte. Quer que recuemos nossas forças agora? Que tipo de estrategista é você, rapaz?

— Temo apenas pela integridade das tropas.

— O Exército não é lugar para temor nem para incerteza. Devemos atacar, com força total agora.

— Ele disse ser um deus, senhor. Ele surgiu do nada. Ele...

— Cale a sua boca, ignorante! - Vociferou o comandante. - Ele é um só. Nós somos milhares. Vamos acabar com ele agora, de uma vez por todas. Ordene que cada unidade apta ataque imediatamente. Vamos ver do que é feito esse deus da noite. Ah! Ah! Ah! São muito petulantes esses infectos.

A ordem foi transmitida e retransmitida. Iriam cercar o vampiro que chegara com a alvorada. Deveriam acabar com o inimigo, se pudessem.

Jó retornou ao gramado e olhou para cima. A névoa cobria todo o céu. Nuvens pesadas, ainda roncando como leões famintas, rondavam sobre o Canindé e expandiam-se, tomando todo o teto da zona central de São Paulo. O resultado daquele feito surreal era a escuridão quase absoluta. Os vampiros estavam protegidos do sol. Não havia luz. Era uma reprodução da sombra da noite. Jó estendeu os braços e ordenou:

— Venham! Vamos para o meu castelo. Cada um de vocês terá acolhida em minhas terras e essa luta para manterem-se escondidos dos caçadores acaba agora.

As celas, como que tomadas por vontade própria, fizeram barulho nas trancas e as grades foram abertas. Os vampiros, às dúzias, puseram os pés no gramado. Os feridos pelas balas lançadas a toda sorte foram amparados pelos irmãos mais fortes

e em menos de um minuto uma fila de refugiados formou-se, marchando na direção indicada por Jó.

— Não detenham-se. Não olhem para trás. Confiem no seu novo pai. Logo estarão em casa. Logo estarão em paz.

Jó aproximou-se de um vampiro de cabelos louros. Ele tinha o ombro manchado de sangue negro. Jó tocou onde a bala de prata havia entrado e a ferida foi diminuindo, até não existir mais.

— Vai em paz, meu filho. Recupera-te. Toma sangue dos mortais.

O fenômeno da liberdade inesperada aconteceu também no corredor onde Calíope e Brites permaneciam imóveis o último minuto. O capitão não tinha mais energia para arrastar a jaula, enquanto a vampira ouvia a voz de Jó vinda do campo de futebol e chacoalhava as grades, querendo também acompanhar seus semelhantes. Foi então que a jaula estalou e a dobradiça rangeu ao se mover, escancarando a cela prateada. Calíope sorriu. Estava livre enfim.

Brites viu a vampira em seu denso vestido vermelho deixar a jaula. O frufu do tecido encheu o corredor. O capitão, cansado e quase sem forças, tentou se levantar.

— Não saia. O sol vai destruir você.

Calíope parou à frente do humano e curvou-se um tanto, aproximando-se do militar.

— Meu capitão, meu marujo enfeitiçado... Não se preocupe mais comigo. Agora cada um de nós, filhos das sombras, terá onde buscar asilo em tempos conturbados. Agora, meu doce capitão, vivemos tempos realmente conturbados.

— Não me abandone, Calíope. Não me deixe aqui.

Calíope sorriu. Seus dentes pontiagudos marcaram seus lábios. Ela ergueu o capitão e beijou sua face com delicadeza.

— Está frio demais lá fora, Calíope. Você não viverá.

— Viver, Capitão Brites? Não ouviu direito a minha história? Estou morta há mais de um século. Sou uma vampira. E esse frio não é da terra. É um frio encantado que em nada me afeta. Jó veio me salvar.

— Não! - Bradou o militar. - Eu estava te salvando. Eu estava te levando para um lugar seguro, longe do sol.

— Sim, meu capitão. Estava tentando - Calíope roçou o pescoço de Brites com

os lábios e pressionou suavemente seus caninos contra a pele do homem.

— Não, Calíope. Não me deixe aqui.

— Para onde vou, só os filhos da noite podem ir.

— Não. Não. Eu quero você, minha doce Ondinha. Eu quero você, sua boca, seu corpo.

— Quer tanto assim? - Perguntou a vampira, olhando fixamente para o humano.
- Tanto ao ponto de me acompanhar nesta jornada maldita?

Brites hesitou. Não era isso que queria. Queria Calíope, mas não queria ser um vampiro. Não queria ser um noturno repugnante. Queria aquela mulher maravilhosa, aquela guerreira que tinha enfrentado tantos desafetos. Aquela fêmea linda e sedutora com a voz mais encantadora que já tinha ouvido em sua vida, mas decididamente não queria ser um vampiro.

Neste exato instante, Calíope soltou Brites e ficou ereta, olhando-o de cima para baixo duramente. O militar, recostado à parede, ficara alguns centímetros abaixo do queixo da vampira, respirando com dificuldade, soltando nuvens de vapor pelo nariz, enquanto mantinha a boca fechada. O capitão estava enfraquecendo, padecendo do frio que só aumentava.

Calíope deu as costas para Brites e caminhou pelo corredor largo, em direção ao gramado. Não havia luz intensa entrando pela porta. Só uma claridade difusa e corriqueira à visão de um vampiro. Uma luz semelhante ao reflexo da lua. De alguma forma a chegada de Jó tinha afastado o sol do campo de futebol.

— Não vá, Calíope! Ordeno que fique!

Calíope virou-se mais uma vez e sorriu.

— Meu capitão, meu capitão. Ninguém nesta vida ou nessa morte é senhor dos meus passos, do meu desejo. Vou onde quero. E agora quero encontrar Jó.

Brites respirou fundo e apertou os olhos; quando colocou-se ereto, foi como ter recuperado todo o seu garbo, toda a sua energia. Seus olhos brilhavam como brilhavam nas caçadas. O capitão ergueu a pistola.

— Vou acabar com ele. Mato esse filho da mãe com uma bala de prata no meio da cabeça - bradou, dando passos firmes em direção a Calíope, no intuito de ultrapassá-la e chegar ao gramado antes da vampira.

— Sua arma está descarregada! Ele vai acabar com você, Brites!

Brites pressionou um dispositivo lateral da pistola, fazendo o pente vazio cair no chão recoberto de uma camada fina de gelo. A peça metálica quicou no piso, revirando-se meia dúzia de vezes enquanto a mão firme do militar tirava outro municiador, cheio, do cinturão. Enfiou na pistola e a engatilhou, deixando-a pronta para uso.

Neste instante Calíope voou ao encontro ao amado tenente, segurando a mão que carregava a pistola e empurrando-o no ar.

Brites bateu no fundo da cela prateada.

— Não!

Calíope bateu na grade e a tranca foi acionada automaticamente.

— Não, digo eu, soldado - interferiu, enérgica. - Se deixá-lo cruzar aquela porta, Jó vai acabar com você num piscar de olhos. Ele avisou que qualquer tentativa de detê-lo ou de deter qualquer um de nós será vingada. Fique aqui, capitão, será mais seguro.

Brites lançou-se contra as grades, agarrando-as e chacoalhando-as com ódio e energia tal qual os vampiros, repetindo a cena que vira tantas vezes na contenção de Quitaúna e durante toda aquela madrugada de espera e angústia.

— Fique aqui, soldado. Um dia, meu querido soldado, voltaremos a nos encontrar. E hei de te contar novas e fabulosas histórias - rematou a vampira, com um sorriso nos lábios e os olhos brilhantes.

Brites, desesperado, tornou a chacoalhar as grades enquanto Calíope lhe dava as costas. Vendo a amada distanciando-se no corredor, cada passo macetava seu coração e esfarelava sua razão, se é que alguma ainda restava dentro de sua cabeça. O capitão ergueu a pistola, mirando as costas da vampira. Enfiou a mão no bolso do uniforme e tirou um saco plástico. Arremessou o saco para o alto, com toda a força, fazendo-o passar acima da cabeça de Calíope. Sua mão treinada, mesmo em momento tão crítico e adverso, guiou a ponta da pistola e o disparo foi certo. O saco explodiu e centenas de grãos de feijão e milho espalharam-se pelo corredor ao redor da vampira.

Foi automático. Os feitiços têm esse efeito sobre os encantados. Não importa onde estejam, não importa a força e o desejo, mas quando os feitiços alcançam os vampiros arrancam deles a máscara de assassinos frios e dão o vislumbre do desespero aos possíveis espectadores.

Vendo-se cercada mais uma vez por grãos espalhados por seu amado, Calíope

virou-se furiosa.

— Não! Não deveria ter feito isso, capitão!

— Fique!

Calíope caiu de joelhos, fazendo seu vestido se agitar e dobrar. A negra estendeu a mão direita e começou a apanhar os grãos, a contar baixinho e a colocar cada um deles na palma da mão esquerda.

— Fique, Calíope. Fique. Eu estou implorando - gemeu o homem, abaixado na cela, estendendo o braço em direção à vampira.

— Você me odeia, Brites! Você me odeia com todas as forças! Eu sou uma vampira! Sou uma desgraçada! Por que faz isso comigo? Por que açoita meu coração com seu desprezo e sua loucura?!

— Mentira! Eu não te odeio... Eu estou apaixonado... Eu estou perdido, vampira, perdido.

— Basta!

Calíope tornou a apanhar as sementes. Quando a mão já estava cheia, um punhado delas esparramou para o lado.

— Maldição! Vou ficar o dia todo aqui! Eles vão embora sem mim!

— Eu te quero, Calíope. Como um homem quer uma mulher.

— Então diga...

— Eu te amo. Calíope... Eu te amo como jamais amei uma mulher em minha vida inteira. Eu jogo essa carreira fora... Eu deserto, eu largo tudo o que construí e tudo o que acredito só para ficar com você.

— Diga!

— O que mais quer ouvir, meu anjo negro?

— Que será igual a mim. Que deixará que eu te abrace e te torne um noturno de igual - implorou a vampira, olhando nos olhos do mortal.

Brites respirava com dificuldade. Parecia que perdia sua energia aos poucos.

— Não quero ser um vampiro. Não quero ser um assassino, Calíope. Essa morbidez não me atrai. O que me atrai é você.

— Chega! Pare de falar, capitão. Era minha voz que deveria enfeitiçá-lo. É

minha voz que tem o poder de infestar o coração do inimigo com incertezas. Não me trate bem. Não me queira bem se não quer me seguir nos trilhos das sombras, se não ficará comigo. Não quero ver-te envelhecer a cada dia e perdê-lo daqui a um instante para o deus do tempo - rugiu a vampira, arremessando parte dos grãos contra a cela.

Ela tornou a olhar ao redor, transtornada pela quantidade de grãos esparramados, e recomeçou a contá-los e colocá-los na palma da mão esquerda.

— Serei deixada para trás. Abandonada. Vão embora sem mim - resmungou.

O corredor pareceu ser engolido por mais frio e mais silêncio. Calíope sentiu a presença dele muito antes que Brites e por isso colocou-se de pé, enquanto o capitão ainda estava no chão, esparramado na cela, soluçando e chorando.

— Ninguém será deixado para trás, minha filha. Nem mesmo você, que traz o sangue do meu inimigo.

O nome de Ignácio passou pela cabeça da vampira e Jó anuiu.

O vampiro aproximou-se dela e varreu os grãos da sua frente com os pés que calçavam sandálias de couro. Os grãos, como que ganhando vida, juntaram-se e desapareceram.

— Vem, filha. Vamos embora. Os homens ainda não têm a menor noção do meu poder. Tudo que fiz aqui hoje não será levado em consideração nas próximas horas, e eles ainda tentarão impedir que o deus da noite dê acolhida ao seu povo.

Brites ajoelhou-se e olhou para o vampiro. Jó. A lenda que tinha ouvido tanto falar. Estava ali, parado, diante de seus olhos. Ao alcance de suas balas de prata. Um homem de aparência velha, pele enrugada. Era alto e magro, totalmente calvo. Um manto branco, leve e pacífico, fazia sua pele pálida luzir ainda mais, emprestando algo de divino à sua silhueta. Talvez pelo nome bíblico, talvez pelas sandálias de couro e o jeito manso de falar. Ele alisava paternalmente a cabeça de Calíope que o abraçava na altura da cintura.

Jó levantou Calíope e segurou-a pela cintura, mirando seus olhos encantadores.

— Segue em paz, filha. Segue em paz para a nossa nova morada. Lá, nenhum ser humano que queira ferir um noturno será bem vindo. Lá, cada um de vocês terá boa acolhida.

— Indica o caminho.

— É fácil, filha. Segue a escuridão. Segue as sombras que protegem as ruas.

Chegará ao meu castelo, meu palácio.

Calíope seguiu pelo corredor em direção à porta.

Brites ergueu a pistola, mirando a nuca de Jó, que não se moveu.

— Eu posso muito bem acabar com o senhor, soldado preso. Quer mesmo puxar esse gatilho? Se puxar não viverá para vê-la nunca mais. Se baixar e deixar esse velho seguir em paz, poderá encontrar Calíope um novo dia.

— Acaba agora mesmo de dizer que nenhum humano será bem-vindo.

Jó virou e sorriu.

— Quando for ao meu reino, quererá fazer mal a algum vampiro? Quando adentrar o meu condado, tudo o que quererá será beijar os lábios da negra que caminha neste corredor. Quererá saciar sua fome de amor e danação. Só isso. Não irá lá para tirar a vida de nenhum noturno, isso eu sei, mesmo sendo hoje o maior vilão neste cenário. Será poupado por conta de seu amor à minha filha. Abaixar tua arma e trate de viver para conhecer meu condado.

Jó deu as costas a Brites novamente e caminhou tranquilamente pelo corredor.

A cela de que prendia o capitão soltou um estalo e então a trava abriu-se.

Brites engoliu em seco. Jó falava a verdade. Não queria matar nenhum vampiro. Queria Calíope e só Calíope lhe interessava. Deste momento em diante não era mais o comandante do Serviço de Contenção. Desse momento em diante era um amante deixado para trás. Um amante que sofria e queria reencontrar a razão de tão obcecada paixão.

Do lado de fora, dirigindo-se para a saída principal do gramado, rumando ao encontro dos portões abertos que davam acesso à marginal Tietê, tal qual uma procissão, uma fila de tantos vampiros deixava o estádio do Canindé, finalmente livres do cativeiro imposto pelo Serviço de Contenção.

Nas arquibancadas, os poucos soldados sobreviventes ao ataque selvagem dos lupinos buscavam melhor posição de tiro. Ordens do comando chegavam pelo rádio. Todos deveriam se agrupar e conter o êxodo dos cativos. A ameaça do esparrame de infectos não podia se concretizar. E, com esta ordem na cabeça, os primeiros soldados, tremendo em razão do frio avassalador, fizeram mira nos infectos que caminhavam rumo ao portão e puxaram o gatilho.

Quase em sincronia, Jó chegou ao gramado a tempo de ver dois noturnos tombando, alvejados. Seus olhos tornaram-se escuros e a pupila negra e brilhante

pareceu alastrar-se por todo o globo ocular. Seus dentes pontiagudos, presas longas e cândidas, brotaram de sua boca junto com um urro. Jó levantou os braços para o céu enquanto gritava:

— São teimosos, ora, pois! Então teimosos permanecerão. Querem tanto essa postura de ataque que dela serão donos por muitos e muitos anos.

A neve que caía mansamente foi tomada por rajadas de vento frio e penetrante. Em questão de poucos segundos, os flocos tornaram-se mais grossos, mais densos, e a ventania transformou a precipitação numa nevasca nunca experimentada nos trópicos.

As últimas câmeras em funcionamento na sala de comando não suportaram a nova e repentina queda de temperatura. Os bravos comandantes a distância ficaram ainda mais desconfortáveis. Exigiam respostas pelo rádio.

— Estão mudos, senhor. Ninguém no Canindé responde.

— Crê que estejam inoperantes?

— Inoperantes, senhor? Se inoperantes quer dizer mortos, sim, creio que os homens que não buscaram abrigo nas instalações do clube e ficaram expostos na arquibancada tentando levar a cabo a ordem expedida desse terminal estejam todos mortos, senhor... Inoperantes, se preferir.

O tom sarcástico do capitão não passou despercebido. No entanto a arrogância foi engolida em detrimento da angústia. Sem soldados nas arquibancadas, os selvagens escapariam. Precisavam ao menos saber para onde aquela inusitada fila organizada se dirigia. Se todos tomassem o mesmo rumo, sem se espalharem pelas ruas de São Paulo, talvez não tardasse a oportunidade de rechaçar a escapada, assim que um novo esquema tático fosse urdido.

O vampiro de cabelos louros olhou para trás. Apertou a faixa de seu sobretudo. Não pelo frio encantado que não lhe afetava, mas por conta da ventania. Seus olhos pairaram sobre as arquibancadas. Mesmo tendo vivido cinquenta anos daquela vida noturna, jamais tinha visto cenário mais insólito. A ferida em seu ombro já nem doía mais. O estádio inteiro estava branco, bem como brancas eram as estátuas dos soldados que tinham se juntando nas bordas da arquibancada. Cada um eternizado numa pose, prontos para atirar, como uma daquelas fotos instantâneas tiradas durante a Segunda Guerra Mundial. O vampiro olhou para a frente desta vez. Automática, a fila andava. Vampiros perambulando como puxados por fios invisíveis. Enfim não eram assim tão diferentes dos humanos, pensou. Talvez estivessem silenciosos, harmoniosos e calados porque sabiam que não deveriam estar ali de jeito algum e

ponto final. Os milagres exerciam sempre esse efeito avassalador, esse “cala a boca” incontinente. Todos sabiam que acima daquelas nuvens que roncavam, acima daquela névoa assombrada, o sol estava cumprindo seu papel, não obstante, sem conseguir jogar sobre aquele pedaço de terra seus raios tão letais aos vampiros. Vampiros que marchavam, marchavam ao encontro de um condado prometido, uma terra onde poderiam viver como se livres e sem medo. Uma terra onde Jó seria o zelador. Saiu do transe quando viu passar diante seus olhos a lendária Calíope, filha de Ignácio. Ela também lançou-lhe um olhar curioso, mas não tardou a acompanhar a fila, rumando para o lado esquerdo da frente do estádio. O vampiro seguiu Calíope e quando chegou ao asfalto sua visão aguçada permitiu-lhe discernir o caminho da procissão. Tinha saído em frente ao rio Tietê que já não era mais o mesmo. Era uma capa de gelo branca até onde sua visão alcançava e sumia no nevoeiro. Seus iguais estavam andando em linha reta até chegar à avenida Cruzeiro do Sul, por onde seguiam, rumando para o lado sul da cidade. Mordido pela curiosidade e pela inexistência de outra possibilidade, o vampiro de cabelos louros seguiu o comboio, passando, a poucos metros dali, por um Urutu do Exército, semi-encoberto pela neve que se acumulava ao seu redor, imóvel, de onde vozes e gritos escapavam.

Dentro do veículo, Tiago comprimia a ferida da mortal. O cheiro de sangue impregnava o ar e entrava pelas narinas de todos os vampiros, a maioria deles, faminta, louca para que Tiago desistisse de salvar a garota e os deixasse lambar o chão onde as botas do Fantasma patinavam sobre o líquido vermelho. O corpo da mortal estava cada vez mais frio e os olhos da garota quase não tinham mais movimento.

— Não se entregue agora, menina. Você precisa estar viva para receber a maldição!

Eliana olhava para o amado sem fazer movimento. Nunca tinha visto Tiago lutando tanto pela vida de alguém como fazia agora. Parecia possuído por uma força maior, por uma vontade incontrolável de reverter o que parecia inevitável. Uma lembrança que parecia distante lampejou em sua memória. Tiago tinha lutado assim por ela, quando perdia as forças, cativa dos vampiros do Rio D'ouro, depois moribunda, na enfermaria de um hospital no Guarujá. Isso fazia coisa de semanas, mas em sua mente parecia que anos e anos tinham se passado e sua última respiração de mortal lhe soava velada, encoberta por toneladas de poeira e passado.

Tiago parou de pressionar a ferida quando ouviu um suspiro longo escapar da boca de Cynthia. Um daqueles longos, endereçados ao mundo dos mortos, sibilante, baixo para o ouvido dos humanos, mas soando potente como trombeta para os anjos da morte que não demorariam a carregar o calor e a alma do corpo e deixar para trás

aquela casca sem vida.

— Não... - murmurou o vampiro.

No mesmo instante, outra das criaturas noturnas abriu a porta traseira do blindado.

— Vamos! Jó nos libertou!

— E o sol? - perguntou um de dentro.

— Não há sol. Jó livrou todos os cativos e fez o dia virar noite. Ele acabou com nossos inimigos. Vejam, olhem para fora.

Eliana tentou olhar pelo vidro frontal. As camadas retorcidas do material à prova de balas não deixava que a visão alcançasse o céu.

Aos poucos os vampiros foram deixando o Urutu. Seus olhos maravilhados fitavam o céu, carregado de ventos fortes que lançavam grossos flocos de neve para todos os lados e iam cobrindo o chão, construindo um mausoléu sobre os humanos que ousaram permanecer em seus postos.

Eliana desceu do veículo e sentiu seus pés afundarem numa capa profunda de neve. Ergueu a bota escura e viu os flocos escorrerem para o lado. Já estava se acostumando ao fenômeno por conta de seu namorado... Mas naquela proporção chegava a ser assustador até mesmo para ela. Só quando ergueu os olhos foi que o viu. Ele. Jó. O vampiro cujo nome todos sussurravam ou lançavam agradecimentos ao passar pelo Urutu. O vampiro que tinha vindo libertar os prisioneiros do Serviço de Contenção. Ele avançava devagar. Passo a passo. Olhando através dela. Olhando para dentro do veiado militar. O homem, com a aparência de um velho de mais de setenta anos, tinha uma expressão serena. Eliana andou até perto do ancião e sorriu.

— É sangue humano? - Perguntou o vampiro, com os olhos mais negros que a sulista já tinha visto.

— É uma mortal, senhor. Ela acabou de passar.

— Ah! - Exclamou o vampiro, aproximando-se do Urutu.

Jó acercou-se da entrada do veículo. O cheiro do sangue. Sempre ele. Onipresente. Se após a escuridão os malditos não mais se oprimiam com a presença do Deus Cronos, eram regidos agora pelo adocicado rio da vida, pelo tum-tum que também fazia dos humanos eternos enquanto durassem as batidas daquele tambor. Se não mais se importavam com o tic-tac nefasto, eram então amantes da sede, da necessidade e do feitiço.

Tiago ergueu os olhos vermelhos para o intruso. Estava tomado por frustração e raiva. Tinha prometido à menina, à ajudante mortal, que na primeira oportunidade após o conflito realizaria seu desejo mais insano, a traria também para a vida noturna. Lágrimas de sangue negro tingiam seu rosto enquanto, impotente, fitava a face pálida e ainda mais fria de Cynthia.

— Por que choras, filho?

Tiago suspirou e seus olhos vermelhos voltaram ao normal. Não fosse a pele branca como mármore, talvez passasse a quaisquer olhos como um ser vivente.

— Ela foi apanhada pelos tiros dos soldados. Ela não tinha nada a ver com isso.

— Por que não tomou do sangue dela? - Inquiriu Jó. - É uma mortal. É gado do nosso rebanho.

Tiago balançou a cabeça negativamente, primeiro devagar, depois, conforme emoções confusas tomavam seus pensamentos, acelerou e deu ênfase ao movimento.

— Ela não era gado, ancião. Ela era uma aliada. Não fosse essa garota, haveria poucos para Jó libertar.

— Libertei muitos de meus filhos.

Tiago ergueu os olhos novamente. O ancião à sua frente. Era dele que emanava aquela sensação, a sensação de um rio de energia passando bem ao seu lado.

— Jó! - Exclamou automático.

— Então é verdade que essa mortal, de nome Cynthia, ajudou a amenizar as aflições desta noite?

— Sim. Ela conseguiu guiar a mim e Eliana e também um grupo de filhos de Afonso para combater nossos algozes. Se salvou muitos essa alvorada, deve a ela.

— Devo? A uma mortal?

— Sim, bom Jó.

— A vivente que agora dorme e deve estar às portas de sua mais formidável Aventura é então uma mártir a quem devemos gratidão. Ela amava teus irmãos?

— Sim. Fez-me prometer que a traria para a maldição. Queria mais que tudo nesta vida ser um de nós.

Foi a vez de Jó suspirar fundo.

— Ela sabia o quão dolorida e ingrata é essa nossa existência?

— Sabia, Jó. Mesmo assim não consegui demovê-la e ofertar-lhe outras recompensas. Tudo o que a garota morta queria era viver entre nós. Ser filha das sombras e da escuridão.

— Afaste-se dela - ordenou o salvador dos vampiros.

Tiago, sem compreender de imediato, não conseguiu retrucar aquela energia. Mesmo dono de uma voz mansa e cativante, o pedido foi austero e poderoso. Não teria conseguido dizer-lhe não naquele instante.

— Tenho cá comigo meus truques, meu irmão. Sinto que você também tem os seus e que é filho de Miguel e que também corre em tuas veias o poderoso sangue de dom Guilherme. Como conhecestes o senhor do gelo?

Tiago ergueu os ombros e inspirou fundo.

— É uma história longa, Jó. Longa e interessante.

— Tempo não nos faltará para que eu sente a teu lado e escute tudo, cada detalhe. As histórias do prepotente e magnético senhor da Vila Castelo D'ouro são sempre fascinantes.

— Vejo que o conheceu melhor que eu.

— Ah! Ah! Ah! Se conheci? Morei na Vila Castelo D'ouro, bom rapaz.

Fui também um daqueles que os demônios tomaram a alma da noite para o dia e experimentei a transição para a vida maldita da pior forma. Eu era um dos camponeses que serviam ao senhor Guilherme. Vi Sétimo crescer, de meninote a rapaz, de tamanho, e também em violência. Li os livros que Miguel guardava com tanto prazer. Fui bom amigo dos amaldiçoados do Rio D'ouro e juntos vivemos muitas histórias. Não fosse a verdadeira amizade e o zelo fraternal que de um modo ou outro une os da nossa raça, com pouquíssimas exceções, não estaria aqui, na sua frente, gastando saliva.

Tiago soube no mesmo instante que uma das exceções era Ignácio, o torpe vampiro que vinha lançando ações criminosas, uma atrás da outra, nos últimos dias, chamando cada vez mais a atenção do Exército e de toda a sociedade para os noturnos.

— Justamente tenho cá em meu peito parte das graças de dom Miguel, o Gentil. Se era desejo da mortal estar entre nós, que assim seja.

Jó tocou dois dedos na testa de Cynthia e, sem cerimônia alguma, diante o olhar espantado de Tiago, passados menos de dez segundos daquele toque simples e natural, o espetáculo mais fabuloso que poderia viver um humano foi realizado.

O corpo morto da garota estremeceu, assim sendo, de agora em diante, não podendo mais ser chamado de corpo morto e sim, corpo vivo, corpo ressuscitado. Como fizera em seus segundos finais da primeira vida, a garota tossia e gemia de dor.

Tiago, esquecido de Jó, avançou para perto dela e ajoelhou-se ao seu lado.

— Cynthia!

— Vampiro... Eu não consegui. Acho que estou morrendo.

— Não, menina. Olhe para mim.

Cynthia, respirando com dificuldade, virou seus olhos com a maquiagem borrada, imitando lágrimas escuras como as dos imortais.

— É isso mesmo que você quer?

Ela balançou a cabeça positivamente.

— Essa morte não é fácil, Cynthia. Ser uma morta viva trará mais tristezas, mais agonias que prazer e alegria.

— Quem quer ser alegre a-aqui, vampiro?

— Eu quero deixar claro...

— Vai logo, porra! Não quero que leia um contrato de prestação de serviços! Leve-me pra vida escura agora!

Os olhos do vampiro lentamente foram do escuro ao vermelho e seus dentes mais uma vez brotaram. Tiago desceu as presas ao pescoço da mortal e, após vencer a pele fina e delicada, o sangue da ressuscitada, como deveria, esguichou para dentro de sua boca, morno, doce e vivo, acompanhado de um gemido que pouco revelava de dor e muito demonstrava de prazer. A mortal gemia como entregue a um amante.

Eliana, agora bem à porta do Urutu, não conteve o turbilhão de sentimentos rasgando em suas veias mortas sem conseguir evitar que seus olhos, ameaçadoramente, brilhassem vermelhos, deixando-a pronta para a briga contra uma inimiga que ainda não tinha nascido para as trevas.

Tiago engoliu o sangue de Cynthia, experimentando um prazer indescritível. Ele nem de longe esperava por aquilo. Tinha iniciado o ritual de forma mecânica. Nunca sentiu tanto prazer em roubar dos vivos aquilo que era tão precioso. A princípio só cedia à sede mórbida pela necessidade, mas agora estava ali, no meio de seus braços, algo inusitado. Uma mortal que se entregava por vontade própria e que não se contorcia mais em agonia, apesar do corpo ferido a bala, apesar da morte, mais um vez e persistente, batendo à sua porta. Ao contrário, a mortal gemia de prazer e agarrava seus braços e movia-se de forma sensual, como se estivesse se aproximando do clímax que aquele tinha a oferecer. Tiago lutou contra seus instintos. Voltou a raciocinar para guardar sangue em sua boca e então beijando a mortal com explosiva volúpia e penetrante lascívia. O abraço foi demorado e forte. Tiago não queria soltá-la com medo de que nunca mais a tivesse nos braços. Com medo que ela não suportasse a transição e se perdesse nas tramas do manto, sem voltar para sua Aventura, sem tampouco permanecer presa à terra material, perambulando sem prazo de expiração. Contudo, lembrando onde estava, no compartimento de carga e pessoal de um Urutu semi-destruído do Exército, com Jó presente e ainda mais com Eliana aguardando à porta para que fugissem dali, não teve outra opção que não livrar Cynthia de seus braços. Ela não era sua amante. Ela não era sua posse. Era, por enquanto, uma mortal, que tornar-se-ia sua descendente na árvore da morte da existência escura. Tiago suspirou fundo, como se toneladas de prata saíssem de suas costas. Cynthia, com sangue escorrendo pelos cantos dos lábios, mantinha-se imóvel, pétrea.

— Vá meu filho. Leve a nova irmã com vocês.

Tiago desceu, arrastando a ainda mortal pelo chão do Urutu. O vestido negro e os cabelos da garota estavam empapados no próprio sangue. Tiago tomou-a nos braços e afundou as botas na camada cada vez maior de neve.

— Siga os outros. Saberão quando chegarem à minha nova morada. Tiago viu os últimos vampiros que já tinham passado pelo Urutu entrando na avenida Cruzeiro do Sul.

— O senhor não vem?

— Ainda não.

— Ficarão sozinho com os homens do Exército? Eles têm armas muito diferentes desde a última vez que os enfrentou, creio que, em Portugal.

— Ah! Ah! Ah! Não tema por minha integridade, filho meu. Estamos rodeados de cadáveres. Cada um deles às voltas com sua própria Aventura.

— Eles mandarão mais. Brites nunca desiste. Ele quer o couro de todos nós.

— Não se preocupe mais com esse que chama de Brites. Ele mesmo não sabe onde está neste momento. Amar um vampiro é jogar-se num labirinto. Ele não há de encontrar minotauro algum para enfrentar, mas tampouco encontrará saída ou a filha do rei.

— Eles virão em maior número, senhor. Eles não deixarão que se imponha.

Jó suspirou.

— Vá, filho meu. Antes de seguir para o meu castelo, tenho uma promessa para cumprir. Não me importa quantas vezes eles tentem nem em quantos deles venham ao meu encontro. Eu sou Jó e repelirei cada ataque e castigarei cada tentativa de invadirem meu condado.

Tiago sorriu.

— Por que ri de minhas palavras?

— Estou rindo da palavra promessa brindando novamente meus ouvidos.

— Como pode rir se desconhece o que devo honrar?

— Nesta história, os vampiros sempre têm promessas. Esta fábula das sombras nunca se encerrará. Sempre haverá uma promessa a ser cumprida. A honra de um vampiro parece mais preciosa que o sangue que bebemos.

Foi a vez de Jó retribuir o sorriso.

— Fui acolhido por seres que você não entende nem nunca viu. São os guardiões de Gaia. São guerreiros da Mãe Terra. Eles me protegeram e, mais que isso, me guardaram e alimentaram por séculos. Tudo para que meu poder se revelasse e eu punisse os humanos tanto pelos maltratos contra os meus filhos e irmãos quanto também pela doença do mais querer, que assola e consome a Mãe Terra.

Já era tempo de Jó ser despertado, tardasse mais, não haveria o que fazer nem mesmo a quem punir.

Tiago anuiu sem ter entendido o vampiro por completo. Olhou para Eliana que aguardava ao seu lado.

— Cuidado com as balas de prata, senhor.

— Nem prata nem ouro nem estaca afligirão minha figura. O alvo que eles têm

diante os olhos é algo que não podem destruir. Segue em paz, chega de conversa. Deixe-me com meus afazeres.

— Fica em paz - disse Eliana.

Jó novamente sorriu. Sabia que muito trabalho teria para que a paz voltasse a reinar no território que chamava de “seu condado”.

Eliana e Tiago, com a mortal em transição nos braços, rumaram pela neve, tendo de se esforçar mais que o comum para caminhar. As botas negras afundavam coisa de vinte centímetros na neve, provocando uma marcha mais lenta.

A mulher, ainda enciumada, olhou para a mortal. Depois olhou para o céu. As nuvens grossas e relampejantes formavam um corredor. A névoa que circundava as ruas parecia as paredes de um túnel. Eliana sabia que qualquer criatura, humana ou vampiro, poderia se perder caso adentrasse aquelas paredes enevoadas. Jó tinha construído algo fabuloso.

CAPÍTULO 89

Leonardo e sua matilha ainda em estado de lobos caminhavam lentamente pela neve. Seus dorsos longos, largos e cobertos de pelos escuros agora tinham também uma capa branca, emprestando-lhes um ar dos ancestrais lobos europeus que viviam e caçavam também no inverno, nas pradarias tomadas pelos flocos brancos das nevascas. Os vampiros que iam mais atrás, ainda desacostumados com lobos entre eles, olhavam com grande interesse e certa admiração. Eram belos os lobos e o seu caminhar animal. Eram robustos e assustadores. Poucas coisas pareciam assustadoras a um vampiro. Poucas. Os lobisomens, estes sim, davam medo.

Yuli ia um pouco à parte dos semelhantes. Confiante, passadas largas, sentindo a neve gelada nas patas. Observava a fila de andarilhos. Afastou-se ainda mais para o lado direito da avenida Cruzeiro do Sul. Avançavam quadra após quadra de caminho deserto. Àquela hora a cidade já estava acordada, ao menos fora do condado estabelecido pelo vampiro Jó. Seus olhos aguçados eventualmente viam pessoas atrás das cortinas, espreitando dentro dos apartamentos submersos na escuridão sobrenatural. Mais um quarteirão e chegariam ao entroncamento da Cruzeiro do Sul com a avenida do Estado. Não foi nenhuma imagem em especial que prendeu sua atenção. Foi um odor. Um odor em muito particular. A julgar pelo brilho chamejante em seus olhos, despertando um ódio reprimido, o tal do odor era muito, muito particular. A loba ergueu o focinho e dirigiu-se então mais para a direita ainda. O cheiro vinha dali. Cheiro dele. Do caçador. O homem que tinha tirado a vida de Marcos. O cheiro do sobretudo e da touca de lã. O cheiro do automóvel. Não tinha o cheiro do segundo sujeito registrado nas narinas, mas sabia, eram os caçadores. Eram os assassinos. Yuli olhou para trás. A matilha avançava. A loba ergueu a cabeça e soltou um uivo longo chamando a atenção do bando e de alguns dos vampiros na procissão.

Coisa de meia hora atrás eles chegaram ao primeiro bloqueio militar na marginal Tietê. Os veículos civis não podiam seguir em frente.

— Não esquenta, Tobia, sei como avançar mais. Pelo menos vamos estar

próximos ao estádio da Portuguesa.

— Então toca. Vamos ter muito serviço para fazer. Aposto tudo que muitos deles tentarão fugir pelas ruas da vizinhança quando o sol estiver para se levantar.

Dimitri coçou a cabeça esfregando a toca de lã negra.

— Ou então... - completou Tobia. - Pode surgir algum bando, querendo distrair os militares. De um jeito ou de outro, nossas armas serão úteis nesta luta.

Dimitri desviou o caminho e, conhecendo as ruelas da região, conseguiu avançar mais. Quando chegaram perto da avenida Cruzeiro do Sul, notaram patrulhas cada vez mais constantes. Dimitri pediu que Tobia descesse do carro e juntos caminharam até uma das esquinas da avenida.

— Não vamos conseguir chegar mais perto do que isso, Tobia. Exceto que você queria entrar em combate contra os militares antes de chegar aos vampiros.

Tobia tirou o sobretudo deixando sua armadura prateada à mostra.

— Vamos aguardar aqui.

— Você quem sabe.

E assim passaram a última meia hora, impacientes, percebendo a manhã se aproximar e resignando-se com a tocaia mal elaborada. Teriam de aguardar um novo evento para conseguir deitar as armas sobre alguns vampiros.

Quando o Matador de Osasco deu a partida em seu potente Comodoro, Tobia percebeu a névoa surgindo na esquina da avenida e em poucos segundos envolvendo todo o quarteirão.

— Olha isso! - Exclamou. Dimitri baixou o vidro do veículo.

— Hum. Parece coisa enfeitiçada, daquelas coisas escritas no livro dos seus antepassados.

Tobia também abriu o vidro da porta.

— Olha. Essa neblina... Está subindo até o céu... Parece que está cobrindo tudo.

Dimitri desceu do veículo e caminhou pela calçada. Nunca tinha assistido nada igual. Era como se a névoa tivesse vida própria. Quando chegou à esquina, não se importou com as patrulhas. Estivessem onde estivessem, os militares também estariam com os queixos caídos. Virou-se para trás para chamar Tobia e um arrepio

cruzou seu corpo. Não via mais o Comodoro. Não via dois palmos diante do nariz em linha reta. Somente para cima ainda conseguia ver alguma coisa. Vários pontos onde a névoa subia para as alturas. A luminosidade da alvorada que dera o ar da graça perdeu toda a força e em questão de mais alguns segundos a aurora desapareceu dando vez a uma noite artificial, provocada por aquele inesperado fenômeno.

— Dimitri! - Gritou Tobia, distante.

— Aqui. Estou na esquina!

Demorou até que a silhueta do caçador de vampiros surgisse do meio da bruma.

— Aqui - tornou Matador. Tobia finalmente enxergou Dimitri.

— Não dá pra ver nada.

— Sem chance conseguir pegar algum vampiro no meio dessa neblina. Eles enxergam muito melhor que a gente.

Tobia concordou.

— O sol também já despontou. Acho...

Dimitri não concluiu a frase quando ouviu o som das metralhadoras vindo do estádio. Os soldados estavam abrindo fogo contra o inimigo. Inimigo, neste caso, significava vampiro.

— Vamos até lá? - Indagou Tobia.

— Negativo. O terreno não está propício. Com essa neblina podemos ser confundidos com os noturnos e vai acabar sobrando bala pro nosso couro.

Uma explosão.

— Conheço isso! - Tornou Dimitri. - Foi um disparo de míssil portátil! O negócio tá feio.

— Qual é sua brilhante ideia dessa vez?

Dimitri sorriu engolindo o sarcasmo na voz do parceiro.

— Vamos esperar, meu irmão. Vamos esperar. Se algum noturno der guelo aqui perto do Comodoro, a gente abate.

Aguardando, o tempo passou. Não demorou muito para perceberem os

primeiros flocos de neve quando começaram a precipitar do firmamento, passando de um episódio cheio de beleza a uma inesperada nevasca, obrigando Matador e Tobia a correr para o carro. A visibilidade tinha melhorado naquele instante. Olhando pelo retrovisor, dava para notar que a neblina tinha recuado, ficando mais distante agora do primeiro quarteirão colado à avenida Cruzeiro do Sul.

— Vamos embora, caçador. Hoje o tempo não está para vampiros.

— Calma. Pressinto que eles virão. Vamos nos deparar com aqueles que tanto queremos.

— Não gosto disso, Tobia. Estamos caindo dentro de uma arapuca. Primeiro as cortinas de neblina, agora nevasca. Não há luz do sol. Já o suficiente para saber que o Exército está perdendo o controle lá dentro. Estamos parados, no meio de uma nevasca que nunca vi, reagindo ao que acontece. Não teremos domínio sobre o que há de vir.

— Aguardemos - ordenou o caçador. - Se eles escaparem do Exército, não escaparão de nós.

Dimitri coçou a cabeça. Não era assim que estava acostumado a trabalhar. Primeiro analisava toda a situação, examinava os inimigos, então dava uma boa olhada na área de confronto e escolhia como tudo ia acontecer. Detestava estar assim, à revelia, nas mãos do destino. Contendas iniciadas dessa forma não costumavam acabar bem.

— Liga o limpador de para-brisa. Não dá pra ver nada - reclamou o homem na armadura de prata.

Dimitri acionou o mecanismo, removendo o gelo do vidro. Pouco podiam enxergar. A escuridão não era absoluta, mas com neve despencando e aquela neblina intermitente pouco conseguiam ver do lado de fora.

— Olha as nuvens - murmurou baixinho Tobia.

Dimitri aproximou o rosto do para-brisa e olhou para cima. As nuvens enrolavam-se sobre um eixo imaginário, cruzando o céu lentamente. Eram plúmbeas e carregadas, de seus miolos escapavam chispas, relâmpagos que não riscavam o céu, mas espocavam dentro do vapor, como sementes de eletricidade prestes a explodir e ganhar vida.

— Não estou gostando nada nada disto aqui - reclamou Dimitri. - O bom guerreiro tem que saber a hora de se retirar, meu amigo. Isso faz parte das aulas que estou te dando.

— Hoje o professor fica calado. Quero entender o que está acontecendo. Isso é uma coisa que não vemos todo dia, não senhor. Não vou enfiar meu rabo entre as pernas e esperar o que vai sair nos telejornais. Quero ser testemunha viva dos fatos.

Dimitri deu de ombros, respirou fundo e soltou a chave que estava em seus dedos, pronta para girar no contato do Comodoro. Matador estalou os dedos. Algo lhe dizia que as coisas não iam bem. Normalmente seu instinto, que o salvara uma dúzia de vezes, não se enganava. Era um tipo de sentido aranha do mal, que alertava o assassino. Era como ter uma prancheta com um *checklist* bem à sua frente. Quando não ficava mais de três itens, hum, melhor deixar a ação para outra hora. Raramente ignorava esse sentimento.

Yuli começou a correr até a esquina. O cheiro dele ficava mais forte. Era o cheiro da touca de lã e do sobretudo do homem que tinha disparado sete tiros de prata contra Marcos. O outro tinha lhe arrancado a cabeça. Esse outro era Tobia. Tiago tinha contado. O caçador com armadura de prata que tinha também decapitado o lendário Sétimo. Quando a loba freou, afoita, suas patas derraparam na neve. Seus olhos brilhando vermelhos fitaram o carro negro. O carro que perseguira ela e o namorado pelas ruas de Osasco, culminando com o acidente e o assassinato de Marcos.

Dimitri cutucou Tobia quando ouviu o uivo. Sabia o que era aquilo. Um dos lupinos. Talvez ainda aquela que escapara de seus tiros no bairro de Presidente Altino. O olhar nervoso de Tobia mostrava que estava certo.

— São lobisomens! - Gritou o caçador. - Acione o limpador de novo.

Dimitri acionou a alavanca do limpa-vidro. Nada. O mecanismo ou tinha pifado por conta do frio ou queimado por não suportar mover tanta neve que tinha se acumulado.

Yuli rosnou enfurecida. Não havia carro negro ali naquela rua. Ele estava sob a neve. Logo à primeira vista enxergou onze carros parados, encobertos pelo tapete branco, imitando paisagens do inverno rigoroso de New Jersey, Londres e Moscou. Enquanto a loba adiantava-se e farejava, surgia às suas costas mais três lupinos. Leonardo aguardou mais afastado, ainda no trilho da avenida por onde a procissão de vampiros seguia.

A vampira loba avançou pela rua estreita. Não gastou mais tempo procurando. O cheiro ia ficando forte conforme se aproximava do terceiro carro à sua esquerda. O ódio reacendido em seu coração foi predominante, privando-a de qualquer

pensamento lógico ou racional. Yuli começou a galopar ao encontro do veículo.

De dentro do carro, Dimitri viu quando a loba surgiu na esquina.

— Prepara tua arma! - Ordenou para Tobia. - Tem um lobisomem vindo.

— É um filho de Afonso, só pode. São mais fracos que o pai.

Dimitri tombou a cabeça para o lado quando Yuli colocou-se de pé e emitiu outro rosnado.

— Não tá me parecendo mais fraco coisa nenhuma. É um lobisomem e pronto e acabou.

Dimitri levou a mão à pistola em seu coldre e rapidamente engatilhou-a, deixando-a pronta para estourar o crânio da criatura, desceria e apontaria para o lobo, mas o monstro começou um galope em direção ao veículo. Aquilo despertou os sentidos do Matador.

— Deve ser a fêmea, Tobia! Só pode ser - falou, enquanto girava a chave no miolo da partida.

O motor fez um barulho diferente e a ignição não se deu. Dimitri girou novamente a chave e pisou repetidas vezes no acelerador. O motor girou em falso, sem dar partida, engasgado.

— Droga! Essa nevasca. O combustível deve ter congelado ou sei lá o quê.

— Sei lá o que vai acontecer com a gente se ela nos alcançar. Ela está vindo, correndo.

— Eu estou vendo, Tobia. Estou vendo. Prepare para combater. Não vai ter outro jeito.

Foi neste instante que Matador e Tobia viram os outros lobisomens também dobrando a esquina. Eram mais três, grandes, peludos e também com os olhos irradiando aquele tenebroso brilho vermelho que colocava a maioria dos mortais para correr. No entanto, aquela dupla sabia que o medo só favorecia aqueles monstros da noite. Tinham que enfrentá-los, de igual para igual e, para tanto, não podiam deixar o medo arranhar seus corações.

Yuli corria em disparada. Sabia qual veículo atacar. Iria arrancar os dois lá de dentro. Sim, os dois. Depois do cheiro de Dimitri, tinha também encontrado o cheiro do homem de armadura, o homem que tinha passado o facão prateado no pescoço de Marcos. A loba deu mais velocidade à corrida e grunhiu, exibindo os dentes;

arrancaria o motorista com a boca, atravessando o vidro da janela e engolindo sua cabeça na primeira dentada.

Dentro do carro a dupla de caçadores respirava rapidamente, resultado da adrenalina já boiando no sangue. Armas prontas. Corações prontos para o combate.

— Ela vai te pegar.

Dimitri limpou o vidro embaçado ao seu lado o quanto pôde. Podia ver o vulto da loba vindo certa, em sua direção. Respirou fundo. Seu instinto de assassino sabia muito bem o que aquilo significava. A criatura o tinha marcado de alguma forma. Por conta dele ter disparado os tiros fatais contra seu parceiro, o lobo macho, os dentes da fêmea vinham cortantes e empapados pelo veneno da vingança.

— Ela vem te pegar! - Gritou Tobia outra vez, perdendo o controle.

— Calma, meu irmão. Calma. Ela tá virada no capeta. Quer me pegar de todo jeito. Isso vai ser bom pra gente... No começo.

Yuli saltou na direção da porta, com as patas para frente e projetando a mandíbula para atravessar o vidro. O impacto foi estrondoso. O carro todo chacoalhou. No entanto o vidro, deformado, não lançou um caco ao chão. Vidro a prova de balas o Comodoro sempre teve. Dimitri só não sabia se ele seria a prova de lobisomens.

Yuli tonta e caída, cambaleou quando colocou-se sobre as quatro patas. Balançou a cabeça repetidas vezes até a visão voltar ao normal. A boca latejava, o focinho doía e a cabeça toda parecia pulsar.

Ginho, Anelise e Mari chegaram por trás de Yuli e começaram a rosnar em direção ao Comodoro que, devido ao impacto do pesado corpo da criatura, teve sua capa de neve descortinada, revelando suas formas e sua cor negra em toda a lateral. Os lobos viam os vultos se movendo no interior do veículo. Vítimas. Seriam destroçados feito os soldados que a pouco tinham lhe apontado metralhadoras.

Dimitri respirando apressadamente, benzeu-se com o sinal da cruz sobre a testa e o peito.

— Vamos, meu irmão. É agora. Faça o que eu faço que vamos sair dessa. Assim que terminou de falar, Dimitri abriu a porta do Comodoro. Os lobos empertigaram-se. Não criam no que viam. As vítimas estavam saindo do carro para enfrentá-los.

Yuli rosnou e emitiu um grunhido feroz, andando pata ante pata, metro por

metro, esgueirando-se, com a barriga raspando a neve fria.

Dimitri fez mira. Ia ser fácil. Esses malditos lupinos eram grandes, não tinha como errar. As balas de prata deixariam feridas doloridas e tiraria ainda mais sua velocidade. Prendeu a respiração e puxou o gatilho. Sua pistola deu três trancos e as balas zuniram em direção a cabeça de Yuli.

A loba saltou para o lado. Nenhum projétil feriu seu corpo. Rosnou ainda mais enfurecida.

Tobia, também com uma pistola, tinha apontado para Ginho. Três disparos. Nenhum dano.

Uma lufada de vento cortante abateu-se sobre aquela rua, encanada pelos prédios, ganhando força e trazendo novamente o nevoeiro para as imediações do carro.

Os lobos podiam ver os destemidos mortais, mas os mortais não conseguiam mais vê-los. Uivaram.

Leonardo não se aproximou do ponto de contenda. Observava a matilha da esquina da avenida do Estado, cuidando para que nenhum outro personagem interferisse na caçada. Seus olhos de lobo acompanharam curiosos a chegada do nevoeiro que pairou sobre a rua. Leonardo ergueu o focinho para o céu. As nuvens ainda rolavam agitadas acima dos prédios e os relampejos não cessavam. Era como estar à beira de uma tempestade aprisionada e doida para cair para a terra. Era uma visão sinistra, funesta, mas, sobretudo, formidável. Era como estar trilhando por terras preparadas para receber seu ser metamórfico. Terras de lobisomens, vampiros e fantasmas. Terras assombradas.

— Agora - gritou Dimitri, sentando no banco de motorista. Matador bateu a porta do Comodoro e viu Tobia sentar ao seu lado, também batendo a porta.

— Os vidros à prova de balas vão aguentar um bocado. Não sei quanto à nossa munição.

— Munição? Você não trouxe só essas pistolas, Dimitri.

— Não trouxe. Mas o resto está no porta-malas. Quer ir lá fora passear e pegar as granadas e metralhadoras? - Perguntou o assassino, puxando uma alavanca que destravou o porta-malas. - Já está aberto. Hehehe!

Tobia pressionou os lábios quando o Comodoro foi bombardeado outra vez, agora com um lobo jogando-se contra o vidro do passageiro esquerdo traseiro.

— Eu tenho certeza que acertei aquele danado - reclamou Tobia.

— Hum. Não estranho sua indignação. A loba tava bem na mira. Eu disparei três vezes. Desta distância nem o capeta desvia.

— Tá frio demais, Dimitri. Não estou conseguindo nem estender o braço direito.

— Então vamos esquentar esse braço meu amigo. Se não quiser virar ração de lobo, dá um jeito de acertar na próxima. Agora!

Vendo que os lobos tinham se afastado alguns metros para reorganizar o ataque, Dimitri não pôde se dar ao luxo de desperdiçar a brecha. Ordenou que novamente abrissem fogo.

Abriu a porta do Comodoro e estendeu o braço mais uma vez. Novamente o frio insuportável queimou sua face, e uma nova ventania investiu contra a dupla de caçadores, enchendo a barba por fazer de ambos com flocos finos de neve que aderiram à pele e aos pelos. Segundos preciosos foram perdidos. A nevasca se intensificou. Os lobos estavam agora com uma camuflagem inesperada. A neve estava cobrindo totalmente suas pelagens e deixando as criaturas mimetizadas ao branco ártico inusitado que recobria aquela travessa da avenida do Estado.

Dimitri disparou contra os olhos vermelhos que brilhavam e corriam em sua direção. Ecoando com os disparos de Tobia. Após os três novos disparos, mais uma vez Matador deu um berro para que se recolhessem dentro do Comodoro.

Tobia bateu a porta. Seus braços tremiam, igualmente suas pernas. Estava congelando.

— Não tem como você ligar o aquecedor?

— Não consigo dar a partida, seu estúpido! Como acha que vou fazer funcionar o aquecedor para a madame?

No final da frase, antes que Tobia pudesse retribuir os galanteios, um monstro branco bateu contra o vidro de Dimitri mais uma vez. Agora parte da lâmina à prova de balas dobrou-se para dentro e uma fenda foi feita na blindagem. Decididamente não era um Comodoro à prova de lobisomens.

Com a fenda, um vento cortante invadiu a cabine do carro, fazendo que ambos tremessem ainda mais.

— Quantos graus tá lá fora? - Perguntou Dimitri.

— Pergunta pra sua mãe! Ela deve saber te informar - retrucou Tobia, aproveitando a deixa para retribuir as respostas ásperas de Matador.

— Agora! - Berrou Dimitri.

Mais uma vez ambos lançaram as mãos às travas das portas e empurraram para sair.

Desta feita, o vento tinha aumentado tanto que Tobia teve dificuldade de abrir e manter a porta aberta para erguer o corpo. As articulações, acusando o congelamento iminente, doíam de forma insuportável, fazendo o homem vomitar gemidos involuntários enquanto erguia a pistola, com a mão trêmula, sem conseguir fazer mira. Disparou três vezes contra vultos brancos que se moviam a coisa de seis metros de distância. Esperou Dimitri efetuar seus disparos, mas o frio era tão avassalador que até sua mente estava turvando. Dimitri não tinha saído!

Dentro do Comodoro, Dimitri batia o ombro contra a porta. O último ataque do lobo tinha, além de fendido o vidro, também entortado as barras e a lataria da porta, danificando-a a ponto de não ser possível abri-la. Pensava em pular para o banco de trás para dar cobertura a Tobia, quando o carro balançou de novo e o caçador de armadura prateada soltou um grito de horror. Dimitri virou-se. Tobia não estava mais lá. Pulava para o banco do passageiro para sair pela mesma porta quando uma bocarra gigantesca adentrou o veículo e rosnou repetidas vezes, avançando com dentes aguçados para cima de seu braço. Dimitri retomou o banco do motorista e desferiu potentes chutes com a sola da bota contra o focinho da criatura. Quando ergueu o braço para disparar, não tinha mais fera alguma ali na porta. Saltou corajosamente para o banco de Tobia e projetou-se para fora do veículo. O vento. O vento aumentava. O frio aumentava. A temperatura era algo absurdo. Colocou as mãos em concha, protegendo os olhos, com a pistola na altura de sua testa. Não via lobo algum. Na esquina viu uma fileira de pessoas andando. Pessoas em fila, como numa procissão religiosa, subindo a avenida. Soube num instante. Não eram pessoas. Eram vampiros. Vampiros se retirando do estádio, protegidos pela neve e pela bruma viva. Ouvindo um uivo voltou a olhar para o lado do carro. Tudo era um branco insuportável. Caminhou com dificuldade, seus coturnos afundavam até o meio da canela. Dimitri engoliu em seco. Finalmente encontrou uma pista. A natureza de seu trabalho não lhe dava o luxo de ter amigos, mas ver uma trilha vermelha sobre a neve, denunciando sangue derramado, lhe afligiu naquele instante. Tobia estava ferido e os lobos estavam com ele. Sabia que aquilo era tática manjada. O grupo inimigo, organizado, leva um membro do time adversário. Na ânsia de salvar o membro do time, a guarda da vítima era baixada. A vítima, no caso, era ele próprio. Por conta disso, Dimitri baixou sua touca, uma escaramuça de lã,

que pouco protegia-lhe do frio, mas sempre lhe dava um ar assustador quando entrava em ação. Deixou a arma apontada para a frente e caminhou pé ante pé sobre a trilha de sangue. Pediu a Deus que desse tempo de fazer alguma coisa pelo parceiro. Quando alcançou a traseira do veículo, a trilha continuava. Dimitri virou-se para o porta-malas e tirou de lá o lança-granadas carregado, mais duas metralhadoras que pendurou no pescoço. As metralhadoras também vinham com a benção das balas de prata. Talvez conseguisse tirar ambos daquela enrascada. Já tinha vivido tantas... Mas nenhuma tão espetacular.

Tobia rolou na neve novamente. Seu ombro, abocanhado por uma das feras, doía de forma insuportável. Cada rajada de vento parecia uma agulha de ferro entrando pela ferida aberta. Só não teve o ombro e braço amputados pelo monstro por conta de sua armadura de prata. Quando a mandíbula do monstro fechou-se sobre sua carne, a afiada lança presa em seu ombro certamente queimou o céu da boca da criatura, que afastou-se rosnando e ganindo. Agora tinha conseguido ficar em pé, mas tinha perdido sua pistola. Viu os lobos alvos movendo-se contra a neve, passando em frente a outros carros cobertos completamente pelo gelo. Sua visão turvava de segundo em segundo. Teria que se virar até Dimitri chegar e abrir caminho a bala para fugirem daquela geleira mortal recheada de vampiros e lobisomens famintos. Puxou o facão de prata da bainha. Seriam sua defesa. Seu facão de prata e sua armadura.

Tobia ouviu um rosnado às suas costas. Girou apressado e ergueu a lâmina afiada. Um lobo imenso colocou-se de pé à sua frente, erguendo-se e derrubando parte da neve que recobria sua pelagem. Tobia não perdeu tempo e investiu contra a criatura. A neve deixou-o lento. Lento o suficiente para apenas raspar a lâmina nas costelas da fera que urrou de dor, enquanto a loba Anelise aproveitou-se da distração de Tobia e jogou-se contra as costas do caçador, como um ariete de carne e osso.

Tobia voou dez metros e depois deslizou sobre a neve até bater o ombro ferido contra a guia. A dor só não foi maior porque a guia também estava envolta pelo gelo, diminuindo o impacto. Antes que conseguisse ficar em pé mais uma vez, Yuli aproximou-se e, vendo a armadura prateada, desferiu um golpe lateral com a pata, deixando as garras afiadas atingirem o rosto descoberto do caçador. Tobia soltou um grito de dor e o sangue lavou o que restou de suas bochechas. Mari aproximou-se e também contribuiu com o martírio do último Tobia na face da terra. A loba colocou-se sobre duas patas e fechou as garras, descendo com toda a velocidade e força, desferindo golpes sobre o peito prateado do caçador. A prata mística não amassou contra o golpe da vampira loba, mas Tobia acusou o impacto, cuspidando sangue. Ginho, com a costela ferida, aproximou-se furioso, mordeu o coturno de Tobia até os

ossos estalarem e outro urro escapar da boca do homem. Ginho colocou-se de pé e girou rapidamente, mantendo Tobia preso às suas presas e lançando-o a metros de distância. O caçador bateu contra o muro do beco onde fora cercado pelos lobisomens e caiu desmaiado, com o pescoço retorcido e a respiração entrecortada. Os lobos, vendo a vitória chegando, sem poder regalar-se com o banquete por conta da couraça prateada, abaixaram-se na neve e esconderam-se em cantos escuros, esperando a pelagem uma vez mais ser recoberta pelo branco e o mimetismo tecer uma nova armadilha para o caçador que ainda restava perambulando por aquelas ruas. A trilha de sangue o traria até o moribundo caçador. A trilha de sangue selaria o destino de mais um inimigo de vampiros.

Dimitri chegou ao beco escuro. Examinou detidamente o caminho. A nevasca não dava trégua, turvando seus olhos desacostumados a um frio tão severo, tirando parte de sua maior habilidade, a observação. Contudo não precisava ser um *expert* em assassinios e tocaias para compreender que aquele beco era o cenário perfeito para uma emboscada. Dimitri tentou arrastar as botas lateralmente, como sempre fazia; no entanto, o volume de neve era tamanho que tornava esgueirar-se discretamente uma tarefa impossível. Seria tão discreto quanto um hipopótamo correndo na beira de um rio. Seus olhos procuraram pelos inimigos. Encontrou dois deles. Faltavam dois. Não iria atirar antes de encontrar os dois restantes. Seus olhos encontraram outra coisa quando moveu-se dois metros para o lado. Tobia. Imóvel. Temerosamente imóvel. Sua armadura já estava completamente coberta pela neve. Não conseguia perceber se respirava ou não. Tanta neve sobre o corpo revelava bastante tempo de imobilidade. Ninguém vivo ficaria imóvel na presença de lobisomens. Eles tinham conseguido. Tinham acabado com o caçador. O último Tobia na face da terra. O último de uma linhagem centenária. Dimitri era durão mas era difícil não se comover. Tinha que ser sensato agora. Se Tobia estivesse mesmo morto, de que adiantaria ir até o final daquele beco? Para que arriscar o pescoço por um cadáver? Tremendo, de frio, não de medo, Dimitri respirou fundo. Seus pulmões doíam a cada inspiração mais prolongada.

— Merda de trabalho! Cara filho da mãe... Isso que dá se envolver com gente que não é do ramo - praguejou Dimitri, avançando dois passos com a arma apontada para a frente.

Um olho vigiando os lobos imóveis próximos a um carro a coisa de quinze metros. O outro olho procurando os outros dois lobos que faltavam no cenário.

Eventualmente Dimitri levantava a pistola para cima, acompanhando com a cabeça e a visão. O beco era perfeito para ele ser cercado e trucidado. Casas térreas, galpões baixos. Tudo para facilitar o movimento e o esconderijo dos

inimigos. Dimitri experimentava a mesma sensação que um cara experimentaria entrando numa piscina, com um bife de picanha enrolado e amarrado no peru. Detalhe, essa piscina está cheia de piranhas, loucas pelo cheiro do sangue. Talvez por conta dessa sensação paralela, Dimitri andasse tão devagar, mesmo sentindo espasmos nas pernas e nos braços, mesmo sabendo que algo de ruim já acontecia em seus pulmões, posto que num ciclo de poucos segundos a respiração falhava e parecia já não existir oxigênio suficiente na atmosfera para manter seu corpo e mente trabalhando corretamente. Tanto era verdade o que dizia que estava ali, indo em busca de ajudar um suposto cadáver. Indo em busca de salvar um morto. Inspirou fundo e gemeu. Caminhou mais quatro passos. Estacou. O terceiro lobo. Abaixado, quase invisível de tanta neve sobre seus pelos, perigosamente pronto para saltar e disparar ao seu encontro, imóvel, junto a latões de lixo, parecendo meramente outro acúmulo de gelo.

— Merda! Merda! Deixa o homem de lata aí. Eles vão fazer picado de você, Dimitri, cabeça de vento - disse a si mesmo.

Mais dois passos.

Yuli tinha agora o maldito assassino de Marcos sob seus olhos, aproximando-se heróica e idiotamente cada vez mais e mais de suas presas e de suas unhas ferinas. Iria desfiá-lo antes de devorá-lo.

Dimitri ergueu mais a arma. O frio já chegava ao cerne de seus ossos. Quando deu mais dois passos, ouviu Tobia tossir. Uma golfada de sangue escapou da boca do caçador, manchando a neve que recobria seu pescoço e o resto da armadura. Estava vivo o filho da mãe. Por quanto tempo?

Difícil precisar. Minutos, certamente. Dimitri andou mais. Agora as manchas brancas se moviam devagar, formando o cerco. Tarde demais para recuar. O bom é que teve uma ideia maluca, daquelas, para tirar os dois dali. Matador baixou a pistola. A primeira ideia não era uma das estupendas, mas deixaria ele mais perto do amigo. Ergueu o lança-granadas e disparou onde dois lobos estavam. O petardo caiu entre os dois lupinos. A explosão do lança-granadas foi o que mais chamou a atenção, o suficiente para ouriçar toda a alcateia. Então a segunda explosão aconteceu, lançando estilhaços e chamas para todos os lados, derrubando Mari e Anelise, feridas, ganindo. Dimitri disparou contra o lobo que vinha à sua frente outra granada. O lupino desviou-se com agilidade, mas a explosão do dispositivo também conseguiu jogá-lo para o lado. Dimitri correu e alcançou Tobia.

— Cara, vamos sair daqui - disse, estendendo a mão para o caçador moribundo.

Tobia cuspiu mais sangue e tentou sorrir.

— Estou no fim da jornada, meu amigo. Vou viver minha Aventura.

— Vixe essa coisa depois. Levanta e vamos embora.

— Não consigo levantar. O lobo destruiu meu pé. Não consigo nem mover as pernas, meu pescoço está travado... Acho que saíu do lugar. Minha hora chegou.

— Sempre pessimista. Vem, eu te levo.

Dimitri abaixou-se para puxar Tobia e colocá-lo no ombro, mas parou assim que o homem urrou de dor.

— Vai buscar uma ambulância. Eu aguento firme.

Dimitri olhou para os lobos. As granadas não lançavam estilhaços de prata. Três cambaleavam enquanto o quarto tinha sumido de sua vista. Logo as feridas estariam regeneradas e partiriam para novos ataques. Cogitou disparar outra bomba agora. Deixando aquele trio ainda mais machucado. Ainda não tinha desenhado um plano de fuga. Cada granada tinha passado a valer ouro.

— Estou com frio, meu amigo. Corre e não demora trazer uma ambulância.

— Para de falar asneiras. Eu sei muito bem que você só quer me ver dando o fora daqui. Sabe que não tem tempo para ambulância, nenhuma. Ou vai morrer de frio ou comido ou de hemorragia. Não tem jeito. Só sairá vivo se sair comigo.

Dimitri falava enquanto seus olhos buscavam os lobos. Estavam em segurança por mais alguns segundos.

— Amigo. Segura minha mão.

— Que isso? Não é só porque você tá morrendo que vou virar fruta, cara. Pode esquecer.

— Não é isso, seu besta - retrucou Tobia. - Só quero que me faça uma promessa e que selemos um acordo.

Dimitri baixou os olhos para o amigo. Só agora percebia quão pálido ele estava. O sangue começava a faltar em suas artérias.

— Prometa que mesmo em minha ausência vai continuar a combatê-los.

— Tá. Prometido. Agora vamos tentar levantar mais uma vez. Se eu te colocar nos meus ombros, tiro a gente daqui.

— Não é assim, como se promettesse uma coisa qualquer. Olha nos meus olhos. Prometa que vai continuar.

Dimitri parou um instante. Os três lobos feridos estavam de pé e vinham lentamente para perto deles, unidos.

— Prometo. Já falei que prometo.

— Prometa que será um Tobia e que meu nome não desaparecerá. Os vampiros do Rio D'ouro sempre temeram um Tobia. Continue minha linhagem.

Dimitri ficou calado desta feita. Era um tanto demais. Responsabilidade demais. Ele não era um Tobia coisíssima nenhuma.

— Tudo bem, cara. Prometo. Vou continuar seu trabalho.

Tobia parou o esforço para olhar para Dimitri e descansou a cabeça na neve.

Seus olhos ficaram fixos. Ele tossiu mais uma vez, expelindo mais sangue.

— Prometa, amigo. De coração - disse por fim.

Tobia emitiu um suspiro longo e então seu corpo parou. Seu coração não batia mais.

Dimitri ficou estático por um segundo. Assistir à passagem daquele homem era algo de inacreditável. Logo ele, um assassino profissional que trouxera a morte para tantos, que assistira a verdadeiras carnificinas e julgava-se completamente isento de emoção a respeito desse processo natural e inevitável que é deixar de viver. Sentia-se até certo ponto culpado pela morte de Tobia. Se tivesse conseguido abrir a porta, disparar e voltar para o carro, talvez o ex-empresário do mundo da informática tivesse tido outra sorte naquela manhã. Olhou mais uma vez para o rosto agora cinzento de Tobia. O amigo jamais levantaria dali com as próprias pernas. Não o deixaria ali para ser comido pelas bestas em forma de lobos. Dimitri ergueu o lança-granadas, puxou o engate para trás e mirou no trio de lobos. Assim que puxou o gatilho, a arma desapareceu de suas mãos, sendo arrancada por um patada feroz, efetuando um disparo sem pontaria. Dimitri caiu sentado. Era ela. A loba. Ela caminhou rente ao chão e rugiu em sua cara, colocando as patas em seus braços, impedindo que levantasse as mãos. Dimitri engoliu em seco. Enquanto o lança-granadas explodia, expelindo mais um projétil e fazendo os lobos pularem para os lados, tentando fugir da granada. Somente a grande loba continuava ali, rugindo e aproximando os dentes de sua face. Ela parecia saborear cada segundo. Então o artefato explodiu. Dimitri sentiu o deslocamento de ar e um fragmento passando a poucos centímetros de seu rosto coberto pela escaramuça de lã. A loba ganiu e levantou-se sobre duas patas. Ato reflexo, Dimitri enfiou o solado dos coturnos no ventre da criatura, derrubando-a para trás. Levantou-se procurando as armas. A nevasca constante tinha coberto seu arsenal. Enfiou a mão com luvas sobre as

camadas de gelo e foi Tateando. Tinham que estar ali, não tinha saído do lado do cadáver de Tobia. Outro lobo pulou em sua direção, obrigando Dimitri a rolar para trás. Ao menos a adrenalina e os movimentos constantes estavam aquecendo seu corpo. Não morreria congelado até que a luta acabasse. O lobo derrapou na neve, mas recuperou rapidamente o controle das patas e voltou a correr em seu encalço. Dimitri chegou ao fim do beco, sem ter para onde correr ou arma para empunhar. Estava num beco sem saída? Decididamente não. Não existiam becos sem saída para aquele profissional da morte. Tudo era uma questão de perspectiva. Virando-se para trás encontraria a saída, mas o grande problema é que a saída, neste caso, implicava em cruzar com os quatro demônios cobertos de gelo. Os quatro lobos, brancos, de bocas arreganhadas, aproximavam-se lentamente, garantindo que desta vez a vítima não escapasse do cerco. Tinha durado bastante aquele homem. Normalmente acabavam com a vítima na primeira investida. Talvez porque ele não exalasse o delicioso e encantador aroma do medo, diminuísse o efeito e presteza do ataque da matilha. Yuli rugiu selvagem. Já tinha deitado o torso na neve, preparando um bote ferino e certo quando uma sombra saltou de cima de um galpão e interpôs entre ela e o assassino de Marcos.

— Chega! - Gritou o novo personagem.

Os lobos rugiram ferozes, ameaçadores. Quem era aquele que dava ordens a uma matilha carniceira?

Só Yuli não rosnou. Ficou parada, tomada de surpresa. Era ele! O soldado Diego! Aquele que morrera no seu colo sem suportar os ferimentos por conta da queda do ônibus do Serviço de Contenção no penhasco. O soldado que beijara na boca em seus instantes finais e que lograra escapar com ela do campo de futebol instantes atrás.

Diego não tinha seguido a procissão de mortos. Tinha ficado. Queria ficar com a oriental, mesmo que em forma de loba.

— Chega, Yuli. Basta de mortes - pediu Diego, olhando a criatura nos olhos.

Leonardo, o líder da matilha, chegava agora ao beco, aproximando-se lentamente e ouvindo a voz do rapaz. Yuli aproximou-se de Diego.

O vampiro, sem medo, sabendo que aquela loba era quem buscava, passou a mão sobre o pelo de sua cabeça.

O trio de lobos rosnou enfurecido vendo a aproximação intrusa do rapaz. Avançaram rosnando contra o soldado.

Yuli virou-se selvagem e rugiu de modo ameaçador. Ginho, Anelise e Mari

entenderam o recado de pronto, baixando as orelhas e encolhendo os rabos entre as pernas. Yuli queria o vampiro.

De forma surpreendente, a matilha se retirou, abandonando o alvo. Yuli deu as costas a Dimitri e seguiu Diego, que continuava afagando sua pelagem.

Dimitri fechou os olhos e suspirou aliviado. Levantou a máscara de lã e olhou para o cadáver do amigo.

— Não dava para você ter aguentado mais um pouquinho, cabeçudo?

Leonardo, ainda ressentido do tiro de prata, viu sua matilha passar e fitou o humano no fim do corredor. Hoje o dia tinha sido cheio. Cheio de sangue e de carne entre seus dentes. O humano tinha passado maus bocados. O lobo soltou uma expiração pronunciada pelo focinho e também deu as costas para Dimitri. Alguns dias são da caça e também do caçador.

Matador, vendo os grandes lobos de costas, fez menção de procurar as metralhadoras com balas e prata, mas logo desistiu. Ele tinha sido poupado. Tinha sido salvo por um vampiro que jamais tinha visto antes. De que adiantaria erguer novas armas naquele momento? Já teria trabalho suficiente arrastando Tobias para fora daquele cemitério glacial. Dimitri levantou-se e, com esforço sobre-humano, colocou o defunto sobre os ombros. Começou uma caminhada dura e penosa, afundando os coturnos na espessa capa de neve e andando vagarosamente em direção à marginal Tietê. Bem que queria cruzar com uma daquelas patrulhas agora para escapar com vida daquele inferno branco e congelador.

CAPÍTULO 90

Jó cumpriu sua promessa aos guardiões. Fez que um grupo deles se materializasse no campo de futebol semi-destruído. Cerca de quatorze daqueles estranhos protetores da Mãe Terra surgiram no gramado. Seus olhos com membranas piscaram, olhando para o céu carregado de nuvens e para as paredes de névoa que iam do lado de fora. Jó andou até o meio deles.

— Vão, filhos de Gaia. Façam o que têm de fazer. Tomem o entorno do condado e garanto que nos arredores estarão sempre, sempre protegidos.

Os pequenos curupiras espalharam-se, cada qual tomando um destino. Ligeiros, corriam como salamandras, perdendo-se na neblina, desaparecendo do Canindé.

O primeiro deles reapareceu numa praça de chão gramado. Ele não sabia o que representava aquela estátua. Já tinha visto aparelhos semelhantes àquele sobrevoando a mata onde habitava até instantes atrás. Não sabia quem era Santos Dummont ou o que era o Quatorze Bis. Ele só sabia que tinha que reparar o erro. Tinha que ser o oposto do que eles faziam. Eles roubavam energia da mãe Gaia. Eles não se importavam e se alastravam como doença fazendo o cinza ganhar espaço, fazendo aquele chão negro ser mais importante que o chão vivo. Era hora de reverter. Seriam eles, os guardiões de Gaia, como uma doença desta feita. Eles esparramariam a vida e roubariam espaço do monstro do querer mais. A diminuta e ágil criatura subiu numa das árvores da praça. Suas mãos fincaram no galho e uma fumaça amarela e brilhante começou a se espalhar, descendo da árvore, esparramando-se sobre o gramado, infiltrando-se na terra.

Alguns metros afastados da praça, os funcionários da torre de controle do aeroporto do Campo de Marte ainda estavam boquiabertos, incrédulos com o que viam do outro lado do rio Tietê. Aliás, não viam mais o rio Tietê nem nada da margem para lá. Uma coluna de neblina, impossível de ser e bem delimitada, cobria quase todo o campo de visão. Era irreal. Parecia que São Paulo tinha sido tomada por algum tipo de catástrofe. Acima da parede de neblina giravam nuvens cinzas que se iluminavam de tempos em tempos. Um fenômeno indescritível. Por conta disso,

pousos e decolagens tinham sido terminantemente proibidos ali.

— Estão fechando Congonhas agora - informou Jorge ao amigo.

Marcos, que há mais de meia hora tinha abandonado seu *laptop* pausado no GTA San Andreas, só balançou a cabeça concordando. Dias atrás tinham pegado no monitor do terminal aquele bizarro fenômeno sobre o lago do Ibirapuera, achando impressionante a velocidade da nave que ia em direção ao lago, descobrindo mais tarde nas manchetes da rede mundial de computadores que o lago havia sido atacado e o túnel Airton Senna inundado, agora em obras por período indeterminado. Diziam que tinha sido um anjo. Marcos coçou o queixo. Olhando para aquelas nuvens não duvidava de mais nada nem de sua mãe que, de uns tempos para cá, alardeava o Dia do Juízo. Será? Será que estavam realmente vivendo os últimos dias? Com o tempo maluco daquele jeito, com anjos destruindo túneis...

— Tão avisando que vão fechar Cumbica também. É, a coisa tá preta - ressoou Jorge às suas costas.

Marcos ia abrir a boca para falar de seus pensamentos e perguntar se Jorge tinha novidades sobre o ocorrido na ponte Rio-Niterói, uma vez que o Santos Dummont também, e ainda, estava fechado sem que houvesse mau tempo quando notou aquilo. Gente correndo para fora de um dos hangares da Esperança Linhas Aéreas.

— Jorge?

— Hã?

— Vem ver uma parada aqui.

Não deu tempo de o amigo levantar e a torre de controle estremeceu inteira. Marcos agarrou-se à beira da janela por onde podia ver toda a pista. Estava chacoalhando. Alguns dos vidros trincaram.

— Ave Maria! - Gritou o rapaz. - Não quero morrer hoje, não!

— Então corre! - Gritou Jorge.

Os dois pularam a corrente que avisa sobre a manutenção na escada e em vinte segundos estavam do lado de fora.

— Céus! O que está acontecendo?

O chão tremeu de novo.

— Só faltava essa! Terremoto no Brasil!

— Eu vi os funcionários da Esperança correndo do hangar também.

— Vamos lá ver.

Assim que deram as costas, ouviram um estrondo espetacular e uma nuvem de poeira engolfou-os. A torre de controle tinha ido ao chão, como que implodida, tombando para o lado, virando poeira.

— Virgem santa! - Tornou Marcos, cada vez mais religioso nas exclamações.

Jorge não conseguiu falar. Tinham acabado de escapar da morte. Iam falar naquilo por anos nas rodas de churrasco da sua família.

Enquanto a poeira assentava, seus corpos foram sacudidos outra vez.

Puseram-se a correr na direção da pista. Foi quando notaram que a pista estava irregular. Um veio crescera em seu meio, levantando o asfalto a quase um metro e então o chão rachou de fora a fora, imensas raízes surgiram e um tronco surgido da terra subiu ao céu. Os homens caíram incrédulos e abraçando-se de medo. Seus olhos encontraram funcionários da Esperança Linhas Aéreas estirados ao chão, também apavorados. O hangar da companhia desabou e mais raízes surgiram sobre as armações de metal, enrodilhando tudo, esparramando-se para todos os lados e pegando um ou dois daqueles pobres caídos. Foi nesta hora que viram pequenas raízes escapando do chão e vindo também em sua direção.

— Vamos embora daqui, Marcão! - Berrou Jorge.

— Caraca! Que merda é essa?

— Sei lá, vamos embora, corre, corre.

Os dois tomaram o rumo do estacionamento.

— A gente tem que avisar alguém!

— Pra avisar, a gente tem que tá vivo, moleque, corre! - Gritava Jorge, tirando a chave do carro do bolso do *jeans*.

Antes de entrar no carro, que já estava com o motor ligado, Marcos lançou um olhar para trás. A pista estava tomada por jequitibás gigantescos e as raízes que faziam tudo tremer ao redor não paravam de espocar do chão, subindo para as alturas. Nessa hora o medo foi dominado em seu coração, dúzias daquelas árvores subindo contra o céu. Seus galhos se esparramando para todas as direções e tampando parcialmente os raios de sol que rajava entre as folhagens. Ouvindo os gritos de Jorge, Marcos abriu um sorriso e finalmente entrou no carro.

— Isso tá mais bonito que *Final Fantasy*, cara!

— Cê é louco, meu. Falei que esses joguinhos iam ferrar tua cabeça.

Jorge saiu cantando pneus e arrebentou a cancela abandonada sabiamente pelo vigia. Na via pública a tensão não diminuiu. Tinha que ir desviando das árvores que tomavam todos os cantos, saltando por taludes formados pelo amontoar de raízes vivas que esgueiravam-se pelas esquinas, tomavam as fachadas dos prédios. O dia claro encheu-se de sombras. Sombras lançadas pela copa das árvores. A avenida Santos Dummont estava virando uma floresta!

O estranho e inesperado também aconteceu em todo o entorno do condado de Jó. Os túneis do metrô foram infestados por raízes e galhadas verdejantes. Em questão de instantes o Brás, quase em sua totalidade, transformou-se numa sucursal da Amazônia, com árvores imensas ganhando as ruas e plantas rasteiras infestando prédios, sacadas, casas e comércio. Construções inteiras foram ao chão em segundos, não suportando o peso das grossas raízes e não resistindo aos intensos e ininterruptos tremores que antecederam e sucederam a chegada da vegetação.

Aqueles que saíam às ruas quando despertados, aqueles que eram jogados de suas camas por galhos invasores, aqueles que caíam de joelhos, rezando e orando, com lágrimas escorrendo dos olhos, não criam na visão mais espantosa que estavam tendo na vida. A temperatura chegou a cair, tamanha a escuridão que se abateu entre as árvores. O planeta retomava a superfície, expurgando a doença.

As imagens exibidas pela televisão davam conta de uma imensa massa de nuvens e névoa descendo das alturas, formando uma verdadeira cortina ao redor do estádio do Canindé e estendendo-se em longo corredor, por mais de sete quilômetros. A névoa tinha devorado um pedaço da cidade e até o momento os militares envolvidos na situação não tinham dado uma palavra sobre o evento. Gigantescos jequitibás, sequóias, seringueiras, castanheiras e uma lista sem fim de árvores robustas tinham formado um anel nas fronteiras da neblina. O rodízio de veículos tinha sido suspenso e a Defesa Civil e Corpo de Bombeiros tinham deslocado unidades até a região. Os carros entravam vazios e retornavam cheios de moradores da zona afetada, únicas testemunhas que davam depoimentos tão fantásticos quanto sombrios. A maioria coincidia em um ponto. Os vampiros tinham escapado do estádio da Portuguesa e uma fila de criaturas da noite tinha sido vista das brechas das cortinas, por trás das janelas de apartamentos, marchando avenida Cruzeiro do Sul acima, tomando rumo da avenida do Estado. Para onde tinham ido? Os entrevistados até a hora não davam conta.

O telejornal cortou para um repórter à frente da praça dos Três Poderes, em Brasília. Onde não havia neblina nem relâmpagos e nada de neve. O repórter dizia que os ministros estavam reunidos em sala fechada, com senadores e militares, prometendo sair de lá com uma resolução, com um esquema definitivo para não deixar que aquele horror se esparramasse ainda mais.

A resolução tomada a portas fechadas, após muita discussão, foi que o terror não podia continuar. A cada dia que se passava, a situação só parecia piorar. O comando do Serviço de Contenção, que mostrara-se inútil, foi desmantelado e um general nomeado gestor da situação. O país não poderia ficar à mercê de monstros como aquele e em tão pequeno número. As Forças Armadas não aceitariam ser escoraçadas ou ameaçadas por um único vampiro que se autoproclamava o pai de todos os vampiros e que tinha prometido revidar a cada ataque. Por conta disso, a força planejada para acabar com Jó era total. Jó seria aniquilado, custasse o que custasse.

O presidente do senado, senador Everton Trapeiro, ouviu as gravações obtidas pelo comando próximo ao estádio minutos antes de perderem contato total com as tropas internas. Ouviu também as opiniões dos generais, almirantes, brigadeiros, estrategistas de toda à sorte. Ao final, com seu duro e conhecido tom marrento, proferiu:

— Desculpe se não conheço todos os jargões do Ministério da Defesa, pouco

entendo de estratégia militar, o que eu entendo mesmo é de política. Não me interessa quantos vampiros são. Segundo os últimos relatórios do ineficiente Serviço de Contenção, coisa de duzentos e cinquenta vampiros tinham sido capturados e transferidos para o estádio para serem carbonizados esta manhã, colocando um ponto final nessa pataquada toda. O que eu vejo é um tumor crescendo no centro da maior cidade da América do Sul. Que sejam tratados como raça, que queiram e venham a ter direitos civis, esses infectos, vampiros ou o raio do nome que a imprensa dê a esses sanguessugas ordinários filhos de uma quenga, o que eu não quero é ver um deles dando ordens para vocês, senhores. Façam-me o favor! Quantos soldados temos no Brasil? Traga homens de Rio de Janeiro, de Salvador, do Rio Grande Sul, Santa Catarina, Minas, da casa-da-mãe-joana, mas tragam soldados do Exército, agentes da Marinha, desçam com seus supertucanos, caças e o diabo a quatro e sufoquem esses revoltosos. Revoltosos, sim. Isso, meus senhores, é uma revolta, uma revolução, bem debaixo de nossos narizes. Esse infecto, esse sujeito a quem chamam de Jó, está escolhendo onde vai ficar com seus semelhantes. Em São Paulo! Não os quero na minha cidade! Escorassem com aquele bando. Acabem com aqueles duzentos e cinquenta vampiros. Duzentos e cinquenta, gente! Vocês não têm vergonha? Ele faz nevar como um capeta? Taquem cruzeiros em chamas dentro do perímetro... Não é assim que vocês chamam aquela área? Perímetro? Pois bem, taquem petróleo lá dentro, gasolina, álcool, biodiesel, a mãe... Incendeiem tudo, derretam o gelo, derretam o rabo daquele intruso. Ele prometeu revidar, prometeu tirar vidas? Pois bem, acabem com a raça dele antes que eles façam que o senhores e o meu país passem mais vergonha. Sufoquem Jó. Do contrário, logo, logo, vai ter conversa de conselho da ONU, os exércitos dos países mais desenvolvidos, do primeiro mundo, G8, G9, G10, G a puta que o pariu e o escambau a quatro querendo entrar aqui dizendo que o problema dos infectos, dos vampiros ou do raio que o parta não é mais problema nacional. É um problema do mundo, é um risco para o mundo. E sabem de uma coisa? Uma porção de gente estará apoiando essa cambada filha da puta porque nesse caso eles terão razão. Temos que cuidar da nossa roupa suja antes que comece a feder na casa do vizinho. Não se preocupem com imprensa e com mídia a favor desses malditos noturnos, com direitos humanos. Quando os Estados Unidos querem invadir qualquer canto do mundo, primeiro eles invadem, fazem o que têm que fazer e depois contam uma boa história. Vocês cuidam dos vampiros. Invadam aquele perímetro que Jó chama de condado. Destruam cada infecto que surgir no caminho. Estourem os cornos desse miserável, custe o que custar. A história para contar, pode deixar comigo e com meus colegas. Sempre que necessário, para o bem da nação e do controle social, somos *experts* em contar histórias. Inventamos cada uma que até Deus duvida se foi ou num foi. Até eu duvido depois, nem sei mais o que é verdade ou é meia verdade. Sentaremos

numa mesa mais tarde e comeremos pizza. Pizza de alho, meus amigos. Façam o que for preciso para isso acontecer. Retirem aquela cambada de São Paulo. Retirem Jó do perímetro. Re-mo-va-o! - Frisou o senador, deixando patente sua irritação.

O clima de tensão no qual o presidente do senado afundou a sala entrou garganta abaixo dos militares que neste exato momento ruminavam as ordens do civil. A verdade é que a maioria deles gostava quando surgia uma situação peculiar, quando os homens da casa civil repetiam à exaustão as sentenças “a qualquer custo”, “sob qualquer meio” e “custe o que custar”. Fingiam indignação, mas sabiam que era a chance de colocar as tropas em ação e testar os soldados em campo de batalha.

Imagens por satélite chegavam a cada meia hora. Impossível atravessar aquela redoma de nuvens e neblina. Não podiam ver onde Jó estava nem para onde os vampiros estavam indo ou tinham ido. O fato é que parecia que novamente se agrupariam, o que seria convertido em vantagem para a estratégia de ataque e destruição dos vampiros. Batedores teriam de ser enviados para fotografar as áreas dentro da neblina.

Informação seria o fator-chave para acabar com aquela tormenta ainda nas primeiras horas do dia.

CAPÍTULO 92

Jó abriu os olhos sobre o mausoléu. Sentia a aproximação dos humanos. Sorriu. Eram teimosos. Quantas vidas teriam de perder para que entendessem que seria inútil lutar contra ele, um verdadeiro deus da noite devido ao acúmulo de energia em seu coração. Seria divertido rechaçá-los investida após investida e assisti-los de olhos incrédulos. Jó subiu ao topo do monumento do museu do Ipiranga e lançou seu olhar na distância. Eles ainda estavam além da neblina. Eles vinham por todos os lados, caminhões e mais caminhões, numa operação jamais vista antes. Seus filhos estão adormecidos. Gozam agora do sono das horas de luz, mesmo não descendo claridade alguma dos céus. Jó pôde ouvir as botas dos soldados marchando. Eles vêm em ritmo acelerado, cadenciado. Jó sorri, evocando mais neve, mais vento. Ele usa os poderes conferidos a seu sangue pela fatia do coração do vampiro Inverno. Jó estala um dedo. Quer que os humanos falem por seus aparelhos mesmo dentro de seu condado. Permite que se comuniquem. Jó não é um general, mas sabe exatamente o efeito que os gritos de horror e os choros e lamúrias causaram na mente dos soldados que ficaram do lado de fora, esperando sua vez de experimentar o condado assombrado. Jó pode escutar o coração batendo acelerado no peito dos rapazes. São meninos tão novos para toparem com a dona de capa negra e foice na mão esquerda. A senhora que os colocará diante dos portões da grande Aventura. São meninos empunhando armas. Não obstante, apesar de saber quem são, Jó não se compadece. A compaixão não mais faz morada em seu peito. Jó sabe que ter pena de qualquer mortal resultará na perda de muitos de seus filhos. Dentro do condado só estará à salvo aquele que não levantar arma contra os vampiros, aquele que não trazer ameaça em seu coração. O condado não será campo impenetrável. Bem-vindos serão os que quiserem por bem aproximarem-se dos vampiros. Loucos ficarão os que tentarem contra a eternidade de um noturno.

Marcha. As botas batendo cadenciadas. Garotos vindo de bases de todo o estado, chamados às pressas, eram despejados de caminhões e helicópteros na base do Ibirapuera. Precisavam invadir e tomar o perímetro antes do cair da noite. O perímetro era uma lança, uma tripa que ia da marginal do Tietê ao Ipiranga, circundando todo o museu, cruzando a avenida do Estado. Eles tinha cercado aquele

estreito contando com cerca de sete quilômetros. Entrariam todos ao mesmo tempo. A ordem era abater todo e qualquer vampiro. Vasculariam cada prédio, cada apartamento no trecho; o objetivo maior, alvo de algumas unidades especiais, era justamente Jó, o líder da rebelião. Os soldados iam com blusões, roupas com revestimento térmico. Tudo para tentarem resistir ao frio.

O general responsável pela operação apostava na superioridade numérica. O bando de vampiros não chegava a trezentos indivíduos. Os soldados convocados já passavam de quinze mil e o número de unidades ainda em deslocamento faria passar de quarenta mil homens. Marinha e Aeronáutica também se juntariam, subindo aquele número a uma força militar nunca antes reunida. Não havia a menor chance de aquele bando de infectos revolucionários conseguirem manter aquela tripa de névoa, aquele condado, como chamava Jó. Não haveria como saírem vencedores nem mesmo com magia envolvida no jogo. A superioridade numérica, os tanques de guerra, os blindados, canhões e bombardeiros dariam conta de deitar tudo ao chão se fosse preciso e não sobrar um tijolo em pé para servir de abrigo ou esconderijo aos vampiros.

Por conta disso, marchavam. Botas batendo cadenciadas contra o asfalto. Blindados, carregados de soldados com capacetes com correias prendendo seus queixos, com fuzis, com escopetas, granadas, passavam. A infantaria se posicionava. Marchavam. Muitos deles já tinham chegado aos limites do condado. Limites criados por Jó. Marchavam. Aguardavam a ordem do comando.

A cortina de neblina, imensa, varando o topo dos prédios e encontrando-se com as nuvens que faiscavam com relâmpagos chispando em suas barrigas, com trovões roncando, estava bem à frente daqueles milhares de olhos. A ordem era entrar e atirar. Marchavam. Cada vez mais soldados. Cada vez mais unidades. O condado todo estava cercado. A maioria dos garotos tinha medo. Não sabiam o que iam encontrar. As histórias ouvidas na caserna eram desconstruídas. Diziam que eram os vampiros encontrados na caravela que estavam lá. Os homens que já haviam estado com Brites diziam que não. Os vampiros do Rio D'ouro tinham sido mortos. Eram outros vampiros. Eram filhos de Sétimo. Filhos do Lobo. Filhos de Inverno. Eram infectos, descendentes dos vampiros do Rio D'ouro. Outras histórias davam conta de uma encantadora de homens. Uma vampira perigosa de nome Calíope. Uma mulher negra, de corpo arrebatador e sensual, de boca carnuda e tentadora, que seduzia e encantava com sua voz. Caso vissem uma vampira assim, deveriam tapar os ouvidos. Alguns dos moleques tinham levado chumaços de algodão. Não queriam ser encantados como marujos arrastados pelas sereias de encontro aos rochedos. Outras histórias falavam do frio insuportável. Alguns não acreditavam nesse frio, nessa neve. Fora do condado, o sol ardia e o suor pingava enquanto marchavam. Só

que agora, diante daquela cortina de neblina, que parecia nascer do nada, o medo acendia em seus corações. Deveria de fato haver neve lá dentro. No meio de tantos pensamentos, a ordem do comando veio. Estavam prontos. O condado estava cercado. A primeira onda de soldados deveria entrar. A segunda, com mais dez mil homens, se preparava. A terceira onda saía dos quartéis de Quitaúna, de Barueri e do Ibirapuera. Os vampiros não sobreviveriam à primeira onda. A segunda e a terceira era só para garantir, para reforçar qualquer situação que fugisse do controle. Mais e mais soldados seriam transportados por helicópteros. Mais e mais soldados chegariam e não cessariam de chegar e invadir o condado, até que o último vampiro fosse estacado, morto e jogado ao sol. Até que Jó se entregasse e fosse fuzilado com balas de prata. Até que aquela névoa maldita se mantivesse cortando um pedaço da cidade de São Paulo. Invadir e matar. Agora era a hora.

Jó ouviu quando os primeiros soldados entraram. Eram inimigos. Inimigos de seus filhos. Inimigos de seus semelhantes. Jó mantinha um sorriso sereno. Deixaria seus filhos dormindo por enquanto. Em mais algumas horas o sol deitaria fora do condado e seus filhos poderiam assistir ao espetáculo mais bizarro da terra. Jó tinha mostrado até agora só o poder que algumas daquelas fatias dos corações dos seis amigos do Rio D'ouro tinham a oferecer. Efetivamente, tinha demonstrado o poder de Inverno intensificado. Poderia fazer o frio crescer, expandir-se muito mais. Tinha alterado o tempo para aqueles infelizes nas arquibancadas. Contudo podia fazer mais coisas. Uma gama delas. Podia ludibriar aqueles coitados de tantas formas que estava até em dúvida como começar. A dúvida durou pouco. Eles querem matar vampiros dentro do condado? O sorriso de Jó intensificou-se. Daria a eles vampiros. Matariam muitos vampiros. Mais vampiros do que podiam imaginar.

Os pelotões respondiam a seus tenentes. Avançavam em grupos de sessenta soldados para cada líder de equipe. Tenente Ricardo ia junto com o sargento Aurélio à frente de sua unidade, o pelotão de infantaria 76. Tinham acabado de cruzar a névoa e, em questão de poucos metros, suas botas tocaram a neve. Ricardo arregalou os olhos. Era impressionante. A luz do sol fora cortada completamente, fazendo-o pressionar o botão da lanterna que ia fixa ao seu colete, jogando uma faixa de luz à sua frente. Olhando para os lados viu centenas de outros tenentes que também invadiam o condado realizarem o mesmo procedimento recomendado no *briefing* pré-missão. Ricardo ergueu os olhos. As nuvens relampejantes deu-lhe calafrios. Pressionou o rádio.

— Avançar.

Seus homens acompanharam seu deslocamento. Estavam numa rua estreita. De acordo com o mapa, mais duas quadras e estariam próximos ao museu do Ipiranga, onde a Inteligência julgava ser a morada dos vampiros. Jó também estaria ali, zelando por seus semelhantes.

Ricardo continuou em frente. A ordem era marchar até o museu e retomá-lo. Tendo o objetivo alcançado e limpo de inimigos, deveria junto com mais doze unidades estabelecer uma base ali e ir limpando quarteirão a quarteirão a partir do museu. Assim seria feito em mais dezenove pontos do museu do Ipiranga até a marginal Tietê. Quarteirão a quarteirão, aquele pedaço da cidade seria retomado. Nenhum vampiro iria mandar na cidade.

Alguns quarteirões para baixo vinha o pelotão de infantaria 99. No comando, tenente Humberto, seguido pelo sargento Cerpilho. A sensação ao se aproximarem da neblina era muito parecida com a que cada um dos pelotões experimentou. Apreensão e cautela. Humberto atravessou a bruma primeiro. Terreno livre. Nenhuma alma na rua. A iluminação pública, acionada pela falta de luminosidade, lançava fachos alaranjados pelo calçamento e asfalto. Ao menos lançava onde deveria existir calçamento e asfalto. As ruas estavam tomadas pela brancura do gelo. Leves e delicados flocos de neve continuavam descendo das nuvens. Eles ficavam mais definidos toda vez que o bojo dos corpos vaporosos brilhavam com relampejos. Humberto deu ordem para o grupo avançar. Tinham como objetivo chegar à avenida Cruzeiro do Sul, fixar um ponto-base para servir de apoio a tantas outras equipes e registrar cada imóvel vistoriado e livre de infectos. Caso encontrassem Jó, comunicariam o comando central que acionaria os grupos especiais de combate. Objetivos secundários eram abrir fogo e eliminar todo e qualquer noturno que aparecesse em seus caminhos.

O soldado Neiva vinha bem atrás dos líderes. Seu fuzil apontava para a frente e mesmo com as luzes públicas funcionando, pressionou o botão de sua lanterna, lançando luz em linha reta. As ruas brancas, onde suas botas afundavam até o meio da canela, possuíam aqui e ali pequenos morros. Só quando aproximou-se de um deles seu cérebro interpretou aquelas características geológicas inusitadas. Não eram morros. Eram carros, que além de cobertos pela neve, acabaram tomando aquela aparência na paisagem, completamente integrados ao manto branco. Sorriu lembrando de Talita, sua noiva. Ex-noiva na verdade. Não sabia definir seu estado civil quando um amigo ou uma pretendente mais curiosa fazia a pergunta. Como se

chama aquele que perde a noiva num tiroteio? Sem ter casado, poderia se chamar de viúvo? Neiva não sabia, mas considerava-se viúvo de Talita. O sorriso foi desaparecendo a cada passo. Talita tinha dito que uma das coisas mais lindas que já tinha visto fora a neve quando teve a oportunidade de fazer um intercâmbio escolar, indo terminar seus estudos em Londres. Ela adorava falar de Londres. Passava horas falando dos amigos, dos namorados que teve, o que despertava um ciúme doentio em Neiva. Não gostava que ela falasse do passado. Queria saber do presente. De dizer a ela o quanto ela era maravilhosa e inteligente. Como se sentia feliz em ser amigo, namorado e amante de uma mulher que, além de linda, era independente, alegre e sabia muito bem como agradá-lo, levá-lo à loucura na cama, nas brincadeiras e com risadas engraçadas. Também gostava de ouvir da boca de Talita o quanto ele era maravilhoso. A neve. Talita sempre dizia que um dia veriam a neve juntos. Para ele era a primeira vez. Talvez por isso, mesmo sem se dar conta tinha, dobrado os joelhos e enchido a palma da mão protegida pela luva com um punhado do gelo branco. Talita. O soldado soltou a neve e passou as costas da mão sobre os olhos. Droga! Não era hora de rompantes nostálgicos. Precisava ajudar os amigos e ser um soldado centrado. Estava em missão.

— O, Neiva! Vai ficar aí viajando até que horas? - Brincou o tenente Humberto.

O soldado ficou ereto e voltou a marchar.

— A gente pode sentar aqui e esperar você brincar de escorrega nesses morrinhos, descendo de trenó, que nem naqueles filmes de Hollywood. Não é, não?

— Não são morrinhos, senhor.

O tenente soergueu as sobancelhas por baixo das viseiras do capacete. Mesmo com aquela proteção, meia dúzia de soldados puderam ver a expressão do superior.

— Não são morrinhos? São o quê, soldado?

Neiva, para surpresa de todos, girou o fuzil e desferiu uma coronhada na curva superior de um desses morrinhos. A neve descolou-se e escorregou, revelando metade de um Pálio Weekend.

— São carros, senhor.

— Uau! - Retrucou um dos soldados chegando perto. - Acho que aí dentro deve tá mais quente que aqui fora.

— Duvido - respondeu o sargento Cerpilho.

— Vamos continuar, rapaziada. Temos que montar um posto-base. Assim que

montarmos o posto, saiam distribuindo coronhadas nos morrinhos. Quem não souber como que é, entra na fila de instrução do especialista Neiva. Temos que vasculhar cada canto desta avenida e ter certeza de que não ficou infecto nenhum para trás.

Neiva baixou a cabeça e a balançou negativamente.

— Idiota... - resmungou baixinho.

Jó fechou os olhos novamente e ergueu as mãos. Era hora de desencadear a primeira armadilha contra os soldados caçadores de vampiros. Caçadas não existiriam mais. Cuidaria para que um bom número deles escapasse vivo, feridos física ou psicologicamente, mas vivos e aptos a esparramar pelos quatro cantos do mundo o quão sombrio e bizarro era o condado. Jó ergueu os braços, postado em cima do túmulo de dom Pedro.

— Vão, meus filhos. Vão tirar a razão de cada um deles.

Um brilho azulado enrodilhou o vampiro e, como um raio, desprendeuse das mãos de Jó e subiu ao encontro das nuvens. O brilho se esparramou e logo os relampejos na barriga das nuvens assumiu essa cor azulada. Tremeluziu uma dúzia de vezes e desapareceu.

Sargento Aurélio do Pelotão de Infantaria 76 abaixou-se, exalando uma longa nuvem de vapor pela boca. Seu peito estava doendo. Já tinham acendido um latão com querosene e abastecido com carvão mineral trazido em sacos nas costas de alguns soldados, mais madeira de móveis que pegaram em uma loja pelo caminho para que labaredas altas fossem produzidas. Sabiam que o fogo chamaria a atenção de um possível inimigo. E era exatamente isso que queriam. Encontrá-los para rechaçá-los, destruí-los. Aurélio levantou-se de novo e estendeu as luvas para perto do fogo. Olhou para o pelotão. A maioria dos garotos ainda estava retraída. O frio beirava a loucura. Era insuportável. Talvez uma tropa de soldados ingleses ou moscovitas estivesse dando risada daquele frio, jogando *rugby* ou tomando vodca de camisetas, mas, no Brasil, aquele frio era algo estúpido demais para ser real. Olhou para o tenente Ricardo que consultava alguma coisa no mapa entregue pelo comando. Era a primeira vez que servia em missão com aquele sujeito, mas já tinha

ouvido falar muito bem do tenente Ricardo. Homem corajoso. Apesar da estatura de tampinha, sabia que era pau para toda a obra. Tinha voltado da missão de paz da ONU no Haiti com um braço quebrado e três tiros no corpo. Não queria abandonar a tropa. Brigou para ficar, mas não teve jeito. Não entendia como um cara casado, com dois filhos ainda pequenos, se oferecia para as missões mais complexas e, algumas vezes, como a que viviam agora, das mais perigosas. O pouco que sabia é que ele vinha de uma linhagem de militares, com pai, avô e bisavô na caserna. Devia estar no sangue uma estupidez daquelas. Sargento Aurélio riu do próprio pensamento. Não obstante, estava contente de estar no time comandado por Ricardo. Sabia que por falta de coragem seus homens não pereceriam.

— Vocês viram isso? - Berrou um dos soldados, colocando a tropa em alerta.

A maioria dos soldados colocou-se de pé, afastando-se dos tambores acesos e olhando para cima. O soldado que dera o alarme apontava para o céu. Não viam nada.

— As nuvens, elas brilharam azuis.

— São os relâmpagos - tentou acalmar o tenente.

O soldado balançou a cabeça negativamente com energia.

— Não. Não foi, não, senhor. Foi um brilho diferente. Um treco estranho pra cacete.

— Olha a boca, rapaz - advertiu Aurélio.

— Desculpe, senhor. Mas que foi estranho aquilo lá, foi.

Alguns continuaram olhando para cima quando então uma voz feminina tomou-os de assalto e enregelou-os até os ossos, mais cortante que o frio.

— Ricardo - chamou a voz.

Todos, olhos atônitos, fixaram o olhar para o ponto de onde a voz vinha.

Ricardo apontou rapidamente para Aurélio e mais cinco homens.

— Ricardo! - Tornou a chamar a voz gritando.

— Que coisa é essa? - Perguntou Aurélio. - Você conhece alguém por aqui.

Ricardo estava estático. Olhando para o escuro. Havia muita neblina na região de onde vinha a voz. Ele engoliu em seco. Não conhecia absolutamente ninguém naquela região... Mas conhecia muito bem aquela voz.

— Ricardo!

O tenente avançou. Aurélio apontou para mais dez soldados e fez sinal para que se movessem e logo dezesseis homens iam atrás do tenente para uma eventual cobertura.

O tenente Humberto supervisionava a montagem do posto. Os soldados tinham quebrado a porta de vidro de uma revenda de celulares e arrumavam ali um posto de comando avançado, fora da neve que continuava a cair tranquilamente, diria até que de forma encantadora e pacífica, não fosse toda a situação que permeava aquele episódio.

Foi ele quem escutou primeiro.

— Neiva!

Arrepiou-se dos pés a cabeça. Uma voz doce e feminina. Estava completamente distraído. Após entrar em uma seção de combate, a adrenalina era tamanha que, com o passar de minutos de total tranquilidade, qualquer coisa fora do normal abalava os nervos.

— Neiva!

No segundo chamado, o soldado Neiva escutou a voz. Seus olhos estalaram e ele ajustou o fuzil. Sua respiração saiu do normal e começou a caminhar na direção do chamado. Não era possível que aquilo estivesse acontecendo.

Humberto bateu a mão no peito do rapaz, impedindo que ele se afastasse do grupo. O tenente fez um sinal para Cerpilho, que chamou mais dez homens, e foram acompanhando o tenente que ainda segurava Neiva pelo braço. O rapaz parecia tomado por um encanto, parecia estar vendo ou ouvindo uma assombração.

— Neiva! - Tornou a clamar a voz de mulher, chorosa desta vez.

Os militares nada conseguiam enxergar. A bruma, agora num tom um pouco mais azulado, talvez efeito do frio ou da temperatura das lâmpadas das lanternas militares, parecia ainda mais fantasmagórica.

— Você conhece alguém na região, soldado?

Neiva virou-se para o sargento Cerpilho e meneou a cabeça negativamente.

— Neiva, me ajuda!

O soldado começou a correr na direção da voz e da neblina. Seus coturnos afundavam e saíam da neve, lançando gelo para todos os lados.

— Pare, Neiva! É uma ordem! - Bradou o tenente, sacando a pistola.

Enquanto isso, no Pelotão de Infantaria 76, a situação se reproduzia como no PI 99. O tenente, chamado pela voz, tentava localizar sua posição, afundando-se mais e mais na neblina. Aurélio apressou seus homens para não perderem Ricardo de vista.

Ricardo começou a transpirar. Situação tão antagônica dada a temperatura. Talvez você transpirasse se ouvisse a voz de uma pessoa que não deveria estar ali. A voz de uma pessoa morta. A ânsia do tenente em visualizar efetivamente quem o chamava era para justamente abandonar aquela ideia insana e surreal de que era a voz de sua irmã, Lenise, morta há mais de oito anos num acidente de carro justamente na marginal Tietê, quando dirigia depois de uma festa, com o sangue cheio de álcool e a cabeça lotada de imprudência, colidindo contra outro veículo, perdendo a vida e tirando a de um casal e dois filhos. Lenise não podia estar ali, na neblina, chamando-o com aquela voz chorosa, clamando por ajuda. Mas foi então que ele a viu. A irmã morta. Lenise, no meio da neblina. Com a cabeça manchada de sangue. Lenise, vestida com a roupa daquela noite. Com a mão estendida. Ela arregalou os olhos quando viu o irmão e estendeu-lhe os braços, dando passos para trás e para o lado.

— Lenise?

O botão de falar do rádio do tenente foi pressionado sem que dedo algum o alcançasse, como se uma outra assombração estivesse ali. E como acontecia na companhia 99, aquela manifestação não foi coisa isolada.

Na sala do comando central da missão de Operação Uz, o oficial de comunicação começou a mexer em diversas telas de seu computador pessoal. Algo estava errado. Logo levantou-se e comunicou ao general Silveira e aos oficiais presentes.

— Estamos com um defeito de transmissão, senhores.

— Reporte.

— Os aparelhos instalados nos uniformes dos combatentes, senhor... Todos foram acionados ao mesmo tempo.

— Isso é possível eletronicamente?

— Sim, senhor. Mas os sinais foram acionados de forma mecânica, sem interferência minha, senhor.

— Retransmita o que está vindo.

O oficial ficou parado um instante, como se estivesse em dúvida.

— Rápido, rapaz. Retransmita.

— Passando para os falantes, senhores. Não é boa coisa.

A sala foi inundada pelas vozes dos soldados em campo e também por ruídos de fundo, ruídos estranhos que despertaram arrepios nos presentes. Vozes chorosas, lamúrias e gritos.

— Neiva! Ajude-me! Eu quero voltar para você! Neiva, faça alguma coisa!

— Ricardo! Eu não queria matar ninguém... Eu não queria.

— Lenise! Lenise, não pode ser você... Lenise... Minha irmã... Você está morta...

Ricardo chorava. Via a irmã perfeitamente agora. Sua pele estava azulada. Seus olhos mortiços. Ela caminhava mais e mais para trás, afastando-o de seus homens; caminhava com facilidade, como se seus pés não afundassem no cobertor de neve.

Atônito, Aurélio e seus homens tentavam localizar Ricardo no meio daquele *fog*. Apressaram os passos. Aurélio bradava. Formou uma fileira horizontal e em poucos segundos avistou a luz da lanterna do capitão.

Ricardo ergueu a pistola na direção da irmã.

O fantasma parou de chorar e ficou calado, olhando para o irmão.

Aurélio viu o líder com a pistola apontada para a frente. Apressou-se,

cansando-se com os movimentos pesados causados pela neve.

— Ela não é minha irmã. Minha irmã morreu há oito anos. Não pode ser ela. Simplesmente não pode ser ela.

— É uma vampira, Ricardo! É uma noturna, uma infecta filha da mãe.

Ricardo tremia. De frio e de nervosismo. Apontava a arma para o espectro da irmã. Não podia ser ela. Aurélio gritou para os homens:

— Abram fogo! É um dos inimigos.

O sargento puxou o gatilho do fuzil que automaticamente repetia os disparos.

As balas atingiram o fantasma de Lenise que gritou de dor e foi sendo trucidado pelas armas.

Ricardo, horrorizado, deu um berro:

— Não! Seus desgraçados! Minha irmã!

Ricardo apontou a pistola para a fileira dos soldados e abriu fogo.

Aurélio tombou com um tiro no peito. A dor era gigantesca. Não fosse o colete à prova de balas, teria morrido com uma bala no coração. Girou sobre a neve, gemendo e vendo dois rapazes caírem e mais três começarem a correr, fugindo do tenente ensandecido.

Aurélio virou-se e fez mira. O fuzil cuspiu balas de prata contra Ricardo que tombou com o tampo da cabeça aberto à bala.

O sargento levantou-se, respirando descompassado. O que estava acontecendo? Aquilo fugia de sua compreensão. Lembrava-se agora dos muitos domingos passados na igreja batista na companhia de seus irmãos. Ele há muito tinha abandonado a igreja enquanto os irmãos permaneciam fiéis à crença cristã. Começou a orar. Só podia ser obra de demônio o que via à sua frente.

Lenise e Aurélio, ambos, aproximando-se em sua direção, com os braços erguidos, a pele azulada.

Aurélio continuou disparando e gritou ao rádio pedindo que seus homens viessem para reforçar o ataque.

No pelotão de infantaria 15, no 16, no 17 e em todos os outros, incluindo a do 99, as coisas não iam muito diferentes. Membros dos pelotões tinham alucinações, vendo a imagem de velhos e crianças, primos, amigos, animais, avós, mães e pais

que tinham partido há muito tempo. Eram assombrações que ludibriavam os homens armados, trocando suas posições seguras para posições que colocavam amigos combatentes em fogo cruzado, tirando a vida de um número espetacular de soldados. Fogo amigo.

No 99 era o soldado Neiva quem tinha iniciado a desgraça. Sabia que aquela não era sua noiva, Talita, que, vítima de um sequestro relâmpago, acabara assassinada por bala perdida no encontro dos marginais com a polícia. Talita chegara viva ao hospital e em coma passara três dias e três noites. Setenta e duas horas Neiva estivera presente no corredor separado por um vidro, rezando e olhando por sua amada. Ao lado dela assistira seu último suspiro quando as máquinas foram desligadas. Fora também o primeiro a atirar um botão de rosa sobre o caixão de Talita, encerrada numa cova profunda, onde seu corpo permanecera e sua alma não o habitava mais. Como seria possível tê-la ali na sua frente? Clamando por ele, pedindo que ficasse com ela? Neiva chorava e as gotas que chegavam ao queixo viravam gelo quase que automaticamente. Não era ela. Não podia. Os cabelos eram dela. Os olhos eram dela. A voz igualzinha. Neiva caiu de joelhos. O fantasma afastou-se e virou para a direita. Neiva não sabia mais onde estava. Tinha perseguido aquele espectro por tantos minutos. Ouvia disparos de fuzis explodindo na escuridão. Notou que parou próximo a uma das vigas centrais da avenida Cruzeiro do Sul. Balas arrebatavam no concreto, lançando estilhaços em sua direção. Viu Talita parar. Viu o capitão Humberto aproximar-se com o sargento Cerpilho. Soldados que não estavam gritando e correndo atrás de entes queridos alinharam-se ao lado dos líderes. Eles apontavam os fuzis para Talita. Humberto avisou que iam atirar. Neiva cerrou os olhos e mordeu os lábios até que eles sangrassem. Não iriam matar Talita uma vez mais. Ela não tinha culpa. Assombração ou não ela não tinha culpa. Neiva ergueu seu fuzil e puxou o gatilho. Uma rajada varreu na direção de Humberto, Cerpilho e os outros. Balas entraram pela lateral vulnerável do colete. Três tombaram agonizando. Neiva ouviu um clac seco quando a munição acabou. Levou a mão ao cinto e com agilidade remuniu o fuzil. Colocou-se de pé e correu em direção a Talita. Outro soldado surgiu e, antes que ele olhasse para o fantasma, Neiva cuidou para que não olhasse para mais nada. Ninguém tocaria em Talita.

No comando central o general ouvia os disparos. Ouvia também os gritos de desespero e horror de seus homens. Eles estavam sendo ludibriados por alguma entidade dentro da zona de combate.

— Mande a segunda onda e a terceira onda! Vamos acabar com isso de uma vez!

— Senhor, os soldados em campo ainda não localizaram o paradeiro dos vampiros nem sabemos onde Jó está.

— Mande mais homens, agora. Precisamos tirar aqueles infelizes de lá. Ordene que a segunda onda entre e retire o pessoal até que retomem o controle. Ordene que a terceira onda parta para o museu e acabe com tudo o que encontrar pela frente. Jó pode ser poderoso, mas isso tudo que ele usa é hipnose, são alucinações. Nossos homens perderam o controle e estão atirando uns contra os outros. Jó não pode ser tão poderoso que resista às balas de prata. Qualquer vampiro cai diante de balas de prata.

E assim foi feito. A ordem para que mais sete mil homens adentrassem o perímetros para resgatar os que estavam lá foi dada. A terceira onda ainda lotada nos quartéis das redondezas seria transportada imediatamente. Logo cerca de vinte e um mil homens estariam dentro do perímetro para dar conta dos duzentos e tantos vampiros. A supremacia numérica seria determinante para colocarem um fim naquele tétrico episódio.

Jó ouviu as ordens vindas pelo ar, pelas ondas de rádio. Jó sabia que teria de acionar outro movimento. Usar o dom de Espelho tinha sido divertido e causado baixas em número satisfatório. O desespero lançado no cotação daqueles soldados tornariam suas ações desencontradas e sem grande efeito. A maioria ficaria louca e irrecuperável para o resto da vida. Jó ergueu os braços. Agora usaria a fatia do coração de Tempestas. Deixaria o jogo ainda mais desagradável para o lado dos mortais.

Diante dos computadores, outro dos oficiais que monitoravam o campo de batalha ficou inquieto. Ele vigiava a redoma de névoa e nuvens. Analisava dados da base meteorológica da Marinha, Aeronáutica e do INMET. As nuvens estavam assumindo um comportamento novo. Ele não deveria se assustar, uma vez que toda aquela conjuntura climatológica na tela do computador não fazia o menor sentido. Mas via um acúmulo crescente de nuvens sobre a linha que ia da marginal Tietê até o museu de Ipiranga. Uma imensa espiral de nuvens começou a girar naquele entorno. Nuvens que não vinham do mar não eram trazidas por frente fria nem por massas de ar quente ou de qualquer outro tipo. Elas estavam, simplesmente,

surgindo... Do nada.

Dentro do condado, os soldados que tinham sobrevivido ao ataque dos próprios companheiros de outras companhias que, caçando fantasmas e pessoas que não existiam, tinham se colocado de frente a outras companhias e aberto fogo; viam agora o interior do corredor de névoa ficar ainda mais escuro. Era como uma segunda noite a cair sobre a primeira noite. As nuvens acima de suas cabeças giravam mais rápido e uma ventania começou a crescer em volume e intensidade, fazendo a neve acumulada em marquises e no alto dos postes sair voando, lançando blocos de gelo contra as formações dos pelotões que não tiveram outra alternativa a não ser buscar abrigo contra os morros formados ao redor dos veículos abandonados ou dentro de lojas ao longo da avenida. Não conseguiam estabelecer contato com o comando central. Estavam, ao que parecia, isolados e lançados à própria sorte dentro do perímetro de combate. Os capitães e tenentes aos poucos foram retomando o controle de suas unidades e, como os espectros pareciam ter dado trégua, começaram a marchar rumo ao objetivo. Não conseguiriam vasculhar os prédios. Havia uma ordem. Se algo de errado acontecesse atrapalhando o andamento das missões apontadas a cada unidade, deveriam marchar até o museu e revirar suas entranhas até encontrar Jó e destruí-lo.

Do Ibirapuera, mais de cem caminhões saíram levando a terceira leva de soldados para o perímetro. Tinham ordem de chegar e já adentrarem a área de nevoeiro e reduzir a pedaços todos os inimigos que encontrassem. Helicópteros decolavam a todo instante, conduzindo soldados e mais soldados para a área de conflito. Tudo aquilo tinha que terminar antes que a noite chegasse.

O piloto mais próximo da área em conflito esbugalhou os olhos quando viu a parede de nuvens que vinha em sua direção. Não teve tempo de desviar. A turbulência foi imediata e vários sensores começaram a piscar e disparar alarmes no painel. Os soldados agarraram-se onde puderam e muitos começaram a rezar acreditando que a nave iria ao chão. O experiente piloto aumentou a velocidade do rotor e ganhou altitude. A turbulência reduziu significativamente, mas mesmo assim muitos dos alarmes continuavam. Relâmpagos clareavam o interior da aeronave e trovões explodiam ao redor chacoalhando toda a estrutura do aparelho. Então, sem aviso, uma tempestade infernal começou.

No chão, mas não menos vulneráveis, os caminhões seguiam rumo à marginal Tietê, o trajeto mais rápido para chegar ao ponto da missão. O piloto foi obrigado a

acionar o limpador de para-brisa do grande veículo. De um instante para o outro, o céu ficou negro e grossas gotas de chuva bateram contra o vidro.

Vanessa trocou de estação. Queria notícias sobre o trânsito. A vinte e três de Maio estava parada. Era tudo culpa daquele imbróglio de Exército *versus* infectos. A cidade não era mais a mesma desde que a televisão foi tomada por matérias de gente dizendo ter visto lobisomens e vampiros perambulando pelas ruas. Se eles estavam por aí esse tempo todo, como é que ninguém tinha falado sobre aquilo antes? Tudo o que existiam eram livros de ficção nas prateleiras das livrarias e filmes nas videolocadoras. Seria possível mesmo aquilo tudo ser verdade?

Mesmo assistindo imagens gravadas em programas de auditório dominicais, para ela tudo não passava de uma armação das gigantes. Alguém sempre faturava alto com aquelas coisas. Mas a coisa já beirava a calamidade. Primeiro porque o Exército tinha comprado a conversa e instaurara um toque de recolher provisório. Nunca tinha visto São Paulo daquele jeito. Depois das dez da noite a cidade ficava parecendo uma cidade-fantasma, deserta, com ruas livres, trânsito zero. Contudo, para compensar, pelas manhãs era aquele caos no trânsito. Pressionou a tecla de busca mais uma vez. Caiu na *Jovem Pan*. O *Jornal da Manhã* falava justamente sobre o assunto. Anunciava que ouvintes mandavam mensagens ou ligavam das imediações do Ipiranga dizendo que as ruas estavam interditadas pelo Exército e que caminhões e helicópteros não cessavam chegar às imediações, transformando os bairros circunvizinhos em uma praça-de-guerra. Outros diziam que em nada aquilo parecia com treinamentos e exercícios; os militares estavam mesmo combatendo os infectos. A gravação de um repórter nas imediações descrevia o que se passava quando ele interrompeu por conta de disparos ouvidos a distância. Vanessa refletiu que na TV não deveria estar muito diferente. Olhou para o banco de trás e viu Maylla e Pedro dormindo. Tamborilou os dedos no volante. Tinha que deixá-los na casa da sogra para poder ir ao trabalho. Dia cheio. Bem que podiam suspender as atividades na empresa por uma semana até aquilo ficar tranquilo. Quando ficava longe dos filhotes, ficava com o peito espremido, sem saber o que estava se passando, tendo que ligar de meia em meia hora para dona Glória que devia achar-se a pior avó do mundo de tanto que a nora ligava. Vanessa olhou para fora quando tudo escureceu. Gotas grossas começaram a bater contra o vidro.

— Fodeu.

O trânsito já estava uma droga. Com chuva então, era melhor nem ter saído de

casa. Os carros andaram alguns metros. Um motoboy que tinha caído na pista da esquerda batia boca com o motorista de uma *pickup* da Eletropaulo, tudo acontecendo para piorar o trânsito. As gotas aumentaram de número e intensidade, forçando a moça a acionar o limpador de para-brisa. Pedro sentou-se no banco, acordado pelo tamborilar das pesadas gotas de chuva batendo contra o teto. O garoto de sete anos passou o braço na frente dos olhos. O barulho ritmado aumentou e triplicou. De um instante para o, outro, mãe e filho viram a chuva transformar-se em tempestade.

Pedro, ainda sonolento, buscou os olhos da mãe no retrovisor.

— Que foi que você disse, mamãe?

— Eu? Não disse nada, filho. Acho que é o rádio que você tá ouvindo.

— Não, não. Você falou aquela palavra feia que o papai vive falando e você reclama o tempo todo.

Vanessa não verbalizou mas pensou novamente: “Agora fodeu mesmo”.

— Se você não deixa eu e o papai falarmos a palavra feia, não pode falar também.

— Tá certo. Tá certo, Pedroca. Dessa vez escapou. E mesmo a mamãe tendo falado a palavra, não deixa ela bonita. Perdoa a mamãe. Eu errei. A palavra feia continua feia. Não repita isso pra ninguém.

O garoto sorriu e empurrou as pernas de Maylla, sua irmã mais nova, para deitar novamente.

— Vai demorar pra chegar na vovó Glória?

Vanessa suspirou fundo, vendo os carros parados, os vidros embaçados e a força da tempestade só aumentando.

— Vai, filhão. Pode dormir bastante. Vai demorar um bocado.

O caminhão-líder do comboio seguia com os faróis altos ligados e o limpador de para-brisa na velocidade máxima, mesmo assim sem conseguir dar conta do volume de água. Era difícil enxergar dois metros à frente do veículo. O comboio de vinte caminhões saídos do Ibirapuera não esperava por aquela chuva. O caminho que

se encontrava livre para o tráfego dos militares estava agora cheio d'água e obrigava a velocidade ser reduzida. A terceira leva de soldados era esperada para adentrar o condado. O líder do comboio tinha a responsabilidade de fazê-los chegar a tempo. Por isso seguiu o caminho traçado e entrou em maior velocidade na pista expressa da marginal Tietê. As rajadas d'água contra o vidro mantinham sua atenção na pista e por essa razão talvez tenha se abstraído e só agora percebia que a água do rio invadia as pistas. O rio Tietê transbordava.

Jó estava agora no topo das grandes torres envidraçadas à beira do rio. A chuva batia em seu corpo e parecia não molhar sua túnica branca. Estava sereno e aguardava algo com um sorriso nos lábios. Adorável visão aquela do rio cheio, transbordando, limitando os movimentos dos humanos, carregando doenças e ratos para suas casas. Alagaria aquela cidade. Alagaria aquele estado. Eram teimosos a ponto de enfrentá-lo. Se a teimosia persistisse, morreriam todos tentando. Jó não reduziria seu severo castigo nem recuaria as bordas do condado um milímetro ao menos. Ao contrário. A cada ataque, lançaria as cortinas de neblina mais longe, ampliando seus domínios e fazendo seus inimigos pagarem bastante caro por qualquer afronta.

Às suas costas estava o shopping D e mais adiante o estádio da Portuguesa. À sua frente os olhos alcançaram o que esperava. As luzes dos caminhões do Exército trazendo mais combatentes. Quando o vampiro sorriu novamente, seus dentes aguçados escaparam pelos lábios. Jó apontou para cima e depois para eles. Pobres soldados. A maioria jamais chegaria aos limites do condado.

O motorista continuava firme, mas o medo ia aumentando a cada metro avançado. Parecia que a água do rio não parava de subir e teve a impressão umas duas vezes de estar perdendo a tração nas rodas. Iam todos calados, tensos, tomados pela agonia. Sabiam que teriam uma luta terrível pela frente logo que atravessassem a neblina da área de combate, mas não imaginavam começar a viver momentos de pavor com a tempestade inoportuna que castigava a cidade, inundando ruas, fazendo bueiros cuspir colunas de água escura para cima e tornando a paisagem ainda mais sombria.

O motorista pisou no freio do veículo, obrigando a parada de todos os caminhões enfileirados.

Praguejou e mal disse a si próprio. A chuva era tanta, os medos tantos, que tinha perdido a saída. A pista à frente entrava num desnível, descendo coisa de cinco metros. Cinco metros que seriam fatais com tanta água empoçada na pista. Teria que engatar marcha a ré. Teria que se desviar do veículo logo atrás. Levou a mão ao rádio pendurado no teto da cabine, mas parou. O soldado que ia ao seu lado apontava para avenida Cruzeiro do Sul. Não podia ser verdade aquilo. O dedo do rapaz tremia, mostrando uma coluna negra vindo na direção dos caminhões. Era uma nuvem, como um dedo gigante, voando em sua direção.

— Santo Deus Pai! - Exclamou o motorista, com o botão de falar pressionado.

Na sala do comando central mais notícias ruins chegavam. Os helicópteros tinham sumido do radar dos controladores de voo e perdido também contato pelo rádio. Os pilotos levando as tropas voavam às cegas.

Dentro de uma dessas aeronaves, carregadas de soldados de Quitaúna, as imprecações não cessavam. Todos discutiam, esquecendo até mesmo a hierarquia momentaneamente.

— Desça logo essa bexiga! Não quero morrer aqui! - Gritava um rapaz.

— Calma, soldado. Está uma escuridão total, ao menos voando sairemos dessas nuvens. Preciso achar chão para pousar.

— Pelo amor de Deus, tenente, ache logo esse chão! Meu estômago tá revirando. Vou colocar tudo pra fora.

A aeronave novamente chacoalhou.

A maioria dos soldados começou a rir da cara de medo de uns três gatos pingados, mas, de repente, seus rostos também se transformaram.

— “May day”, “may day”, “may day”! Aeronave IE-44-P. Sem posicionamento. Voo cego. “May day”, “may day”, “may day”.

Nenhum dos soldados era da Força Aérea ou Marinha, mas sabiam muito bem o que significava um “may day”, palavra de origem francesa, derivada da expressão *venez m’aider* que significa “venha me ajudar”, consagrada mundialmente como código-padrão de pedido de socorro.

O piloto a todo instante recorria ao rádio, emitindo o clássico “may day”, pedindo orientação. Os aparelhos de navegação tinham entrado em parafuso e nada

parecia funcionar direito. Não sabia até quando os rotores suportariam as mudanças sucessivas de pressão atmosférica, as correções e tanta turbulência. Precisava pousar em no máximo dez minutos. Segurou firme o manche e guinou para a esquerda coisa de cinco graus. O Merlin Lockheed Martin, doado há cinco anos para a Força Aérea por uma boa alma, roncou e perdeu altitude repentinamente.

O soldado enjoado vomitou, esparramando o café-da-manhã no compartimento de passageiros, acentuando a náusea daqueles que iam se segurando até então.

Alguns fizeram chacota, o que ajudou temporariamente a aliviar a tensão na cabine.

O piloto reduziu a altitude, os faróis estavam acesos em potência máxima. Repentinamente, como tudo tinha começado, os aparelhos de navegação pareceram voltar ao normal, as luzes vermelhas se apagaram por um instante e o piloto obteve leituras reais de altitude, direção, latitude e longitude. O chiado no rádio continuou. Ele pressionou o botão e soltou outro “may day”, pedindo instruções. Então um alto e agudo alarme disparou.

— Merda! - Exclamou o piloto olhando para o *flag* vermelho aceso no painel superior do Merlin.

Seu coração quase saiu pela boca e ele puxou o manete ao encontro da virilha, fazendo o bico da aeronave subir a sessenta graus numa guinada espetacular. Outros alarmes começaram a soar e luzes piscantes invadiram todas as áreas dos painéis da aeronave, enquanto alguns dos soldados desprevenidos voavam para o fundo do compartimento. Gritaria geral. O alarme agudo era o alarme de impacto próximo.

O helicóptero, encontrando-se com o topo do prédio do Banespa, explodiu numa bola de fogo, incinerando cada um dos inimigos de Jó.

O vampiro que estivera por séculos recolhido no templo do Deus Noite continuou a movimentar a mão. Era como se guiasse aquele apêndice de nuvem. Relâmpagos acertavam inclementes o comboio, torrando os equipamentos eletrônicos e afundando os soldados no mais puro e completo desespero.

Então, como evocada do inferno, a enxurrada que descia a avenida Cruzeiro do Sul foi canalizada pelo dom maldito do vampiro, transformando-se numa tromba-d’água, numa onda pluvial que se levantou a dez metros de altura, com a largura de sessenta metros, e avançou, arrancando tudo o que encontrou pelo caminho, em direção ao comboio, passando pelo canteiro divisor da pista local para a expressa. Os soldados dentro dos caminhões atingidos gritavam a plenos pulmões. Os mais covardes ou mais espertos saltaram pela traseira, tentando inutilmente fugir do

indefectível final que os aguardava. Sete dos vinte caminhões foram tragados pela onda e jogados ao leito do rio, sendo carregados como barquinhos de papel e afundando lentamente no Tietê.

Do restante do comboio, os soldados trataram de saltar antes que outra tromba d'água daquelas desse conta de seus caminhões. Foi um deus-nos-acuda e salve-se quem puder. A água chegava quase à cintura e muitos deles não fizeram frente à força da correnteza, sendo arrastados e dragados pelo rio. Um bom número conseguiu subir em direção à avenida, onde a água corria mais rasteira e, demovidos de toda coragem e vontade, marcharam, como quem não tem opção a não ser encarar o carrasco, para dentro do condado de Jó.

O vampiro saltou de cima da torre e desapareceu no céu escuro, voltando para o umbigo de seus domínios.

Vanessa, presa em seu Ford Fiesta, via incrédula a tempestade aumentar de intensidade. Passava agora por baixo do vale do Anhangabaú e as lembranças daquele túnel somadas as chuvas fortes não eram as melhores para rondar a mente de uma mãe acompanhada de dois filhos pequenos. Coisa incomum, mas involuntária aconteceu. Vanessa, sempre controlada no trânsito, começou a disparar a buzina. Tinha que tirar Maylla e Pedroca dali.

Os carros não se moviam mais. A mulher começou a ser tomada pelo típico mal-estar que toma a cabeça de pais e mães em situação bem menos críticas que aquela. Foi num estalo que tomou a decisão.

Os filhos, já acordados, olhavam pelas janelas embaçadas, passando as mãozinhas para livrar os vidros do Fiesta do vapor.

— Vamos sair. Isso aqui está ficando perigoso.

— Não quero sair, mãe - choramingou Maylla, fazendo bico. - Tá molhado lá fora.

Vanessa passou a mão sobre o vidro e um arrepio tomou seus braços. A enxurrada percorrendo o asfalto tomava todas as pistas e era das fortes.

— Escuta, amor da mamãe, a gente tem que sair, tá? Não fica com medo.

— Eu não tô com medo.

— Então põe sua blusinha que eu vou te pegar no colo. Pedroca, não solta minha mão por nada no mundo.

Os filhos ficaram quietos. Nenhum deles comentou, mas sempre trocavam um olhar quando a voz da mãe estava cheia de medo. Igual quando tinha ligado para o papai quando a barata apareceu na cozinha. A voz estava igualzinha.

Vanessa não era uma daquelas mulheres pequeninhas; apesar de magra, era bem forte. O Beto a chamava de gigante gostosona. Ela abriu a porta e então o carro foi invadido pelo barulho da água correndo, dos motores e buzinaço. Olhou para trás e viu os olhinhos assustados dos filhos. Seu coração apertou. Onde estava com a cabeça quando saiu de casa de manhã?

A mulher desceu do carro e abriu a porta traseira do veículo. Maylla atirou-se em seu pescoço e Pedro desceu. Ele reclamou da água gelada. Ela nem ligava para a temperatura. O que a assustava era a força da correnteza. Estava bem no meio do túnel do Anhangabaú. Tinha que sair rápido.

— E o carro, mamãe? - Perguntou o menino.

— O guincho vem buscar, Pedroca. Vamos sair daqui. Depois conversamos.

— Não consigo andar, mãe. A água tá gelada.

— Me ajuda, Pedro. Anda um pouquinho. A Maylla tá pesada. A mãe não aguenta os dois no colo.

Foram saindo de perto do carro. Por um instante ela não sabia se era melhor ir para a frente ou voltar. Ir para frente. Assim se afastaria da zona com problemas noticiada o tempo todo no rádio. Quando deu os primeiros passos sentido a rua Maria Paula, sentiu aquela vibração. O chão... O chão tremeu! Pedacos do teto despencaram sobre o carro, fazendo-a reclinar, protegendo Maylla. Pedro estreitou-se contra a cintura da mãe, sem soltar a mão, assustado com o grito da irmã.

Pedacos de cimento e concreto amassaram o capô de dezenas de carros. Motoristas apavorados começavam a descer dos veículos.

— Vamos! - Ordenou a mãe aos filhos.

Vanessa seguiu em frente. A água só aumentava a força, empurrando-a para o fundo do túnel. Conforme avançava ia subindo o nível da enxurrada, chegando rapidamente aos joelhos, dificultando o caminhar.

Outro tremor. Mais pedacos de pedra despencando. Vanessa começou a rezar quando o óbvio bateu como um torpedo em sua cabeça. O túnel estava

desmoronando! Apressou os passos. Mais e mais gente deixando os carros como ela. Vanessa tomou um esbarrão de um senhor calvo e quase caiu, sendo gratamente amparada por um outro senhor, de óculos.

— Vem. Eu ajudo a senhora. Quer que eu leve a menina?

— Não. Não precisa. Mas fica comigo, moço. Me ajuda com o garoto. Dá a mão pra ele, Pedroca.

Pedro olhou com olhos de mimo e insegurança para a mãe. Não soltou da mão dela e estendeu a outra para o homem.

Firmes, foram seguindo, até que sobreveio novo tremor, mais forte, mais assustador. Um barulho de monstro, um rugido, infestou o túnel. A iluminação pública desapareceu e tudo ficou escuro. Vanessa sentiu a correnteza aumentar e mais pedras caindo. Apertou forte a mão de Pedro para não se separarem. Gritos de desespero vinham de todas as partes. Maylla agarrou-se tão forte ao seu pescoço que chegou a lhe faltar ar.

— Calma, filha! Está machucan...

Não completou a frase e uma daqueles pesados pedaços de concreto bateu sobre o carro ao lado e fez estilhaçar os vidros e tombou, desequilibrando o homem, Pedro e Vanessa. Um pedaço do escombro acertou o calcanhar da mulher que gritou e caiu. Sua mão ainda agarrada à de Pedro. Maylla foi ao chão. A correnteza arrastou sua filha. Vanessa levantou-se como uma gata e correu arrastando Pedro atrás de si e o homem que tentava ajudar.

— Minha filha! Ajuda!

Escuro. Ela não via Maylla e ouvia o seu choro se afastando perigosamente. A água chegava à cintura da mulher e ao peito de Pedro. Empurrava com força. Vanessa desesperou-se gritando mais e mais. Não dava pé para a pequena Maylla. Ela tinha só cinco anos.

— Minha filha! Segurem!

Vanessa avançou desesperada. Não conseguia ver a filha entre as fileiras. Correu. A água começou a descer, rápida e abruptamente com a chegada de outro tremor e um novo roncar. Então viu Maylla na superfície, olhos arregalados. Estava se afogando. Vanessa foi empurrada para o lado quando tentou chegar perto dela. “Uma jiboia!”, gritou! Não era. Riria se pudesse, se não fosse consumida pelo mais puro desespero. Era uma raiz de árvore, ali, no meio do túnel! Avançou, puxando Pedro que chegava a bater os pés na água para ficar com a cabeça acima do nível.

Viu o cachecol colorido da menina. Correu e agarrou seus cabelos!

— Maylla! - Gritou.

O ronco do monstro ficou mais forte. Um monstro dentro do túnel! A força da água aumentou e então um clarão se fez quando um pedaço do túnel caiu, trazendo luz de fora. Uma onda formou-se quando o imenso bloco de concreto repartiu as águas. Para seu total desespero, perdeu Maylla das mãos novamente.

— Nãããããooooooooo! - Berrou a mãe.

A água voltou para o lugar, puxando mais forte, igual as ondas retornando no litoral, afastando a menina de suas mãos. Com a luz, Vanessa viu a fera terrível. A fera era uma fenda com dois metros de largura que agora servia para escoar a água, o que seria uma benção caso essa água não estivesse formando uma correnteza tão forte que tragava para as entranhas da terra sua pequena bebê de cinco anos.

Vanessa saltou para a frente arrastando Pedro. O homem soltou o menino, correu mais e conseguiu pegar a menina antes que fosse engolida pela garganta da terra.

Mais raízes surgiram e, para a incredulidade de todos, uma árvore rompeu do chão e varou o túnel, chacoalhando tudo mais uma vez, fazendo a terra tremer e quebrando outra parte da cobertura, lançando mais luz para dentro.

Vanessa viu pessoas sendo soterradas pelos blocos de concreto. Viu Maylla tossindo nas mãos do estranho. Olhou para cima e a tempestade, insensível e assassina, despejava água continuamente.

— Maylla - murmurou a mãe, perdendo as forças, caminhando para encontrar a filha.

Outro turbilhão de água engolfou a todos e outro galho apareceu da parede do túnel, empurrando mais pedras. O homem escorregou ao entregar a menina, e a correnteza, ganhando força, arrastou o sujeito que gritou. Maylla segurou a mão da mãe, mas a enxurrada era tamanha que Vanessa não conseguiu tomá-la nos braços, prendendo-a perigosamente pela ponta dos dedos. O homem que salvara a filha foi sendo carregado pela água, indefeso, gritando, e então o terrível, sucedeu. Ele se agarrou com todas as forças a um Clio à beira da garganta que engolia água. Como a enxurrada só aumentava de força, foi vencido, e homem e carro foram lançados no abismo, ouvindo-se um derradeiro grito de horror.

Vanessa chorava junto com a filha e o filho.

— Tô com medo, mãe! - Gritou Pedro, as suas costas, preso entre o corpo da mãe e a janela aberta de um Corolla, onde ele tinha inteligentemente enfiado os pés, conseguindo mais firmeza.

Vanessa olhou para os olhos assustados de Maylla e gritou quando a menina escapou novamente de suas unhas.

— Mãe! - Foi o último grito da garotinha, engolfada pelo turbilhão.

Vanessa não acreditava no que seus olhos viam. A filha desapareceu na escuridão da garganta. O túnel todo tremeu quando a mulher virou-se para Pedro, buscando forças sobre-humanas para não largar o filho no Corolla e atirar-se ao abismo para não deixar Maylla enfrentar sozinha aquele horror.

O chão tremeu, desta feita mais forte do que nunca. Tudo chacoalhou. Vidros de carros explodiram todo o teto do túnel veio abaixo, lançando ao céu uma cortina de poeira que só não se alastrou por conta da tempestade.

Vanessa tremia de desespero. Queria vomitar. Agarrada a Pedro, pranteavam à filha e à irmã.

O túnel não existia mais! Olhando para trás, Vanessa via pedaços das escadarias da Sé tombados sobre o vale do Anhangabaú. Pedaços da cúpula brilhante tinha vindo ao chão. Prédios inteiros caídos no fundo do vale, árvores inacreditáveis tomando o lugar da paisagem citadina, crescendo miraculosamente, subindo ao encontro do céu. As copas das árvores cobriram tudo e o verde formava agora um novo túnel de galhos e folhagens verdes. A garganta parou de clamar por água. A enxurrada diminuiu com a chegada da cobertura e em segundos o asfalto abaixo dos pés da mulher ficou quase seco. Ela caiu de joelhos, com o braço esquerdo erguido, com a mão ainda enlaçada à mão do único filho. Ela chorava. Não seria exagero dizer que a intensidade de seu pranto era tamanha que aquela tempestade viraria coadjuvante de suas lágrimas. Vanessa sentiu tudo nublar. Não podia desmaiar. Não podia morrer de arrependimento e tristeza antes de tirar Pedroca daquele pesadelo.

— Mamãe... - ressoou a voz do menino.

Vanessa não respondeu. Só chorava.

— Mamãe... Eu não larguei sua mão. Não larguei.

Vanessa só balançou a cabeça positivamente e, amargurada e tremendo, encostou a cabeça no pneu do carro.

— A Maylla largou, mamãe. Eu não larguei.

— Eu sei, Pedroca - roncou a mulher, com a voz transformada pelo pranto.

— Ela largou de teimosia. Agora ela tá lá no céu.

A mulher soltou um grito de desgosto. O filho falava a verdade. Seu anjinho tinha ido para o céu.

— A gente pode buscar ela no céu, mamãe?

Outro grito de horror. As palavras inocentes do filho pareciam adagas perfurando seu coração. Os soluços aumentaram. Ela se levantou lentamente. Taparia a boca do menino se fosse preciso. Tinha que sair dali. Tentou enxugar as lágrimas.

— Nem com uma escada bem alta dá pra gente buscar ela no céu?

— Não, filho. Chega. Para de falar.

— Se a gente não pegar a Maylla, como ela vai sair de lá? - Perguntou o garoto, insistente, apontando para cima.

Vanessa fungou e olhou para o filho, clamando:

— Não fala isso, Pedro. Chega!

O dedo dele, apontado para o céu, foi descendo devagarinho.

Vanessa, sentindo um calafrio, olhou para trás. Da garganta assassina tinha subido uma imensa árvore. Sobre um dos galhos, o cachecol da pequena. Olhando mais para cima, o pequeno corpo de Maylla, deitado num frondoso galho, aparado por inúmeras folhas. Vanessa levou a mão à boca e engoliu um grito.

Maylla moveu-se lentamente. Tossia. Olhou para o lado e levou a mão à boquinha. Olhando lá para baixo, via a mãe e o irmão recostados num carro prata amassado.

— Mãe!

A tempestade infernal durou mais de quatro horas, abrangendo desde o litoral paulista até as cidades do interior do estado, como Itapetininga, Sorocaba, Porto Feliz, Jundiaí e centenas de outras, reproduzindo em escala semelhante os estragos

causados na capital paulista. As imagens da enxurrada e inúmeros transbordamentos de rios, barragens e córregos começaram a correr o mundo, mostrando que algo de muito errado e danoso acontecia no Brasil. Algo que escapava totalmente do controle das autoridades locais. Algo que decididamente transformaria todo o globo e toda a crença corrente.

O comando central, vendo o relógio acelerado diante de seus olhos, não perdeu tempo com planos elaborados ou hesitação. Tinham que continuar. Em nome do Brasil, tinham que investir duro. Aquele sortimento de desgraças tinha que ter um fim. Aquele demônio chamado Jó baixaria a guarda por bem ou por mal. O condado do vampiro tinha aumentado de tamanho, tropas inteiras engolidas antes de receberem as orientações devidas. As Forças Armadas, o Ministério da Defesa, não podiam esmorecer. Era hora de atacar, com força total. Mais soldados seriam enviados. Nenhum esforço seria poupado. Em duas horas, o condado estaria completamente cercado e um novo ataque seria lançado.

Da base de Pirassununga, dezenas de caças da Aeronáutica levantaram voo para lançar um ataque sem precedentes na história militar brasileira. As aeronaves iam carregadas de bombas que seriam despejadas dentro do território tomado pelo vampiro. Tão inacreditável quanto a existência de um ser daqueles, tão inacreditável quanto a tempestade causada pelo monstro era a resposta imediata do comando central. Centenas de prédios iriam ao chão. Dezenas de ruas bombardeadas. Tudo na ânsia voraz de não perder a guerra para uma criatura tão perigosa.

Mais uma vez os soldados marchavam. Marchavam para dentro do condado, para encontrar o desconhecido, para enfrentar mais uma das armadilhas de Jó.

Jó assistia a milhares de jovens rapazes mais uma vez enfrentando sua ordem de recuar, sua ordem de não invadirem o território da neblina. O vampiro saltou de cima do viaduto e bateu no chão contra a neve. Os soldados vinham de todos os lados. Armas apontadas, faroletes acesos. Jó caminhou sobre a neve sem deixar marcas atrás de si. Os inimigos eram milhares e seriam postos para correr. Ele sabia que eles correriam. A noite se avizinhava. Logo seus filhos da noite estariam acordados para assistir o truque mais interessante que planejava contra a teimosia do Exército... Caso eles persistissem depois do que faria com aquelas primeiras fileiras.

Jó abaixou-se, agachando próximo a um carro. Os soldados ainda não podiam

vê-lo. Jó soltou um rugido de fera. Sua boca começou a salivar. O rugido chamou a atenção de alguns humanos que se aproximavam. Seu manto branco começou a esvoaçar e a soltar pedaços que subiam para o céu.

Jó rosnou como um lobo. Seu corpo foi se cobrindo de pelagem escura e sua boca se alongou. Seus braços cresceram, mais do que os braços de dom Afonso teriam crescido. Jó urrou selvagem. Não se importava mais se chamaria ou não a atenção dos soldados, a mutação estava quase completa.

Capitão Humberto era um dos muitos capitães da primeira leva que tinha sobrevivido ao fogo cruzado. Infelizmente nem Cerpilho nem Neiva tinham escapado com vida daquela primeira confusão. Humberto guiava o que tinha restado de seus homens quando ouviu aquele rugido monstruoso.

— Fiquem juntos! Deve ser outro truque daquele demônio.

Do lado de fora do condado o sol ia descendo rumo ao horizonte e em questão de poucas horas seria noite dentro e fora da terra da neblina.

Novamente o rugido se deu. Pelo rádio Humberto alertou o comando central. Centenas de soldados rodearam o líder do Pelotão de Infantaria 99. Os homens da 76 integraram-se ao seu regimento.

— Já vi esse demônio operando. Ele é capaz de tudo. É capaz de fazer você ver o que não está lá.

Assim que completou a advertência, centenas dos soldados enxergaram um monstro gigantesco tomar o meio da avenida. A fera, grotesca e de formas estranhas, tinha um jeito de lobo. Um lobo de tamanho nunca visto.

A fera colocou-se de pé e uivou. O som expelido por sua garganta reverberou de forma fantástica pelo vale, batendo contra os prédios e quebrando milhares de vidraças, obrigando os soldados a se abaixarem e taparem os ouvidos para não terem os tímpanos também explodidos. O monstro fechou os punhos e sua pelagem brilhou num tom vermelho, suas garras começaram a parecer trêmulas aos olhos dos soldados que tinham coragem de encará-lo. Trêmulas como fica a visão do asfalto-esquálido ao sol do meio-dia. Vermelhas como lava. As mãos da fera expeliam calor!

Jó, transformado em fera, agarrou uma van de grande porte. A neve derreteu instantaneamente. O lobo monstro ergueu o veículo acima da cabeça enquanto a ferragem tornava-se incandescente. Arremessou o veículo contra um batalhão que vinha em sua direção. A van não parecia mais um automotor, parecia um meteoro pegando fogo, entrando na atmosfera. Cerca de vinte homens foram engolfados por aquela armadilha.

Um soldado, bem perto de Humberto, saltou no chão gelado quando a bola de fogo explodiu perto de seus amigos. Levantou apavorado, gritando:

— Senhor! Essa bola de fogo não é minha imaginação! Senhor, isso está aqui, na nossa frente!

— Atirem no monstro! - Berrou Humberto.

Uns poucos bravos soldados viraram seus fuzis para a criatura que berrava alucinadamente. Os tiros de fuzis foram certos. A fera veio se aproximando lentamente, passo a passo, fazendo o chão tremer. Gritava de dor com a saraivada de balas, mas os soldados não conseguiram sustentar o ataque do calor insuportável devido a aproximação da fera incandescente. Os soldados correram.

Tanques de guerra vinham subindo a Cruzeiro do Sul, sentido avenida do Estado. Urutus trazendo mais homens cruzavam as ruas rumando para a marginal. Blindados, com canhões, eram apontados para o monstro.

Jó avançou sem dó nem piedade. Batia as garras contra os prédios que desmoronavam, esparramando escombros em chamas para todos os lados, afastando os soldados mais bravos. Agarrava veículos do chão, jogando Gols, atirando Kombis, que viravam projéteis de fogo, destruindo as formações estratégicas, tirando a vida às dúzias.

Mais soldados entraram no perímetro, mais soldados ficaram apavorados, mais soldados esbugalharam os olhos. Nunca tinham visto nada igual. Era a mesma coisa que ver um demônio do inferno caminhando sobre a terra.

Onde o monstro pisava, a neve derretia. Onde o monstro tocava, um fogo mortal ardia.

Os blindados abriram fogo. Projéteis explodiram contra os braços da fera que tentava se proteger. Soldados ganharam confiança e apontaram fuzis para o monstro, abrindo fogo. Pela primeira vez viram o demônio recuar um passo. A fera não

perdeu tempo e esgueirou-se por baixo do elevado, onde uma linha de metrô passava. O viaduto começou a arder em chamas. Jó mudou o ângulo do ataque e arremessou mais veículos. Saltou para cima de um daqueles tanques de guerra e com a mandíbula feroz retorceu o canhão da máquina do Exército. Ergueu o pesado blindado de Quitaúna e o arremessou contra outra coluna de soldados. O viaduto cedeu em um trecho, soterrando os mais incautos combatentes. Jó urrou para o céu negro e nova saraivada de balas veio ao seu encontro. Com a pele ferida, recuou novamente. Um tanque-de-guerra acertou um disparo acima de sua cabeça, derrubando parte de um prédio residencial. Jó caiu. Suas mãos, que espalhavam fogo, apagaram-se, enquanto outros e mais outros blindados, cercava, disparando incessantemente.

O monstro ouviu o som dos aviões acima das nuvens. Sabia que os pilotos nada enxergavam dentro do condado e essa foi a salvação da criatura quando o silvo das bombas caindo das alturas invadiu a terra de névoa e treva. Bombas inúmeras choveram, obrigando os soldados e os veículos de infantaria a se retirarem apressados e assustados. As explosões eram impressionantes. Jó tentou se levantar para seguir rumo ao museu, mas foi abalroado por destroços que voaram em sua direção. Uma das bombas atingiu os escombros sobre seu peito e fez pedaços da fera voar para todos os lados.

— Acho que o matamos, senhor! - Gritava Humberto ao rádio.

Antes de correr para dentro de um dos prédios na vizinhança do combate, Humberto tinha assistido o monstro ser pego pelas bombas. Informava eufórico o comando. A euforia teria perdurado caso não tivesse visto aquilo. Do lado de fora do prédio. A nevasca tinha voltado, mais intensa do que nunca. Um sinal claro de que o maldito demônio não tinha perecido.

Jó viu outra vez os humanos postando-se ao redor do condado para tentar uma nova invasão.

O condado, bombardeado, ainda fumegando, já tinha despertado nele a resolução de usar o próximo dom; apenas aguardava que o número máximo de soldados se juntassem para que tantas testemunhas quantas fossem possíveis assistissem ao que se desenrolaria.

Jó olhou para seus filhos, que rodeavam em grande número o monumento principal do museu do Ipiranga.

— Afastem-se, filhos. Meu próximo truque virá por meio dessas portas. Não fiquem na frente dos combatentes. Eles podem demorar um instante para localizar e entender quem são os inimigos.

Ao som do comando de Jó, os vampiros abriram um semicírculo à frente das portas das tumbas daquele imponente mausoléu.

No comando central as cartas acabavam. O general no comando da missão já não tinha tanta confiança. Só lhe restava aquilo. A superioridade numérica. Até agora essa estratégia não surtira o efeito esperado. Cada uma das incursões resultara em uma reação surpreendentemente do demônio que havia tomado parte da cidade. Contudo, agora todos os homens disponíveis para o ataque estavam posicionados e um número ainda maior vinha sem parar de outros estados. O general lançaria um ataque com vinte mil soldados de uma vez e depois, se ainda fosse necessário, mais vinte mil soldados, de todas as Armas, entrariam em campo. A ordem de ataque, sem o entusiasmo e a energia das primeiras, foi dada.

A ordem chegou pelo rádio e, pela quinta vez, capitão Humberto, no comando do Pelotão de Infantaria 99 e 76, entrava no condado de Jó. Não havia mais confiança em seus olhos. Havia apenas o senso hermético do dever. Tinha que levar seus homens. Era sua obrigação. Era seu fardo. Tinha sido treinado e pago pelo Exército para estar preparado quando esse dia chegasse. Mesmo que a nova incursão significasse o fim de sua vida. Era seu dever levar os homens ao encontro de Jó. Era seu dever descarregar mais uma vez o fuzil contra os inimigos, não importando qual sorte de monstros o demônio colocasse em seus caminhos.

Os vinte mil soldados marchavam. Incitados pelo comando central, com ordens de último confronto. Com ordens de soberania nacional. Inflamados por palavras-chave, por neurolinguística. Marchavam determinados, armas em punho. Preparados para o confronto.

Os primeiros soldados a chegar aos portões do Ipiranga, avistando a distância os inimigos agrupados, começaram a disparar.

Projéteis prateados ricochetearam contra o mausoléu. Quatro ou cinco vampiros, baleados, tombaram gritando de dor.

— Não fujam, crianças da noite. Não será necessário. Todo aquele que tombar ferido por mim será curado. Não fujam. Quero que assistam à vitória de nosso poder

da noite contra o poder do dia.

Jó ergueu as mãos. Inspirou fundo e soltou um poderoso grito. O berro descomunal, aliado ao dom do vampiro de controlar o tempo, viajou por eras e tombou nos ouvidos de um exército morto e há muito adormecido. A voz de Acordador despertou guerreiros de outros mundos, outras eras e nações. O vampiro Jó concebia o inconcebível. Então, do meio da névoa que escapava das portas das tumbas do mausoléu, ouviu-se uma marcha cadente. Eles vinham. Vinham para combater o exército dos homens. Eles vinham. Um exército de mortos. Um exército de infantaria que faria frente aos fuzis e à bravura daqueles milhares de soldados brasileiros. Um exército tão organizado e temido em seus ataques de infantaria que drenaria toda a confiança do comando daquela missão e colocaria um ponto final àquela teimosia quase sem fim.

Os vampiros, por razão de sua natureza, eram criaturas que raramente se espantavam, mas não houve um que não arregalasse os olhos e não se postasse com incredulidade diante daqueles soldados que subiam as escadas, silenciosos, com aparência cadavérica, mas de garbo imponente. Talvez fosse seus uniformes que, mesmo um tanto turvos, sem o brilho dos tempos áureos, roubado pelo tempo, exalavam imponência e perigo.

Os legionários, com seus gládios à mão, os soldados de infantaria, com lanças e escudos, foram formando as companhias dispostas em famosos retângulos. Os capacetes prateados com as plumas vermelhas subindo acima das cabeças. Talvez não existisse na terra exército mais famoso que o exército de César, o exército romano.

Oficiais montados em cavalos brancos galoparam até os portões do museu e arremessaram cordas às grades, tombando e abrindo caminho para a legião.

Os soldados romanos marchavam. O som das passadas cadenciadas encheu o ar. Os escudos enormes, de bronze, e as lanças afiadas apontando para a frente formaram uma coluna extensa e assustadora, rumando contra os soldados humanos, que disparavam com fuzis. As balas prateadas cravavam nos escudos. Quando acertavam os guerreiros mortos, estes caíam por um breve instante, quando tinham pálpebras, as fechavam para tornar a abrir em questão de segundos e recuperar a postura ereta e voltar à marcha cadente sobre suas temíveis sandálias de cravos e tiras de couro subindo pelas panturrilhas. Os saiotes agitavam-se a cada passada, os peitoris de couro e ferro protegendo os guerreiros e conferindo-lhes um aspecto ainda mais ameaçador.

Humberto não entendia o que seus olhos captavam. De onde estava vindo

aquele exército? Seria possível? Seria uma nova alucinação? Provavelmente eram obra do demônio Jó, que os fazia novamente enxergar o que não estava ali. Que tipo de ilusão era aquela? O vampiro parecia ter invocado guerreiros da Antiguidade. Guerreiros romanos, com escudos, lanças, espadas, cavalaria e tudo o que o exército romano tinha direito. Contudo, o capitão estava longe demais para perceber alguns detalhes ainda mais funestos. Aqueles guerreiros realmente estavam mortos. Eram guerreiros zumbis que enfrentaria em questão de poucos minutos. Apesar de o Exército brasileiro trazer armas de fogo de última geração, contar com coletes à prova de balas, superioridade numérica... O exército romano não estava vivo. O exército romano não temeria ter o coração atravessado por bala ou por lâmina. O exército romano só teria que fazer o que fazia melhor, avançar e estocar o inimigo, até que todos estivessem no chão, submissos e conquistados para o prazer de César.

Humberto foi despertado de sua divagação quando ouviu o ressoar de botas às suas costas. Viveu um segundo de espanto mais uma vez. Nunca tinha visto tantos soldados brasileiros alinhados e preparados para tomar um terreno. E não era exercício algum. Era pra valer.

Aos gritos os soldados passaram, como uma onda, ao encontro do museu. Iriam, sem sombra de dúvida, acabar com o espetáculo do vampiro e antes do fim da noite aquele pedaço da noite seria retomado. Humberto pressionou o rádio e conclamou sua companhia.

— Avançar! Avançar! Derrubem todos!

— Sem prisioneiros! - Gritou outro capitão de tropa. - Descarreguem até a última bala.

O centurião romano à frente de sua tropa tirou o gládio da bainha e ergueu a espada.

— Destruir! - Gritou em sua língua antiga.

Os soldados bateram o pé contra a neve três vezes antes de seguir. Os homens com lança ergueram os escudos e começaram a avançar em filas ordenadas.

Jó, acima do mausoléu, deu outro berro, encontrando outra época e outros guerreiros. Os olhos dos mortos no Rio D'ouro se abriram. Dom Guilherme tinha em suas terras seus cavaleiros de confiança. E foram os olhos de muitos deles que se abriram naquele instante. Longe no tempo, longe na época, não piscaram quando se materializaram no fundo da tumba e marcharam para fora. Sabiam exatamente para que estavam lá. Para defender seu senhor feudal ou aquele a quem pertencia aquele pedaço de coração. Agora, pelas portas monumentais dos túmulos imperiais,

escapavam guerreiros medievais acostumados a defender dom Guilherme. Homens em armaduras de batalha sobre cavalos imensos de pelagem negra levando bandeiras com os brasões do Rio D'ouro. Um numeroso grupo de seguidores de dom Edgar, trazendo robustos e pesados machados de batalha, e também um bom grupo de arqueiros de outra vila. No meio dos arqueiros destacava-se a figura de uma zumbi que teria sido nos tempos vivos uma linda mulher de longos cabelos louros e cacheados que atendia pelo nome de Beatrice. A arqueira trazia sua arma e gritou vozes de comando para seus soldados. Seu pai olhou-a feliz por reencontrar, mesmo na morte e no campo de batalha, sua filha sempre corajosa. Ele afastou-se cavalgando seu alarão, erguendo sua espada e chamando seus homens que manejavam armas de corte. Beatrice comandaria os arqueiros. Foi ela quem rapidamente os posicionou junto às grades do museu e deu ordem para que os arcos fossem armados.

As cordas tesas foram esticadas com vigor e os arcos levantados em ângulo. Beatrice imitou os homens sob seu comando, olhou para a fileira de inimigos que corriam sobre o campo branco nevado, vindo em direção ao museu, usando estranhas armas de fogo, trajando capacetes também muito diferentes daqueles que os cavaleiros de dom Guilherme costumavam usar. Beatrice sentiu o vento cortando a planície. Direcionou o arco e soltou a flecha que voou solitária por um breve segundo. Então, logo em seguida, seus soldados fizeram o mesmo e o som mortífero da chuva de flechas competiu com as explosões vindas dos fuzis do exército inimigo.

Capitão Humberto continuava avançando com os soldados. Coisa de quinhentos soldados já estavam bem à sua frente, adiantados, correndo para derrubar a fileira daqueles estranhos combatentes com uniformes de infantaria romana. O capitão estacou quando acima dos disparos dos fuzis ouviu um silvo agudo passando para o grave. O capitão ordenou que seus homens interrompessem a marcha, sinalizando e gritando ao rádio. Humberto então identificou a razão do fenômeno sonoro. Identificou na escuridão uma nuvem se deslocando no ar, caindo em direção aos soldados adiantados. Eram flechas!

— Aguardem! - Berrou o capitão.

A nuvem de flechas caiu sobre os batalhões que continuavam avançando, afundando na carne e nos ossos dos rapazes que tombavam gritando de dor, surpreendidos por algo imprevisível.

Do comando central os senhores da guerra tentavam prever o cenário e auxiliar seus peões de batalha em campo. Verificavam os movimentos dos pelotões em campanha e conduziam via rádio o cerco ao museu do Ipiranga.

Já tinham visto muita coisa desde do amanhecer daquela dia, que jamais seria esquecida, para se sobressaltar com qualquer informação vinda do campo de batalha. Contudo, igual ao ocorrido na primeira incursão, quando os soldados dispararam por minutos seguidos uns contra os outros, iludidos de alguma forma por aquele diabo que atendia pelo nome de Jó, os rádios dos líderes de pelotão e de cada um que carregava um aparelho de comunicação com o comando foram acionados novamente por força desconhecida, e novamente as vozes perturbadas dos combatentes chegavam aos alto-falantes conseguindo enregelar o sangue dos ouvintes, dos experientes homens que lidavam com a vida e a morte de soldados em campo de guerra. As vozes dos jovens estavam tomadas por desespero. Ouviam-se os tiros ininterruptos dos fuzis e também os berros daqueles que pediam ajuda.

Nenhum dos oficiais conseguiu ouvir som de arma de fogo alguma vindo contra os soldados. Nenhum dos feridos relatou precisamente o que os havia ferido, até que os soldados que ajudavam os que sangravam começaram também a gritar. Flechas! Cuidado! Flechas estão caindo do céu!

O som dos fuzis foi diminuindo e então um som bem conhecido pelos senhores da guerra entrou-lhes pelos ouvidos. Um exército marchando. Um exército rival, posto que os soldados dos pelotões de infantaria aparentemente tinham parado o avanço quando os primeiros mortos e feridos tombaram com as flechadas vindas do nada. Um exército numeroso e organizado. Dentro da terra de neblina e sombras o impossível acontecia. O relinchar de cavalos somado ao trote de umas tantas montarias ouviu-se vindo daqui e dali.

— Cavalaria? - Perguntou um major, quase engasgando. - Como é possível?

E a resposta veio do grito desesperado de um daqueles que estavam em meio ao combate, no terreno frio e nevado.

— Recuar! Recuar! Afastem-se dos escudos e das lanças! Atirem contra as fileiras da direita e esquerda! Recuar.

— Não recuem! - Gritou outro. - Atirem! Atirem!

— São soldados romanos, senhor? - Perguntou um garoto apavorado.

O general no posto de comando batia os queixos, nervoso.

— Ninguém vai recuar agora! Mandem mais homens! Mandem mais soldados!

Ou acabamos com isto agora ou não acabamos nunca mais.

Jó ouviu mais soldados marchando para dentro do condado e não conteve um sorriso de satisfação. Ao mesmo tempo que aquilo representava uma afronta maior ao seu poder, também justificava descer o açoite com mais dureza contra os inimigos. Se queriam sofrer tanto, podia arranjar para que seus pedidos masoquistas fossem atendidos. Jó gritou novamente, fazendo acordar mais guerreiros de outras eras, de outras épocas e de outros cantos. Guerreiros mortos no campo de batalha, mortos na ponta da espada inimiga, guerreiros que não temiam outros guerreiros quaisquer neste mundo e que saudariam com alegria a face daquele que seria capaz de proporcionar outro dia de luta, outra hora de combate. Jó desceu do topo do monumento para receber os novos soldados assim que deixassem as tumbas imperiais.

As primeiras fileiras romanas alcançaram os humanos presos na neve. Muitos continuavam atirando, bravamente, derrubando centenas daqueles mortos vivos que, agora bem mais próximos, levantavam-se novamente, como se nada houvesse acontecido, como se bala alguma tivesse perfurado seu peito ou entrado pelo meio de seus olhos, apresentando aos humanos um espetáculo macabro e desesperador. Os soldados romanos marchavam e agora preparavam as lanças para estocar a carne mortal. Quando a primeira fileira abriu os escudos retangulares e arrojou as armas perfurantes ao encontro dos inimigos, os gritos no campo de batalha triplicaram e o som dos disparos das armas mecânicas foi diminuindo enquanto o som de choro, de pedidos de misericórdia, berros de dor e morte começaram a entoar a canção dos legionários.

Os soldados que vinham com espadas adentraram as fileiras, descrevendo arcos com suas armas, afundando capacetes modernos e perfurando sofisticados coletes à prova de balas que se mostravam inúteis contra as estocadas poderosas dos centuriões.

A imagem daquele exército de mortos era a expressão máxima do horror. Soldados humanos tombavam tendo gravado em sua retina o rosto cadavérico de combatentes antigos, com capacetes ora dourados ora prateados, homens que eram quase puro esqueleto, atravessando lanças em seus abdomens e golpeando com espadas curtas, com corte dos dois lados. Os soldados tombavam enovelados em seus ferimentos e muitos deles sofriam o suplício de serem pisoteados pelas tropas inimigas, calçando sandálias cheias de cravos de ferro pontiagudos que varavam sua

carne e infestavam a neve branca com mais sangue e pedaços de pele dos açoitados.

Um gigante romano, de dois metros de altura, e ombros largos e compleição assustadora, apanhava uma lança após a outra, a cada inimigo batido em campo de batalha, fazia questão de empalá-lo e fincar a lança no chão de neve, batendo com um golpe tão poderoso que varava ou o asfalto ou o calçamento abaixo do gelo, deixando à sua passagem uma fileira de homens ou mortos ou agonizando, atravessados pelas lanças romanas, com mais de dois metros de altura, deixando o cenário ainda mais fúnebre e tétrico para os que chegavam ao combate. Atrás desse gigante seguiam quatro soldados que forneciam uma nova lança após cada homem empalado, tornando a ação ininterrupta, no fito de criar um cenário que intimidaria qualquer coração mortal que ousasse avançar contra o museu no fito de fazer mal aos filhos da noite.

Capitão Humberto instara seus homens a continuar o combate. Não podia recuar. Gritava ordens, posicionava seus pelotões de acordo com o movimento da onda romana. Seu coração espremeu-se quando viu que os tiros eram inúteis. Eles tombavam para segundos depois tornarem a se levantar, mortos vivos, zumbis do inferno, trazidos para o campo de batalha para um único fim: destruir a vida humana dentro da terra de névoa e sombras. Humberto caiu de joelhos quando seu fuzil travou mudo. Seus olhos percorreram a extensa planície dos fundos do museu até os primeiros quarteirões onde se encontravam agora. A horda romana avançava sem parar, como uma máquina de guerra, abrindo um campo de morte para o lado que bem entendesse seguir, sem mudar de trajetória um centímetro sequer quando deparavam-se com oposição do Exército brasileiro.

Humberto olhou para os portões arrancados do fundo do museu. Um campo de homens tombados, trajando uniformes verde-oliva, fazia um tapete sobre a neve vermelha. Aqui e ali estacas pendiam para o céu, ornadas com os corpos hemorrágicos ou totalmente sem vida. Do meio do tapete de soldados assassinados, quando relâmpagos brilhavam no céu e lançavam claridade sobre os moribundos, viam-se tantos braços sendo levantados, tantos homens mutilados, arrastando-se sem uma das pernas ou sem um dos braços, o que tornava o suplício de respirar aquele mesmo ar ainda mais penoso e insuportável por saber que nada poderia ser feito para confortá-los. As flechas continuavam caindo do céu e agora os arqueiros caminhavam em fileira, com mais de cem homens, avançando em direção ao outro lado do descampado, onde as pontas aguçadas das flechas alcançariam outras vítimas. Do seu lado um ou outro espoco de arma de fogo ainda era produzido, mas como capitão, aos poucos, cada soldado ia sendo absorvido pela realidade e pela certeza da ineficácia daqueles tiros, posto que um após o outro os zumbis abatidos tornavam a se levantar e então pouco a pouco os pelotões do capitão Humberto

foram se aquietando, passando de ativos atores daquele teatro de morte a meros e incrédulos espectadores.

Foi justamente num intervalo desses ditos relâmpagos que Humberto voltou a cabeça calmamente para a direita e mais um calafrio lhe assaltou o corpo. Homens de torsos nus, escudos e lanças, caminhavam em direção ao seu grupo; vinham recurvados, caminhando rapidamente, com capacetes de bronze sobre as cabeças e olhos vermelhos assombrando suas faces, observando os soldados humanos através dos sulcos que as proteções metálicas ofereciam. Diferente dos homens cadavéricos do exército romano, estes eram robustos e tinham a musculatura esbanjando vigor físico, aumentando instantaneamente a intimidação sobre aquela ilha isolada de soldados sobreviventes.

Humberto, sem saber que o canal de comunicação com o comando central já estava aberto involuntariamente, pressionou o botão de falar de seu aparelho.

— Comando Central... Aqui quem fala é capitão Humberto, líder do PI 99 e do PI 76 e mais agregados.

— Prossiga, capitão - retornou o comando prontamente.

— Comunico que nossos homens estão sendo abatidos por soldados fantasmas, senhor. Soldados de infantaria romana, senhor. Com lanças e escudos. Também por um exército de arqueiros da Idade Média, senhor.

— Prossiga, capitão.

— Acabo de avistar um batalhão de soldados inimigos, senhor.

— Abata todos os inimigos.

— Impossível, comando central. Simplesmente impossível. Quero comunicar que acabo de avistar um batalhão de soldados de Esparta, senhor.

— Capitão... Suas palavras! Você está delirando.

Humberto olhou ao redor os corpos caídos, amputados e trucidados pelas sandálias dos romanos.

— Senhor, bem sabe Deus Pai que queria responder sim ao senhor. Lamento informar que nossos homens cairão, um após o outro, sem salvação. Desistam desse território de névoa e trevas, senhor. Nada tiraremos daqui, a não ser loucura e os cadáveres. Peço permissão para retirar meus homens.

Humberto manteve os espartanos sob vigilância visual enquanto aguardava a

resposta que tardou alguns segundos. Os espartanos marchavam mais rápido que os romanos, vinham ligeiros, davam medo só de observar. Alguns de seus soldados começaram a disparar com os fuzis. Os primeiros espartanos tombaram no chão e tal qual os romanos e os arqueiros voltaram a se erguer, agilmente, levantando suas perigosas lanças. Falando nessas armas, alguns dos guerreiros de Esparta baixaram seus escudos e arremessaram as ferozes hastes cortantes. Humberto estremeceu quando um jovem sargento ao seu lado foi arremessado três metros para trás, tombando já sem vida, com uma das lanças atravessadas em seu crânio. Sua respiração perdeu o compasso justamente quando a resposta do comando central chegou via rádio.

— Não desistiremos, capitão do PI 99 e agregados. Não podemos ceder um centímetro.

Bem neste instante tanto Humberto quanto todos os seus homens recuavam a passadas largas, assustados, horrorizados com a aproximação daquele exército carniceiro.

— Temos que mostrar a esse demônio que podemos e iremos derrotá-lo - finalizou o comando central.

Humberto pressionou novamente o botão do rádio.

— Não derrotaremos, comando central. É justamente esse o problema. Esse vampiro já roubou toda e qualquer esperança. Sem esperança não há luta. Sem luta, não há vitória... - tartamudeou o capitão ao rádio.

Humberto retirou a pistola do coldre enquanto soltava o fuzil. Apontou o cano da pistola para sua têmpora, tremendo os lábios e cada músculo em seus braços e pernas. Fechou os olhos quando estes captaram a imagem de uma longa lança voando em sua direção e, antes que sentisse o impacto, puxou o gatilho.

O comando central ainda tentou estabelecer contato com o capitão Humberto por cerca de dois longuíssimos e intermináveis minutos. O som seco do disparo de pistola tão próximo ao rádio foi tomado como um ato desesperado. O capitão agora mudo, provavelmente tinha covardemente tirado a própria vida. Era assim que pensavam aqueles senhores da guerra, sem nunca ter pisado dentro do condado. Sem nunca terem assistido à uma legião romana fantasmagórica assolando pelotão após pelotão. Era fácil chamar de covarde os mortos em campo de batalha.

Ao mesmo tempo que o corpo morto de Humberto tombava livrando seu espírito para viver a grande Aventura, os novos batalhões enviados pelo comando central marchavam para dentro da terra de névoas e trevas. Entrariam no território de

Jó e sabiam pouco do que iriam encontrar. Tinham escutado muitas coisas, tinham sido avisados milhares de vezes para não cederem à imaginação, posto que o demônio dissimulava, usando encantos e hipnose para virar um soldado contra o outro. As ordens eram para avançar sem recuar um passo. Mas quando esses rapazes venceram as primeiras ruas e chegaram à avenida Cruzeiro do Sul e seus olhos encontraram uma batalha campal em andamento, sangrenta e selvagem como jamais vista nem sonhada, vendo seus amigos combatendo esqueletos e monstros cadavéricos trajando uniformes do exército romano, em outra extremidade selvagens com armaduras e machados gigantes, picando com o corte os corpos que encontravam pela frente, lançando cabeças ao alto e braços e pernas para as calçadas, tingindo a neve branca com um vermelho vivo e hemorrágico, seus pés vacilaram, suas pernas tremiam e poucos tiveram coragem de avançar. A muito custo obedeciam os capitães de infantaria. Muitos viravam as costas e começavam a correr para a parede de névoa, buscando sair daquele pesadelo, mas só encontrando mais neblina e bruma e, quando estas dissipavam-se, estavam em becos sem saída, em ruas que novamente desembocavam na avenida principal, em meio a arqueiros que disparavam inclementes contra seus peitos e pernas e guerreiros com capacetes com penachos vermelhos acima da cabeça, aumentando sua estatura e imponência, tornando mais terrível o que já era por demais. Quando os soldados encontravam a trilha de amigos empalados, com os corpos suspensos, gemendo presos a estacas fincadas ao chão, seus pensamentos evaporavam e um instinto primitivo de sobrevivência era acionado, fazendo que se escondessem dentro de carros, corressem pra dentro dos prédios abandonados pela população. Estavam todos vivendo um pesadelo horrível mesmo estando acordados.

Leônidas guiou seus homens. Foi seu seletto grupo de guerreiros que talvez tenha tirado mais vidas naquela noite. Os soldados vestidos de verde não eram páreo para o vigor e a imortalidade dos espartanos, caindo um após o outro. Quando voltou ao mausoléu, recebeu um abraço do bruxo que o despertara para a batalha.

— Vai, guerreiro, volta em paz para o mundo dos mortos.

Leônidas pousou uma mão no ombro de Jó e sorriu.

— Quantas batalhas venham pela frente, quantas batalhas estarei feliz em lutar. Obrigado, bom senhor da noite, por permitir que eu e meus homens tivéssemos instantes de rei novamente.

Jó aquiesce e fez uma reverência.

Os exércitos, marchando sonoramente, voltaram para o fundo das catacumbas e, tão mágico como apareceram, desapareceram.

Jó e seus vampiros passaram a admirar o vale. Nenhum militar do Exército brasileiro lutava mais. Aqui e acolá viam um homem perambulando, provavelmente soldados já insanos, loucos, presos à névoa do condado.

— Vão, meus filhos. Tenham sua primeira noite de caçada dentro do condado.

Os vampiros permaneceram parados por um instante.

Tiago mirava o campo de batalha forrado de cadáveres e do cheiro soberbo do sangue fresco, recendendo como fragrância suave da dama da noite, brindando o olfato dos malditos. Ele olhou para Eliana ao seu lado, que, muda e de olhos arregalados, também admirava o impensável cenário. Era coisa demais para as últimas vinte e quatro horas. Um dia que a nação jamais esqueceria. O dia em que haviam perdido um pedaço da cidade de São Paulo para o mais poderoso de todos os vampiros que já tinha passado pela face do planeta. Jó tinha escolhido aquele lugar meramente para dar uma amostra de seu poder, de sua promessa de domínio. Depois de hoje, homem algum duvidaria que se Jó quisesse poderia ter por inteira cidade qualquer em qualquer canto do mundo. Mas Jó não queria ser um imperador, ser dono de uma nação ou de exércitos sem fim. Jó queria apenas aquilo, um terreno de bom tamanho onde seus filhos pudessem circular em paz.

— Vão, meus iguais. Tomem tanto sangue quanto lhes bastar. Bebam e celebrem esta noite. Os moribundos, se quiserem, abracem-nos, tragam-nos para a vida noturna. Não tenham mais medo dos mortais. Não pensem mais em viver escondidos e sorrateiros. Quando existir perigo, basta virem para o condado. Quando forem cercados e acossados, basta que chamem meu nome com toda a sua força. Eu estarei lá. Humano algum fará mal a vocês. Nunca mais.

— Mas, senhor... Se ficarmos no condado para sempre, como teremos sangue dos que vivem? Logo não haverá sangue algum dentro destas terras.

— Assim você acha e crê, minha filha - disse Jó, descendo as escadarias do mausoléu e tocando o rosto de Eliana enquanto respondia. - Os humanos sempre, sempre nos buscaram. Eles são donos de uma curiosidade sem fim.

— Mas como poderão nos buscar se estamos protegidos no condado?

— O condado só afetarà aqueles que vierem atrás de fazer mal a vocês. Agora aqueles que amam a vida escura, que amam os filhos da noite, não sofrerão para

transitar e estar dentro de nossas terras e nos servir com prazer com seu sangue quente e vivo.

Aos poucos os vampiros foram se espalhando, caminhando para fora do terreno do museu, atravessando os portões arrancados pela cavalaria romana. Até mesmo para os noturnos era difícil crer no espetáculo que tinham acabado de assistir. Não fossem as marcas de patas de cavalos fundas no gramado, as tantas flechas espetadas nos corpos caídos, a sombria trilha de corpos empalados, talvez sorrissem quando alguém contasse aquela história, achando que nada mais nada menos era um conto de sombras tal qual os contos de ninar para crianças, para que a lenda do vampiro, que viera a São Paulo um dia para salvar os vampiros, ficasse gravada na mente daqueles que vagavam pela escuridão.

Jó caminhou em direção ao palácio mas, no meio do caminho, seu corpo desmaterializou-se e o salvador dos noturnos desapareceu. Jó tinha mais assuntos para tratar aquela noite.

CAPÍTULO 93

Num estalar de dedos, Jó estava novamente na Estrada da Lua, caminhando lentamente ao encontro do templo do Deus Noite. Ainda de longe avistou Patrícia e seus seguidores, bem como os anjos que protegiam aquele reduzido grupo. Eram filhos de Sétimo. Sabia que lidava com crias mais poderosas que as convencionais, mas de uma estranha maneira também sabia muito bem que eram vampiros de valor e muito diferentes de seu ascendente. Tinham os parafusos no lugar e só desencadeavam a fúria intempestiva de Sétimo quando realmente precisavam, canalizada para uma ação combativa e não fazendo deles assassinos fúteis e irracionais.

Foi Alexandre quem avistou o vampiro primeiro. Sinalizou para os demais, que acompanharam com os olhos o plácido caminhar do vampiro deus, saído daquele templo, que desaparecera do nada, viajando no tempo e espaço. Patrícia desceu as escadarias do ponto onde estava. Apenas deteve-se quando alcançou os punhados de cinzas junto a grossas lanças feitas de raízes, onde jaziam as cinzas e pedaços dos esqueletos daqueles que um dia foram seus inimigos. Apesar de ser um filho de Sétimo, Raul não tinha sobrevivido ao sol da manhã. O sobretudo branco, chamuscado e solto sobre a escadaria, também revelava o fim de Isabela Du Bathor. A filha de Calíope tinha virado pó com a chegada da manhã. As golas vaporosas do sobretudo balançavam suavemente sob o efeito da brisa da noite.

Patrícia continuou descendo e, ao pé da escadaria, encontrou-se com ele, o vampiro Jó.

— Vem, filha. Desculpe se não demonstrei minha gratidão à luta de seu grupo para manter dom Ignácio longe do meu couro. Você ainda nem imagina quantos irmãos salvou zelando por este pobre velho - disse o vampiro, sorrindo e tocando o ombro da garota.

Patrícia sentiu um calafrio. Não pelo fato de ter sido tocada por Jó. Mas porque num piscar de olhos não estava mais lá, na estrada da noite, estava num imenso galpão.

— Vai. Tenha sua vingança.

Patrícia deu dois passos para o lado e viu um homem no fundo do galpão, de

costas, trajando um terno bem cortado, bem afeito ao seu corpo magro e alto. O cutucar em sua testa confirmava quem era ele. Dom Ignácio. Patrícia estremeceu, mas num instante retomou o controle de suas emoções. Imaginou a coroa de espinhos fechando sua cabeça, como um capacete, mantendo longe o ancião. Ignácio virou-se para ela com um sorriso no rosto.

— Ora, ora, ora. Não é que é minha menina, minha pequena flor?

Patrícia permaneceu fixa no lugar, somente seus olhos vagaram pelo galpão. Ignácio ainda estava do outro lado enquanto ela mesma tentava descobrir onde tinha ido parar. Parecia um daqueles galpões de carga, onde guardavam-se estoques sem fim de produtos agrícolas para transporte em via férrea ou em caminhões que encostavam nas docas para serem preenchidos. Havia inúmeras portas de correr, iguais às de botecos, mas em proporções muito maiores, estreitas de certa forma, mas com coisa de cinco metros de altura. O chão estava recoberto de um pó fino e não havia janelas, apenas pequenos vidros no terço superior do lugar, lembrando bastante o primeiro galpão onde ela junto com o turno da noite havia dado cabo dos traficantes de armas.

— Tu me oferece de bandeja a essa novata. Acha mesmo que será ela quem colherá o perfumado botão da vingança?

— Muitas flores têm espinhos, irmão Ignácio. De verdade, esse botão a desabrochar tem muitos espinhos a lhe proteger. E a seiva que traz dentro do talo é das mais especiais, meu amigo. Deixarei que se divirta com a rosa que cultivou e tenha hoje uma inesquecível aula de botânica.

O vampiro ancião evaporou no ar, prendendo por um momento a atenção tanto da novata quanto do original. Ignácio abriu um sorriso cortês e percebeu que não conseguiu penetrar nos pensamentos de Patrícia. Aos poucos o sorriso foi se apagando, dando lugar a uma expressão rancorosa.

— Achei que Jó acabaria comigo no primeiro estalo, mas não é que meu velho irmão parece ter perdido a memória?! Ah! Ah! Ah! Em vez de me punir por ter sido um semelhante ingrato, acabou por me agradecer com sua presença.

Os olhos do vampiro brilharam vermelhos, perigosos.

— Agora estamos sós aqui. Você e eu, pequena Patrícia. Minha pequena flor de Cotia. Ah! Ah! Ah! Uma garotinha com sangue de Sétimo nas veias que achou que ia me passar a perna.

— E não passei? - Retrucou a vampira, de bate-pronto. I

gnácio franziu o cenho e aproximou-se alguns passos.

Patrícia deslizou a mão para a pistola que estava em sua cintura. A Desert Eagle seria boa coisa para segurar o ancião por um instante até saber como acabar com ele de uma vez. Tendo a sorte de enfiar meia dúzia de balas de prata no meio dos olhos do maldito, talvez aquele encontro terminasse muito antes do que ela mesma imaginava. Sabia que seria uma luta dura. Jó tinha lhe dado um presente, uma caixa bonita com uma serpente naja dentro.

— Eu ainda estou aqui, vampira. Eu não fui tão enganado assim. Nenhum vampiro novato passa a perna em mim.

— Não... Já que você insiste em manter essa panca de insuperável, deixa-me ver... Hum... Vejamos, eu fugi de São Paulo, nós detivemos sua vampira ruiva que, a propósito, virou farelo junto com Raul e Aléxia quando o sol nasceu, me juntei a seu rival Samuel, voamos com anjos até a tumba de Jó e garantimos que ele despertasse sem que você pudesse fazer nada para evitar... Se isso não for uma bela duma passada de perna, uma rasteira campeã, *ippon* medalha de ouro, não sei do que mais chamar, senhor Ignácio. O que acha? Quer chamar de tropecinho?

— Acha mesmo que pode comigo? Acha mesmo que foi boa ideia Jó ter lhe deixado sozinha comigo aqui neste galpão? Crê que sairá vitoriosa deste nosso encontro?

Patrícia deu de ombros.

— E você? Sem Calíope, sem Zinco nem mesmo Isabela às suas costas... Acha que vai ser fácil acabar comigo? Sou filha de Sétimo, senhor Ignácio. Não me entrego no primeiro tombo, isso você já aprendeu e eu vou adorar encher a sua cara de porrada.

Mal terminou a frase, Patrícia viu Ignácio fugir do controle, voando para cima dela, rugindo como um leão. A garota abaixou-se, evitando o encontrão do corpo de Ignácio que dava quase duas vezes a sua altura. De fato era uma vampira insolente. Era tão pequena e tão recente na escuridão que poderia ser chamada de louca varrida por muitos vampiros com mais de cem anos de existência, que jamais teriam coragem de peitar dom Ignácio ou qualquer um de seus asseclas.

Patrícia girou, tirando a pistola do coldre e erguendo em direção a Ignácio. O vampiro não estava mais lá. Deveria. Vasculhou as sombras deixando seus olhos vermelhos, transformando a escuridão em dia. Não encontrava o vampiro em canto algum. Foi então que sentiu o impacto às suas costas. O solado do sapato do vampiro que tinha vindo de cima, como voando das vigas do galpão, acertou-lhe em

cheio e a garota voou, girando no chão.

Patrícia gemeu. A dor era surpreendente. Provavelmente ele tinha desalinhado sua coluna dorsal. Levantou-se com dificuldade, estremecendo de dor que irradiava do centro das costas para todas as partes do corpo, só cessando quando ela se esticou completamente, fazendo que a coluna estalasse conforme os delicados discos voltavam ao lugar. Para um humano, aquele golpe traiçoeiro teria sido fatal. Ela buscou o inimigo com os olhos. Novamente ele tinha sumido. Agora olhava para cima também. Ele podia estar em qualquer canto. Maldito. A parte superior do galpão tinha meia dúzia de silos bojudos e de bom tamanho. Certamente o filho da mãe estava atrás de um deles, só esperando que ela desse as costas para atacar novamente.

— Não tem coragem de enfrentar uma menininha no mano a mano, Ignácio? Precisa mesmo esconder-se de mim para me pegar pelas costas? Esperava uma luta mais honrada de sua parte, cavalheiro sempre elegante e cheio de modos.

Patrícia girou sobre os pés ouvindo um barulho atrás de si. Quando percebeu o vulto era tarde demais. Ignácio, com os punhos unidos, deu um soco duplo no peito da vampira que voou e bateu fortemente contra a parede. A pistola Desert Eagle voou da mão da garota que tombou como se desmaiada. Ignácio veio caminhando mansamente ao encontro de Patrícia.

— Quero ver você continuar com esse sarcasmo quando eu tiver arrancando as tripas podres de sua barriga com minhas unhas, garota.

Patrícia continuou imóvel.

Ignácio agarrou-a pelos cabelos e a levantou. A inimiga continuava com os olhos fechados e dois filetes de sangue negro escorriam pelos cantos de sua boca.

— Não pensei que ia ser tão fácil acabar com você. Essa balela de ter o sangue de Sétimo nas veias até intimida um pouco... Mas é só fogo de artifício. No fim vocês são um monte de esterco que se acham imortais.

Patrícia abriu os olhos neste instante e mais rápido do que o adversário pôde agir, agarrou sua garganta com a mão e desferiu-lhe repetidos socos no rosto. No quinto golpe, abriu a mão, deixando Ignácio cambalear para trás e cair sentado, desajeitado, no chão. Patrícia sorriu vendo o rosto marcado do inimigo. Um corte embaixo do olho direito deixava sangue escuro vazar. O velho estava com uma expressão de assustado, como se nunca tivesse apanhado na vida, mas a expressão se fechou rapidamente, mudando do espanto e da dor para um ódio tão grande que Patrícia chegou a sentir uma onda de calor batendo contra seu corpo. Quando

Ignácio se moveu, ela se atirou ao chão, rolando e apanhando a pistola, tornando a apontar para onde Ignácio estava e então puxando o gatilho. O disparo varou o galpão e o projétil foi contra uma das vigas no canto mais escuro. Patrícia arregalou os olhos e não teve tempo de revidar quando sentiu a mão fria de Ignácio agarrando seu pulso apertando-o até que seus ossos do braço estalassem e fossem moídos entre os dedos do ancião. Patrícia urrou de dor.

— Acha mesmo que pode fazer frente a mais de quinhentos anos de experiência em combate contra pequenas criaturas como você?

Ignácio desferiu ainda um potente golpe no cotovelo estendido de Patrícia, arrancando do braço e da garganta da inimiga outro som de dor. Sorriu quando a pistola foi ao chão mais uma vez. Patrícia caiu de joelhos, gemendo de dor e segurando com a mão esquerda o braço direito, quebrado na altura do cotovelo e dos ligamentos do pulso. Precisava de sangue, imediatamente, para fazer cessar a dor e regenerar seus ferimentos. Estava vulnerável.

O vampiro ancião curvou um dos joelhos e as costas e pegou a pistola.

— Deixe-me adivinhar. Você tem balas de prata aqui, não é?

Ignácio encostou o cano da pistola na testa de Patrícia que ainda chorava de dor e não mostrava combatividade.

— Desert Eagle. Você aprende rápido, menina. Sabe que essa aqui faz um belo estrago. Em mãos tão pequenas, tão delicadas... Não combina muito com você, provavelmente deve lhe curar de algum complexo de inferioridade por conta da estatura reduzida.

Ignácio suspirou.

— Eu gostava de você, vampira. Pena que você se acha boa demais para a minha agência. Acha-se perigosa e poderosa só porque carrega o sangue de Sétimo. Teríamos conquistado muitas coisas juntos. Seria uma das grandes, daquelas criaturas que viram lenda em nosso mundo.

Patrícia chorava de joelhos, sentindo o cano frio em sua testa.

— Acha que eu tenho medo de você? Eu? Um vampiro com mais de seiscentos anos de existência iria temer uma garota com coisa de um mês de vida escura? Ah! Ah! Ah! Essa sua petulância não tem cabimento, querida.

Ignácio firmou a mão e puxou o gatilho.

Para surpresa do ancião, a cabeça da garota não estava mais na mira e ele

assistiu, quase como coisas que acontecem em câmera lenta, ela dobrar o corpo para o lado e apoiá-lo no braço bom, com a mão espalmada no chão, girando como uma capoeirista, como uma lutadora de arte marcial, jogando as pernas para o ar e para o lado, batendo-as lateralmente contra suas pernas.

Ignácio levou o segundo tombo desajeitado, caindo de costas e largando a pistola. Patrícia jogou-se ao encontro da pistola e rolou no chão, gemendo de dor. Segurou a arma com a mão esquerda e mirou contra o maldito ancião, puxando o gatilho e dando quatro disparos consecutivos.

Ignácio valeu-se de sua velocidade vampírica para se deslocar. Apoiou-se contra uma viga, escondendo-se nas sombras e levando a mão às costelas, onde a prata impregnada nos velhos ossos fazia a ferida arder como o diabo.

— Maldita! Cadela do inferno! - Berrou para Patrícia.

A garota tirava a blusinha de seda negra e curta e a enrolava no braço ferido, no punho, tentando minimizar a dor, mas mesmo assim não a conteve.

— Nada mal para uma vampira que nasceu ontem, não é não, seu Ignácio?

— Bruxa infeliz. Acertou-me nas costelas. Vai pagar caro por isso! - Ignácio berrou atrás da coluna para chamar a atenção da garota.

A informação de que fora baleado a deixaria fortalecida e corajosa, vindo em direção daquela armadilha, posto que Ignácio já não estava mais atrás da viga. Assim que gritou de dor e raiva, como uma aranha em forma humana escalou rapidamente a viga e escondeu-se sob um dos imensos silos; para chegar até a viga, Patrícia teria de passar por ele e então ele saltaria sobre a vítima, acabando de uma vez por todas com a líder atrevida do turno da noite.

Patrícia olhou para a viga de onde tinha vindo a voz de Ignácio. Não conseguia sentir o cutucar, mesmo evocando com toda a sua concentração. Talvez lhe faltasse força, energia suficiente. Para tentar com maior intensidade, teria de desfazer a coroa de espinhos ao redor de sua mente e isso abriria passagem para Ignácio penetrar em seus pensamentos. Avançando pé ante pé, com toda a cautela, viu uma mancha de sangue negro no chão. Então tinha de fato enfiado uma bala de prata no filho da mãe.

— Sabe o que me espanta, dom Ignácio? É que mesmo tendo vivido mais de seiscentos anos e ter tido a chance de absorver os clássicos das melhores bibliotecas no mundo, ter assistido a incontáveis filmes, o senhor parece nunca ter prestado atenção para o fato de que o vilão não pode ficar tagarelando quando tem a mocinha sob a mira. O negócio é enfiar bala rapidinho.

Ignácio conteve-se para não retrucar e estragar sua armadilha, mas que teve vontade, isso lá teve. A ferida ardia, tinha desejo também de gritar de dor. Não importava a idade do vampiro, prata era sempre prata. Levou a mão ao buraco da bala e engoliu um gemido.

Enquanto isso Patrícia aproximava-se ainda mais do vampiro. Se tivesse atirado com sua mão direita, provavelmente teria acertado mais de uma bala. Talvez até tivesse colocado fim naquela contenda. Teria de satisfazer-se com a mão canhota e imprecisa e rezar para ter uma boa chance de rachar o coco do velho no primeiro tiro. As balas eram místicas, sem dúvida, mas não durariam para sempre. Quantos tiros restariam no cartucho? Indagando-se sobre a própria sorte, deu outro passo para a frente.

Ignácio engoliu outro gemido, sufocando-o com a mão sobre a boca. Patrícia entrou embaixo de sua figura, era só aguardar mais um passo e então ela estaria exatamente onde precisava. Ele teria de ser ágil e mais rápido do que nunca. O tiro na costela doía tanto que estava com medo de ser ferido mais uma vez. Não poderia acabar sua existência nas mãos de uma vampira iniciante. Seria vergonhoso demais. Toda a comunidade das trevas comentaria por anos, endeusando a bastarda e fazendo chacota de sua figura que cuidava com tanto zelo. Tirou a mão da ferida e segurou firmemente um dos degraus de aço do silo onde se pendurava. Fixou os olhos vermelhos em Patrícia e preparou o bote. Esmagaria o pescoço da desgraçada e drenaria o sangue morto de suas veias.

Patrícia avançou mais um passo quando ouviu um som leve, carregado de um cheiro poderoso. Sangue. A gota negra explodiu ao bater no chão, enchendo o ouvido da vampira com o aviso. Sem olhar para cima, caiu de costas e girou duas vezes vendo Ignácio cair do alto do galpão, vindo perigosamente em sua direção. A vampira levantou a mão esquerda e tentou mirar da melhor forma que pôde. Cinco disparos saíram pelo cano até que a arma estivesse descarregada e então Ignácio tombou ao seu lado.

Patrícia ficou deitada imóvel, respiração descompassada, como se tivesse voltado a usar os pulmões. Os olhos fixos no vampiro abatido. Não conseguia acreditar que tinha conseguido acertá-lo mesmo usando a mão esquerda, sem conseguir mirar corretamente. Patrícia sorriu e colocou a arma ainda quente na testa. Olhando para o alto e ouvindo um barulho estranho vindo do telhado, como ferro retorcendo.

Inesperadamente, o ancião levantou-se e agarrou a vampira pelo colarinho.

— Achou que tinha acabado comigo, não é, garota? - Urrou o vampiro ao

levantá-la com vigor. - Vai entender por que eu sou Ignácio e você não é nada!

Ignácio segurou Patrícia pela garganta e desferiu um golpe com a mão aberta no peito da vampira, fazendo-a voar mais de dez metros e estatelar-se contra caixas de madeira.

Patrícia mal conseguia manter os olhos abertos. Daquela vez o estalar de ossos partiram de seu tórax. Talvez não tivesse sobrado uma costela inteira para contar a história. Soltoou a pistola. Ela seria inútil vazia. Ignácio tinha vencido. Nem forças para fugir dali tinha mais. Ergueu a cabeça e observou o vampiro, parado de pé, saboreando o gosto da vitória. Foi então que aconteceu. Os estalidos no telhado aumentaram. Uma placa metálica escapou do silo que, com uma das dobradiças deformadas e destruídas pelas balas da Desert Eagle, não suportou o peso da porta que caiu batendo no chão, ao lado de Ignácio, quicando para o lado. Depois veio o som de milhões de grãos escorrendo em forma de cascata. O chão do galpão ao redor de Ignácio encheu-se de grãos de soja. O volume era tão impressionante que em segundos o vampiro ancião foi praticamente soterrado por grãos e por uma poeira fina que descia junto com eles.

Patrícia abriu mais os olhos e lembrou-se. Os grãos. Os tiros que tinha dado sem conseguir ferir dom Ignácio tinham ao menos atingido o silo. Ignácio estava preso aos grãos. Lembrou-se da maldição que Ignácio e Calíope partilhavam, lançada pela bruxa da senzala. Ignácio estava preso aos grãos.

Patrícia, lentamente, voltou a apanhar a pistola do chão. Tirou um municizador do bolso e recarregou a arma. Cambaleando, quase sem forças, foi até o monte de grãos.

Ignácio, quando ressurgiu após a poeira se assentar, tinha uma expressão insana. Apanhava grão por grão e colocava em sua mão e depois nos bolsos. Seu corpo amaldiçoado estava enterrado do peito para baixo.

Patrícia ouvia os sussurros do vampiro. Ele estava contando. Estava contando a droga dos grãos. A garota engatilhou a pistola e galgou sobre os grãos. Ignácio nem mesmo olhou para o lado, alucinado com os grãos, com a armadilha inesperada em que acabara de cair. A vampira ajoelhou-se e aproximou o cano da pistola o máximo que conseguiu. Ignácio, pálido e de olhos negros e profundos, encarou-a em silêncio. Suas veias enegrecidas pareceram saltar ainda mais. Patrícia estranhou o ar sereno investido no olhar do vampiro. Puxou o gatilho e a arma automática foi descarregada em sua cabeça. O corpo do vampiro esmoreceu e afundou ainda mais nos grãos de soja.

A vampira arrastou-se para fora daquele lugar e caiu de costas, exausta, sobre o

asfalto em frente ao galpão.

Um caminhoneiro que passava pisou no freio ao ver a garota caindo. Saltou do caminhão e aproximou-se suando.

— Ei, menina! O que aconteceu?

O sujeito nem perguntou se ela estava passando mal. Era óbvio por conta de sua aparência pálida e doente. Foi quando pensou nisso que vacilou e parou ao lado da garota caída. E se ela fosse um deles. Uma infecta.

Patrícia gemeu de dor.

O caminhoneiro vacilou. Que mal faria em colocá-la na boleia da caminhão e deixá-la num pronto-socorro? Abaixou-se e enlaçou a cintura fina da garota. Seu braço parecia quebrado. Apoiou-a em seu colo e caminhou em direção ao caminhão. Patrícia abriu os olhos e descobriu-se nos braços de um estranho.

— Calma, menina. Calma. Logo chegaremos a um hospital.

Patrícia permaneceu calada enquanto ele a alojava na boleia do veículo.

Homem e máquina nunca deixaram a frente daquele galpão. Patrícia? Bem, seus ferimentos se curaram mais rápido do que ela imaginava ser possível.

CAPÍTULO 94

A garoa continuava caindo do céu cinza. Dimitri não era afeito a rituais, mas era o único amigo presente ao enterro de Tobia. Não deixaria o sujeito descer ao solo sagrado sem que ao menos uma testemunha de sua ida estivesse ali, presente, até o fim. Quando finalmente os coveiros começaram a jogar pás de terra sobre o esquife luxuoso, Dimitri deu as costas e cruzou o cemitério. Em questão de minutos estava dentro de um Landau branco. O novo Comodoro, blindado, já tinha sido encomendado. Por enquanto dirigiria aquela barca beberona até que a nova máquina estivesse preparada. Daria um tempo nessa história de vampiros. Tinha que cuidar de sua vida e sua carreira de assassino de aluguel. Voltar a contatar seu chefe, o Sofia, e avisar que estava de volta na área, pronto para qualquer treta que surgisse pela frente.

Quando o Landau branco parou, não estava em frente ao escritório do Sofia. Estava em frente ao condomínio luxuoso de Tobia. Dimitri não teve problemas para chegar ao apartamento do homem que não existia mais. Ficou pensando um instante sobre aquilo. Logo ele, o senhor Matador, o ceifador de tantas vidas, estava refletindo sobre a nossa ridícula existência. Quando se deu conta estava sentado à mesa do escritório de Tobia. Tinha feito uma promessa ao amigo. Uma promessa de continuar seu trabalho. De nunca esquecer o mal vampírico.

Dimitri abriu uma das gavetas em busca de documentos de Tobia que levaria para Sofia, o mafioso de Osasco que move seus pauzinhos para permitir que ele opere parte dos recursos da fortuna do empresário, na eventual continuidade da operação. Foi durante essa busca que Dimitri encontrou aquele envelope timbrado com o nome de um renomado laboratório; junto com os dados contidos no documento, a lembrança de Tobia dizendo que de um jeito ou de outro sua linhagem de caçadores de vampiros continuaria existindo.

No final da tarde, Dimitri adentrou uma academia de artes marciais de Osasco. Ali treinavam gratuitamente pessoas de toda a cidade, desde a periferia até a classe média. Sentou-se calado na plateia de madeira montada em frente a um grande tatame. Uma turma de alunas de *tae kwon do* estava correndo ao redor do chão acolchoado, aquecendo-se para a aula. Dimitri fixou o olhar em uma delas. Um rosto familiar, mas não lembrava onde tinha conhecido a garota. Ela era morena, da cor de chocolate, com um corpo definido, bastante alta, chamando a atenção. Os ombros

largos e musculatura firme deixava claro que não era uma esportista de final de semana. Dimitri desviou o olhar quando Aragão sentou-se ao seu lado na arquibancada, com uma toalha jogada nos ombros. Aragão era o zelador do prédio de esportes da prefeitura.

— Pô, cara, fazia um tempão que não te via por aqui, Dimitrão.

Dimitri cumprimentou o conhecido com um aperto firme de mão. Aragão não estranhou o homem estar usando luvas de couro. Só não gostava muito daquilo. Sabia que quando Dimitri estava completamente vestido, era porque estava a trabalho e não podia deixar vestígios para trás. Notou que o funcionário de Sofia acompanhava Rebeca com os olhos.

— Veio ver a campeã olímpica?

Dimitri arqueou as sobrancelhas.

— Não sabia que Osasco tinha uma campeã olímpica de *tae kwon do*.

— E não tem - respondeu o baixinho, tirando a toalha dos ombros. - Esse trem de *tae kwon do* é novidade pra Rebeca.

Quando ouviu o nome, a ficha caiu. Rebeca tinha ficado famosa em Osasco e mundo afora na modalidade de ginástica olímpica, como outras tantas garotas de sua idade, impulsionadas pela admiração à ginasta Daiane dos Santos. Rebeca matriculou-se na ginástica olímpica, demonstrando imenso talento e tornando-se uma grande competidora, chegando a ganhar a medalha olímpica nas barras paralelas. Casou-se cedo, apaixonada por outro atleta, e foi do céu ao inferno em menos de um ano. Primeiro uma acusação de *doping* pesou em suas costas largas e talhadas pelo exercício. O COI acabou tirando a medalha da ginasta, mesmo comprovando que Rebeca não tinha sido responsável pela droga moderna encontrada em seu sangue e sim que a bula estava incompleta e o elemento existente na relação de drogas proibidas pela Federação Brasileira de Ginástica Olímpica. Para piorar, o casal de ginastas separou-se depois de a jovem Rebeca ter uma crise de ciúmes no meio de um campeonato brasileiro e abandonar a prova, sendo punida com uma longa suspensão. Afogando-se na depressão, a jovem viciou-se em *crack* e sua queda culminou com a prisão por porte ilegal de armas e drogas, terminando trancada atrás das grades por três anos. O nome de Rebeca desapareceu das páginas de esportes dos jornais, também das chamadas em televisão, e nunca mais conseguiu patrocinadores para sua carreira de atleta, vivendo um verdadeiro inferno. Agora Aragão explicava que a jovem seria uma promessa no *tae kwon do*, modalidade também olímpica a que tinha se entregado com verdadeira obsessão. Aragão ainda disse que infelizmente não acreditava que ela conseguisse chegar lá, a disputas

grandiosas novamente. Rebeca carregava muitos estigmas. Passional, violenta, expresidiária, viciada em drogas e o *doping*. Essas “medalhas” pesavam muito no pescoço de qualquer atleta que almejasse uma carreira séria.

Dimitri agradeceu a explanação e deixou o ginásio.

O crepúsculo dava os primeiros sinais de sua chegada quando as garotas deixaram a academia pública. Rebeca seguia solitária pela rua, subindo em direção à Vila Yara. Estava absorta em pensamentos ligados ao passado, aos dias sombrios atrás das grades. Dentro do ginásio, no tatame, esquecia de tudo. Lá não era uma expresidiária. Era só outra menina exercitando-se e treinando. O esporte tinha o dom mágico de afastá-la da realidade. Contudo, afundava tão rápido quando o passado a apanhava do lado de fora da academia, que não suportava o peso esmagador das lembranças. Com a respiração acelerada e uma opressão irracional roendo sua alma, sentou-se combalida num banco de praça e antes que entendesse o porquê estava vertendo lágrimas e soluçando. Rebeca queria mais uma chance. Uma chance para si mesma. Uma chance de mostrar para ela mesma que era capaz de construir e ser algo grande. Ela não era aquilo que lia nos recortes dos jornais guardados para servir de flagelo pessoal. Ela era uma garota, uma mulher de carne e osso que tinha tropeçado por culpa do coração, das flutuações do hormônio e armadilhas que os mais desatentos acabavam trombando e caindo no decorrer da vida.

Quando o carro branco parou, ela não levantou o rosto e continuou o choro até que um homem grande de sobretudo negro e touca na cabeça parou à sua frente. Rebeca ergueu os olhos e secou as lágrimas. Se o engraçadinho levantasse um dedo, receberia um chute tão forte nas bolas que ficaria sem voz por uma semana.

Dimitri suspirou.

— Escute, garota, eu conheço muita gente que passa pela barra que você passou e todo mundo, no fim das contas, quer só uma coisa.

Rebeca estranhamente manteve-se muda. O homem estava falando diretamente ao seu coração.

— O que todo mundo busca quando sai das drogas e da prisão é ter uma nova chance. Uma nova chance de viver decentemente.

— Me diga algo que não sei - falou a garota, secando novamente as lágrimas.

— Você está longe das drogas?

Rebeca bufou. Noventa por cento das pessoas com quem conversava ultimamente fazia essa mesma pergunta na primeira oportunidade.

— Dá pra notar tanto assim que já fui uma louca varrida?

— Hum. Não quero saber se já foi uma louca varrida, desde que o verbo continue no passado. Só perguntei uma vez e você só precisa responder uma vez.

— Para quê?

— Quer uma segunda chance de recomeçar com o pé direito ou não garota? Você escolhe.

Rebeca balançou a cabeça positivamente.

Em menos de um minuto, Dimitri e Rebeca estavam rodando pelas ruas de Osasco dentro do Landau branco, de vidros filmados erguidos, em baixa velocidade, com o misterioso homem explicando os detalhes e condições dessa segunda chance. Rebeca ouvia atentamente cada palavra. Não estranhou nenhuma vez as menções aos infectos e lobisomens. Tudo o que queria entender é como se encaixaria naquele cenário e quanto iria lhe custar essa segunda chance. Segundas chances nem sempre caíam do céu, mas podiam muito bem passear por aí em carruagens brancas como aquela em que estava. Quem era ela para prejudicar as pessoas? Rebeca foi só ouvidos a princípio e, quando abriu a boca, foi para dizer sim. Não iria tentar. Iria fazer exatamente o que o homem estava lhe sugerindo.

CAPÍTULO 95

Com os queixos batendo ele deixou o estádio da Portuguesa. Ao contrário do que imaginara, apesar de não haver mais nevascas dentro do Condado das Sombras nos últimos dias, a neve acumulada não tinha desaparecido. O campo branco estava lá.

A única excursão que fizera até então fora sair dos vestiários e caminhar até o outro lado da ponte, saindo da névoa, e deparando-se com uma fantástica floresta que antes ali não existia.

Não achava que estava louco, não pensava em alucinação. Depois de Jó, sabia que qualquer coisa era possível a um vampiro. Ele mesmo tinha desistido de tudo. Apenas atendia a um clamor natural de suas entranhas por alimento. Atravessou o anel de floresta com mais de um quilômetro de largura e finalmente alcançou ruas onde o sol brilhava lá no alto. Ele ergueu a cabeça gratamente para o céu recebendo o calor do dia.

Quem passava acreditava estar próximo a um mendigo. Um homem desleixado, com roupas rasgadas e fedorentas. Seu uniforme esfarrapado pelas duras provações dos últimos dias e pelas recentes enganchadas em galhos de árvores em nada lembrava os austeros trajes do Serviço de Contenção.

O homem andou até uma loja de conveniência e encheu sua bolsa com mantimentos.

Incomodado, o gerente da loja chamou um segurança que adiantou-se para expulsar o atrevido mendigo. O segurança agarrou o esfarrapado pelos ombros e puxou-o com força. Para sua surpresa, o homem não saiu do lugar. Quando preparava-se para puxá-lo novamente, afundando os dedos na roupa suja, o mendigo agarrou sua mão e torceu-lhe o braço, dobrando-o para a frente, e terminou arremessado sobre um pilha de enlatados.

Outros seguranças chegaram para acudir o primeiro, carrancudos, prontos para espancar o engraçadinho. Contudo refrearam ao terem uma pistola .40 apontada para as fuças. O mendigo deitou seus últimos trocados no balcão do caixa, colocou a bolsa de lona nas costas e deixou a loja.

Agora cruzava os metros finais da floresta fria. Calado. Tenso. Avançava. Seus olhos subiram até as nuvens cinzas que giravam acompanhando o topo da magnífica muralha de nevoeiro. Respirou fundo antes de entrar, como quem faz um mergulho profundo num lago. Avançou pela muralha. Só névoa. Nada via. Nada enxergava. Então veio o asfalto. Estava novamente sobre a ponte. Teria que cruzar o condado para encontrar seu tesouro.

A escuridão eterna não permitia que soubesse se era dia ou se era noite. Deveria ser fim de tarde do lado de fora do condado. A barriga roncava. O frio era excruciante. Ele jogou um pouco de álcool em gel dentro de uma lata de tinta de vinte litros. Jogou pedaços de madeira. O fogo subiu e ele pôde esquentar as mãos sobre a chama viva. Abriu a mochila com calma. Revirou os suprimentos e tirou um pacote de bolacha. Bastante calórico, pouco nutritivo. Apanhou quatro biscoitos e começou a mastigá-los. Abriu uma garrafa de água e cuidou de hidratar-se. Queria chegar ao palácio antes de cair esgotado. Pensava nisso quando viu pela primeira vez. Os pelos dos braços se ergueram com o susto e a excitação. Uma sombra. Alguém vindo na neblina que se juntara ao redor sem que ele se desse conta. Levou a mão à arma, mas recuou assim que lembrou das palavras do vampiro Jó. Não podia fazer mal a nenhuma criatura ali dentro. Era a regra para atravessar o condado vivo. A sombra vinha em sua direção. Era um homem. Sentou-se ao seu lado. O velho soldado não sabia o que dizer e permaneceu de boca aberta até que o homem falou:

— Te avisei tanto para não fazer isso.

O militar não sabia o que responder ao velho.

— Não foi por falta de falar com você. Sempre duro. Sempre querendo tudo certinho - queixou-se a aparição.

— Eu acreditava nisso tudo. Foi minha escolha.

— Por que você nunca me escuta?

— Nunca tive vontade.

Ficaram calados por um bom tempo. O homem surgido da neblina era um velho senhor, com características físicas bem próximas às do militar. O velho tinha apanhado um pedaço de caixote do chão e riscava a neve, esparramando o gelo.

— Eu nunca tinha visto a neve. Interessante, não é? - Perguntou.

O militar sorriu para o velho. De fato era interessante. Suspirou profundamente, batendo os dentes. Apesar do frio assombroso, sim, era muito interessante para

quem topava com aquele volume de gelo pela primeira vez. Mantendo o sorriso e olhando para o velho, o militar animou-se:

— Conta daquela vez em que eu caí no rio.

O velho começou a rir. Riram juntos sem que dissessem nada por um bom tempo. O velho, olhando para o homem, secou as lágrimas do rosto.

— Essa era a preferida do Nestão. A gente tinha tomado todas aquela tarde e, você, garoto teimoso, pescando na beira do rio, quase lá dentro. Teimoso. Sempre muito teimoso. E eu, o Nestão, o Mario e a dona Bastiana jogando dominó e gargalhando das piadas. Então escutamos um tibum! Um tichbunção! - O velho parou e secou as lágrimas de risada novamente. Falava e ria. - Corremos até a beira do rio. Só tinha a varinha lá. Eu, bêbado que nem um peru de véspera, comecei a gritar pro Nestão te acudir, pular no rio, porque eu não sabia nadar. Só o Nestão. E o cumpadre mais bêbado do que eu. Aí ele tirou o chapéu de palha que usava pra onda. Baixou o zíper da bota da direita, pedindo calma. Eu branco, desesperado, procurando você no rio, porque você não nadava porcaria nenhuma. Ah! Ah! Ah! Muito teimoso. Desde cedo.

— Ah! Ah! Ah! E o tio Nestão não pulou na água.

— Vai escutando, moleque. Ele tirou a bota da direita, com toda a calma. Depois começou a descer o zíper da bota da esquerda, eu quase pulando na garganta dele. Vai, Nestão! O menino vai afogar! Calma, Tadeu, calma, ele respondia, naquela maciota do Nestão. Aí começou a tirar as meias. Depois a camisa. Quando achei que ele ia pular, virou de costas pro rio e ajoelhou, balançando de bêbado, e baixou a cabeça. Eu comecei a gritar de desespero porque pra mim você já tinha morrido de tanto tempo debaixo d'água. Que que ia dizer pra tua mãe? Gritei com o Nestão. Ele disse que só entrava no rio depois de rezar sete ave-marias e quinze padre-nossos. Aí eu pulei no rio sem saber nadar mesmo, pra caçar o meu menino. Foi nessa hora que o safado começou a rir e gritou preu voltar. Catou o remo do bote e me estendeu. Puxou meu esqueleto molhado pra beira do rio e apontou o bote. Você tinha caído dentro do barquinho de madeira e ele tinha piscado pra você! O Nestão filho da puta. Sempre fazia essas graças fora de hora, faltando infartar um. O tchibum tinha sido um pedaço de barro, grande, que caiu da beira do rio. Você desequilibrou, mas por sorte caiu dentro do bote. Eu, travado de cachaça, não vi você no barquinho. Ah! Ah! Ah! Aí o Nestão deitou e rolou, né? Ficou fazendo cera. E tira bota! E tira meia! Desabotoou camisa, botão por botão! Ah! Ah! Ah! Quem é que acode criança assim? Todo mundo gritando, eu suando frio. Preocupado com meu filho. Ah! Ah! Ah!

O militar acompanhou o pai na gargalhada. Riu até também precisar secar as lágrimas do rosto. Tirou as luvas para oferecer ao velho. Quando olhou para o lado, novamente aquele arrepio. Não tinha ninguém do seu lado. O homem passou a mão sobre os olhos. O pai tinha desaparecido como tinha chegado. Suspirou soltando uma longa baforada de vapor. Seus olhos ficaram parados na lata com as chamas subindo e a madeira crepitando, lançando fagulhas para cima. Depois foram para o lado. A madeira que o espectro tinha brincado estava lá, recostada ao assento improvisado. O chão com a neve revolvida. O militar benzeu-se. Tão estranho. Fazia quatorze anos que o pai tinha falecido. Quatorze anos. Duas lágrimas desceram pelo rosto enquanto terminava de comer as bolachas. Levantou-se, colocando a mochila nas costas, deixando a lata com o fogo aceso para trás. Se não aquecesse nenhum viajante, ao menos traria um pouco de luz para as almas penadas que vagavam dentro do condado assombrado. Sentiu as costas doendo de tanto frio, mas não se importou. As pernas afundavam agora até quase os joelhos, quando entrou na avenida Dom Pedro I; tirou um grande binóculo da mochila e enxergou parte do museu do Ipiranga. Via cavaleiros cavalgando próximo aos portões da imensa propriedade. Cavaleiros com penachos vermelhos no alto da cabeça. Via estacas apontadas para o firmamento, com corpos atravessados, formando uma trilha de corpos cobertos de branco, imóveis, um memorial no descampado, para lembrar a qualquer viajante que era inútil lutar contra Jó. Guardou o binóculo na bolsa e ajeitou mais uma vez a mochila. Encontraria seu tesouro. Um tesouro que tinha olhos brilhantes cor de sol. Um tesouro que atendia pelo nome de Calíope. Juntar-se-ia à sua amada nas trevas do condado das sombras. Essa seria a pena a pagar por todos os seus pecados.

CAPÍTULO 96

O avião taxiava na pista, dirigindo-se ao terminal seis. O avião, proveniente de Guarulhos, tinha decolado às oito e meia e chegava quase dez horas da noite ao aeroporto Juscelino Kubitschek, em Brasília. Os passageiros foram descendo vagorosamente. A comissária de bordo, sempre cordial, cumprimentava cada um deles. Sua expressão só mudou quando aquele homem alto, de peito largo e com jaqueta negra de couro foi se aproximando. Ela notou que ele tinha a pele branca como leite e veias escuras contrastando com o pescoço. Era um vampiro. Ela sabia. Tentou cutucar a amiga ao lado para que ela visse também. Tremia. Ele não estava sozinho. Logo atrás veio uma vampira. Uma garota de um metro e sessenta aproximadamente, corpo bem desenhado, roupas escuras, batom negro. Mais um rapaz alto e louro, cabelos espetados, jeitão de moleque, mas calado, sério, pálido. Por último passou outro jovem atraente, lindo, cabelos negros, óculos escuros, jaqueta de couro com uma cruz vermelha nas costas. Ela quase perdeu o ar. Quando saíram, falou com a amiga. Ficaram caladas. Não adiantaria ligar para o Serviço de Contenção. Todos sabiam que depois da desastrosa Batalha de Uz, aquele número nunca mais atendeu. Todos sabiam que nenhum ataque contra vampiro algum ficaria impune. Todos temiam os vampiros. Todos respeitavam aquela raça das sombras. Ninguém, ninguém jamais interferiria nos planos do turno da noite.

Patrícia e seu bando tinham chegado à BSB para dar prosseguimento à lista. A lista era imensa e, ao pedirem permissão a Jó para continuarem atuando, deixaram claro que teriam muito, muito trabalho pela frente.

Andando pelo estacionamento, com pouca bagagem, o quarteto chamava a atenção. Alexandre levantou a chave do veículo e pressionou o botão para destravar o alarme. Assim que a luz piscou e um alerta sonoro chamou sua atenção, abriu um sorriso de fora a fora. Tinha pedido um novo carro para Zinco. O agente da nova Jugular tinha avisado para ele ficar despreocupado que estava providenciando há dias o novo possante para o vampiro. Um novo Lexus ES300. Um novo caixão.

Rodaram trinta minutos. Janelas filmadas, trânsito um pouco lento no entroncamento dos eixos. Passaram em frente ao Shopping Pátio Brasil e desceram à direita. A Esplanada dos Ministérios descortinou-se aos seus olhos.

Alexandre encostou o carro e o quarteto desceu, recebendo o ar morno da noite

brasiliense. Olhando para a câmara dos deputados, Alexandre sorriu mais uma vez.

— Se querem sangue ruim, aqui é o lugar. Fome a gente não passa tão cedo.

Bruno riu. Já tinha discutido aquilo centenas de vezes antes de definir aquele terreno como o próximo alvo para a agência Jugular.

— Qual é o primeiro da lista? - Perguntou Samuel.

Patrícia acionou a tela de cristal líquido do celular e consultou, falando com um sorriso nos lábios:

— Um certo senador Everton Trapeiro.

— O presidente do senado? Logo ele?! - Explodiu Bruno.

— Decidimos que viríamos atrás de justiça e não atrás de propaganda para a agência.

— Não, não, senhores. Decidimos que atacariamos por ordem de processos.

O trio atrás da garota franziu as testas.

— O nosso bom amigo, assassino de vampiros, Everton Trapeiro tem uma ficha muito longa e muuuuuito pesada. Acusações ligadas a trabalho escravo em suas fazendas e fábricas no Nordeste. Desvio de dinheiro de merenda escolar. Desvio de dinheiro destinado à construção de uma maternidade. Atropelamento e fuga de três pessoas da mesma família. Usura. Apropriação indébita. Extorsão e coação. Tráfico de drogas. Tráfico de influência. Tráf...

— Ai, para, caraca. Eu sou vampiro, mas até você terminar essa lista já morri de velho. O cara tem crime a dar com o pau.

— Segundo sua assessoria, ele não é culpado de nada, é tudo intriga da oposição.

— Ok. Estou convencido. Onde encontramos o doutor Everton Trapeiro.

— Por incrível que parece, Zinco me informou que hoje o senador estará em seu escritório até altas horas - completou Patrícia.

Bruno estalou os dedos, acompanhado por Alexandre. O quarteto começou a marchar em direção ao senado. A estada em Brasília seria longa, bem longa.

FIM

Conheça outros livros do autor

Sete corpos cadavéricos são encontrados dentro de uma caixa de prata a bordo de uma caravela naufragada no litoral brasileiro há mais de 500 anos. Apesar das advertências grafadas no objeto de prata, a equipe do Departamento de História da Universidade Soares de Porto Alegre decide violar a caixa para estudar os cadáveres. Quando os pesquisadores abrem a caixa, acabam despertando Inverno, um dos mais temíveis vampiros que já existiu. O *best-seller Os Sete* encanta o leitor com sua originalidade e ritmo do começo ao fim. Um passeio empolgante e inesquecível pelo mundo dos vampiros do Rio Douro.

O vampiro Sétimo surge na continuação do magnífico *Os Sete*, revelando toda a frieza e o poder do mais temido vampiro de todos os tempos. Sétimo assume a forma de um adolescente de dezesseis anos e ergue uma verdadeira legião de vampiros para dominar o Brasil e o mundo de forma sangrenta e apavorante. Elege, então, um vampiro para servir-lhe como guia, general e pupilo. Com sua sede por sangue e conquistas, proclama-se a criatura mais poderosa da Terra, atraindo, além dos vampiros, inimigos deste e do outro mundo que despenderão esforço sobre-humano para combatê-lo, empregando, além de armas carregadas com balas de prata, dentes pontiagudos e poderes paranormais. Um *thriller de* encher os olhos e acender a imaginação do leitor.

Sobre o Autor



André Vianco, consagrado autor brasileiro de ficção e fantasia, preparou mais uma fabulosa aventura para entreter seus vorazes e exigentes leitores.

O escritor, quando compõe seus livros, busca sempre se divertir e, ao mesmo tempo, enredar os leitores de tal maneira que os deixa cativos até a última página.

Em O Turno da Noite o autor emprega sua criatividade envolvendo história, ação e invenção de uma maneira tão instigante que é impossível não ter o gosto pela leitura despertado e aumentado. Vianco vive em Osasco, São Paulo, é casado e tem 3 filhas. Produtivo, publica agora seu décimo primeiro livro desde o ano 2000. Suas obras já foram resenhadas pela revista IstoE, o jornal O Globo e também já foi destaque no Programa do Jô, programa Almanaque, da Globo News e Charme, de Adriane Galisteu.

FALE COM O AUTOR:

andrevianco@gmail.com

visite o site:

www.andrevianco.net

Table of Contents

<u>Folha de Rosto</u>
<u>CAPÍTULO 50</u>
<u>CAPÍTULO 51</u>
<u>CAPÍTULO 52</u>
<u>CAPÍTULO 53</u>
<u>CAPÍTULO 54</u>
<u>CAPÍTULO 55</u>
<u>CAPÍTULO 56</u>
<u>CAPÍTULO 57</u>
<u>CAPÍTULO 58</u>
<u>CAPÍTULO 59</u>
<u>CAPÍTULO 60</u>
<u>CAPÍTULO 61</u>
<u>CAPÍTULO 62</u>
<u>CAPÍTULO 63</u>
<u>CAPÍTULO 64</u>
<u>CAPÍTULO 65</u>
<u>CAPÍTULO 66</u>
<u>CAPÍTULO 67</u>
<u>CAPÍTULO 68</u>
<u>CAPÍTULO 69</u>
<u>CAPÍTULO 70</u>
<u>CAPÍTULO 71</u>
<u>CAPÍTULO 72</u>
<u>CAPÍTULO 73</u>
<u>CAPÍTULO 74</u>
<u>CAPÍTULO 75</u>
<u>CAPÍTULO 76</u>
<u>CAPÍTULO 77</u>
<u>CAPÍTULO 78</u>
<u>CAPÍTULO 79</u>
<u>CAPÍTULO 80</u>
<u>CAPÍTULO 81</u>
<u>CAPÍTULO 82</u>
<u>CAPÍTULO 83</u>
<u>CAPÍTULO 84</u>

[CAPÍTULO 85](#)
[CAPÍTULO 86](#)
[CAPÍTULO 87](#)
[CAPÍTULO 88](#)
[CAPÍTULO 89](#)
[CAPÍTULO 90](#)
[CAPÍTULO 92](#)
[CAPÍTULO 93](#)
[CAPÍTULO 94](#)
[CAPÍTULO 95](#)
[CAPÍTULO 96](#)
[Sobre o Autor](#)